



MISSÃO, AVENTURAS, PERIPÉCIAS, ANEDOTAS E
IRREVERÊNCIAS.

Padre Olmes Milani CS

MINHA CAMINHADA

**MISSÃO, AVENTURAS, PERIPÉCIAS, ANEDOTAS E
IRREVERÊNCIAS.**

Celebrando 50 anos de Missão

Agradeço a colaboração de:

Professora Maria Lúcia Peres - Crítica e revisão

Professora Adelaide Maria Braga - Crítica e revisão

Larissa Gelain Milani - Design de capa, ilustrações e diagramação

Higor Milani - Coordenação de publicação e digitalização

13 de maio de 2024
Delray Beach, Florida, USA.

Sumário

Introdução	7
PARTE I	13
No Início foi assim	14
Liberdade, severidade e criatividade.....	17
Mudando de casa.....	21
Moscas geneticamente modificadas?	22
Fazer bolo com receita errada pode dar certo?.....	24
Mudando água em vinho	28
Trocando as elas por elas	30
Um ano no limbo.....	32
A escuridão da noite esconde a luz do dia	33
Noviciado e a cápsula do tempo	35
Antes de uma longa viagem	39
A longa viagem	40
Moradia e escola	44
O mundo só é mau quando não gostamos dele	46
Os desafios dos novos tempos: Derrubando murros	49
Fundamentando a missão	52
Fizemos a primeira viagem	53
A escravidão nunca deixou de existir no Brasil	57
As escravizadas pela miséria rezam.....	59
Dramas sob o céu azul	62
Carinho e desconfiança	64
Fazendo o caminho inverso.....	66
Volta e novos passos	68
Segunda viagem, sob nuvens carregadas	71
Fugindo da cidade	74
Rumo ao Oeste, nada fácil	77
O Oeste ainda não é aqui.....	81
O desejado caminho do regresso.....	83
Retorno dos heróis? Acolhida com preocupação	85
PARTE III	87
Da gramática para a prática.....	88

Na reta final de uma etapa.....	90
Crescimento na humildade	94
Semente e terra, uma opção.....	96
Nenhum homem é uma ilha.....	98
A força da juventude consciente	99
Comunidade sem teto	100
Deitado na igreja, tapete de areia	104
Determinação e irreverência.....	105
Um jovem sacerdote, rosto infantil	108
PARTE IV	113
Virando estrangeiro	114
Esqueceram-se de mim, era o que faltava	116
A viagem do silêncio incômodo	119
Fazendo nó com a língua.....	120
Hora de levantar voo para o norte	121
Múmia congelada	123
Indesejáveis na própria terra.....	125
Considerado como perigoso? Nem tanto.....	127
O nó das igrejas nacionais	132
PARTE V	135
Missionário “desempregado”	136
Gangues, máfia e flores	138
Chegou minha vez. Com lenço, mas sem documento	141
Um povo descaracterizado e um galo desequilibrado	144
Xenofobia, uma força real	149
Máfia, uma força invisível.....	149
Conquistando a simpatia da Igreja	151
A Igreja nos porões das residências	155
Selva sem feras e cobras, mas seres humanos.....	157
As flores de “La Selva” desabrocham.....	159
“Na La Selva” o povo manifesta quem é.....	161
“La Selva” vira jardim. Gente é para brilhar.....	163
Do desprezo para a admiração.....	165
A cultura que vem da terra	168
Ouvindo e vivendo a cultura in loco	170

Rumo ao sul	171
“La Puríssima”	172
Tão perto e tão diferentes.....	173
Convite para escutar mentiras	174
PARTE VI	177
Levante-se e vá para onde eu indicarei	178
O caminho da volta marcado por confusões	180
Baia do Trovão, antes de chegar às confusões	182
Agora, que estava tudo bem, precisa começar a enfrentar as confusões..	185
Um dia, a ficha cai. Chega-se à algumas conclusões	187
Cama de espinhos. O auge das confusões.....	192
PARTE VII	195
Começos sob os ranços da ditadura	196
Pizza e cerveja, o caminho	197
Um lar longe do lar	202
Navio, uma cidade em miniatura	203
O “espírito” do morto ficou a bordo do navio.....	204
Ambiguidades a bordo, interpretações em terra.....	208
“Onde dois ou mais estão unidos em meu nome...”	209
Apostolado do Mar Internacional.....	210
Hotéis flutuantes	213
PARTE VIII	215
O milagre das flores	216
Doações de caviar e cupins	217
A mulher suspeita.....	219
“Lá vem a madame” Quem somos nós para julgar?	219
Histórias de pescador, mas verdadeira	221
Mudança e acomodação entram no ringue.....	224
A visita das 16 horas	226
Apostolado do Mar, uma experiência enriquecedora.....	227
Paradas antes de decolar para o Oriente.....	229
PARTE IX	235
A longa viagem para o oriente	236
Aterrissando em solo nipônico.....	237
Tem de aprender “Nihongo.”	238

Missão sobre trilhos	246
Saindo da Capital, indo aonde o povo está.....	253
Povo de Deus sob teto emprestado.....	256
O Povo de Deus sob o teto do templo	259
Rumo ao Oeste. Lá tem migrantes	261
Autoritarismo, tragédia, ressurgimento	264
“Bellas flores, não escolhem a beleza dos vasos, mas, solo fértil.” (Elanklever)	266
Antes de ir para a casa, encontro na comunidade	268
Indo rumo ao aeroporto, sem pegar avião	269
PARTE X	273
Celebrando cem anos da partida dos antepassados	274
Kobe, cidade do adeus.....	276
Centenário, ecumenismo e bossa nova.....	278
Perambulando entre deuses e espíritos	280
Quais são os principais ensinamentos do budismo?	281
Nara e seus cervos sagrados	283
No coração do budismo	286
Salas VIP antes de viajar	289
Atravessando a soleira do paraíso?	292
Não há fogo nesse inferno	295
Refrigério no inferno	299
A porta do inferno é fechada	303
Perdidos na selva humana	306
Evangelizar por todos os métodos e meios.....	309
As culturas em processo de descaracterização	312
A Torre de Babel na Igreja	314
Cativado pela cultura e história	315
O dia em que o Japão parou; o povo japonês impressionou o mundo.....	316
Chegou o dia da partida. Sayonará Nippon!.....	320
PARTE XI	323
Parti do Oriente e cheguei no Ocidente. Saudade na mala.....	324
Padre desempregado procura emprego.....	325
Missão na garupa de motos	327
Atravessando vales e montanhas	330

Idosos, santos e alegres	331
No umbigo da América do Sul.....	333
Essa casa de acolhida não fechará as portas.....	334
Visitas de amigos ou investigadores?	337
“Espírito Santo na gaiola”.....	339
Pelos frutos se conhece a árvore	342
Se desejar ver flores, plante um jardim.....	344
Proposta irrecusável	346
Aniversário entre o céu e a terra e entre dois mundos	349
PARTE XII.....	351
Melhor assim do que nada	353
Missão sobre as ondas. Apostolado do Mar.....	355
As fronteiras se cruzam nas igrejas.....	359
Igreja bonsai, cresce em vaso.....	360
Bem-vindos à “Sonapur,” a cidade do ouro	361
Igreja em Saída num país islâmico.....	363
Quando as peças não combinam	368
É melhor acender um palito de fósforo do que lamentar a escuridão	369
Vozes ouvidas na minha jornada	371
Conclusão	373

Introdução

Faz aproximadamente 25 anos desde que as primeiras sugestões de escrever minhas experiências de padre e missionário começaram chegar aos meus ouvidos. Limitei-me em ouvi-las, mas sem tomá-las a sério, pois julgava que pouco havia de interessante para partilhar. Nos últimos anos, as vozes de pessoas que tomaram conhecimento das atividades desenvolvidas em diversos países, se fizeram mais fortes. Com bastante relutância, há 3 anos, empreendi o trabalho de coletar memórias do modo mais fiel possível. Desengavetando inúmeras fotografias, cartas e escritos, consegui fazer uma longa viagem ao passado, com a mala vazia para encher-la com o conteúdo dessa autobiografia que brindo às amigas e amigos.

Ao deslizar os olhos sobre essas páginas, encontrarão o perfil de uma pessoa que não tem nada de extraordinário, mas dentro de suas características pessoais, procurou caminhar, viver e realizar aquilo em que acreditou. Tenho orgulho das minhas origens, numa família humilde de agricultores cujos valores eram família, trabalho e religião.

Graças a esse lastro, saindo de uma pequena e desconhecida comunidade rural, aventurando-me em sociedades industriais a serviço dos migrantes, embrenhando-me no inter-religioso e intercultural do Japão até chegar às Arábias islâmicas.

Sou consciente de que o conteúdo dessa humilde partilha provocará reações variadas bem como julgamentos. É um direito que toda pessoa tem diante de uma história levada à público. Se alguém formar um conceito elevado de mim, peço que não exagere. Nunca fui pessoa de voar alto. Por outro lado, haverá quem julgue que eu deva baixar ao inferno, não seja tão severo. Lance uma corda de salvação. Consciente de ser pecador, sempre confiei na misericórdia do Pai.

Quanto aos aspectos de minha vida missionária e sacerdotal, não tenho a pretensão de ensinar absolutamente nada, pois, meus colegas são muito mais sábios e capacitados do que eu. Não me

considero modelo e nem estou na posição de pretender ser alguma inspiração para alguém, pois são suficientes e fidedignos os inúmeros e laboriosos obreiros, do passado e presente, na construção do Reino do Pai. Simplesmente, partilho minhas experiências missionárias durante mais de 42 anos no Brasil, Argentina, Canadá, Estados Unidos, a bordo de navios, Japão e Emirados Árabes Unidos.

Nessas páginas desfilam muitas pessoas. Manifesto meu apreço tanto àquelas cujas presenças foi de incentivo, como àquelas que representaram desafios e resistências. Todas foram importantes na formação da minha personalidade. Meditando sobre seu concurso, tenho a consciência de que todas contribuíram com algo aproveitável e valioso em mim.

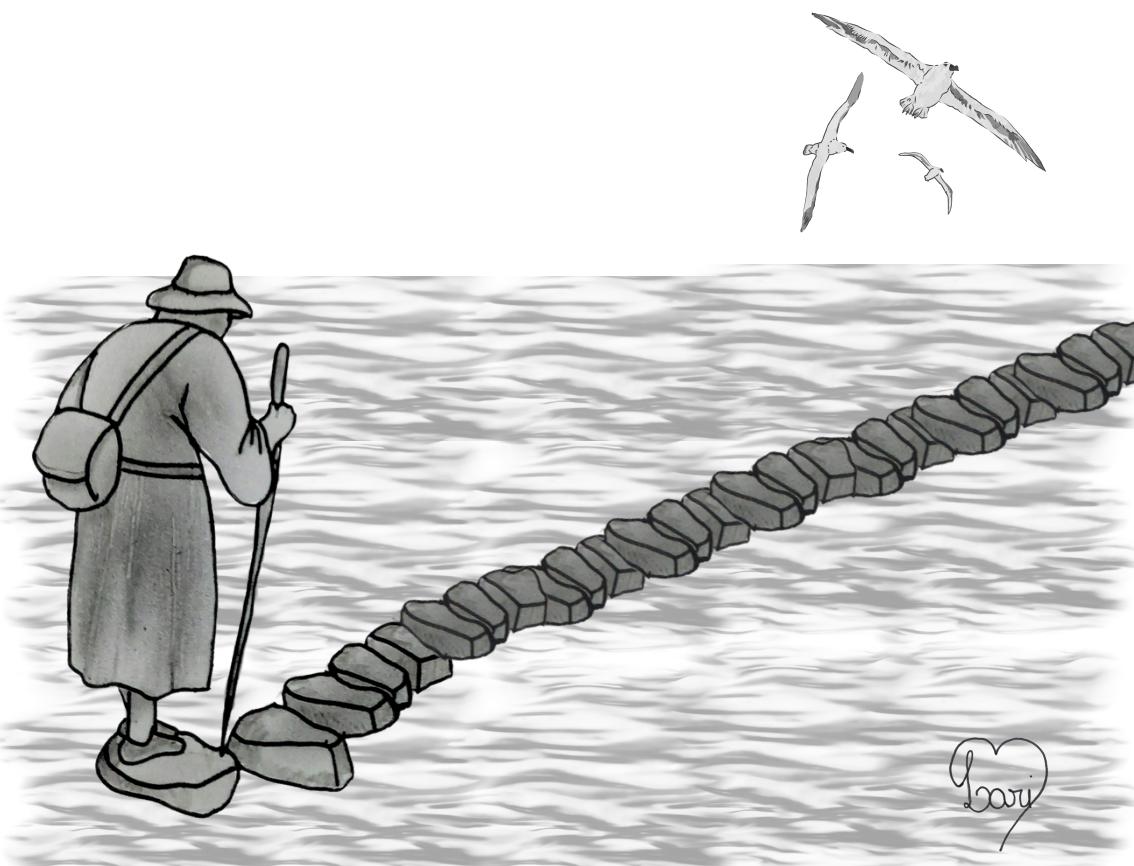
Sob a influência das pessoas com as quais convivi, encontrei, dialoguei e partilhei, não tive a preocupação de ser bem-sucedido, mas, antes de tudo, de ser um homem de valor, usando os dons que Deus me concedeu.

Minha autobiografia está em suas mãos. O leitor ou leitora saberá como tratá-la sabiamente e com caridade. Sou consciente que no ser humano existem ambiguidades. Entre elas existe aquela de cobrir de flores a mediocridade e apedrejar os valentes. Quanto a mim, percebo que as palavras do Missionário Paulo, estão cada vez mais próximas de sua realização: “Combatí o bom combate, terminei a minha corrida, conservei a fé. Agora só me resta a coroa da justiça que o Senhor, justo Juiz, me entregará naquele Dia; e não somente para mim, mas para todos os que tiverem esperado com amor a sua manifestação.” (2Tm 4-7-8).

Missionário Pe. Olmes Milani CS.

Parte I

**APRENDE-SE CAMINHAR LEVANTANDO-SE DOS
TOMBOS**



No Início foi assim

Minha participação no espetáculo da vida iniciou na Comunidade São Roque-Linha Perau Baixo, que na época, pertencia ao município de Sarandi-RS. Sou o primeiro dos oito filhos de Antônio Milani e Catarina Gabriel, nascido no dia 28 de janeiro de 1946. Fui chamado de Olmes porque, indo ao cartório para registrar o nascimento do filho, meu pai esqueceu o nome que ele e minha mãe, haviam combinado.

Por ser o primeiro de seus filhos, dizia ele, que eu devia desculpar meus pais, porque nasci feio, por falta de experiência deles, mas que foram aperfeiçoando a técnica, conforme iam nascendo os outros e que, por isso, minhas irmãs nasceram mais bonitas do que eu. Parece que os resultados foram satisfatórios.

Com um ano e meio de vida, meus pais mudaram para as proximidades da cidade de Sarandi, numa pequena comunidade, conhecida por Linha Zibetti.

A característica fundamental do grupo familiar era o tripé: família, trabalho e religião. A língua de família era o “talian”, ou seja, o dialeto Vêneto, a língua dos meus avós. Na região onde morava minha família, todos falavam o dialeto Vêneto. As crianças, praticamente, só aprendiam a língua portuguesa, ao frequentar a escola.

Iniciei meus estudos, no antigo Colégio Santa Gema Galgani, dirigido pelas irmãs Filhas do Sagrado Coração de Jesus, onde, atualmente, está instalada a Universidade de Passo Fundo. As crianças da localidade conhecida como Linha Zibetti, tanto na ida como na volta, percorriam a distância de dois quilômetros e meio, brincando e falando alegremente. A segurança era total. Podíamos ir à escola sem supervisão, enquanto nossos pais trabalhavam, com tranquilidade e despreocupadamente.

Ao voltarmos da escola, o almoço já estava pronto, mas ninguém iniciava a refeição antes de nossa chegada. Quase todos os dias, o almoço atrasava um pouco porque queríamos contar,

especialmente, para a mãe, as coisas que havíamos aprendido, principalmente, as palavras em português, que pouco sabíamos, e as novidades da escola.

Desde cedo, manifestei o desejo de ser padre, o que surpreendeu muitas pessoas. Poucos acreditavam que eu chegasse lá. Nas conversas divertidas, podia-se escutar: “Se o Olmes vai ser padre, eu vou ser freira”. Entre eles havia um tio, que assim dizia. Por ser tio, eu tinha a confiança de cobrar dele dizendo que se eu chegasse ao sacerdócio, não iria perdoá-lo. Ele teria que ser freira. Infelizmente, ele veio a falecer num acidente, bem antes de minha ordenação. Isso talvez fosse motivado pelo meu espírito vivaz, inquieto, e sempre disposto para boas risadas e brincadeiras. Era muito atento às oportunidades que abrissem alguma janela para rir gostosamente.

O papai Antônio, não era muito favorável à ideia de que eu seguisse o sacerdócio, mas não se opôs. Só dizia: “você não tem outra coisa para fazer?”

O Padre Guerrino Zago, dos padres carlistas da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes de Sarandi, orientou-me para entrar em sua Congregação, os Missionários de São Carlos-Scalabrinianos. Certo dia, ele veio visitar a minha família e abençoar a nossa casa.

Depois da bênção, a conversa foi sobre minha ida para o Seminário São Rafael, em Casca, uma das casas de formação da Congregação. Fiquei impressionado pela sua bondade e calma, nas explicações que dava à minha mãe. Ela, a “mamma” Catarina, com simplicidade e humildade, ouvia tudo com muita atenção. Por fim, o padre entregou a ela, uma folha de papel com a lista de roupas que deveria levar comigo para a casa de formação.

No dia seguinte da conversa, de manhã cedo, a mãe disse-me: “vamos comprar seu enxoval”. Achei estranha a palavra “enxoval”. Eu tinha na minha cabeça que enxoval era para noiva que ia me casar. Explicou que as roupas que iria comprar para mim, seriam mais ou menos como aquelas que uma noiva levava para sua nova vida, com a diferença de que, no meu caso, era para um rapaz.

Fomos às compras. No centro da cidade, havia um casarão de

madeira no qual funcionava uma grande loja, para a época. Passamos a manhã inteira comprando tecidos. Roupas feitas ainda não existiam. As mães costuravam as indumentárias para os maridos, os filhos e para elas mesmas, razão pela qual as moças, antes de casar-se aprendiam cozinhar e costurar. Roupas para ocasiões especiais, como casamentos, havia as costureiras que recebiam as encomendas das mulheres e os alfaiates, dos homens.

Após o almoço daquele dia, a mãe pôs-se de pé ao lado da mesa, começou a cortar tecidos de diversos tipos de acordo com a peça de vestuário a ser confeccionada. Depois, com boa disposição, pôs-se à máquina de costura movida com os pés. O uso da tesoura e da máquina virou rotina, durante quase duas semanas. Eu ficava na sala com ela, sempre pronto para ajudar a colocar a linha no carretel e na agulha. Nos intervalos, me ensinava como fazer a cama, trocar a fronha do travesseiro, dobrar e guardar a roupa e pregar botões. Os padres tinham avisado que cada seminarista não ia ter a mãe para fazer essas coisas e que cada um deveria aprender como fazer. Com bastante entusiasmo, fazia tudo conforme ela ensinava. Foi um bom aprendizado. Graças à dedicação de minha mãe, fui louvado por manter tudo em ordem.

Chegado o dia de ingressar no seminário São Rafael em Casca - RS, o pai acompanhou-me até lá. Era o dia 28 de fevereiro de 1958. Estava com 12 anos e um mês de vida.

Assim que chegamos, o pai abordou um transeunte e lhe perguntou sobre o local da casa onde estudavam os jovens que desejavam ser padre.” Fica um pouco retirada da cidade”, disse.

Recebidas as informações, percorremos uma rua cascalhada e depois uma estrada de terra ladeada por plantações. Percebendo a enorme quantidade de formigas mineiras, o pai fez um sorriso e disse: “Olha em que lugar você veio terminar.” Perguntou se eu não queria voltar para casa. Não dei resposta.

Chegando ao seminário, uma construção grande e bonita, fomos acolhidos pelo jovem diretor. Gentilmente e com calma, deu-nos as informações sobre a organização da casa, os estudos e a contribuição a ser paga anualmente.

A noite ia chegando. Os dois estávamos muito cansados. “Bem, agora você vai ficar aqui. Eu vou à cidade procurar algum lugar para dormir. Amanhã volto para casa”, disse. Interviveio o padre reitor convidando-o para pousar no seminário.

No dia seguinte, nos despedimos. Suas últimas palavras foram: “_quando quiser voltar para casa é só avisar que eu venho buscá-lo.”.

“Toda despedida é dor... tão doce, todavia, que eu te diria boa noite até que amanhecesse o dia.” (William Shakespeare)

Liberdade, severidade e criatividade.

*E*studei em Casca, até o final de 1960. A maior das dificuldades foi viver longe da família e da comunidade. Na idade dos 12 ou 13 anos, o adolescente é muito ligado à família e aos colegas da mesma idade, jogando futebol, indo à escola ou divertindo-se com eles nos dias de sábado e domingo. Foi uma grande ruptura. Os primeiros meses foram de adaptação dolorosa a um regime desconhecido e para o qual não houve preparação.

Não existe nenhuma experiência da qual não se possa tirar alguma coisa positiva. Sob muitos aspectos, os primeiros anos de seminário e, em grande parte, também os anos subsequentes, foram carregados de desafios ligados ao cerceamento, repressão e autoritarismo. Encontrei muito disso no seminário. Pode ser entendido pelo fato que os formadores da época procediam da Itália, instruídos sob o regime fascista. Alguns deles sofreram as consequências da Segunda Grande Guerra Mundial. Outros lamentavam seus sofrimentos e privações antes, durante e após a guerra. Estando no Brasil e não conhecendo outros sistemas, a não ser aquele da Itália, observava-se a tendência de “militarizar” a organização do seminário. Quando meu pai veio visitar-me, no meio do ano de 1958, vendo como éramos organizados, se expressou: “isso parece um quartel”.

Obviamente, passando de uma vida rural, de liberdade,

descontração, flexibilidade, espontaneidade, tudo em companhia dos pais, entrar num sistema onde tudo tinha horário, mesmo as atividades mais insignificantes, exigência de licença para tudo até para coisas óbvias; brincadeiras só em horários de recreio, disciplina implacável, representavam um grande desafio para qualquer jovem.

Confesso que nunca me senti em casa durante o tempo de seminário e, muito menos, alinhado com o regime de internato. Embora assumindo o essencial, furava constantemente os esquemas. Afinal, para que tomar certas coisas a sério se elas servem somente por um período? Eu queria ser padre e sair de lá.

Também não há nenhuma experiência totalmente inútil. De todas elas, até mesmo aquelas com tom negativo muito carregado, podem ser fonte de algo bom. Depende do tipo de reação que a pessoa assuma diante das situações. Aquelas que são passageiras um dia deixarão de existir, exatamente porque são passageiras. É só ter paciência. O aprendizado melhor daquele sistema, talvez, tenha sido aprender a disciplinar-se e por limites às ações e desejos.

É conhecida a atitude de muitos adolescentes, de fazer o oposto diante de autoritarismos. Nós também éramos todos adolescentes naquela época. É muito provável que nossos superiores não tivessem consciência dessa característica e nos tratassesem como crianças, exigindo delas, comportamento de adultos. Nem conheciam nosso passado em família. No meu caso, só vieram a descobrir, bem mais tarde que meu pai era brincalhão, que levava tudo com bom humor, que durante nossa infância era uma criança a mais. Continuou assim durante a nossa adolescência. Divertia-se participando de nossas brincadeiras como um de nós.

Uma das proibições era comer fora dos horários estabelecidos. Isso se transformava em problema para quem estava acostumado a comer a qualquer momento que tivesse fome ou encontrasse uma fruta apetitosa.

Quanto à comida havia diferenças chocantes. Embora os seminaristas usassem o mesmo refeitório, os padres faziam suas refeições à parte. Sentavam-se ao redor de uma mesa bonita com a

toalha enfeitada, enquanto as nossas eram mesas compridas e nuas. Desde longe a comida deles parecia ser bem mais saborosa do que a nossa. Um dos padres possuía um cachorro chamado “Lobo” que o acompanhava à mesa das refeições. O animal se deliciava com bifes “a la milanesa” que seu amo lhe servia, num pratinho de louça.

Sem sombra de dúvida, essas diferenças influenciavam nosso comportamento e despertavam o espírito criativo para burlar as normas e furar os esquemas. Um misto de esperteza e picardia se aconchegou à inocência da vida simples e compartida que havíamos aprendido, no lar livre e sereno, graças ao amor dos nossos pais. A severidade e o autoritarismo nos induziram a criar um jeito de conviver nesse sistema. É um paradoxo, mas os fatores negativos da esperteza e astúcia exerceram uma influência positiva para continuar na conquista de um ideal ainda nebuloso e incerto. Afirmo isto, porque não me convence que um adolescente de 13 ou 14 anos tenha uma visão definida para sua vida. Vocaçao pode ser, e, em minha opinião, é um chamado silencioso que se escuta aos poucos. É um sussurro que durante o transcorrer dos anos se transforma em convocação. Contudo, não podemos deixar de lado que é também um querer, uma decisão de assumir a missão.

Como o seminário possuía uma propriedade rural que se estendia pela encosta de um morro, havia muito espaço para aventuras e brincadeiras. Lembro de uma plantação de melancias que, pelas suas dimensões, não seria suficientemente grande para produzir frutas para muitos consumidores.

Um dia, quando estávamos almoçando, o seminarista encarregado de servir os padres, entrou no refeitório carregando uma melancia fatiada e a serviu a eles. Dava a impressão de que era a primeira daquele ano. Notava-se que os padres a comiam com visível satisfação. Todos esperávamos que a deliciosa fruta nos fosse servida também. Não foi o que aconteceu.

À noite, depois da janta, de vez em quando, participávamos de uma brincadeira chamada “cachorro e veado”, na qual os cachorros perseguem e prendem os veados num só lugar até chegar o último, invertendo os papéis em seguida. Combinamos fazer a brincadeira

naquela noite e estendemos o campo da caça por uma área bem maior do que de costume, incluindo os bosques da propriedade, mas que incluisse a lavoura de melancias. Éramos sempre acompanhados e vigiados por um estudante de filosofia. Ele era o árbitro e ficava junto do lugar onde os “veados” eram presos.

Naquela noite, não fizemos a segunda etapa na qual se invertem os papéis, porque demoramos muito para caçar todos. É que, enquanto caçávamos, fazíamos turnos de três ou quatro seminaristas para visitar o melancial e, à luz da lua, satisfazer nossa gula. Sobraram poucas melancias, porque sendo noite, quebramos algumas que ainda não estavam prontas para a colheita. Enchemos o estômago até esgotar sua capacidade. Tivemos o cuidado de esconder as cascas e aquelas que colhemos ainda verdes no meio dos arbustos para ninguém perceber.

No dia seguinte, pelas quatro horas da tarde, os padres passeavam pela propriedade, enquanto nós cuidávamos da horta. Passando nas proximidades do melancial, estranharam o pequeno número de melancias.

- “Diabaria”, disse um dos padres. “Ontem tinha muitas melancias e agora não vejo quase nenhuma! ”

Com certeza suspeitou alguma ação perpetrada pela turma. À noite, antes de ir dormir, era costume fazer a oração da noite na capela. Como parte da oração, fazíamos o exame de consciência para detectar os pecados cometidos durante o dia e pedir perdão a Deus, que sabe tudo. Esta parte era feita quase sempre em silêncio, mas algumas vezes era guiada por um dos padres, especialmente, quando queriam nos pegar em algum ponto disciplinar importante. Naquela noite o exame de consciência foi guiado pelo reitor. Pronunciava as perguntas: “obedeci ao horário? Fiz silêncio durante o tempo de estudo? Fiz o trabalho de escola? Fui disciplinado?” Cada um respondia em silêncio.

Aquela, porém, era uma noite especial. Faltava a pergunta fatal à qual deveríamos responder em voz alta: A pergunta “o que comi fora de hora hoje?” soou na capela. Silêncio sepulcral. Então começou a passar um por um, pedindo para responder em voz alta.

A maioria respondeu "nada", quem ajudava na cozinha respondeu "pão", um respondeu "banana e queijo", o que fez todos rirem, inclusive o padre. Ninguém disse que tinha comido melancia. Antes de terminar, o padre disse que tinha ido ao melancial e percebeu a falta das melancias. Alguém quebrou o silêncio profundo e disse: "foi o bode do vizinho." Foi aquela gargalhada. O padre deu uma bela risada e fomos dormir.

Certamente, pode-se discordar de um sistema educacional do tipo descrito acima. Contudo, não deixa de oferecer oportunidades para aprender como superar adversidades, inconformidade com situações, criar espaço para humorismo e diversão.

Felizmente, ao invés de assumir atitudes de revolta e desistência, por algum motivo inconsciente, enveredamos por um caminho no qual nos divertíamos e, ao mesmo tempo, podíamos continuar nossa caminhada.

Mudando de casa

Depois de estudar três anos em Casca, em 1961, fui para o Seminário São Carlos, em Guaporé, estudar o 2º Ano do Ginásio (termo da época). Era uma construção grande sobre uma colina da qual se descortinava, praticamente, toda a cidade. O edifício tinha a forma da vogal "E". O detalhe do tracinho interno da letra está relacionado com um fato curioso. O padre que idealizou a construção fez as vezes de pedreiro, arquiteto, engenheiro e outras funções. Somente quando a construção chegou ao terceiro andar, percebeu a falta de escada e dos banheiros. Então projetou o tracinho da vogal "E", para encaixar a escada em forma de caracol. Nos espaços deixados pelo espiral construiu os banheiros.

A localização da imponente construção, a natureza e, especialmente, a chegada de um sacerdote jovem como vice-reitor, muito participante nas atividades diárias dos estudantes, insinuavam que teríamos momentos muito agradáveis em Guaporé. De fato, vivenciamos os novos tempos com alegria e jovialidade.

Embora a novidade seja bem-vinda, pode encontrar resistência de estruturas, pessoas que se sentem ameaçadas. Quem é novo traz coisas novas para dentro de uma estrutura tradicional e estática. Assim, pode não ser bem-visto por alguns superiores ou pessoas com autoridade como problema.

O sacerdote, recém-chegado, mexeu com a situação vigente pela sua forma de ser e de se relacionar. Divertia-se conosco inventando brincadeiras, participando de nossas partidas de futebol, tênis e vôlei. Os momentos livres, passava-os conosco. Era muito estimado pelos estudantes, mas os demais padres viam seu relacionamento com os seminaristas como rebaixamento, abaixo de seu status. Não estava descartada a dor de cotovelo por gozar de popularidade e proximidade com os estudantes.

Nosso grupo cursava o segundo ano do ginásio da época. Três estudantes de teologia tomavam conta do grupo. Sua responsabilidade, praticamente, se resumia em cuidar da disciplina. Estavam sempre de tocaia porque no final do mês deviam atribuir uma nota sobre o comportamento de cada membro do grupo. O jovem sacerdote era uma pedra no sapato deles. Ao divertir-se conosco a confiança aumentou nele. Ficamos amigos e sentíamos familiaridade.

Quanto aos três estudantes, eram vistos como pessoas para serem temidas, distantes e perigosas porque seriam elas a comunicar ao reitor nossos erros, traquinagens e irreverências próprias de adolescentes. Quando alguém era mandado embora do seminário, era sabido que por detrás, estavam eles.

"A desobediência é uma virtude necessária à CRIATIVIDADE."
(Raul Seixas)

Moscas geneticamente modificadas?

A repressão pode ser fonte de mais diversão e de criatividade e, até, de crescimento quanto à responsabilidade.

Viver com alegria, apesar das adversidades, é um dos caminhos para a felicidade. Até mesmo durante as horas de silêncio, na sala de estudo sob a vigilância dos encarregados da disciplina, encontramos meios para nos divertir.

“Se você obedece a todas as regras, acaba perdendo a diversão” (Bob Marley).

Na antiga construção do Seminário São Carlos, em Guaporé, a cozinha estava no andar térreo e nossa sala de estudo no andar de cima, facilitando sentir o perfume das iguarias sendo preparadas. Até podíamos perceber, antecipadamente, qual seria o prato da refeição.

Devido à localização de nossa sala, muitas moscas atraídas pela exalação agradável do andar térreo, sobrevoavam nossas cabeças e pousavam sobre nossas carteiras de aula. Com bastante agilidade, conseguíamos apanhar algumas delas, identificando as mais robustas. Uma vez presas, amarrávamos na parte traseira dos insetos um fio de linha bem fino de uns dez centímetros de comprimento, e as libertávamos. Devido ao peso, elas saiam voando de forma mais lenta do que o normal. Às vezes, podiam ser vistas quatro ou cinco voando com dificuldade em diferentes direções e altura. Vez ou outra pousavam, talvez para descansar, e voltavam a decolar sob os olhares atentos dos estudantes.

Um belo dia, as irmãs religiosas da cozinha despertaram o alarme. Moscas com cauda estavam voando pela cozinha. Era o dia em que estavam fazendo uma gostosa polenta que exalava um perfume convidativo. Chamaram o vice-reitor para comunicar o fenômeno. Ao ver os insetos estourou numa sonora gargalhada.

Alguns dias depois, estando na sala, além de estudar, continuávamos à caça das melhores criaturas de Deus. Uma delas foi pousar sobre a escrivaninha de um dos controladores do nosso comportamento, que já estava com muita vontade de descobrir os autores da brincadeira para rebaixar as notas de comportamento, além de castigá-los. Olhou-a cuidadosamente. Pensando que ninguém estava observando, “zápete”, com a mão direita para apanhá-la. Uma estrondosa gargalhada encheu a sala, a mosca

escapou ao atentado e o homem pôs-se a rir conosco. Daí para frente, ninguém mais capturou moscas.

Moral da história, autoritarismo estagna, amizade transforma e alegra.

“Mentes criativas são conhecidas por sobreviverem a qualquer tipo de mau treinamento.” Anna Freud

Fazer bolo com receita errada pode dar certo?

Avingança é um veneno que, muitas vezes, mata as pessoas fisicamente, mas também pode interromper a realização da própria vocação, apagando seus ideais ou até comprometendo a felicidade pelo resto da vida. Pelo exposto, anteriormente, pode-se perceber que a turma do 2º.ano colegial, embora se divertindo muito, causava sérias preocupações aos superiores, pelo seu espírito ativo e irrequieto, nem sempre dentro das rígidas normas disciplinares. Embora, bem-intencionados, aos educadores faltava-lhes conhecimento e formação para lidar com adolescentes que nutriam o sonho de serem padres. Apesar da nobreza do ideal não deixavam de ser adolescentes.

Ao mesmo tempo em que eram formadores de futuros sacerdotes, os padres eram professores. Portanto, o objetivo era preparar futuros ministros da Igreja com conhecimento. O material humano à sua disposição para programar seu trabalho, éramos nós, com as nossas características positivas e negativas. Enquanto o trabalho formativo e educativo ficava em segundo plano, sobressaía a ideia de selecionar segundo os parâmetros da disciplina e normas que podiam mudar, conforme a pessoa encarregada. Aqui, é onde os ingredientes podem ser mal adicionados, provocando a perda da perspectiva da formação das consciências. A associação de desempenho escolar com deslizes disciplinares normais para adolescentes era desastrosa, especialmente, quando as ações assumiam tom de vingança. Uma infração cometida numa

brincadeira à beira do campo de futebol podia ser punida com uma nota baixa numa prova escolar. Uma falta de respeito para com um dos encarregados do grupo, muitas vezes, era tomada como falta de vocação e motivo para despedir do seminário jovens de qualidade.

Ao fenômeno das moscas com cauda, poderia acrescentar diversos tipos de comportamento cujo objetivo era contrariar o regime autoritário do seminário, divertindo-se. Além das notas baixas de comportamento, devíamos temer também a vingança do professor que nos tivesse surpreendido dentro ou fora da sala de aula, desobedecendo as normas dos superiores. Diante de algum evento irregular, ouvia-se com frequência, a solene declaração de algum dos padres-professores: "eu vou te pegar nos exames finais ". Dois deles, colegas de estudo na Itália, eram os emissores mais frequentes dessa temível expressão. No meu caso, esse terrível ameaça foi meu tormento durante mais de seis meses. Tudo por conta de ser brincalhão e, algumas vezes, indo além dos limites.

Meu algoz seria o professor de latim que não gostou de uma brincadeira qualquer durante o recreio, que, talvez, lhe tenha causado constrangimento. Cada vez que me via ou me interpelava durante uma aula, emitia sua decisão: "eu vou te pegar", indicando que iria se vingar no exame final. Isso sucedia, especialmente quando a resposta era certa, sempre muito bem acompanhado de um sorrisinho malandro e sádico. Sabendo de casos anteriores, não havia dúvida que devia ir me preparando para ser bombardeado no exame oral de latim.

Não há mal que não venha para o bem, diz o velho ditado. Eu estava diante de um desafio cujas consequências podiam afetar, não só a mim, mas também minha família que pagava os estudos com bastante sacrifício. Se fosse reprovado, seria um ano de perdas significativas para um grupo familiar de poder econômico modesto.

Foi então que meu pensamento se voltou para o pai e a mãe, trabalhadores árduos e honestos. Não podia admitir que meu problema com o professor se estendesse, até incluir quem trabalhava dignamente e me apoiava.

Sendo adolescente, diante de uma pessoa plenipotenciária,

minha situação era de inferioridade. Tinha de encarar o desafio. Chegaria a hora em que estaria sob as garras do inimigo, aparentemente, sem poder fazer nada, pois ele tinha tudo em seu poder, inclusive atribuir uma nota bem abaixo do que o aluno merecia. Geralmente, a pessoa de mau caráter, projeta o mal como ideal. De minha parte, era consciente que o homem não fazia só uma ameaça, mas era uma determinação que, quase com certeza, ia concretizar-se.

"Deve-se aprender sempre, até mesmo com o inimigo ", disse o grande poeta romano, Ovídio. Muitas vezes, agradeci a Deus por esse professor ter aparecido em minha vida. Graças ao seu caráter, comecei a dedicar-me, com seriedade, ao estudo. Decorei a parte da gramática da língua latina a ser estudada, no segundo ano ginásial. Aprendi de cor, especialmente, as exceções, pois sabia que o professor iria explorá-las ao máximo para conseguir seu intento. Diariamente, debruçava-me sobre o livro, memorizando as lições. À noite, levava o livro escondido comigo para o dormitório. Tendo conseguido uma lanterna à pilha, assim que as luzes eram apagadas, com ela iluminava as páginas da gramática e repassava as lições, debaixo das cobertas.

Aprendi, também, que de uma forma ou de outra, nossas ações têm reflexo nas pessoas. Tendo de repetir o ano, minha família, composta de nove pessoas, iria sofrer as consequências. Pensava muito nela e isso era uma motivação para não fracassar, num exame no qual já estava projetada minha reprovação. Na frente, dois desafios: um, passar de ano e o outro, não ser uma decepção e um irresponsável com a família de trabalhadores esforçados.

Chegado o dia do exame de latim, pelas 10 horas da manhã, foi o momento de esperar em frente à porta da sala onde o professor e o reitor do seminário, também severo, mas menos vingativo, faziam parte da banca examinadora. Confesso que me sentia confiante e sereno. Para chegar ao local do exame devia passar pela capela. Entrei fiz uma breve oração e fiquei esperando, diante da porta até a saída do colega à minha frente. Depois de alguns minutos ouvi uma voz de lá dentro: "Entre!"

Entrei e me sentei na frente dos dois. O reitor olhou para o professor e disse em italiano: “Allora é questo “(Então é este!).

- “Si, addesso lo strangogliamo” (Sim, agora vamos estrangulá-lo).

Embora a expressão fosse trágica, não chegou a me assustar.

As perguntas começaram e, como era esperado, sobre o que havia de mais difícil, as exceções da gramática latina. O professor formulou a maior parte delas enquanto o reitor folheava o livro, procurando alguma coisa para perguntar.

Foram quase 20 minutos de bombardeio implacável. Mantive o ânimo sereno, sem deixar de esboçar um sorriso, conforme iam perguntando. Respondi tudo certo. Até que enfim, o reitor disse ao professor: “lascialo andare!” (deixa-o ir). Mesmo assim, eles fizeram mais três perguntas que, com a ajuda do alto, respondi, corretamente.

Saí da sala, mas não fiquei tranquilo porque, apesar de ter ido muito bem nos exames, aquele professor poderia fazer o que fez com outros colegas; simplesmente escrever uma nota baixa para reprovar.

Quando terminei, era hora do recreio. A maioria dos colegas estava curiosa porque demorou tanto o exame, quando era para terminar logo e, pior, já me faziam de reprovado, segundo o prometido pelo professor. Respondi que havia ido bem, mas ninguém acreditou. De minha parte, também não celebrei o sucesso no exame. Conhecendo o proverbial espírito de vingança do professor, o medo de uma decisão arbitrária, rebaixando a nota, e ter que repetir o ano escolar, me atormentava.

Antes de ir de férias e passar o Natal com a família, recebemos o famoso boletim escolar. Havia reprovados, outros que ficavam para a “segunda época” (reforço das matérias com notas abaixo da média) e os aprovados. Felizmente, meu nome apareceu entre os aprovados. Fiquei radiante de alegria, nem tanto por mim, mas pela minha família por tê-la livrada de perder um ano de mensalidades escolares.

A avaliação consistia na atribuição de notas que iam da

mínima 0 a 8 como qualificação máxima. Apesar de não ter errado nenhuma pergunta foi-me atribuída a nota 6,30. Pouco liguei para a nota. O importante é que iria para a série seguinte como vencedor de mim mesmo, motivado pela ideia de não ser um peso para minha família.

“Aceitar um momento difícil é o começo para superá-lo” (Rose Silva)

Mudando água em vinho

Apesar de 1961 ter sido um ano com muita agitação e perseguições, foi um período de excelente aprendizado e amadurecimento. Percebi que o amadurecimento sucede quando enfrentamos desafios convencidos de que somos mais fortes do que eles.

Depois de voltar das férias no início de 1962, havia muitas expectativas de como seria a próxima etapa, em nossa vida estudantil. As impressões não eram nada animadoras. Dos mais de quarenta colegas do ano anterior, só havia 22 na terceira série. Alguns foram reprovados e ficaram para trás, outros foram mandados embora e um bom número, não voltou das férias. Eram amigos que dificilmente tornaríamos a ver. O ambiente entre nós era de desânimo, tristeza e incerteza. O sentimento da desolação tomou conta de todos.

Pelas dependências do seminário observávamos a presença de quatro estudantes que, tendo terminado o curso filosófico, seriam os encarregados para nos acompanhar. Pareciam cautelosos, meio arredios e carrancudos. Com certeza, haviam sido informados sobre nossas peripécias do ano anterior. Um deles, porém, com semblante ameno, inspirava confiança e bondade.

Criamos coragem e resolvemos escrever uma carta ao reitor do seminário, pedindo que ele fosse o encarregado da turma do terceiro ano do ginásio, embora a esperança de suceder fosse tênue.

Enquanto houver um fio de esperança é possível ser otimista. Sem que o reitor mencionasse nossa carta, a pessoa solicitada foi designada para a nossa turma, em 1962. Mesmo tendo a pessoa de nossa preferência, nos parecia que ele era o melhor entre os quatro bastante desconhecidos. Não modificamos nosso comportamento brincalhão, irreverente e, muitas vezes, também provocador. Ele, porém, estava conosco sempre como amigo, conversando e contando piadinhas. Era um homem simples e bondoso.

Era costume da época, receber, mensalmente, uma nota de comportamento dada pelo encarregado. Para isso, ele tinha um caderno secreto no qual anotava nossas traquinagens. Passou o primeiro mês e a esperada nota não foi atribuída. Ficamos felizes, pois não seríamos merecedores de notas muito boas. Por outro lado, ficamos preocupados porque se ele juntasse os dois meses numa nota só, as faltas seriam muito mais numerosas originando uma qualificação mais baixa.

Numa tarde antes, da janta, o reitor fez uma de suas visitas surpresa em nossa sala de estudo. Entrou, olhou, perguntou se estávamos fazendo silêncio durante o tempo de estudo e se éramos obedientes. Em seguida, dirigiu-se ao encarregado e perguntou se ele tinha dado as notas de comportamento. Ele respondeu que não e que julgava não haver necessidade. Então, o reitor, meio que contrariado, disse diante de todos, que ele devia nos avaliar todos os meses.

No final do segundo mês, na hora de estudo antes de irmos para as orações na capela, anunciou que iria dar as notas de comportamento. Sentou-se à escrivaninha, abriu a gaveta e retirou o temível caderno. Abriu-o e começou a ler os nossos nomes em ordem alfabética com a respectiva nota. Leu o primeiro nome, 10; o segundo, 10; terceiro 10. Foi assim do primeiro até o 22º. Logo fechou o caderno e saiu sem dizer uma palavra. Fez-se um silêncio sepulcral na sala. Foi um balde de água gelada na cabeça de todos e o início de mudança.

Sem ouvir admoestações, repreensões e não ser alvos de castigos, nosso comportamento irreverente, marcado pela burla às

normas e regulamentos, mudou, totalmente. Estudávamos com alegria e dedicação, pelo fato de os dois professores que ameaçavam de descontar nos exames, não serem assignados ao nosso grupo.

Descobrimos o equilíbrio entre diversão e disciplina, de forma que a terceira série ginásial transcorreu muito bem, a ponto de sermos louvados pelo reitor, com frequência e apresentados como grupo modelo. Foi uma significativa mudança nas atitudes dos superiores e que nos deu ânimo e entusiasmo.

“Mudei muito, e não preciso que acreditem na minha mudança para que eu tenha mudado” (Caio Fernando Abreu)

Trocando as elas por elas

Vivendo e aprendendo”, é o que ouvimos com frequência.

O relacionamento e convívio com os seres humanos, podem ser excelentes oportunidades para aprender e crescer. Contudo, louvores, qualidades e conquistas, podem atrair invejas e hostilidades, bem como a admiração.

Iniciamos a quarta série do ginásio, em 1963, com a alegria de não termos, mais uma vez, os dois professores vingativos em nossa sala. Como era a segunda vez que não eram escalados para o nosso grupo, o fato deve ter mexido com seus brios. Principalmente, um deles, quando era escalado para falar com os seminaristas de todas as séries, aproveitava para disparar suas munições contra o nosso grupo, tentar desqualificar-nos e minar, abertamente, a boa reputação que o reitor tinha a nosso respeito.

“O caminho se faz caminhando “, é o ditado de Fernando Pessoa. Quem caminha para frente encontra novidades, fatos novos, faz novas experiências e enfrenta desafios. Não importa se as experiências são negativas ou positivas, elas se juntam para fazer a pessoa amadurecer. Todas elas têm sua contribuição para nos brindar.

Estávamos caminhando, talvez, pela metade do ano escolar de

1963, quando houve algo que nos chamou a atenção. Tratava-se das notas conferidas às redações de português. Percebemos que não melhoravam e nem pioravam, por mais que o estudante pudesse todo seu esmero em escrevê-las. Havia alguns que sempre tiravam 7,0 outros 6, 5,30 e dois tiravam a nota 8,0, com muita regularidade. Praticamente, não havia mudanças. Alguma coisa estranha estava acontecendo.

Resolvemos usar de uma estratégia. Formamos um grupo de quatro estudantes. Cada um escreveria sua redação e a trocaria com um colega. Os dois transcreveriam de próprio punho a redação do colega em seu caderno que, depois, seria entregue ao professor para as correções. Depois de alguns testes, percebemos que a situação se repetia. Até mesmo quem estava na categoria da nota 7,0 continuava a receber a mesma nota quando a redação era de quem tirava 5,0. Quem recebia a nota 8,0 continuava a receber a mesma nota com a redação de quem tirava 6,30.

O que fazer? Era um fato e precisávamos fazer alguma coisa.

Chegou o dia em que o professor devolvia os cadernos corrigidos. Antes de entregá-los, costumava explicar as correções que havia feito. Fim a devolução, alguém do grupo pediu a palavra para explicar ao professor o que tínhamos feito e que constatávamos que as notas eram as mesmas das redações anteriores, apesar de seus autores serem diferentes.

Como não podia deixar de ser, foi um momento de grande constrangimento e tristeza para o professor. Ficou sem palavras e sua fisionomia, habitualmente agradável, se petrificou. Os alunos, diante daquele ser humano feito estátua, também se recolheram num profundo silêncio. Contudo, verificamos que desse dia em diante, as notas eram atribuídas, levando-se em conta a capacidade de escrever bem.

Não sabemos o que sucederá com a flecha uma vez que ela partiu do arco. Pode deixar alguém ferido, lá na frente, mas quem a lançou sente uma reação em si mesmo. A situação que desejávamos ver esclarecida podia ter sido feita, com sucesso, de outra forma, usando de sabedoria e colaboração com o professor. A imaturidade,

muitas vezes, faz com que as pessoas enfrentem equivocações com brincadeiras ou com métodos humilhantes. O diálogo, visando a busca do bem é o melhor método para solucionar problemas, sem causar mais feridas e constrangimentos.

“Tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós também”
(Mt 7,12)

Um ano no limbo

A visão que temos do mundo depende muito do espaço que a janela do nosso ser nos permite para ver, julgar e agir. Pelo fato de vivermos em regime de internato, o acesso às informações, notícias e interação com a sociedade eram muito limitadas. Pouco ou nada sabíamos sobre as causas que produziam as notícias ou as ideias e movimentos que influenciavam o mundo.

Na verdade, os anos 60 foram de muita efervescência na religião, política, cultura e ciência. Era o mundo que se revolucionava. Para nós, foram dois, os fatos que nos marcaram mais de perto: a convocação do Concílio Vaticano II e o golpe militar de 31 de março e 1º abril de 1964, que instalou a ditadura no Brasil.

Sobre a convocação, abertura e desenvolvimento do Concilio Vaticano II, recebíamos algumas informações, indicando a esperança de novos tempos para a Igreja. As informações não chegavam ao público tão rápido como agora. O rádio era o meio informativo mais comum, mas não podíamos escutar durante o período de seminário. Não havia ainda sinal de televisão no município de Guaporé. Os padres recebiam com atraso um jornal editado em Porto Alegre.

O golpe militar surgiu durante a chamada “Guerra Fria”, com a polarização das duas potências que pretendiam ter hegemonia sobre o resto do mundo, os Estados Unidos e a União Soviética.

Na América do Sul, o monstro assustador para ser temido era o comunismo. A Igreja sempre foi adversária da ideologia marxista.

Por isso, em diversas partes do País a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, saiu às ruas. Contudo, os militares começaram desde cedo, seu projeto, de forma branda no início, mas, aos poucos, atuando com mão de ferro, suprimindo a democracia, abolindo a liberdade, instalando um sistema de terror e repressão. A igreja que se havia alinhado com o golpe militar, passou a desaprovar as ações da ditadura.

No seminário, houve um pouco de euforia com a ação golpista dos militares, mas lembro que, depois de algum tempo, recomendaram que não falássemos e nem nos manifestássemos, porque seria perigoso. Nossa vida de internos, no seminário, não foi afetada, praticamente, em nada, com os acontecimentos de 1964. Certamente o isolamento em nosso mundo, com um sistema educativo segregado, favoreceu para que não acompanhássemos os acontecimentos de perto. Isso fez com que vivêssemos à margem das grandes transformações que estavam sucedendo no mundo todo.

A organização de um grêmio estudantil que privilegiava a declamação de poesias, redação e teatro, abriu, discretamente, nossa participação no mundo estudantil da cidade de Guaporé. Quanto aos assuntos nacionais e internacionais, ainda não havia o envolvimento da juventude. Nosso mundo tinha o tamanho dos nossos conhecimentos.

Somente alguns anos mais tarde, o termo “conscientização” começava a popularizar-se nas conversas e reuniões.

A ignorância das coisas que acontecem é a anestesia do espírito.

A escuridão da noite esconde a luz do dia

 comum ouvir determinadas pessoas dizerem que atravessaram uma etapa da vida inutilmente, durante a qual nada se aprendeu ou nada se fez. Faço-me companheiro delas porque também, já pensei dessa maneira até chegar o momento em que

voltei atrás na minha história, para fazer uma espécie de inventário das experiências que, sem elas, não seria eu mesmo. Valeu a pena. Tanta coisa se perde se não procuramos recordar. Aqui não quero usar a palavra lembrar, que indica mais uma situação de passagem, mas recordar. E recordar é algo que passa pelo coração (do latim: recordare) e fica gravado.

O ano de 1965, constituiria um capítulo perdido da minha vida se não tivesse aberto o baú onde estavam guardadas as experiências recentes e antigas. Foi o ano no qual fui admitido ao noviciado, um ano de preparação para a vida religiosa.

Aquele período formativo iniciaria em grande estilo, por ser considerado a passagem do tempo e formação escolar, para as etapas seguintes que privilegiariam a vida religiosa e sacerdotal. A inauguração da nova etapa formativa consistia numa celebração solene da missa na qual recebíamos a investidura da batina preta, símbolo de nossas aspirações ao estado clerical. Para a solenidade, foram convidados nossos pais e mais um casal para ser os padrinhos. Escrevi para o casal de tios, Silvestre e Nadir Gabriel, que aceitaram sem hesitação. A data estabelecida para o evento foi às 10h30 do dia 31 de janeiro de 1965, no Seminário São Carlos de Guaporé cuja distância de Sarandi era 210 quilômetros, devido ao traçado tortuoso da estrada.

Se a euforia e a expectativa eram intensas nos dias anteriores, no dia 31 de janeiro de 1965, chegaram ao auge, pelo evento, mas de uma forma especial, porque nossos pais e padrinhos viriam participar. Meus pais escreveram que chegariam de manhã cedo numa camionete alugada de um amigo, pois o serviço telefônico era precaríssimo.

Toda a turma estava empolgada. Os pais dos colegas iam chegando. Esperava que a qualquer momento chegassem os meus também. Passavam as horas e nada. Todos os pais já tinham chegado e lá estavam os colegas conversando com eles. Eu, pelo contrário, sozinho com o coração sem mais espaço para sofrimento, pois pai, mãe e padrinhos não chegavam. Pouco antes da missa, houve um revezamento de padres que indagavam, um após o outro,

sobre a ausência de meus familiares. A cada um tinha que responder negativamente, o que me machucava mais ainda.

Por causa da demora em chegar, o início da missa foi atrasado consideravelmente. Com tom triste, disseram-me que a celebração da missa começaria e que eu ficasse atento se houvesse alguma novidade no transcorrer da mesma. Desconsolado, resignei-me de não ter a tão desejada visita para aquela importante ocasião.

A missa iniciou. Fisicamente, eu estava na igreja, mas meu pensamento vagava por espaços sem fim e distante. Contudo meu olhar estava fixo na porta de entrada da igreja. Foram minutos dolorosos, mas ainda com esperança cada vez mais fraca de ver os rostos dos meus pais surgindo à soleira daquela porta. Não lembro nada do que aconteceu até o momento em que vi os rostos do pai, da mãe e dos padrinhos de pé à entrada da igreja fixando, seu olhar em mim. Foi um instante indescritível. Parecia que tinha mergulhado num mar de felicidade. Foi o momento mais lindo daquele dia. “Aquele que nunca viu a tristeza, nunca reconhecerá a alegria.” (Khalil Gibran).

Durante a missa foi invocada a bênção sobre a batina e os padrinhos ajudaram a vesti-la pela primeira vez, marcando, oficialmente, o início do ano de noviciado.

Logo após, participamos de uma churrascada durante a qual o pai explicou que a viagem tinha sido difícil, devido ao mau funcionamento do carro, seguido de quebra do veículo. Por receio de enfrentar mais problemas durante a viagem de retorno a Sarandi, pais e padrinhos partiram logo depois do almoço.

“Esperar uma alegria também é uma alegria.” (Gotthold Ephraim Lessing)

Noviciado e a cápsula do tempo

Com a investidura do hábito religioso no dia 31 de janeiro de 1965, iniciava o ano de noviciado.

O que é noviciado? Noviciado é um período que dura um ou dois anos da formação de um religioso ou de uma religiosa, que precede a emissão de seus votos. Com este período procura-se conhecer melhor a vocação, o carisma do instituto ou congregação, além de ser tempo para discernimento sobre a autenticidade da vocação e idoneidade para segui-la. O sacerdote encarregado de organizar a vida e a formação do noviciado chama-se Mestre de Noviços.

Costumo referir-me ao ano de noviciado com o rótulo de “cápsula do tempo.”

Por cápsula do tempo, entende-se um recipiente cuja finalidade é armazenar objetos ou informações para que estas sejam transmitidas às gerações futuras. Até hoje, segundo o historiador William Jarvis, as cápsulas do tempo preparadas com essa intenção, não trouxeram informações significativas, em contraste com as ruínas de Pompeia que são não intencionais e nos trouxeram informações abundantes. As cinzas expelidas pelo Vulcão Vesúvio guardaram objetos, corpos, escritos, pinturas, moedas e muitas outras coisas que transmitiram conhecimentos importantes sobre a vida das pessoas do primeiro século D.C., no Império Romano.

O ano de 1965, poderia ser considerado como a minha cápsula intencional, na qual eu depositaria as coisas que pouco ou nada serviriam para o futuro. Considerando as coisas superficialmente, aquilo que se estudava sobre história, que a Idade Média era a Idade obscura, porque não houve nada de interessante, poder-se-ia dizer do ano de noviciado. Imaginaria, o ano de 1965, como uma cápsula do tempo em cujo bojo guardei, aparentemente, uma parte da minha vida sem muito significado. O tempo se encarregou de contrariar a ideia.

O primeiro mês de noviciado foi bastante atípico. O mestre de noviços saiu para seu

mês de férias. Disse-nos que, naquele mês, iríamos fazer lenha para o ano todo. Dito e feito. Armados de machados, serras, foices e alguns facões, saímos de manhã cedo para o mato, na propriedade do seminário. Passávamos o dia, derrubando árvores e

reduzindo-as à lenha para alimentar o fogão e o forno. Não voltávamos para o almoço. A comida era trazida pronta para o lugar de trabalho. Assim, transcorríamos o tempo, divertindo-nos com o barulho de cada árvore que ia para o chão. O tombo de cada uma, era celebrado como se fosse um gol do time de futebol.

Estando o mestre de férias, não tínhamos praticamente supervisão. “Quando o gato sai, os ratos fazem a festa”, diz o velho ditado. No dormitório, cada noite havia algo para rir. Uma noite, alguém tirava o pino da cama de alguém e na hora de deitar era aquele barulhão. Noutra, alguém pegava uma rã ou um sapo e colocava o batráquio debaixo dos lençóis de um dos colegas. Quando o coitado se deitava, ouvia-se um estrondoso grito. Houve, também, quem colocasse um ou dois ovos no centro da cama para que o noviço se deitasse em cima deles. Neste caso, a reação da vítima era quase sempre negativa. Contudo, jamais se sabia quem tinha sido o autor da encrenca.

As férias do mestre terminaram e ele estava de volta, no comando da turma. A liberdade de nos divertir, sofreu restrições. Quando a autoridade está presente, a tendência do adolescente é buscar formas de fazer coisas engraçadas às escondidas. Para não sermos surpreendidos pelo mestre, convencionamos de avisar-nos se ele estivesse por perto. Como ele era baixinho, o código era mostrar os dedos polegar e indicador com uma distância de uns três centímetros entre um e o outro, deixando um pequeno espaço avisando que ele estava chegando. Numa noite, enquanto um dos nossos colegas estava exercendo a função de avisar-nos, ele estava às costas dele observando. Não aguentou, tapou a boca com a mão e saiu rindo.

“Se você apagasse todos os erros do seu passado, você apagaría toda a sabedoria do seu presente.” (Tainá Gomes).

Os temas formativos do noviciado eram tratados conforme o tempo ia passando, sem uma programação propriamente dita. Sobrava muito tempo para a leitura pessoal. Por isso, sem a pressão dos anos letivos, podíamos escolher os livros que desejássemos. Isso foi positivo, por ter ajudado a explorar os assuntos de acordo com

as características de cada noviço. Foi um ano no qual aprendemos a amar a leitura e entender que, grande parte da formação, depende da busca e trabalho de cada pessoa. Graças a essa liberdade de escolha, tive a oportunidade de ler, em italiano, a “Divina Comédia” de Dante Alighieri” e o “Promessi Sposi” de Alessandro Manzoni. A leitura dessas duas obras foi importante para aperfeiçoar-me na língua italiana.

Foi uma feliz coincidência fazer o ano de noviciado ao mesmo tempo em que, em Roma, se realizava a última das quatro sessões do Concílio Vaticano II. O grande evento que marcou, profundamente, a Igreja, terminou no dia 8 de dezembro de 1965, sob o papado de Paulo VI. Mesmo sem conhecimentos teológicos e bíblicos suficientes, líamos, imediatamente, os documentos, conforme eram publicados. Dava-nos muito incentivo a ler os documentos, o desejo que um sacerdote já avançado em idade, expressava: “quem me dera viver mais 20 anos para ver os frutos que o Concílio vai produzir na Igreja”. Porém, se aquele sacerdote se expressava assim, durante as refeições, não faltava a leitura da coluna do escritor católico conservador, Gustavo Corção, conhecido defensor do tradicionalismo litúrgico e doutrinário, colocando-se, antagonicamente, ao Concílio Vaticano II. Seus comentários eram publicados pela grande imprensa reacionária daquele tempo, O Globo, O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo.

Vale lembrar que a Idade Média foi um tempo de muita atividade escondida com a finalidade de preservar a cultura, para que ela fosse transmitida às gerações posteriores. Organizaram-se as bibliotecas nos mosteiros, onde os monges, muitos deles analfabetos, transcreviam manuscritos com documentos e informações que, se não fossem por eles, teriam sido perdidas. Graças a esse trabalho oculto, ainda hoje, podemos beneficiar-nos das culturas passadas.

O fato é que tudo quanto experimentamos na vida fica gravado em nosso subconsciente; uma boa parte do que está entesourado aflora quando precisamos. O subconsciente é arca onde são guardadas as memórias que inspiram o futuro. Por isso para

programar o caminho que se faz é essencial ter a coragem de entrar no quarto escuro do subconsciente, abrir o baú e tirar dele as coisas novas e velhas para contemplá-las, deixar que nos falem que nos provoquem, nos questionem ou nos afirmem na caminhada pelas trilhas da vida.

Talvez seja esse o paralelo que pode ser feito entre Idade Média e noviciado.

“Viva o hoje com a sabedoria do passado e a esperança do futuro, pois só cabe a ti mesmo a conquista dos teus sonhos.” (Dreyfus Coelho)

Antes de uma longa viagem

Com a emissão dos votos religiosos temporários na Congregação dos Missionários de São Carlos - scalabrinianos, no dia 1º de fevereiro de 1966, estava selada a cápsula do tempo do noviciado e transformamo-nos em membros da Congregação. A próxima etapa da formação continuaria em São Paulo. Naquele tempo, quando alguém dizia que viajaria para São Paulo, era algo tão extraordinário que a pessoa pronunciava o nome da cidade até com voz mais grave, de boca bem cheia. Para nós que, sequer conhecíamos a Capital do Estado do Rio Grande do Sul, era motivo para envaidecer-nos. Era considerado até um privilégio.

A partida para a grande metrópole, como de praxe, deveria acontecer depois de um mês de férias com a família. Contudo, algo incomum aconteceu. O mestre de noviços convocou-nos para uma palestra importante. Depois de uma longa divagação e rodeios em círculos cada vez menores, comunicou-nos que não teríamos o mês de férias com a família, mas que ficaríamos no seminário. Talvez sob a pressão do voto de obediência, professado poucos dias antes, não houve reação a não ser um profundo e silencioso descontentamento. Ao final da palestra, concluiu pedindo que escrevêssemos às famílias, comunicando a determinação.

Escrevi a carta à qual minha mãe respondeu manifestando sua

profunda decepção, pois a família e os parentes queriam ver-me antes de ir para uma grande cidade, tão longe deles. Como toda mãe, ela também deu muitas recomendações, que tivesse cuidado com os perigos e nunca deixasse de rezar ao anjo da guarda.

“Só sabe mandar quem aprendeu a obedecer.” (Johnny De Carli.)

Com os sentimentos convulsionados e ideias confusas, a pergunta que surgia em minha mente era: o que nos vão mandar fazer durante esse mês?

Na verdade, não deveria preocupar-me para encontrar a resposta. Já estava tudo pensado e decidido. Iríamos trabalhar na manutenção da estrutura física do seminário, cuidar da horta e jardinagem. Eu e mais um colega, fomos escalados para pintar as janelas do edifício.

Não sei quais os motivos, mas nossa turma foi a primeira e última a não ter as férias com a família.

A longa viagem

Chegou o dia de viajar para São Paulo. Levararam-nos numa Kombi à cidade de Caxias do Sul onde embarcaríamos num ônibus vindo de Porto Alegre com destino à grande cidade. Sem despedidas, embarcamos naquele ônibus enorme, ocupando os acentos da metade para trás.

Baixava a noite quando saímos de Caxias do Sul. A escuridão sempre é uma oportunidade para que as pessoas façam umas viagens para dentro de si mesmas. Os sentimentos agradáveis ou ruins se liberam e passeiam pela mente. O principal deles era a tristeza de estar indo para longe, sem ter havido o momento para um encontro com os familiares, antes da grande viagem. Outro era de incerteza e apreensão, quanto ao ambiente que iríamos encontrar no Seminário João XXIII, em São Paulo. Muito nos haviam falado de ter cuidado com a “linha nova” que havia entre os estudantes de Filosofia e Teologia. Com a cabeça e o coração

atarefados na elaboração desse conteúdo, não houve tempo para dormir. Nem sei se seria possível, pois éramos atormentados pelos solavancos provocados pelos buracos na rodovia, pelo barulho do motor do veículo e o odor do tabaco dos fumantes.

O amanhecer veio amenizar o sofrimento de uma noite conturbada. Podia apreciar pela janela do ônibus, a paisagem que ia mudando conforme a região que atravessávamos. Chamaram-me a atenção, as frases escritas nos para-choques dos caminhões. Procurava não perder nenhuma delas. De algumas delas, ainda lembro:

- “Deus é maior que você”.
- “Devagar a tartaruga te ultrapassa”.
- “Dia do pobre é o dia seguinte”.
- “Marido de mulher feia tem raiva de feriado”.
- “Difícil não é viajar, é viver longe do lar.”.
- “Quem inventou a distância, não sabia que existia a saudade.”.

Realmente, os homens da estrada são sábios.

Extenuados pelas longas horas na estrada, chegamos em São Paulo depois das 16h. Para quem não conhecia nenhuma cidade com mais de 100 mil habitantes, foi um choque. Parecia um formigueiro aberto; pessoas andando por todos os lados e carros transitando em todas as direções. As primeiras sensações foram de medo e perigo.

“São Paulo é o paraíso das coisas excêntricas: tem uma Rua Direita que é torta; uma Rua Formosa, feíssima; uma Rua das Palmeiras sem palmeiras; e o viaduto na terra do café tem o nome de... viaduto do Chá!” (Popular).

Parte II

O LADO BOM DE SE VIVER NUMA CIDADE PEQUENA É
QUANDO EU NÃO SEI O QUE ESTOU, ALGUÉM SABE

(Anônimo)



Moradia e escola

Do centro da cidade fomos transferidos para o Seminário João XXIII, no Bairro Alto do Ipiranga onde cursaríamos Filosofia e Teologia. Era considerado “Seminário Maior” em contraposição aos anteriores classificados como “Seminários Menores”. Isso dava a impressão de que tínhamos subido de status. Foi pura ilusão; dos 60 ou 70 seminaristas que já estudavam lá, nós éramos os últimos que haviam chegado, os principiantes nos estudos superiores. Era evidente a existência da relação de quem é mais e de quem é menor, de quem é mais sabido e de quem sabe pouco. O contato com estudantes de nível superior revelou o desafio de conviver com as diferenças.

“Ninguém é igual a ninguém. Todo ser humano é um estranho ímpar” (Carlos Drummond de Andrade).

O edifício do seminário era novo e espaçoso localizado dentro de uma grande área verde. Depois de diversos anos descansando em dormitórios, agora estava no meu quarto com banheiro, guarda-roupa e escrivaninha para estudo. As salas de aula também eram boas. No mesmo terreno no qual também está o Instituto Cristóvão Colombo que recolhe crianças carentes e de famílias desestruturadas, havia um pequeno cafezal. Era suficientemente grande para produzir café para o Instituto e o Seminário.

Um muro de dois metros e meio de altura cercava toda a propriedade. De um lado havia um grande portão para acesso de veículos e um menor para pedestres, do outro. Os moradores do bairro podiam transitar de um lado para o outro durante o dia. À noite os dois portões eram trancados.

Apesar de morar na grande cidade, o regime do seminário era de internato com isolamento total da sociedade. Praticamente, ninguém tinha amigos fora do complexo. Nossos familiares moravam a mais de mil quilômetros de distância e não podiam nos visitar.

A vida se resumia entre atividades escolares, manutenção da

casa, oração e esporte praticado na cancha do Instituto Cristóvão Colombo, uma vez por semana e aos domingos.

Quanto às notícias, tínhamos acesso ao único exemplar do jornal “Estado de São Paulo”. Por causa disso, às vezes, três ou quatro pessoas estavam debruçadas, em cima da mesma página, especialmente, aquela da seção de esportes. Os padres nos transmitiam as notícias que ouviam pelo rádio. Durante o ano de 1966, foi colocado um aparelho de rádio no auditório, no andar térreo, para que pudéssemos escutar as notícias após o almoço. Também foi adquirido um televisor em branco e preto, mas este estava disposição somente dos padres.

Durante o primeiro ano na capital paulista, tivemos a oportunidade de sair duas vezes: uma para assistir ao filme “A Noviça Rebelde” e outra, foi um dia de passeio. Recebemos um sanduíche e dinheiro do transporte para que, em pequenos grupos, fôssemos visitar algum lugar de interesse na cidade. Juntei-me ao grupo que iria ver o Estádio do Morumbi. Fora isso, alguma saída para consultas com médicos ou dentistas.

Apesar de o nosso seminário e o arquidiocesano estarem próximos, não havia nenhum contato entre os estudantes.

O estilo de vida de internato, sem contato com a sociedade, era normal naquela época. Tínhamos moradia cheia de regras e normas, mas estava longe de ser um lar no qual as pessoas estivessem a gosto.

Contudo, percebi que era uma anomalia quando, ao final do primeiro ano na capital, fui visitar a minha família. Como era de se esperar, todos começaram a fazer perguntas sobre a grande cidade de São Paulo. Minhas respostas se concentraram sobre o que havia visto na chegada, na ida ao cinema e durante o passeio para conhecer o estádio de futebol. Embora fosse pouco o que tinha para partilhar, parece que foi suficiente para satisfazer a curiosidade das pessoas. Afinal, gente simples é feliz em saber pouco sobre outros lugares.

No seio da comunidade formativa, porém, era evidente a sensação de isolamento do mundo. Por conta disso, lembro que um

conferencista que nos deu uma palestra afirmou: “Se numa roda de 20 pessoas houver alguém de vocês, ele vai ser o último a falar ou fica calado por falta de assunto”. O isolamento da sociedade deixava-me preocupado e insatisfeito.

“A vida é feita de pequenos momentos que se tornam grandes quando compartilhados com as pessoas que amamos!” (Marcela Emylaine)

O mundo só é mau quando não gostamos dele

Voltando das férias com a família no início de 1967, ao invés

de irmos para São Paulo, como de praxe, fomos para Cananéia, uma cidade sobre a ilha do mesmo nome, situada no litoral sul do Estado de S. Paulo. Na verdade, era um vilarejo pobre e decadente, onde os seminaristas eram esperados todos os anos por trazerem alegria à pequena população, principalmente, às crianças.

Pelas informações recebidas, o tempo que nós passamos em Cananéia, foi diferente dos anos anteriores. Não havia muita rigidez na casa e nem severidade quanto aos horários. Os padres que estavam conosco, também eram mais amigos com a exceção de alguns lampejos de autoritarismo por parte de algum.

Depois de limpar a casa e arredores, nós mesmos programávamos as idas à praia, pescarias, passeios e atividades catequéticas para as crianças.

O trabalho na cozinha também era de nossa responsabilidade. Para isso foram formadas equipes que se revezavam e, com frequência, competiam para ser a melhor.

Num depósito, no fundo do terreno, havia uma grande quantidade de bicicletas que outrora estavam recolhidas no pátio da polícia do Estado de São Paulo, tendo sido doadas ao nosso seminário. Não havia, sequer, uma completa. Praticamente, era um montão de peças que havia lá. Com as peças, de cada três bicicletas dava para fazer uma. Quem se encarregava da montagem e conserto

era um dos nossos colegas que tinha o dom da mecânica. Todos tinham uma bicicleta à disposição.

Com liberdade de organização das atividades e equipados com os veículos de duas rodas, não havia nada melhor para passar um mês maravilhoso naquela ilha. Além das idas à praia e outros lugares, o grupo se dedicava à catequese das crianças que eram admitidas para receber a Eucaristia, antes de viajarmos para São Paulo.

Quanto a mim, como, desde anos anteriores, exercia a função de enfermeiro autodidata no seminário de Guaporé e em São Paulo, a missão era no campo da saúde. Trazia comigo remédios para doenças simples e o equipamento para administrar injeções. Não havendo médico ou enfermeiros na ilha, sabendo que havia sempre um enfermeiro entre os seminaristas, as pessoas vinham à nossa casa à procura de remédios ou tomar injeções prescritas por médicos de Jacupiranga ou Registro.

O equipamento para aplicar injeções era uma seringa grande e outra menor, acompanhadas de meia dúzia de agulhas guardadas dentro de uma caixa de metal. A mesma caixa com água era levada ao fogo com seringa e agulhas para serem desinfetadas. O processo se repetia para cada paciente usando as mesmas agulhas e seringas. Com o uso, as agulhas se desgastavam e perdiam a agudeza dificultando a perfuração do músculo. Para recuperá-las usava uma pequena lima, afinando da melhor maneira possível a ponta.

Certa noite, logo após o jantar, fui procurado por um senhor humilde, pedindo que fosse até a casa dele aplicar uma injeção numa pessoa. Avisei ao padre encarregado, o qual consentiu meio a contragosto; acompanhei o homem levando comigo as seringas e as agulhas. Andamos bastante tempo por uma trilha, no meio da vegetação de uns três metros de altura, até chegar à sua casinha sem energia elétrica e sem água corrente. Esta era tirada com uma corda de um poço ao lado da moradia.

Chegando ao local, gentilmente, convidou-me para entrar, pedindo desculpa pela pobreza em que vivia a família. Fui recebido pela sua esposa que estava acompanhada de três meninos, de dois

anos a oito anos de idade. A lenha do fogão estava queimando. Aproveitei para colocar sobre a chapa a caixinha de metal com água e dentro dela a seringa e duas agulhas para esterilizar.

Enquanto a esterilização se processava, a esposa tirou de uma prateleira um recipiente de vidro e uma ampola com o líquido para ser misturado na garrafinha. Fiz tudo dentro de meus melhores conhecimentos.

- Quem vai receber a injeção? Perguntei.

- “É minha filha, padre (assim chamavam os seminaristas). Ela está com muita vergonha porque você vai ser padre e o lugar para receber a injeção não é para ser visto pelo senhor. É lá de trás.”

Então, a mãe entrou no único quarto da casa e saiu com uma menina de 12 anos de idade, mais ou menos, enrolada, totalmente, numa espécie de lençol velho. Parecia quase uma múmia egípcia. Com a ajuda, da mãe abriu um buraquinho suficientemente grande para aplicar a injeção na nádega.

Não sei se ela tremia por medo da dor ou de vergonha, ou das duas coisas. Eu também fiquei sem jeito e atrapalhado por ser a primeira vez que aplicava uma injeção na nádega de uma mulher.

Atendido o pedido, acompanhado pelo pai da menina, voltei para a casa. Para evitar que o padre encarregado fizesse muitas perguntas, nada comentei do ocorrido.

As quatro semanas, aproximadamente, que passamos em Cananéia, marcadas pela flexibilidade, permitiram que tivéssemos contato com uma população esquecida pelas autoridades e carente de tudo. Embora não fôssemos ordenados, chamavam-nos de padres. Nossa presença era muito desejada. As pessoas gostavam de falar conosco. Para quem vivia num sistema de internato, isolados da sociedade, as férias naquela vila simples, transformaram-se numa oportunidade de enriquecimento e, também, de formação para a missão e o sacerdócio. Vi com clareza que o sacerdote deve ter participação na vida do povo. É Cristo, o Bom Pastor, e o povo que nos ensinam, na prática, onde se realiza a missão de um sacerdote, estar com as ovelhas e amá-las.

A identidade do padre, do missionário, exige relacionamento

real com as ovelhas.

“Eu sou o bom pastor: conheço minhas ovelhas, e elas me conhecem” (Jo 10.14)

Os desafios dos novos tempos: Derrubando murros

A percepção de não ser uma ilha isolada no oceano me alegrava. Ficava feliz em imaginar-me no meio do povo, mas, atormentava-me a estrutura formativa fechada nos seminários, logo depois do Concilio Vaticano II, cujos documentos havia estudado.

Depois de passar mais de um mês com a família, na terra natal, e ter vivenciado a liberdade e a jovialidade do povo humilde, mas acolhedor, de Cananéia, com toda a turma de seminaristas, estava de volta ao Seminário João XXIII, em São Paulo.

“Lar, doce lar”, poderia dizer alguém. Jamais consegui sentir a vida do internato como um lar. Não era, pelo menos, para mim. Minha percepção era de um ambiente temporário e, talvez, necessário para a formação de futuros padres, mas que nunca consegui assimilar bem por não ser adequado para preparar pastores com habilidades para conviver com as ovelhas. Tinha muitas dúvidas quanto à eficiência da formação longe do povo, para futuros sacerdotes.

Logo no início, do ano escolar, planteei a mim mesmo a necessidade de acompanhar as notícias do Brasil e do mundo. Além disso, como brasileiros, todos éramos torcedores de algum clube de futebol. Como a maioria dos jogos eram realizados à noite, o horário era considerado impróprio para escutar o rádio da comunidade no auditório. Os pedidos para termos acesso às notícias não eram atendidos.

No ano de 1967, irrompeu a “Guerra dos Sete Dias”, de Israel contra os países vizinhos. A vontade de escutar as partidas de futebol, as notícias sobre a guerra e a música do movimento “Jovem Guarda” mexeram com a criatividade.

Quando havia jogo de futebol, alguns dos colegas saíam na ponta dos pés, de seus quartos, sem ligar as luzes, iam ao auditório, instalavam o rádio debaixo do palco. Com o volume baixo e ouvidos em cima do aparelho, acompanhavam as partidas.

Juntamente com outro colega, adotei outra estratégia, construir rádios. Fomos favorecidos porque no andar térreo do seminário, havia um depósito com algumas dezenas de rádios velhos. Tirando peças de uns e outros, conseguimos fazer funcionar diversos. Foi um grande avanço e, ao mesmo tempo, econômico, para construir rádios de galena, um equipamento muito simples composto de um diodo, bobina, antena, acoplados a alto falante. A vantagem era que podíamos ouvir notícias, jogos e música no silêncio do quarto. Fizemos uma dezena dessas engenhocas para nossos colegas.

Uma situação cômica foi se revelando na hora do café da manhã, quando durante a noite havia sucedido uma partida de futebol. Um sacerdote entrava no refeitório com um indisfarçável sorrisinho, principalmente se seu time havia vencido, para comunicar os resultados dos jogos. Como a maioria tinha ouvido as partidas, as reações às notícias eram insignificantes. Logicamente, a apatia diante de suas informações despertou a suspeita de que havia rádios espalhados pela casa. As visitas aos seminaristas nos seus quartos, em horário de estudo, eram mais frequentes. A intenção era flagrar quem estivesse ouvindo rádio. Os resultados foram negativos porque os estudantes tapavam com toalhas e lençóis* qualquer fresta que houvesse entre a porta e o piso.

Contudo, quando existem normas infringidas, um dia a casa pode cair. Foi isso o que aconteceu. Com uma satisfaçãozinha meio malandra, fazia pouco mais de meia hora, eu havia entregado um rádio de galena para um colega. Não imaginava que ele, cujo quarto estava acima do escritório do padre encarregado da disciplina, ao instalar a antena de seu rádio, deixasse o fio pender de sua janela até atingir aquela do padre. O padre olhou e viu de onde vinha o fio. Convocou o colega para uma conversa para explicar o significado daquele fio. Sendo ele honesto, entregou a mim e ao colega,

fabricantes das engenhocas.

O jogo de dominó estava armado. O primeiro a ser convocado foi meu parceiro industrial. Depois dele, lá fui eu. Logo no início da conversa, lembrou que era proibido o uso de rádios no seminário e que se quiséssemos ouvir notícias, havia aquele de uso comunitário. Em clima tenso, ele tentava convencer-me de que era prejudicial para um vocacionado ao sacerdócio escutar músicas românticas. De minha parte, defendia o ponto de vista que os seminaristas precisavam saber o que acontecia no Brasil e mundo. Falei que me sentia constrangido quando tínhamos visitas no seminário ou encontrávamos pessoas fora dele, por não ter assuntos para falar devido ao desconhecimento dos acontecimentos.

A conversa foi longa e dura. Cada um procurava apresentar argumentos para convencer o outro. A certo ponto, o padre perdeu a paciência e, olhando-me disse:

- Por que você não vai embora?

- Se é por escutar rádio eu não vou, respondi.

Até eu me surpreendi com a firmeza com que respondi. Creio que o padre, também, se surpreendeu e não disse mais nada.

O encontro terminou sem chegarmos a nenhuma conclusão. Contudo, pelas atitudes posteriores, percebemos que houve mudanças significativas quanto ao acesso ao rádio e à televisão. Aos poucos, podíamos assistir notícias pela televisão e até assistir à novela “Irmãos Coragem”, além de retransmissões de partidas de futebol.

Há cinquenta anos, ainda não se falava em diálogo, nas casas de formação para sacerdotes e religiosos. Imperava a obediência cega. Era bonzinho quem fizesse tudo sem objetar o que os superiores mandassem. Havia um padre que dizia em suas palestras: _ “O seminarista deve ser como um bloco de concreto. Para formá-lo é como colocar cimento e pedra num caixote de madeira. Deixa secar. Depois de tirado do caixote, pode empurrá-lo para qualquer lugar que ele vai.”

Foi ainda dentro desse tipo de mentalidade que sucedeu a conversa sobre o uso do rádio. Para mim, pessoalmente, foi muito

proveitosa, por ter sido numa ocasião na qual comecei a falar, usando argumentos para avançar nas ideias e entender os acontecimentos, procurando conhecer suas causas.

“O drama geralmente é falta de argumento.” (Mael Castelare)

“É melhor debater uma questão sem resolvê-la, do que resolver uma questão sem debatê-la.” (Jeseph Joubert)

Fundamentando a missão

Tive a felicidade de acompanhar e vivenciar o Concílio Vaticano II (1962-1965) com todo o entusiasmo e esperança, no florescimento da Igreja. Inspirada pelo Vaticano II, iniciou-se uma nova fase, também, na formação dos sacerdotes. A interrupção escolar de julho de 1967, foi diferente. Permanecemos no seminário, estudando os documentos conciliares.

Por conta disso, a visão sobre o sacerdócio se abria. Estar com o povo, participar, fazer história, começaram a ser atitudes normais para nós. O chamado para a Missão adquiria um fascínio cada vez mais forte. Sábados e domingos, mesmo sem pleno consentimento dos formadores, era o tempo para exercer atividades apostólicas, nas favelas de São Paulo. Lá, com meus colegas, descobri que seus moradores não eram paulistas, mas migrantes nordestinos, fugindo da seca e fome.

Rapidamente, foi-se consolidando um grupo de seminaristas que decidiu assumir, com seriedade, o carisma da Congregação dos Missionários de São Carlos-Scalabrinianos que é o exercício da missão com os migrantes. Contudo, a Congregação estava comprometida no serviço aos migrantes italianos, e os missionários vindos da Itália relutavam muito para abrir a finalidade, para outras nacionalidades. Além disso, resistiam, ferrenhamente, à ideia de incluir os migrantes internos do Brasil como objeto do carisma scalabriniano. Nossa visão enfrentava as forças internas de manter a Congregação só para os italianos. A essa posição, opunha-se a

nossa determinação de lutar pela inclusão dos migrantes internos brasileiros. A abertura para eles, era a pupila dos olhos dos estudantes e, de alguns padres.

Logo no início de nossos contatos com os migrantes internos do Brasil, percebemos que não é suficiente trabalhar com eles. É indispensável, conhecer suas origens, cultura, aspirações e expressões religiosas. Conhecendo as pessoas dentro de seu universo, temos acesso ao seu próprio ser. Sem esse conhecimento, ficamos na periferia da pessoa do migrante, girando em círculo, ao redor dele. Ao contrário, o mundo do missionário e aquele do migrante devem juntar-se, eliminando o relacionamento de um para o outro para nos relacionarmos juntos, caminhando juntos. Por isso, além de exercer o apostolado entre os migrantes internos, o grupo começou a dedicar-se ao estudo do fenômeno migratório, fazendo viagens para diversos estados do país, aplicando questionários preparados por sociólogos, em trens, estações e hospedarias de migrantes.

Fizemos a primeira viagem

Em 1968, a Hospedaria para Migrantes no bairro do Brás, em São Paulo, estava com a capacidade de acolhida sempre esgotada, com migrantes internos do Nordeste do Brasil que viajavam para o Sul para trabalhar, especialmente, nas colheitas de café.

A Hospedaria para Migrantes, era mantida pelo governo do Estado de São Paulo que fornecia passes para viagens em trens para que as pessoas com destino ao interior de São Paulo ou retornar às terras de origem. As pessoas portadoras desses passes, viajavam na segunda classe, em vagões equipados com bancos de ripas de madeira. Com esses passes fornecidos pelo governo, um grupo de 9 seminaristas, nos aventuramos a acompanhar os migrantes até à cidade de Monte Azul, ao norte de Minas Gerais, incluído no “Polígono da Seca”.

Embarcamos no trem, na Estação da Luz, em São Paulo. Um

sacerdote viajava conosco, coordenando as atividades relacionadas com a pesquisa, celebrava a missa e animava as orações. Os dois vagões, de segunda classe, onde tínhamos nossos acentos, estavam superlotados com crianças, jovens e adultos. Gente humilde, sofrida e com a pele queimada pelo sol. A maioria voltava com pouco dinheiro e outros, sem nada. Pacotes de roupa e alguns utensílios de cozinha, viajavam no compartimento de cima ou disputando o lugar com os passageiros.

Nós, também, levávamos pouca coisa. Um pouco de roupa, muitos questionários para serem aplicados aos migrantes, nos trens ou nas cidades que visitaríamos. As irmãs religiosas, que faziam nossa comida no seminário, abasteceram-nos com uma quantidade razoável de sanduíches de pão e queijo, para a viagem.

O trem começou a movimentar-se às 9h, aproximadamente. O comboio era misto com vagões destinados às mercadorias e passageiros, arrastado por uma locomotiva a óleo diesel cujo barulho forte, contrastava com a baixa velocidade do trem. Entre os passageiros, havia bastante conversa, mas pouca alegria.

Não houve parada para almoço. Fomos informados que se alguém quisesse alimentar-se, podia trazer sua refeição e, quando tivesse fome, podia (se) sentir-se à vontade. Nós estávamos com o pensamento nos sanduiches. De dentro das sacolas de papel marrom, tiramos os sanduíches e os comemos ali mesmo, reservando uma parte para outra refeição.

Um fato nos chamou a atenção. Os olhos de todos os passageiros nas proximidades, estavam voltados para nós. Isso nos deixou um pouco constrangidos. Contudo, notamos que, aos poucos os grupos familiares tiravam do meio de seus pertences uma lata com capacidade de três litros, mais ou menos. Dentro dela, havia farinha de mandioca com alguns pedacinhos de carne seca. Por turno, a lata passava de mão em mão e todo o grupo familiar se alimentava, usando a mesma colher. Percebia-se que havia moderação na quantidade de comida de que cada pessoa se servia. Certamente, aquela lata deveria conter a farinha suficiente para três dias, que era o tempo de duração da viagem até Montes Claros, MG.

Ao anoitecer, o trem parou em Volta Redonda-RJ. Fomos informados que não precisaríamos desembarcar, mas que a saída para Belo Horizonte iria demorar devido à mudança de linha férrea. Enquanto alguns vagões eram puxados, ora para frente, ora para trás, até formarem o comboio que iria para a capital mineira, a fome começou atormentar nosso estômago. Sob os olhos esbugalhados dos circunstantes, lançamos mãos dos sanduíches de pão e queijo, carinhosamente, preparados pelas irmãs religiosas do seminário. Não entendíamos se era porque nós comíamos todos juntos e na mesma hora, ou se era a cor da pele branca. Além de nós, havia pouquíssimas pessoas de origem europeia a bordo do trem.

Com a demora para chegar na próxima etapa da viagem, começamos a aplicação dos questionários da pesquisa. Criou-se um clima de relativa confiança, facilitando a comunicação entre a maioria das pessoas. Foi o momento propício para iniciar o trabalho a que nos havíamos proposto, aplicando os questionários que trazíamos. Contudo, as resistências não se fizeram esperar. Algumas pessoas pensavam que éramos investigadores da ditadura militar da época, outros tinham medo de que tivessem de pagar. Havia, também, algumas pessoas esperando que as pagássemos ao final da entrevista.

Foi durante as conversas, que descobrimos o motivo dos olhares dos migrantes quando comíamos os sanduíches de pão e queijo. Diversas pessoas nos fizeram a observação:

- “Vocês são ricos!”.
- “Por quê?” Perguntei.
- “Só rico pode comer o que vocês comem.”.

Sendo de família modesta, jamais teria pensado de passar por rico, muito menos por comer um sanduíche. Os sanduíches de pão e queijo que nos catapultaram para uma classe a que todo pobre deseja chegar: a classe dos ricos. Essa observação dos migrantes, porém, revelava a miséria em que esses trabalhadores viviam. Não era a posse de um carro, de uma casa ou de um terreno que dava status à pessoa, mas um sanduíche. Por um pedaço de pão e queijo fui considerado rico.

Depois de viajar toda a noite, chegamos a Belo Horizonte, em Minas Gerais. Na capital mineira, todos os passageiros com destino ao norte do Estado de Minas Gerais e Sul da Bahia, deveriam desembarcar e depois de algumas horas, embarcar em outro trem. Enquanto esperávamos, ficamos sentados na praça à frente da estação ferroviária, e resolvemos acabar com os sanduíches que ainda nos restavam.

Logo após ao meio-dia, embarcamos em outro trem. Alguns passageiros ficaram em Belo Horizonte e outros, seguiram viagem. O carro em que viajamos era um pouco mais precário do que o anterior. Rostos com sinais de tristeza e sofrimento, era a marca registrada de quase todos aqueles migrantes.

O prosseguimento da viagem, continuou com um balanço da esquerda para a direita conforme o alinhamento dos trilhos. Como estávamos cansados, tal movimento era um convite para o sono. Ao anoitecer, alguns sentados nos bancos de ripas de madeira, ou deitados, em revezamento, outros no chão, sucediam-se os momentos de descanso.

O trem deslizava com pouca velocidade sobre a precária linha férrea. Quando parava nas estações, podíamos observar a decadência da malha ferroviária brasileira e das estações.

Exercendo diversos tipos de atividades com migrantes internos ou internacionais, constatei que é frequente a exploração dos pobres por outros, que também não são ricos, mas têm esperteza. Embora, fosse proibido qualquer tipo de comércio a bordo dos trens, existiam sempre o corruptor e quem gosta de ser corrompido para burlar as leis. Em cada parada do trem subiam diversos mascates e vendedores de objetos e produtos de pouco valor, mas que encantavam as pessoas pelo seu visual. Passavam pelo carro e mostrando aquela parafernália, faziam uma espécie de discurso, ressaltando a necessidade de que, ao voltar para a terra de origem, deviam levar algum presente para familiares e amigos. O povo simples, com pouca malícia, tem a tendência de acreditar em quase tudo e se deixa convencer com facilidade.

Diante do assédio, muitos passageiros deixavam escapar parte

do pouco que haviam conseguido com muito trabalho e sacrifícios, adquirindo objetos e produtos desnecessários.

Na estação seguinte, outros vendedores embarcavam, oferecendo produtos diferentes. Percebi que algumas pessoas que se controlavam para não gastar seu dinheiro, ficavam com vontade, também, de levar alguma coisinha para seus familiares. Astutamente, o mascate cutucava os migrantes com frases como: “todo mundo está levando alguma coisa, você não vai levar?” Outras frases subvertiam os sentimentos: “Se você não comprar isso, sua filha ou mãe vai ficar decepcionada” ou “você não gosta dela.” Enfim sob a pressão do fato que muitas pessoas adquiriam objetos e chantageados pelos discursos dos vendedores, ao chegar à cidade de Montes Claros, quase todos os migrantes tinham adquirido alguma coisa.

A escravidão nunca deixou de existir no Brasil

*E*xtenuados, com a roupa grudada no corpo revestido por uma camada de gordura, exalando odores, mas acolhendo aqueles absorvidos dos migrantes, chegamos em Montes Claros onde fomos hospedados num seminário. Por alguns dias, seria o nosso ponto de saída para visitar instituições, locais de encontro de migrantes ou fazendas relacionadas com o fenômeno das migrações internas do Brasil. A maior parte das vezes saímos dois a dois, munidos com os questionários e caderno para anotações. Tendo sido improvisado como fotógrafo, eu andava, sempre, com uma câmera pendurada no pescoço, para documentar alguma situação. Isso provocava atenção de algumas pessoas que faziam observações como: _ “Olha aquele garoto! Novo e já fazendo turismo.”

Depois de visitar lugares, entrevistar pessoas, o Padre Reitor do seminário sugeriu que fôssemos até a propriedade de um fazendeiro, amigo dele. Aceitamos. Vestindo uma roupa de vaqueiro, com um chapéu branco e munido de uma garrucha, levou-nos numa Kombi, a uma fazenda bastante afastada da cidade.

A terra parecia semiárida. Sobre áreas de vegetação rústica, pastagem meio amarelada, havia um rebanho bovino. Outras áreas estavam à espera do tempo propício para o plantio de algodão.

Pela acolhida festiva, notava-se a existência de uma grande amizade entre a família do fazendeiro e o sacerdote. Quanto a nós, causamos certa desconfiança.

A conversa entre o padre, o amigo e sua esposa, transcorria solta e alegre, enquanto nossa presença era ignorada. De fato, creio que não interessávamos a eles. Saímos da casa com o pretexto de conhecer o local. Eu e mais dois colegas, decidimos subir até o cume de uma colina, onde se erguia um velho cruzeiro de madeira, para ver o panorama. Pelo caminho, encontramos três homens que aparentavam ter 25 a 35 anos de idade. Seus semblantes eram tristes, as roupas velhas, sujas e cheias de buracos. Estavam descalços. Eram carentes de tudo, mas ricos em cortesia. Sem serem solicitados, gentilmente, guiaram-nos até o topo da colina onde havia um velho cruzeiro de madeira. De lá, podíamos descortinar uma grande extensão de terra. Não lembro de ter visto nenhuma casa a não ser aquela do fazendeiro.

Conforme ia aumentando a confiança, os três homens diziam que suas vidas eram de muito sofrimento, que não tinham dinheiro, que nunca iam à cidade, que não viam a ninguém e que só se encontravam com o patrão. Percebemos que nossa companhia lhes fazia muito bem.

Era quase hora de voltar à cidade, por isso iniciamos a descida. Passamos perto de uma “casa” de tábuas. Pensei que fosse um galinheiro abandonado. Com grande surpresa para mim, convidaram-nos para conhecer a casa. Entramos. Dentro não havia, absolutamente, nada. A conversa entre nós, acabou, pois não havia o que comentar sobre aquele lugar desolado. Finalmente, um deles em voz baixinha disse: “Eu durmo sobre aquelas duas tábuas. Nós moramos aqui. Dormimos no chão. O patrão manda a farinha para comermos.” O silêncio foi quebrado quando o mais falante disse: “A gente quer ir embora daqui, mas não tem jeito”.

Durante todo o tempo em que ficamos em sua companhia

demonstraram contentamento, sem que a tristeza abandonasse seu semblante, em nenhum momento. Contudo, manifestaram que, em hipótese alguma, desejavam que o patrão os visse conversando conosco. Por isso, não nos acompanharam até a casa da fazenda, onde éramos esperados para voltar à cidade.

Sob um regime de escravidão, os escravos quase sempre são tratados em condições sub-humanas, negando-lhes o direito à dignidade, à remuneração justa pelo seu trabalho. Direitos fundamentais, como educação, saúde, habitação digna para seres humanos e livre expressão e migração são desconsiderados. Devido às condições impostas, aos três homens era-lhes tolhido o direito até de formar uma família pela impossibilidade de se relacionar com mulheres. A solução seria a fuga a pé descalço, passando fome até a cidade de Montes Claros. O pior que podia acontecer era a reação imprevisível e cruel do patrão ao perceber a ausência dos homens em sua fazenda.

“O Brasil, último país a acabar com a escravidão, tem uma perversidade intrínseca na sua herança, que torna a nossa classe dominante, enferma de desigualdade, de descaso...” (Darcy Ribeiro)

As escravizadas pela miséria rezam

Montes Claros é a cidade catalisadora do Norte Mineiro.

Pela sua posição geográfica e por estar ligada a São Paulo, por ferrovia, era a passagem de muitos migrantes de cidades vizinhas ou do Nordeste, rumo ao Sul do país. Muitos acabavam por permanecer na cidade por falta de recursos para continuar ou simplesmente para tentar a vida ali mesmo. Julgamos que era importante visitar alguns dos municípios da região de onde procediam os migrantes. Com mais um colega do grupo, fui para Januária, uma cidade situada do outro lado do Rio São Francisco. A viagem foi feita de ônibus, em condições precárias, percorrendo uma estrada de terra cheia de buracos. O ônibus era da categoria que

o povo chama de pinga-pinga. Aliás, este termo era usado por nós, pois a população local só conhecia esse tipo de transporte sem ter outro como referência.

O motorista parava em qualquer lugar onde houvesse passageiros à beira da estrada. Poucas casinhas humildes podiam ser avistadas. A terra era coberta por uma vegetação bastante rareada, de até três metros acima do solo. Algumas vezes, parava um pouco mais onde houvesse uma pequena casa de pau a pique na qual funcionava uma vendinha onde eram oferecidos quatro ou cinco produtos, entre eles a cachaça artesanal, sempre bem-vinda, para afogar as tristezas das pessoas pobres.

Muita gente passava mal durante a viagem. Assim que o ônibus parava, os passageiros desembarcavam rapidamente, embrenhando-se pela mata para vomitar ou fazer as necessidades fisiológicas.

Pelas 17 horas, chegamos à margem do famoso Rio São Francisco de onde podíamos divisar a cidadezinha de Januária. A travessia foi feita em balsa impulsionada por força humana. Ao chegar do outro lado, procuramos a igreja. Os três sacerdotes estrangeiros nos acolheram muito bem. Tendo jejuado todo o dia, a janta veio atender, generosamente, as reclamações do estômago. Depois, nos indicaram um pequeno quarto para o pernoite. Apesar de vermos as estrelas pelos buracos do telhado e sentir a brisa que entrava pelas frestas da parede de madeira, dormimos, maravilhosamente, bem.

No dia seguinte, saímos para aplicar os questionários e visitar instituições ligadas aos migrantes. Percebemos que havia poucas pessoas andando pelas ruazinhas. O pequeno comércio primava pela ausência de clientes. As escolas estavam de recesso.

Passando em frente da prefeitura, resolvemos entrar para conversar com qualquer pessoa que encontrássemos. Fomos levados para o gabinete do prefeito. Era um homem imponente, forte e bem-falante. Fazia muitos anos que estava no poder e, mesmo quando não estivesse, tinha seu jeito de controlar o município. Com um tom de solenidade, falava das suas maravilhas

em favor do seu povo. Fazia-se passar como homem de bem como ninguém jamais poderia existir, em Januária.

Adquirindo mais confiança em nós, que ficávamos em mais silêncio por não ter a oportunidade de falar, comunicou que era dono de diversas fazendas. Suas propriedades rurais correspondiam a um terço do território do município. Dizia ter comprado as terras porque seus antigos proprietários não sabiam trabalhar. Queixava-se de que ninguém queria trabalhar para ele e que as pessoas preferiam ir para o Sul. Atribuía à carência de mão de obra, o motivo da pouca produção de suas terras. Soubemos por outras pessoas que o senhor prefeito era uma espécie de “coronel” que controlava tudo, além de ser mau pagador e ruim para com as pessoas que trabalhassem para ele.

Um grupo de poucas pessoas, entre elas o prefeito de Januária, dominava toda a região. Na verdade, elas eram a causa para que muitos agricultores migrassem para o Sul do país.

Antes de chegar em Januária, durante a travessia do Rio São Francisco, da balsa tínhamos observado que havia uma favela sobre a barranca. Com a intenção de encontrar migrantes para aplicar os questionários, fomos até lá. Ficamos surpresos de ver muitas crianças andando de pé no chão. Havia poucos adultos pelas vielas. Nos casebres, só encontrávamos senhoras bastante jovens e bem-vestidas. Eram duas ou três, em cada casa. Sorriam quando lhes perguntávamos se tinham marido. Todas nos recebiam com jovialidade. Quando saímos manifestavam um pouco de tristeza.

Como seminaristas, sem muita malícia, não nos ocorreu de perguntar-nos o motivo da tristeza deixada naquelas senhoras.

Continuamos nossa pesquisa. Depois de passar em frente de algumas casas de portas fechadas, encontramos uma, com a porta aberta e três senhoras jovens bastante bem-vestidas estavam sentadas, logo na entrada. Tinham alguns filhos bem raquíticos e mal vestidos, tristes, contrastando com a euforia delas. Não gostaram quando pedimos para responder as perguntas dos questionários, preferiam falar sobre outras coisas.

Depois de alguns minutos, resolvemos nos despedir sem fazer

a pesquisa. Contudo, elas tentavam nos entreter. Quando íamos saindo, uma delas, pôs a mão no queixo e disse em voz baixa: “tomara que Deus nos mande um homem antes da noite para dar alguma coisa de comer às crianças”.

Fazendo o caminho do retorno à casa paroquial onde pernoitaríamos, reencontramos duas senhoras de 45 anos, mais ou menos, sorrindo. Maliciosamente foram-se aproximando e uma delas disse: “Vocês foram ver as garotas do luxo, hein?”

Outra vez, a nossa ingenuidade de seminaristas nos impediu de entender o significado de “garotas do luxo”. Meio caçoando, nos informaram que elas recebiam visitas de homens para ganhar dinheiro, para viver.

Sem saber, havíamos entrado na zona vermelha da cidade. A maior parte dos barracos era habitada por mulheres que vendiam seus corpos para poder viver. A única atividade que lhes restava para dar comida aos filhos era a prostituição, e esta, estava em decadência, pois a maioria dos homens tinha ido embora. Por isso, a clientela era bem reduzida.

Quando a miséria é econômica, humana e espiritual, a pessoa mergulha na escravidão e na solidão mais profunda a que um ser humano pode chegar. Abandonadas por todos, talvez a expressão que ainda possam manifestar seja: “Senhor, Senhor, por que me abandonaste?”.

Depois de mais uma noite de descanso sob o olhar das estrelas que podíamos ver através das fendas do telhado, despedimo-nos dos padres. Voltamos a Montes Claros.

“O mal que fazemos é sempre mais triste do que o mal que nos fazem.” (Jacinto Benavente y Martinez)

Dramas sob o céu azul

A próxima etapa de viagem, teria como destino Monte Azul, nome inspirado pelas montanhas de cor azulada da região do

Polígono da Seca, onde as poucas nuvens são generosas em revelar o firmamento azul de anil e tacanhas para irrigar as terras.

Na estação de Montes Claros, havia um grupo de migrantes com destino a São Paulo. Estavam todos chateados e desconsolados. Segundo as informações, havia o consenso de que não adiantava esperar o trem, no horário anunciado na estação, porque ele sempre chegaria meia hora atrasado. Para a infelicidade de toda aquela gente, não é que naquele dia o trem chegou na hora certa? Todos ficaram na estação.

Chegou nossa vez de continuar a viagem. Embarcamos no trem que ia em direção oposta, de manhã bem cedo. Como de costume, viajávamos aplicando os inseparáveis questionários. O trem se rastejava lentamente, levantando uma nuvem de poeira. O barulho das ferragens era a música que atormentava os ouvidos. Pelo meio da tarde, assistimos ao estouro de uma boiada que invadiu a ferrovia, fazendo o trem parar. Vaqueiros com chapéus de couro, montados em seus cavalos, esgueiravam-se pela vegetação sofrida e espinhosa, tentando controlar a boiada.

Depois de percorrer 250 quilômetros, aproximadamente, chegamos em Monte Azul, cidade simpática, habitada por pessoas muito simples. Já era final da tarde. A primeira coisa a fazer foi procurar uma hospedagem. Abordamos diversas pessoas sobre a existência de algum lugar onde podíamos ficar, durante alguns dias, mas sem sucesso. Por fim, alguém disse que, na cidade havia um hotel. Caminhando uns duzentos metros, chegamos ao hotel mencionado. Na verdade, era uma casa de pau a pique com três quartos e um refeitório. No teto, não existia forro, de forma que as telhas de barro ficavam à vista. Diversas aranhas podiam ser vistas balançando em suas teias como se fossem trapézios. A proprietária era uma senhora sozinha com um filho pequeno. Morava nos fundos, onde também preparava a comida para os hóspedes.

Se a pobreza do local era grande, o espírito de acolhida era bem maior. As pessoas pobres, em geral, são um bom exemplo de acolhimento. Fomos bem recebidos. Disse que podíamos ocupar os quartos como julgássemos melhor.

Eu e um colega, ficamos no quarto do lado da rua. Nele havia duas camas com colchões feitos de uma espécie de palha, acomodados sobre uma armação de paus de árvores do local. Fiquei na cama que estava ao lado da rua. Na parede havia uma porta, mas fora de uso. Eu pensava que ela não se abriria. Contudo, numa manhã antes de levantar-se, dei umas espreguiçadas e algumas roladas de um lado para o outro. Numa dessas, não sei onde bati com o pé, a porta se abriu para fora, ficando eu exposto ao olhar dos transeuntes. Dei um salto, puxei a porta. A fechadura que meu pé tinha acionado e provocou a abertura, era uma tramela de madeira de uns 10 centímetros de comprimento, com um prego solto no meio para permitir os movimentos de fechar e abrir.

Havia poucos carros motorizados na pequena cidade, em contraste com os numerosos carros de boi. De manhã, bem cedo, escutávamos o ranger das rodas que mudavam de tom conforme o peso transportado. Julgava que deveria haver uma solução para eliminar aquele barulho prolongado mais parecido com uma melodia melancólica e chorosa. Aproximei-me de um senhor de aparência sofrida pelos ardores da vida e perguntei-lhe se não tinha uma graxa para passar no eixo do rodado do carro para eliminar o barulho:

- “Esse barulho é bom de mais, disse. Tem dias que fico horas ou até mais de dois dias carregando algodão. Nessas viagens o único barulho que ouço é esse. Se não fosse por ele, a gente enlouquecia por causa da solidão.”

Fiquei sem palavras. Quando não conhecemos a vida das pessoas é possível sugerir a solução errada para os problemas inexistentes. Do humilde e bom mineiro, aprendi que aquilo que é barulho para mim, para um irmão ou uma irmã é música e entretenimento.

Carinho e desconfiança

Os quatro ou cinco dias em que permanecemos em Monte Azul foram de muito contato com o povo local. Os migrantes

passavam por lá com destino ao Sul. Na pequena cidade havia poucas pessoas de fora. Por isso, nossos encontros foram basicamente com as famílias cujos filhos estavam trabalhando no Sul. Moravam na cidade, as crianças e pessoas acima da meia idade. Quem ficou, tirava seu sustento cultivando algodão e milho, esperando que as chuvas não faltassem. A cada ano o plantio era certo, mas a colheita, em geral, era uma decepção.

O fornecimento de energia elétrica sucedia de forma precária e irregular. Por ser uma região bastante quente, estocar comida com higiene, sem desperdiçar, era um problema sério para quem é pobre. Mesmo em processo de deterioração, consumiam as sobras das refeições anteriores. Talvez, tenha sido isso que me provocou uma diarreia terrível que, por falta das famosas “patentes da roça”, fui forçado a procurar um esconderijo nos arbustos, para fazer as necessidades fisiológicas.

O método mais comum para estocar carne por diversos dias, era comprar a conhecida carne de sol. Havia diversos lugares onde ela era exposta ao sol até formar uma tênue camada impermeável para protegê-la de larvas e bactérias. Durante o preparo ao sol, porém, um turbilhão de moscas voava e pousava sobre aquela iguaria que depois seria o alimento das pessoas. Como o cardápio no hotel consistia em arroz e carne seca com muito tempero forte, não tinha muita coisa para escolher. Lembrando o espetáculo das moscas, desistia da carne e fiquei só com o arroz, completando a refeição com água e amêndoas de coco que algumas pessoas nos traziam.

Em lugar pequeno, as notícias correm, rapidamente por meio da comunicação verbal. Como é de se esperar, a notícia que entra pelo ouvido, sai pela boca, vai para o ouvido seguinte e sai pela boca de novo, e sofre modificações consideráveis. Se uma pessoa do leste da povoação tropeçou e machucou um dedo do pé, quando a notícia, de boca em boca, chega ao oeste, a informação é que a pessoa quebrou as duas pernas.

Depois de poucos dias, a maioria dos habitantes de Monte Azul sabia que um grupo de “padres” munidos de papéis, andava falando

com as pessoas. Por causa da ditadura que governava o país, houve quem nos tomasse por agentes dos militares. A cor branca da pele, era outro fator que aumentava a suspeita. Por outro lado, as crianças gostavam de vir à frente do nosso “hotel” para que brincássemos com elas.

Apareceu outro fator de desconfiança; na mesma rua do hotel, havia dois “doutores”: um “médico” e um “dentista”. A casa onde moravam tinha espaço para consultório anunciado com uma placa de metal bastante diferente daquela dos doutores diplomados. Por exercerem a medicina ilegalmente, a nossa presença na cidade, causou-lhes preocupação. Com certeza, ficaram com a pulga na orelha por perguntarmos a um deles onde havia estudado. Desconversando, respondendo e não respondendo, dava-nos a entender que havia estudado em algum lugar em São Paulo.

A existência desses “doutores”, revelava a carência na área de saúde, nas pequenas cidades do interior dos estados, naquele tempo. Nenhum médico formado, queria exercer a profissão lá. O sonho de todo médico e dentista, mesmo aqueles nascidos no interior, era trabalhar nos grandes centros urbanos. Também, os jovens que saíam para estudar nos grandes centros, não voltavam para exercer atividades profissionais nos lugares de origem. Por isso, mesmo em situação irregular, a população estava do lado dos “doutores”. Afinal, ruim com eles, pior sem eles.

Fazendo o caminho inverso

Terminada nossa pesquisa em Monte Azul, chegou a hora de tomar o “trem de ferro”, como diziam os mineiros, e voltar para São Paulo. Creio que a nossa partida foi motivo de alegria para as pessoas que suspeitavam da nossa missão na cidade. Por outro lado, a despedida causou tristeza para as crianças que vinham na frente do hotel para brincar. Ao nos despedir, algumas vertiam lágrimas, pedindo para que ficássemos.

Fomos à estação de manhã cedo para embarcar no trem cuja

partida seria às 08.30h da manhã. Embarcamos e ficamos esperando a partida que não aconteceu no horário previsto. Foi bom para alguns migrantes que, se não fosse pelo atraso, teriam perdido a viagem. Notamos que o número de migrantes com destino a São Paulo era, levemente, menor do que na vinda. Eles estavam a caminho para tentar a sorte. Como todo migrante, impelidos pela esperança de conseguir um pouco de dinheiro para manter suas famílias no Nordeste do Brasil. Isso nem sempre acontecia. Havia um sistema perverso e escravocrata, em muitas fazendas, que os obrigava a trabalhar sem economizar, safra após safra.

Uma armadilha bem planejada funcionava, mais ou menos, assim: por não receberem o pagamento de seu trabalho ou terem de pagar as dívidas nas vendinhas das fazendas, comprava-se, anotando num caderno o produto que seria pago no final do mês. Muitas vezes, os valores eram alterados para cima, pelos administradores. Como os valores eram elevados e o dinheiro não alcançava, ficava para pagar no mês seguinte. Não conseguindo pagar, a dívida subia mais ainda. Formava-se a bola de neve. A dívida ficava impagável. Todo o ganho de mês era absorvido pela mercearia. Então, ao final da safra, o administrador vinha com a proposta: “Vou ser bom para você. Deixa o dinheiro desse mês comigo e a dívida está paga”. Dessa forma o trabalhador ia embora sem dinheiro.

A rota de volta seria a mesma da vinda, mas sem baldeação em Belo Horizonte. Viajaríamos sem desembarcar até São Paulo, tendo a preocupação de nos informar em que estação o trem pararia mais tempo. Afinal, embora com pouca comida, precisávamos usar um banheiro. Aliás, diga-se que, naquela época, os banheiros, se assim é que se podiam classificar, eram uma obra de arte. Obscenidades escritas ou desenhadas revestiam as paredes. Não lembro de ter visto piso em alguns deles. O chão era revestido de uma espessa camada de barro. Papel higiênico? Que luxo! Gente fina não viaja de trem. Homem prevenido vale por dois. Papel de embrulho e mesmo jornal, era a solução infalível. Em algumas estações, o banheiro era um cubículo com um buraco no centro sobre o qual o usuário devia

ser capaz de fazer malabarismos para se posicionar. Enquanto durava a operação relaxante, uma nuvem de dezenas de moscas, ziguezagueava, em todas as direções, entretendo o usuário com o zumbido de suas asas. Por falta de sanitários, ou por saber como eram os existentes, algumas pessoas iam se esconder de trás de alguma moita, um muro, caixões abandonados ou mesmo trens para se aliviar das pressões internas.

A bordo dos trens, não havia aquele revezamento de vendedores convencendo passageiros para levar lembranças para familiares. A ausência deles pode ser entendida pelo fato de os migrantes, indo para o Sul, não teriam dinheiro. Em seu lugar, viajavam ou para São Paulo ou até à próxima estação, os famosos quiromantes, cartomantes, adivinhos de boa sorte, rezadores e outros. Alguns recebiam as consultas, durante a viagem, fazendo previsões sobre como seria a vida nas fazendas, no interior do Estado de São Paulo. Se o cliente fosse solteiro ou solteira, a previsão podia incluir o encontro da outra metade. Inevitavelmente, a predição incluía uma pessoa bonita, rica e loira. Afinal, ninguém melhor do que eles, entendiam que pobre não tem nada e o que ele mais quer é riqueza. Logicamente, em troca das previsões otimistas, recebiam o pagamento.

Viajavam conosco, também, dois adivinhos levando seus instrumentos para fazer truques, com a mesma finalidade, na Praça da Sé ou Viaduto do Chá, em São Paulo. Perguntei a eles, por que prediziam a boa sorte para os outros se eles tinham tão pouca. Um deles, respondeu com um sorriso malandro: “Para nós não dá resultado. A sorte é quando gente fina dá um dinheiro para nós”.

“O rosto enganador deve ocultar o que o falso coração sabe.”
(William Shakespeare)

Volta e novos passos

Depois de 20 dias de viagens, encontros com migrantes, autoridades, visitas a instituições, chegamos à Estação da Luz, em São Paulo. Enquanto os migrantes foram à Hospedaria para Migrantes, no Bairro de Braz, nós fomos esperados por um dos padres que nos levou para o Seminário João XXIII, no Ipiranga, em São Paulo.

Cansados e com alguns quilos a menos, só desejávamos comer alguma coisa e descansar. Provenientes de famílias de origem italiana, no Rio Grande do Sul, viajar para Minas Gerais junto com nordestinos foi uma significativa exposição às pessoas de outras descendências, com jeito de falar, agir e interpretar acontecimentos, comidas diferentes, quando havia, e saber o que é passar muitas horas sem comer. Descobrimos um mundo bem maior e diferente do nosso. Era o Brasil que não conhecíamos.

Se o corpo estava exausto e fraco, nossas ideias e determinação de servir aos migrantes eram fortes e nos desafiavam à ação. Embora, já tivéssemos contatos e atividades com os migrantes nas favelas da capital, nosso conhecimento de suas pessoas, não era suficiente. Conhecendo o local de origem, seus costumes e, especialmente, os motivos que os impeliam para o sul do país, fez-nos sentir mais próximos e solidários, por eles. O desejo de nos lançar mais à ação, apesar de algumas restrições, ganhava força.

Sem saber, fizemos parte de um grupo de pioneiros a estudar, com seriedade o fenômeno da migração interna no Brasil, usando um instrumento de pesquisa, ou seja, a aplicação de um questionário preparado por sociólogos. Antes disso, por migração só era entendido o movimento de pessoas de um continente para o outro ou, pelo menos, de um país para outro. Não só entre os padres, mas também, entre os intelectuais havia muita resistência para classificar o movimento humano entre regiões distantes do mesmo país, como migração.

Depois de alguns encontros de reflexão, sob a orientação do

sacerdote que nos acompanhou, cada um de nós, mesmo antes de tabular a pesquisa, preparou um relatório sobre a experiência vivida naquela viagem. Em seguida, por meio de pessoas que conheciam repórteres dos jornais e televisão da cidade, convocamos uma conferência de imprensa. Contra as nossas previsões, quase todos os órgãos convidados, compareceram. Durante uma hora e meia, mais ou menos, relatamos a nossa experiência e impressões sobre a viagem com os migrantes, de ida e volta.

Ficamos surpresos com o interesse demonstrado pelos jornalistas. Além de ouvir a exposição, fizeram muitas perguntas.

Todos os jornais que destinaram repórteres, publicaram com mais ou menos destaque, a iniciativa de estudar o fenômeno migratório. Uma das surpresas foi ouvir falar um grupo de seminaristas interessados no vai e vem dos nordestinos. Somente o maior jornal de São Paulo daquele tempo não publicou nada. Uma semana depois, fez uma longa reportagem sobre o trem dos migrantes, com diversas fotos. O conteúdo do texto era o mesmo da nossa conferência de imprensa, sem citar, em algum momento o nosso grupo. Não nos causou surpresa, pois o jornal se caracterizava pela arrogância, refletindo a altitude da poderosa família proprietária, que não admitia ser questionada sobre as matérias que publicava.

As consequências daquela viagem se fizeram sentir imediatamente na casa de formação para o sacerdócio onde vivíamos e estudávamos. O entusiasmo apostólico tomou conta de quase todos os seminaristas. As atividades que já vinham sendo feitas nas favelas do Vergueiro e Vila Prudente, com a integração de outros seminaristas, foram levadas também para Sapopemba e Grajaú, na região sul da cidade de São Paulo; Vicente de Carvalho, no município de Guarujá, na Baixada Santista. Além, dessas iniciativas dos seminaristas, a Congregação assignou um sacerdote para ser o capelão da Hospedaria dos Migrantes, no Bairro do Brás.

O assunto das migrações internas ganhava espaço. A congregação dos Missionários ainda resistia, porém, era mais

tolerante. Como consequência da nova atitude, no ano seguinte, foram organizadas duas viagens de estudos: uma, ao Paraguai, para estudar o fenômeno migratório de brasileiros para aquele país vizinho e outra, para o noroeste do estado de São Paulo, pela ferrovia ligando a capital até a Cidade de Presidente Venceslau, na divisa com o estado de Mato Grosso, hoje, Mato Grosso do Sul, depois da divisão do Estado. Tendo participado na pesquisa em Minas Gerais, logicamente, preferi continuar os estudos migratórios na mesma linha. Formamos um grupo de estudantes sob a guia de um sacerdote e organizamos a viagem para o oeste do Estado.

O levantamento feito pelo grupo que foi ao Paraguai, teve uma contribuição valiosa para que a Congregação, voltasse seu olhar para os milhares de agricultores brasileiros que migravam para lá, atraídos por terras baratas e favoráveis para produção de soja e milho. Pode-se afirmar sem hesitação, que as missões no Paraguai, foram criadas a partir da viagem dos seminaristas de São Paulo.

Segunda viagem, sob nuvens carregadas

A segunda viagem de estudos das migrações internas, seria de trem, saindo de São Paulo para Presidente Epitácio, às margens do Rio Paraná, com paradas em Ourinhos e Presidente Prudente. Para a volta, planejamos sair de Presidente Epitácio com um grupo, parando em Rancharia e outro, em Assis.

Esta viagem de estudos foi realizada sob o acirramento da ditadura militar. Como expressão mais acabada da ditadura militar foi o Ato Institucional nº 5, conhecido como AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, com a assinatura no governo do general Costa e Silva. Vigorou até dezembro de 1978 e produziu um elenco de ações arbitrárias de efeitos duradouros. Foi o momento mais duro do regime. O ato deu poder de exceção aos governantes, para punir, arbitrariamente, os que fossem considerados inimigos do regime ou sob suspeita de sê-lo.

O AI-5, que autorizava o presidente da República, em caráter excepcional e, portanto, sem apreciação judicial, a: decretar o recesso do Congresso Nacional; intervir nos estados e municípios; cassar mandatos parlamentares; suspender, por dez anos, os direitos políticos de qualquer cidadão; decretar o confisco de bens considerados ilícitos e suspender a garantia do habeas-corpus.

A Câmara dos Deputados e o Senado foram fechados, permitindo à ditadura agir sem ser questionada, com autonomia para arbitrar a seu modo.

Cassações, arbitrariedades, prisões de pessoas que pensassem fora da linha do governo ou o questionassem, aplicação de torturas nos presos políticos, execuções pelos esquadrões da morte, exílios, pessoas desaparecidas, censura prévia da imprensa e fechamento de rádios e órgãos de comunicação eram algumas das ações realizadas em decorrência do AI-No.5(Ato Institucional No.5).

Na época, sob a liderança de um sacerdote, levávamos ao ar um programa na Rádio 9 de Julho, da Arquidiocese de São Paulo aos sábados à tarde. Era uma rádio muito escutada, pois, a nação gostava de ouvir o Cardeal D. Paulo Evaristo Arns, grande bispo, pastor e profeta na defesa dos direitos humanos e dos pobres. Um belo dia, chegamos à Rádio e nos deparamos que ela havia sido fechada e lacrada pelas forças da ditadura.

Sob o aspecto econômico, o AI-5, não só se impunha como um instrumento de intolerância em um momento de intensa polarização ideológica, como referendava uma concepção de modelo econômico em que o crescimento seria feito com "sangue, suor e lágrimas".

Em julho de 1969, embarcamos no trem com destino à região Oeste do estado de São Paulo, sendo que a primeira parada seria o município de Ourinhos-SP, grande centro produtor de café e cana de açúcar. Chegamos ao anoitecer. Logicamente, a primeira coisa a fazer foi procurar um lugar para pousar e restaurar as energias e iniciar as visitas e entrevistas no dia seguinte.

De manhã cedo, formamos as duplas de estudantes. Cada uma teria alguma instituição ligada aos trabalhadores rurais, creches ou

as imediações da estação ferroviária perto da qual perambulassem cidadãos nordestinos.

A cidade parecia pacata, sem vida. Havia poucas pessoas nas ruas. Tudo era calmo. As instituições comerciais estavam quase vazias. Eu e um colega do grupo, recebemos a incumbência de visitar uma creche do município.

Caminhávamos, tranquilamente, quando fomos surpreendidos pela parada súbita, ao nosso lado, de um camburão da polícia militar. Rapidamente, desembarcaram dois soldados; enquanto um abria a porta do veículo, o outro, que carregava um fuzil, ordenou que embarcássemos nele, pela porta de trás, onde, normalmente, viajam os presos. Em estado meio de choque e sem ter explicações, acomodamo-nos sentados sobre o piso do carro que era todo fechado. Sem poder ver o exterior do veículo, não tínhamos a menor ideia para onde nos levariam.

Depois de 15 minutos, mais ou menos, o carro parou. Abriram a porta e ordenaram que desembarcássemos. Com jeito de pouca amizade, nos fizeram entrar na delegacia. Delegacia? Mas, como se não fizemos nada de errado? Havia diversas pessoas sentadas. Os oficiais que lá estavam pareciam atarefados com papéis. Ficamos sentados em silêncio. Pouco conversaram conosco, e nós, com medo, tentávamos adivinhar porque nos tinham levado a uma delegacia. Na cabeça, havia muitas perguntas reprimidas e nenhuma resposta.

Pediram o documento de identidade e o levaram para a sala ao lado. Voltaram para pedir o número de telefone do seminário e sumiram. Voltavam e faziam alguma pergunta bem curta como “para que estudam? O que está fazendo aqui?” Tendo respondido que estávamos estudando o fenômeno das migrações, percebi que não entendiam nada do assunto. Era um ir e vir que não acabava mais. Em nenhum momento insinuaram que tivéssemos cometido algum crime.

Estavam procurando saber alguma coisa, mas o que seria? Não entendíamos nada do que estava acontecendo. Perceberam que trazíamos as folhas de papel com o questionário. A princípio,

queriam que lhes entregássemos todos os questionários, mas desistiram da ideia, ficando somente com um exemplar em branco.

Entre perguntas breves, momentos de silêncio e os soldados indo de um lugar para outro, ficamos na delegacia toda a manhã. Foram horas de tormento e medo. Sabíamos que muitas pessoas em São Paulo, eram presas arbitrariamente. Muitas, foram torturadas com a intenção de fazê-las dizer a “verdade” ou entregar pessoas que não iam de acordo com a linha da ditadura. Entre elas, como se sabe, houve pessoas inocentes assassinadas e desaparecidas.

Finalmente, disseram que podíamos ir embora. Perguntamos como poderíamos voltar para o local onde estávamos hospedados, pois não conhecíamos a cidade.

- “Toma essa rua e vai em frente,” informou, com autoridade, um dos soldados.

Chegamos para a hora do almoço. Informamos aos colegas e ao padre que nos acompanhava, o acontecido. Então ficamos sabendo que a ditadura militar havia cassado o prefeito da cidade. Por andar munidos de uma câmera fotográfica e os formulários de pesquisa, fomos tomados como possíveis subversivos. O termo “subversivo”, era utilizado, pelos militares, durante a ditadura de 1964, para designar pessoas, ou movimentos que não estivessem alinhados com o regime. O que havia sucedido naquela manhã deixou-nos preocupados.

“As preocupações do dia, não deixam dormir, e mais do que uma doença grave, tiram o sono.” (Eclesiástico 31,2)

Fugindo da cidade

Sobre a cidade de Ourinhos, pairavam nuvens carregadas. O povo estava sério e nada se comentava sobre a cassação do prefeito. Em recintos fechados algumas pessoas falavam meio em sussurro. Medo, receio e cautela, era o que se podia perceber.

Sem ambiente favorável para realizar a pesquisa na cidade, resolvemos sair e encontrar os migrantes nas fazendas do município. A primeira a ser visitada foi uma fazenda de café na qual trabalhavam muitos migrantes nordestinos. Num local um pouco afastado dos armazéns e residências do proprietário, administrador e capatazes, havia um conjunto de casas de madeira onde moravam os trabalhadores sazonais, durante a colheita do café. Isso nos facilitou a visita e a aplicação dos questionários. Foi lá que descobrimos a chantagem que faziam aos trabalhadores.

Na fazenda havia um armazém, estilo secos e molhados, onde podiam adquirir o que necessitassem. Como as pessoas tinham pouco dinheiro, podiam levar os produtos e o encarregado da venda anotava num caderno, dizendo que podiam levar e pagar quando recebessem o dinheiro do trabalho.

Ao chegar ao final do mês, os migrantes iam lá para saldar a dívida. Aproveitando-se da simplicidade dos trabalhadores, o encarregado havia aumentado, consideravelmente, a conta. Astutamente, falava para o cliente que não havia problema. Podia deixar para o mês seguinte.

Após o primeiro mês de trabalho, recebia o salário, e como não era suficiente pagar a dívida, esta era deixada para o segundo mês. Isso era só para dificultar a quitação da conta. Era a estratégia normal para endividar o migrante, prendendo-o na fazenda. Sem dinheiro e endividado, era obrigado a trabalhar de graça. Assim sucedia até o final da colheita, quando os trabalhos da fazenda eram encerrados e os migrantes sairiam dela para trabalhar em outra ou regressar para suas terras.

É notório que migrante, por não saber nem ler e escrever, caía na conversa dos administradores e capatazes sempre dispostos a tirar vantagem de quem é simples e inocente. A pior atitude que já vi é fazer passar a injustiça como obra de caridade e amor ao próximo. As pessoas desonestas sempre têm uma carta escondida na manga do paletó para aparentar generosidade e altruísmo.

Ao final da safra, era a vez de o encarregado demonstrar generosidade e bondade, dizendo:

- "Olha meu irmão! É muito dinheiro que você deve, mas eu vou ser bom com você. Dá o dinheiro do último mês e mais algum trocado que você tem guardado, e eu pago o resto."

Era sob o guarda-chuva dessa "bondade" que muitos vinham do Nordeste para ganhar um dinheirinho para suas famílias, mas acabavam voltando de mãos vazias. Suas famílias, no Nordeste, esperavam, com ansiedade, o pai e, muitas vezes, também a mãe, voltando com recursos para alimentar os filhos ou a avó que ficara cuidando deles.

"Ladrão: nome vulgar para um indivíduo com sucesso em obter a propriedade dos outros." (Ambrose Bierce). Os poderosos não titubeiam de chamar suas atividades perversas de "humanitárias".

Bastante chocados com o testemunho daqueles migrantes, fomos para outra fazenda. Era de propriedade de uma usina de açúcar. Ficava no meio de uma enorme plantação de cana. Havia um pequeno rio que passava ao lado. Praticamente, estava escondido debaixo de uma camada de espuma branca. Naquele tempo, não se falava em poluição ambiental ainda, mas sua existência era visível.

Não muito longe da usina, erguiam-se as pequenas casas onde moravam os trabalhadores. Embora, morando em casas simples, não fizeram menção da existência de alguma armadilha para endividá-los. Contudo, existia a venda onde faziam suas compras para pagar depois. A maioria, tinha a esperança de voltar para sua terra levando uma pequena fortuna. Afinal o sonho do migrante é quase sempre o mesmo: ir para longe, trabalhar, ganhar muito dinheiro e voltar com o bolso cheio.

Naquela fazenda da usina, perto das casas dos administradores, capatazes e outros havia a mansão dos proprietários e uma capela com um capelão; este louvava muito os proprietários porque ofertavam à igreja uma quantidade razoável de açúcar. O padre se baseava neste tipo de generosidade, para classificá-los como gente boa. Contudo, um dia o mal vem à tona. Algum tempo depois, saiu nos jornais, que naquela fazenda da usina os migrantes eram tratados como escravos.

“O trabalho é a melhor e a pior das coisas: a melhor, se for livre; a pior, se for escravo.” (Émile-Auguste Chartier)

Rumo ao Oeste, nada fácil

Terminada a primeira etapa da viagem proposta, sem pensar nos perigos que poderíamos enfrentar, embarcamos no trem, com destino ao noroeste do estado de São Paulo. Quase todos os passageiros eram migrantes nordestinos com destino às fazendas. Vestiam roupas bem surradas, seus rostos eram tristes, mesmo quando sorriam, e a pele queimada pela exposição ao sol.

Muitos deles, eram conformados com a situação de explorados e pareciam habituados às opressões. Outros, atribuíam à vontade de Deus, as injustiças cometidas pelos capatazes e patrões; frutos da falta de conhecimento dos valores evangélicos, da justiça e da honestidade, transformam-se em aliados dos exploradores pela cumplicidade ou silêncio. A religião sem ligação com a vida, transforma-se em força alienante. Infelizmente essa era a realidade religiosa de muitos migrantes.

Pelas carências, de toda sorte, que envolviam os migrantes, a tendência era fazer passar o trabalhador, por ladrão, caso alguma coisa viesse a faltar. Se fosse patrão ou alguém que o representasse, e não pagasse o salário justo ao trabalhador ou usasse de pretextos para tirar vantagens, eram assumidas como parte do direito de quem manda.

Os carros dos trens, além de estarem lotados de migrantes, estavam também cheios de sofrimento causado pelas injustiças.

“Não pervertam a justiça nem mostrem parcialidade. Não aceitem suborno, pois o suborno cega até os sábios e prejudica a causa dos justos.” (Deuteronômio 16:19)

Convidados para caçar bandidos ou ser caçados?

A

O anoitecer, o trem chegou em Presidente Prudente- SP., a maior cidade do Oeste do Estado. Procuramos um hotel barato, perto do centro da cidade, de onde podíamos ir em diversas direções, à procura de locais relacionados com o fenômeno migratório.

A cidade era governada por Interventor Federal cujo partido era Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Vale lembrar que, na época, só havia outro partido o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), sem nenhuma função a não ser abaixar a cabeça para a ARENA Poderíamos classificar a situação partidária numa anedota comum da época em que havia bipartidarismo: "o partido do sim" (o MDB) e o "partido do sim, senhor" (a ARENA). A piada sugeria que não havia oposição de fato, apenas uma postura de consentimento e outra de submissão.

A presença do exército era muito forte na cidade que, durante os "anos de chumbo" foi palco de fatos deploráveis ligados às torturas, arbitrariedades e desaparecimentos de pessoas. Vale ressaltar que desde muitos anos antes, a região era dominada pelo coronelismo.

Sempre seguindo o método de sairmos dois a dois, no dia seguinte visitamos diversas instituições relacionadas com migrantes. Estes, por serem mão de obra não qualificada, eram destinados às fazendas da região onde se cultivava o café e o algodão.

O primeiro dia de pesquisa foi tranquilo, sem problemas ou incidentes. Não foi assim o segundo dia. Outro episódio, parecido com aquele de Ourinhos, aconteceu em Presidente Prudente. Desta vez, também de manhã. Passando, despretensiosamente, na frente de um quartel com um colega, fomos parados e "convidados", autoritariamente, a entrar.

- "O general quer conversar com vocês!", disse um dos

soldados que estava à entrada do portão.

Ordenou que o acompanhássemos sob o olhar de outros soldados. Esboçando um sorriso de pouca amizade, fomos guiados para o segundo andar do edifício principal do quartel. Um senhor fardado, forte e imponente, esperava-nos, sentado à uma escrivaninha bastante grande e nobre. Era o general. Ao seu lado direito, estava um soldado, imberbe, mas que dava aparência de ser feliz junto àquela imponência.

Foi uma sessão de muitas perguntas, intercaladas com lições tiradas do manual da recém-introduzida matéria nas escolas, “Educação Moral e Cívica”. Lógico, não faltavam louvores ao ditador, General Artur da Costa e Silva, a quem dava o título de “pai dos brasileiros”.

As perguntas visavam descobrir se éramos de tendência comunista. Para isso, contava com a ajuda de seu jovem assessor que, supostamente, deveria ser versado sobre o assunto temível, o comunismo. Por sorte, eu já era formado em Filosofia e Educação. Tendo estudado as ideologias e o manual de Educação Moral e Cívica, conhecia bem as matérias. Diante dos disparates que o menino falava e as perguntas infantis, senti que o sangue circulava mais quente no meu rosto. Criei coragem e falei:

- “Eu sou formado pela Faculdade de Filosofia, na qual se estudam também os pensamentos comunistas, socialistas e muitos outros. Portanto, posso me posicionar contra ou favor, porque conheço. Desculpe, mas pelas suas perguntas e colocações, tenho a impressão de que você não estudou esses assuntos”.

Um clima de constrangimento tomou conta do general e de seu assessor. De minha parte, só mais tarde, pensei como aquela intervenção de enfrentamento podia ter comprometido a minha vida. Responder a uma autoridade militar durante a ditadura, geralmente, acarretava consequências brutais.

Desde criança, fui educado a colocar-me sempre sob o olhar de Deus, antes de sair de casa para a escola, brincar ou ir à igreja. Creio que nesse dia, dei um bom trabalho ao Criador que não deixa sozinho quem tem nele fé.

Depois de muitas perguntas, deixaram-nos ir. Antes de chegarmos à rua, o soldado que me barrou para fazer entrar no quartel e mais alguns, nos convidaram para ir com eles no dia seguinte, à caça de bandidos, pelos matos da região. Meio desconfiado, disse que para me afastar do grupo tinha de falar com o sacerdote que nos acompanhava.

- “Então, vocês vão e falem com seu superior. Voltem à tarde para combinar a saída”, disse o soldado.

Retornei ao hotel para o almoço. Narrei o que havia sucedido. O sacerdote sugeriu que não voltássemos ao quartel.

À tarde, daquele dia, fomos visitar uma creche com muitos filhos de nordestinos. Havia uma programação especial com a participação dos pais. Era uma ocasião excelente para colher informações para nossa pesquisa.

Tudo ia bem até o meio da tarde, quando chegaram dois soldados do exército. De imediato reconhecemos aquele que nos fez “visitar” o general no período da manhã. Como não fomos ao quartel dar uma resposta, eles vieram buscá-la.

Abordaram a mim. Seguindo a orientação do sacerdote, respondi que não iria. Expliquei que estávamos estudando o fenômeno migratório e que o grupo não tinha o objetivo de “caçar bandidos”. Com argumentos, nada convincentes, tentaram persuadir-me. Ficaram, visivelmente, contrariados com a negativa e foram embora.

Voltamos ao hotel para a janta e pernoite. A proprietária nos recebeu apreensiva e nos informou que dois agentes do exército tinham ido lá, levantar nossas fichas e a fizeram abrir os quartos para ver o que tínhamos junto dos nossos pertences. Verificamos e, de fato, alguém tinha revirado tudo.

A proprietária do hotel, deu a entender que desejava nossa saída. A coitada estava bastante traumatizada e temia alguma coisa. Pessoas conhecedoras das ações militares aconselharam-nos a sair de lá o mais depressa possível.

Bastante assustados, tentamos dormir, da melhor maneira possível aquela noite. Decidimos levantar-nos cedo e ir à estação

ferroviária para embarcar no primeiro trem, com destino à cidade de Presidente Epitácio-SP.

A pessoa que não desenvolve o pensamento se enche de autoridade e arrogância. Esta é uma das características das ditaduras.

Esses dois eventos ficaram registrados, causando, posteriormente, transtornos constrangedores e desnecessários. Cada vez que eu precisasse de um documento para conseguir a residência em outro país e o governo pedisse para apresentar um atestado de antecedentes criminais, os acontecimentos de Ourinhos e Presidente Prudente eram mencionados como tendo sido suspeito de participar em grupos subversivos. Por conta disso, foi muito difícil conseguir a residência no Canadá. Sobre este assunto falarei mais adiante.

“O período de maior ganho em conhecimento e experiência é o período mais difícil da vida de alguém”. (Dalai Lama)

O Oeste ainda não é aqui

Embarcamos no primeiro trem, com destino a Presidente Epitácio, pelas 7h ou 7h30 da manhã. Metaforicamente, dizemos que os sentimentos ficam “carregados” diante da vivência de certas experiências. Decepção, raiva, medo, dúvidas, desconfiança e incerteza tomaram conta de meu ser. Os sentimentos são de tipo espiritual. Por sorte, por espírito entende-se uma substância não-corpórea em contraste com o corpo material. Se não fosse assim, nossa bagagem talvez não coubesse no trem. Por isso a viagem foi de pouca conversa, mas de bastante oração.

Nunca entendi o motivo, mas o fato é que em Presidente Epitácio fomos acolhidos festivamente. Logo depois da chegada, fomos recebidos na prefeitura. O prefeito não estava. O secretário, muito bem-falante, fez às vezes do prefeito. O padre da paróquia,

também, de conversa solta, puxando mais para o lado de garganteador, estava lá. Demonstrava ter livre passagem na prefeitura e em muitas instituições da cidade. Sua familiaridade com a polícia local parecia ser calorosa.

Outras pessoas se juntaram no gabinete e demos início à conversa sobre a questão das migrações. O chefe da polícia também estava presente.

Presidente Epitácio, localizada às margens do Rio Paraná, era o fim da linha de trem. Não havia transporte ferroviário ou rodoviário ligando a cidade ao estado de Mato Grosso (Mato Grosso do Sul, depois da divisão). A travessia do rio ainda era feita por balsa. Quase todos os migrantes ficavam nos municípios anteriores, pois neles o setor agrícola era mais desenvolvido.

Porque saímos cedo de Presidente Prudente, não tivemos tempo para tomar o café da manhã. O estômago já reclamava bastante. Pensávamos dar um trato nele, procurando uma lanchonete onde fosse servido um dos sanduíches preferidos, o conhecido Bauru.

Finalizada a conversa, perguntamos se havia alguma lanchonete por perto.

- “Ah! Não precisa se preocupar. Deixa por nossa conta”, disse alguém dos bem-falantes.

O padre, muito animado e conversador, parecia ser o organizador. Fomos os convidados de honra daquela turma. O local do almoço foi no melhor restaurante da cidade. Lembro que serviram um bife com osso, enorme e suculento. Fez-nos muito bem, pois desde o início da viagem não havíamos tido uma refeição completa.

Com as energias recuperadas e o estado de espírito mais aliviado, fomos dar uma olhada no Rio Paraná. Até aquele momento, não havia visto um rio tão largo e com tanta água. Bastante descontraídos, pelo álcool de algumas cervejas, a conversa parecia mais espontânea. O padre e o chefe de polícia, catalisavam os assuntos relacionados com os bandidos da região. Expressavam, despidoradamente, sobre suas atitudes truculentas e ferozes para

com os suspeitos ou procurados pela polícia. Usavam muito a expressão que havíamos ouvido em Presidente Prudente, “caçar bandidos”. Percebemos que, na verdade havia um grupo de “caçadores”. Esse grupo, era formado por policiais e outras pessoas proeminentes da cidade, entre elas, o padre. Diziam que saíam durante a noite para “caçada”. O lado perverso era que aquele grupo se arrogava o direito absoluto de procurar alguma pessoa suspeita de crime ou não, como uma caça esportiva. Não ouvimos a menção a algum juiz que tivesse dado ordem de prisão.

“A visão distorcida da realidade coloca no prepotente a arrogância, onde deveria existir a humildade de ser ignorante e mal-educado.” (Marinho Guzman)

O desejado caminho do regresso

“Viva seguindo seus ideais, é isso que leva você de volta pra casa... e lembre-se, tente sempre voltar pra casa.” (Felipe Ribas).

Embara eu tivesse objeções quanto ao sistema de internato, distanciando os jovens da família e do povo, para formação de sacerdotes, a viagem de volta para o seminário era bastante auspiciada. Afinal, era naquele ambiente onde crescímos em maturidade. Conscientizei-me de que a comunidade, por mais problemática que ela seja, é uma necessidade. Para crescer não existe nada melhor do que amigos e colegas com quem confrontamos ideias e partilhamos experiências e projetamos o futuro.

Começamos a volta para São Paulo sobre a mesma ferrovia. Não pararíamos em Presidente Prudente e nem Ourinhos. Ao invés, dividimos o grupo em dois: um faria uma parada em Assis e o outro, em Rancharia. Eu fiquei com o grupo com estadia na cidade de

Assis.

Embarcamos em Presidente Epitácio, com poucos migrantes no trem. Raros eram também os passageiros que embarcavam nas paradas seguintes. O motivo era atribuído ao tempo de colheita. Os migrantes estavam tentando ganhar algum dinheiro trabalhando nas fazendas.

O trem em que viajávamos chegou a Assis pela tarde. Como não tínhamos nenhum lugar pré-estabelecido para nos hospedar, procuramos alguma instituição da Igreja. Alguém da cidade disse que havia “a casa dos padres”. Fomos até o lugar indicado. Era um seminário do PIME (Pontifício Instituto para as Missões Estrangeiras), instituto de sacerdotes italianos dedicado às missões. Apresentamo-nos como seminaristas e nos acolheram bem. Por ser tempo de recesso escolar, não havia seminaristas na casa.

Na mesma tarde da chegada, depois de hospedados, procuramos locais onde pudéssemos encontrar migrantes, mas não tivemos muito sucesso. Estavam esparramados pelas fazendas do município e moravam nos alojamentos fora da cidade.

De regresso para a janta e pernoite, tivemos a oportunidade de conversar um pouco com os sacerdotes. Explicamos que estávamos fazendo um estudo sobre o movimento migratório dentro do Brasil. Acharam estranho o estudo sobre o fenômeno migratório interno, tendo como objetivo conhecer as causas das viagens dos nordestinos. Para os padres, migrantes eram os estrangeiros vindos ao Brasil. Os nordestinos eram brasileiros e não poderiam ser considerados como migrantes dentro do próprio país. Causou admiração, também, o fato de que o estudo fosse feito por seminaristas. Imperava a ideia de que estudantes para o sacerdócio devem preocupar-se com as coisas espirituais e da religião, somente.

O motivo da falta de conhecimento do fenômeno migratório por parte dos padres podia ser atribuído à abertura da Igreja para as pastorais sociais que estava apenas iniciando. Com certeza, já se fazia trabalho migratório no Brasil, mas a Pastoral para os Migrantes, assumida oficialmente, sucederia, só mais tarde, com a

criação do SPM (Serviço de Pastoral para Migrantes) surgido em 1984 e oficializado, aos 31 de outubro de 1986 pela CNBB.

A ausência de migrantes na cidade e, um pouco de medo de ser “convocado”, mais uma vez, para uma “entrevista”, por algum oficial da polícia militar ou do exército, na manhã seguinte, depois de agradecer a acolhida generosa dos padres, fomos à estação ferroviária com a intenção de pegar o primeiro trem com destino a São Paulo. Seria a mesma composição que vinha de Rancharia onde tinham ficado nossos colegas. Coincidiu que os dois grupos se encontraram no trem, em Assis. Assim, viajamos juntos para São Paulo.

“Um homem percorre o mundo inteiro em busca daquilo que precisa e volta à casa para encontrá-lo.” (George Moore).

Retorno dos heróis? Acolhida com preocupação

Julho de 1969 foi um mês de diversas experiências significativas. Os formadores, em sua maioria, apoiavam a abertura pastoral migratória para os seminaristas. Alguns se limitaram a respeitar e não atrapalhar. Contudo, não faltavam aqueles que se opunham, radicalmente, às mudanças na Congregação.

Animava muito o sucesso, embora lento da pressão exercida para que a formação dos futuros sacerdotes visasse mais a inserção na sociedade. Boa parte dos formadores até então meros observadores passaram a ser solidários e, até, assumiram a liderança, promovendo excelentes avaliações para melhorar nossas atividades.

O grupo que havia ido para o Paraguai, já estava de volta. Faltávamos nós. Os colegas sabiam que voltaríamos nas primeiras horas da noite. Como de costume, a maioria se reunia na frente do seminário depois da janta. Naquela noite, havia bastante expectativa sobre nossa chegada. Sem que soubéssemos, a polícia militar de Ourinhos e os integrantes do batalhão do exército de

Presidente Prudente haviam ligado diversas vezes, pedindo informações a nosso respeito.

Conhecedores das ações da ditadura, os formadores do seminário ficaram bastante preocupados com aquelas inusitadas ligações. Como, naquela época, o acesso ao telefone era ainda um privilégio, não houve a intenção de ligar para o seminário para dar notícias nossas, durante a viagem. A única coisa que souberam, era que alguns tinham sido levados para depor diante da polícia militar, que não era só polícia, mas fazia parte do sistema de repressão e controle, da ditadura.

Apesar da experiência inusitada, a disposição dos dois grupos de pesquisadores era de continuar abrindo as portas para a Pastoral Migratória, incluindo os migrantes internos.

“Abomino as ditaduras de todo gênero, militares ou científicas, coroadas ou populares.” (Rui Barbosa)

Parte III

ÀS VEZES, NOSSA VIDA É COLOCADA DE CABEÇA
PARA BAIXO, PARA QUE POSSAMOS APRENDER A
VIVER DE CABEÇA PARA CIMA

(Max Weber)



Da gramática para a prática

A experiência nos ensina que as grandes realizações são possíveis, graças aos pequenos passos dados no começo de qualquer projeto. Sem o primeiro, nunca existirá o milésimo passo. Apesar de nossa pressa de exigir que a Congregação se abrisse para atender aos migrantes internos do Brasil, tudo teve seu começo com a participação de um pequeno grupo de seminaristas cheios de idealismo. Era a ESMI (Equipe Scalabriniana Missionária), mais tarde substituída pelo Centro de Estudos Migratórios de São Paulo.

Infelizmente, o Centro de Estudos Migratórios, dedicou-se exclusivamente ao estudo, quando era esperado que apoiasse a Pastoral. Foi quando, um dos seminaristas do grupo, interrompeu os estudos de Teologia, fundando a Associação dos Voluntários pela Integração do Migrante (AVIM) uma organização com a finalidade de alfabetizar e capacitar migrantes para o trabalho.

As viagens de estudo e o contato direto com migrantes nas regiões de origem e de destino, forneceram dados importantes para entender o fenômeno, na teoria e vivenciando-o aqui-agora. As três viagens empreendidas pelos seminaristas, a primeira para o nordeste do país, a segunda para o oeste do estado de São Paulo e a terceira para o Paraguai, sob a orientação de um dos sacerdotes formadores, consolidaram, na prática, o processo definitivo da abertura da Congregação dos Missionários de São Carlos para o fenômeno das migrações internas num país de dimensões continentais.

As bases estavam lançadas. O entusiasmo apostólico e o desejo de assumir a causa dos migrantes internos, praticamente, tomou conta da vida, no seminário. Quase todos os seminaristas se engajaram em atividades pastorais em paróquias ou regiões onde havia presença de migrantes com destaque para as favelas do Vergueiro(extinta) e Vila Prudente, onde iniciamos a dar catequese.

Merecem destaque duas regiões da cidade de São Paulo onde dois grupos de seminaristas implantaram um modelo de ação

missionária, original para a época. Trata-se das regiões conhecidas então por Grajaú e Sapopemba. Nelas foram criadas comunidades com participação ativa do povo. Os grupos se reuniam com os seminaristas, para a meditação do Evangelho, aplicando-o à vida. Igrejas e salas começaram a surgir com o envolvimento do povo. As comunidades surgiram espontaneamente, fora da estrutura institucional.

Os dois padres assignados à região, não moravam nas dependências das pequenas igrejas, mas numa casa comum no subúrbio do Grajaú. A partir de então, a região foi elevada à instituição de paróquia, mas sem que houvesse uma sede específica ou uma igreja-mãe ou matriz. Por praticidade, a pequena atividade burocrática era feita na casa dos padres, onde também ficavam hospedados os seminaristas que exerciam as atividades pastorais e apostólicas nos finais de semana.

Sob a liderança de um dos nossos colegas, surgiu a AVIM (Associação de Voluntários para a Integração do Migrante) que visava a inclusão dos migrantes brasileiros, oferecendo cursos profissionalizantes de secretariado, datilografia e outros. A região de Sapopemba era onde os trabalhadores mais se beneficiavam das atividades da Associação.

Com o passar do tempo, a população foi crescendo. As autoridades eclesiásticas decidiram transformar as comunidades, em paróquias com toda a estrutura institucional. Por fim foi criada uma diocese na região sul de São Paulo, o que significou a institucionalização total, com a consequente perda do sentido comunitário.

Algumas décadas depois, a Igreja entra em sua primavera com três documentos importantes para a construção do Reino do Pai ainda neste mundo: Documento de Aparecida (CELAM, 2007); Exortação Apostólica, Evangelii Gaudium, Papa Francisco, 2013; Comunidade de Comunidades: Uma Nova Paróquia, CNBB, 2014.

Os estudantes de Filosofia e Teologia do Seminário João XXIII, sob a luz do Concílio Vaticano II e o Documento de Medellin, muito tempo antes, já levavam à prática as grandes linhas pastorais e

missionárias dos documentos recentes.

“O tempo é sempre certo para fazer o que está certo.” (Martin Luther King)

Na reta final de uma etapa

O longo caminho da formação estava terminando. O mês de janeiro de 1971 marcava o início da última etapa, da longa caminhada formativa para o sacerdócio. Com a dedicação ao estudo da Teologia, engajamento na Pastoral com os Migrantes, experiências de diversos tipos, dificuldades vencidas e, sobretudo, amor pela missão eram uma riqueza que me colocaram sobre uma pista de decolagem em velocidade sem retorno. “Agora, é vai ou racha”, como se diz, popularmente. Foi uma etapa em que precisava dar tudo de mim mesmo, saber superar-me, com a certeza deque haveria muitas pedras para tirar do caminho que conduzia a um ideal.

- a) “Vocês precisam se sustentar”.

Existem diversas atitudes sem as quais eu não saberia viver: curiosidade e vontade de superar desafios. A esses dois fatores, devo o sucesso em muitas coisas e o fracasso em outras. Fico feliz com todo o bem que experimentei, mas sinto-me bem também, de assumir a derrota diante de certos desafios que não pude superar. O motivo é simples. Jamais um fracasso me fez desistir sem deixar-me um ensinamento para a vida. Se existe caminho na frente é porque é possível percorrê-lo. Se não existe caminho, é preciso desbravar e fazê-lo.

O período de 1971-1974, representou a última etapa da formação específica para o sacerdócio com o estudo da Teologia.

Ao mesmo tempo que os superiores olhavam para nós com esperança, principalmente porque o nosso grupo era numeroso, manifestavam preocupação devido ao nosso espírito criativo,

inovador e arrojado associado e à união entre nós mesmos. É fato que até o dia de hoje, constituímos o maior grupo de padres brasileiros ordenados na Congregação dos Missionários de São Carlos.

Depois de um ano de magistério em 1970, iniciamos o ano de 1971, com uma novidade: ganhar a vida no seminário. Sob as ideias exigentes do ecônomo da Província São Paulo, que incluía os estados do Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo, os seminaristas, além de nos formar, deveríamos nos envolver também, em alguma atividade remunerada para pagar os estudos, gastos pessoais e comida. O problema era como conseguir isso. Tendo um emprego fora de casa? Nem pensar. Não era permitido, talvez, por receio de que deixássemos os estudos em segundo plano ou por medo de que fosse uma porta aberta para abandonar o seminário.

Tendo um diploma universitário que me qualifica como professor, fui pedir informação numa escola, mas como o ano letivo já havia iniciado, não havia vaga para outro professor. Mesmo que houvesse a possibilidade de lecionar naquela escola, havia a impossível conciliação e os horários da escola e a programação do seminário.

Não tendo muitas alternativas, formamos um pequeno grupo de seis estudantes para ver de onde podíamos tirar algum dinheiro. Por sorte, o mesmo padre que exigia que ganhássemos nosso sustento com algum trabalho, sugeriu que falássemos com o sacerdote de uma igreja onde milhares de velas eram queimadas mensalmente. Sem muita esperança, fomos conversar com ele. O padre não só gostou da ideia como nos incentivou e nos emprestou o dinheiro para comprar a matéria prima que consistia, basicamente, de parafina e barbante.

Faltava o equipamento. Alguém do grupo já tinha visto que no orfanato próximo do seminário, havia uma caldeira e uma plataforma para mini velas, abandonadas. Falando com o diretor da Instituição foi dada a permissão para que as levássemos e fizéssemos uso do equipamento.

Como éramos seis, formamos duas equipes de três estudantes,

cada uma. Cada trio trabalharia uma hora e meia por dia. A pequena indústria prosperou. Além de pagar nossas despesas, menos a escola, ampliamos a produção com a compra de mais uma plataforma para velas pequenas e outra, para velas com sete dias de duração.

Sob a orientação dos superiores, nomeamos um ecônomo com o papel não só de receber e fazer pagamentos, mas também, administrando o dinheiro para cada um de nós e colegas do mesmo ano, do curso de Teologia, com que pudessem ser independentes para seus gastos pessoais, vestuário, viagens e férias. O esquema funcionou durante os quatros anos de estudos teológicos. Administrando bem o dinheiro, foi possível economizar o suficiente para pagar todas as despesas com a ordenação ao sacerdócio.

Em que serviu essa experiência? Para o ecônomo, certamente, foi importante porque aliviamos seus gastos. Nossa maior conquista foi ter uma oportunidade para criar, organizar, trabalhar em equipe, aprender a administrar e desenvolver a virtude da generosidade na partilha com os colegas.

“Pequenas oportunidades são, muitas vezes, o começo de grandes empreendimentos.” (Demóstenes)

b- A estrela continuou a brilhar com luz mais intensa.

“Não se pode criar experiência. É preciso passar por ela” (Albert Camus). Experimentar para sentir no próprio ser, o que significa provar uma comida nova, estudar um assunto novo, aprender palavras esparsas de diversas línguas, ler histórias de países longínquos constituía um divertimento para mim.

Entrando para o estudo da Teologia, a preocupação que rondava a minha cabeça era: “como posso praticar isso com o povo?” Ter conhecimentos intelectuais, certamente, é bom, mas atormentava a famosa expressão “know how” (conhecer como), significando a execução prática. Certo ou errado, pensava que o estudo da Teologia no seminário não correspondia às exigências da pastoral. Por isso iniciei uma busca frenética de conhecimentos em

cursos relacionados com Comunicação, Sociologia e Psicologia, administrados por alguma instituição. Uma ou duas vezes por semana, saía à noite para fazer cursos, tendo recebido 17 certificados de aproveitamento ou participação. Serviram para me convencer quão pouco eu sabia e contínuo não sabendo.

Contudo, a preocupação que me assediava era onde e com quem poderia exercitar a prática da Teologia?

A percepção de que a Teologia, após o Vaticano II, estava numa encruzilhada, era real. Para mim o dilema da formação teológica deveria constituir-se num cabedal de conhecimentos capacitar o padre, ligado ao culto e às coisas relacionadas com a prática religiosa ou, deveria capacitar os candidatos ao sacerdócio, para estar com o povo, sendo agentes de pastoral e construtores de comunidades?

Na organização da pastoral de final de semana dos seminaristas para o ano de 1971, surgiu uma oportunidade única: deslocar-me de São Paulo para o distrito de Vicente de Carvalho, no município de Guarujá, na Ilha de Santo Amaro, a uma distância de 130 quilômetros da metrópole. O acesso ao distrito, incluía atravessar a cidade de Santos, fazer a travessia do canal do porto numa balsa, quando viajássemos de carro. Quando a viagem fosse feita de ônibus, embarcávamos numa lancha cujo ponto de partida estava próximo à estação rodoviária de Santos.

O povo de Vicente de Carvalho, como hoje, era simples, acolhedor e religioso. No distrito só havia um trecho de asfalto com menos de mil metros de extensão, ligando a estação das balsas até a praça 14 Bis. Os poucos carros que transitavam pelas ruas de areia eram todos velhos. Os sessenta mil habitantes, na sua quase totalidade, vinda dos Estados do nordeste do Brasil e Minas Gerais, moravam em casas humildes e de madeira. A maior parte dos homens trabalhava no porto de Santos, enquanto as mulheres se dedicavam aos afazeres da casa ou exerciam atividades para as famílias, em Santos e Guarujá.

Era impressionante o número de crianças e mulheres caminhando pelas ruas. Diziam que o distrito estava cheio de

mulheres grávidas, crianças e bicicletas. Sendo assim, era de se presumir que a juventude também devia ser muito numerosa.

Aos domingos, à tarde, havia uma proliferação de grupos de pagodeiros que se reuniam na frente dos pequenos bares. Cantos em ritmo de samba, acompanhados de violão, atabaques e tambores, tomavam conta dos ares. Era a única diversão para os homens. As mulheres saíam para visitar amigas ou conterrâneas. A jovialidade e a alegria eram as tônicas daquele povo bom, pobre e trabalhador.

Não havendo diversões, o uso excessivo do álcool, principalmente nos finais de semana, era a causa de muita infelicidade familiar.

Sob o aspecto religioso, desde os primórdios, o distrito foi atendido pelos padres carlistas-scalabrinianos. O primeiro missionário enviado para lá, foi um padre baixinho, sempre sorridente. Como não havia onde morar, os padres da paróquia de Guarujá, emprestaram-lhe um cubículo no campanário da Igreja, onde pernoitava. Todas as manhãs, tomava o trenzinho que transitava entre Guarujá e a estação de onde, ainda hoje, saem as lanchas para Santos. Assim ao distrito de Vicente de Carvalho.

Diligentemente, o padre baixinho, foi colecionando partes de bicicletas velhas ou abandonadas até conseguir montar seu veículo de duas rodas para locomover-se pelas ruas arenosas.

Havia uma pequena igreja e muito pobre. Com a vinda de outros padres, foi ampliada. Além disso, foram criadas outras comunidades no distrito. As missas eram celebradas nos quintais das casas, até serem adquiridos terrenos para a construção de capelas com suas salas de catequese. No ano 1971, eram sete locais onde as pessoas se reuniam. Hoje são mais de 20 são duas paróquias no distrito.

As plantas crescem quando as raízes sugam os nutrientes da terra boa.

Crescimento na humildade.

Um dos ditados populares mais conhecidos é: “As aparências enganam”. O fato lamentável, talvez, seja que muitas pessoas gostam de ser enganadas. Ficam na superfície, sem tomar conhecimento do que está oculto. Outro ditado brasileiro, também popular, que revela sabedoria, é tirado da nossa natureza: “Onde tem piranha, onça toma água com canudo”. O mundo das aparências ou a falta de uma visão mais abrangente se faz real, nas coleções fotográficas e nos espelhos. Tanto a fotografia como o espelho mostram a superfície das coisas e das paisagens que podem ser vistas à certa distância.

Os fundamentos de catedrais maravilhosas e de edifícios de arquitetura deslumbrante, não são visíveis nas fotos. Nos panoramas de paisagens, de cordilheiras e florestas, a riqueza oculta é de uma abundância avassaladora. Infelizmente estamos habituados a olhar o mundo, partindo de nossas torres de observação. Se quisermos conhecer as maravilhas invisíveis desde as alturas, urge descer das torres e caminhar no chão. Lá é onde a história se faz.

O distrito de Vicente de Carvalho, no município de Guarujá, no estado de São Paulo, não tinha nada de turístico para atrair visitantes. A riqueza de seu povo humilde não seria percebida com uma visita durante a qual se vê, mas não se conhece, observa-se, mas não se experimenta.

Nutro um carinho muito profundo por Vicente de Carvalho. Muito mais do que ter carinho por aquele distrito, aprendi a amar seu povo, principalmente, a juventude e a comunidade Nossa Senhora Aparecida, do bairro Pae Cará. Se isso era, e ainda é verdade de minha parte, mas creio que do povo também, testemunho que me senti envolvido pelo acolhimento simples e espontâneo das pessoas.

Nos anos setenta, era difícil encontrar adultos nascidos no distrito. Os Estados de origem da maioria, eram: Minas Gerais,

Ceará, Pernambuco e outros Estados do nordeste com suas fisionomias características. Apesar de ser gaúcho descendente de migrantes italianos, cor de pele branca, falando português carregado, espontaneamente, proporcionaram-me espaço humano que me dava a sensação de ser parte de uma comunidade. A humildade no povo não era sinônimo de pobreza, embora pobre, mas de vida simples, descomplicada, de casas com as portas sempre abertas para receber visitas jovialmente.

Esse era o ambiente onde exerci a experiência pastoral durante os quatro anos de estudos teológicos no Instituto Teológico São Paulo, de 1971-1974.

“Amar é acolher, é compreender, é fazer o outro crescer”. (Zilda Arns Neuman)

Semente e terra, uma opção

Com frequência, escutamos frases nas quais se diferencia a prática e a gramática, ou seja, o conhecimento teórico e a sua execução. A preocupação que vagava pela minha cabeça e de meus colegas, estava em linha com o pensamento do Concilio Vaticano II, indicando que os padres deveriam deixar a sacristia para ir ao povo. Certamente, foi uma passagem crucial de ir de uma posição da qual se fala ao povo com quem não se convive, para a de falar com o povo, convivendo nele. As viagens de estudo e o envolvimento na pastoral, com populações nas favelas indicavam que o perfil do sacerdote deveria ser aquele de estar no povo, ordenado para servir o povo. A referência devia ser o Evangelho, tendo como modelo, Cristo que liberta a humanidade de seus males.

Dependendo dos interesses que temos ao olhar para o povo ou comunidades, costumamos setorizar as pessoas. O psicólogo vê as pessoas como psicólogo, o sociólogo como sociólogo, o empresário como empresário e assim por diante. E o sacerdote formado em Teologia, como vê a pessoa ou o povo? Quando falamos de padre de

sacristia entendemos alguém que cuida, primordialmente, do lado religioso da pessoa, despreocupando-se da falta de moradia, comida, educação e saúde da comunidade. Nesse aspecto surgiam as dúvidas e as contradições.

Estudando a ação de Cristo nos Evangelhos, saltava, claramente, aos olhos, que Ele cuidava das pessoas em sua totalidade. Os aspectos humanos, sociais, a saúde, a fé e perdão dos pecados estão presentes em seus milagres. Era, exatamente, para aquelas pessoas portadoras de males, que Ele encaminhava a sua mensagem com gestos e palavras.

As grandes mudanças na sociedade e a situação de miséria, exclusão e pobreza exigiam sacerdotes que tivessem conhecimentos e instrumentos para levar a Boa Nova às pessoas atingidas por esses males. Portanto, se impunha a figura de sacerdotes voltados para o pastoreio das ovelhas. Além dos conhecimentos teológicos, era necessário conhecer o terreno onde eles seriam usados. Sem querer tirar espaço à Teologia Pura, percebíamos que outras disciplinas assessorariam na ação pastoral, e que por isso, deveriam fazer parte da formação sacerdotal. Embora nem todos concordassem com essa postura, a maioria dos estudantes assumia a Teologia relacionada com outras disciplinas, o que muitos classificam como “interdisciplinaridade”.

Para mim e a maioria dos colegas, a semente a ser plantada deveria incluir o evangelho além da espiritualidade. A exigência da sintonia entre mensagem e vida surgiu de uma experiência vivida na favela da Vila Prudente, quando uma senhora magerrima, pediu que eu fosse fazer uma oração em seu barraco onde morava com um filho de cinco ou seis anos de idade. O homem com quem partilhava a miséria decidiu abandoná-la. Fazia tempo que ela e o filho não se alimentavam adequadamente. Por isso, ela pediu que eu fizesse uma oração para aliviar os sofrimentos. Ela tinha dito ao filho que rezando Deus iria tirar as dores do estomago esfomeado. Rezamos e ficamos conversando, enquanto o filho com rosto e olhar tristonhos nos observava. Olhando para o rosto da mãe e segurando seu vestido disse, colocando a outra mão no estômago: _ “Mãe, reza

de novo porque ainda dói aqui!".

A observação daquela criança induziu-me a profundas reflexões. "Dois textos do Evangelho eram minhas referências: 1)" Depois respondeu: «Voltem, e contém a João o que vocês viram e ouviram: os cegos recuperam a vista, os paralíticos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, e a Boa Notícia é anunciada aos pobres" e "feliz é aquele que não se escandaliza por causa de mim! "(Lc 7,22-23)" e 2) "Quando o Filho do Homem vier na sua glória, acompanhado de todos os anjos, então se assentará em seu trono glorioso". Todos os povos da terra serão reunidos diante dele, e ele separará uns dos outros, assim como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. E colocará as ovelhas à sua direita, e os cabritos à sua esquerda. Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita:

Venham vocês, que são abençoados por meu Pai. Recebam como herança o Reino que meu Pai lhes preparou desde a criação do mundo. Pois eu estava com fome, e vocês me deram de comer; eu estava com sede, e me deram de beber; eu era estrangeiro, e me receberam em sua casa; eu estava sem roupa, e me vestiram; eu estava doente, e cuidaram de mim; eu estava na prisão, e vocês foram me visitar'. Então os justos lhe perguntarão: 'Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos como estrangeiro e te recebemos em casa, e sem roupa e te vestimos? Quando foi que te vimos doente ou preso, e fomos te visitar?' Então o Rei lhes responderá: 'Eu garanto a vocês: todas as vezes que vocês fizeram isso a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizeram".

A enorme riqueza do Evangelho, do Concilio Vaticano II e o documento de Medellin inspiraram a Igreja a fazer a opção pelos pobres. A Semente estava em minhas mãos para ser semeada na terra fértil de Vicente de Carvalho.

Nenhum homem é uma ilha...

O poeta inglês John Donne, se imortalizou com o trecho de seu livro “Meditações VII,” “Nenhum homem é uma ilha isolada...” A feliz interação entre estudos teológicos e o entrosamento com os habitantes de Vicente de Carvalho, foi fundamental para despertar definitivamente para o tipo de sacerdócio que eu sonhava viver”. Desde jovem, surgia em minha mente o sacerdote integrado com o povo.

A Paróquia Nossa Senhora das Graças, principalmente, a comunidade Nossa Senhora Aparecida, no Pae Cará, afirmou minha visão acolhendo-me como alguém igual a todos. Tanto assim que, mais de 40 anos depois de ir para os trabalhos no exterior, para quem se lembra de mim, para aquele povo, continuo sendo o Olmes, sem título de padre, como antes de ser ordenado. Dou testemunho que isso me deixa feliz porque é o resultado de uma convivência juvenil e partilha fraterna.

Embora, enfrentando algumas resistências de mentalidade e estrutura de vida comunitária, tentava levar à prática, uma Teologia ligada ao povo. Diria que um olho estava sobre os livros e o outro, em Vicente de Carvalho. No começo, ia somente aos domingos. Depois de um ano, encontrei um jeito de me deslocar para lá, também aos sábados. Finalmente, sem aprovação explícita, muitas vezes, viajava para aquela comunidade, também às sextas feiras à tarde, regressando ao seminário, no domingo à noite.

A força da juventude consciente

Sábados e domingos eram dias intensos na matriz da paróquia, com envolvimento na catequese e na pastoral juvenil. Devido à escassez de salas, diversas atividades eram organizadas nas escolas e nas dependências da Base Aérea de Santos.

A Pastoral da Juventude, com o apoio de um dos sacerdotes, florescia de forma impressionante. Destaque era dado à formação cristã, social e humana, com palestras administradas por pessoas do

local e, muitas vezes, por gente convidada de Santos e São Paulo. Uma vez, a cada três meses, um pequeno grupo era enviado para São Paulo para participar de um curso intensivo de três dias, com o objetivo de treinar líderes jovens.

Com a adesão crescente de jovens, foi criada a Missa da Juventude às 17(horas. Apesar do horário pouco adequado para jovens, a igreja ficava lotada. Como na maior parte dos movimentos e atividades com jovens, também não faltavam pessoas que discordassem e desconfiassem do trabalho iniciado. A mentalidade era que os jovens faziam coisas erradas. Nas missas, havia duas ou três pessoas que se julgavam melhores do que as outras. Sentavam-se, no fundo da igreja com a intenção de observar possíveis “irregularidades”, para depois informar aos padres e espalhar pela comunidade.

Por contágio, os adolescentes, também, começaram se organizar com a ajuda dos jovens mais adultos, principalmente, aqueles que haviam participado nos treinamentos de líderes. Seus encontros versavam sobre temas de interesse de sua idade e sua presença transformadora da sociedade.

Com o despertar de seu papel na Igreja e sociedade, o engajamento em programas de formação cristã era muito intenso. Sendo a população pobre, um dos assuntos preferidos era a promoção humana, indicando que o estudo seria um dos meios para conquistar lugar na sociedade. Por causa das peculiaridades, a situação social em Vicente de Carvalho, os cursos intensivos de liderança, administrados em São Paulo, foram adaptados e organizados na região.

Formação dos jovens foi de grande importância para despertar bons líderes, catequistas e agentes de pastoral, para toda a paróquia. Muitos deles assumiram coordenações com competência e compromisso, ajudando na caminhada das comunidades paroquiais, colaborando para a transformação delas. Durante muitos anos, o corpo de catequistas da paróquia e comunidades tinha origem na pastoral da juventude.

*“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas.
Pessoas transformam o mundo.” (Paulo Freire).*

Comunidade sem teto

Em todas as cidades, existem um centro e as periferias.

Embora, pobre e humilde, o distrito de Vicente de Carvalho, tem periferias. A igreja matriz está localizada no centro, não geográfico, mas na região de comércio, onde corre o dinheiro, próximo à estação das lanchas de travessia para Santos. O bairro Pae Cará está na periferia do distrito. A estrada arenosa, ligando a estação das lanchas, depois de passar por entre casas humildes, naquela época, embrenhava-se na vegetação, e chegava à cidade de Guarujá.

Antes de chegar à confluência das avenidas Osvaldo Cruz e a Tiago Ferreira, erguia-se um barracão velho, sede da comunidade Nossa Senhora Aparecida. O telhado, visto de fora apresentava algumas curvas como na letra “S”. Nela, desenvolvia-se uma programação catequética simples, para as crianças. A missa era celebrada aos domingos, alternando com a Liturgia da Palavra que eu conduzia junto com os leigos.

Foi nessa comunidade, que aprendi a fazer pregação sobre o Evangelho do domingo. Totalmente inexperiente em comunicação, tinha de enfrentar a imensa dificuldade de colocar em sintonia, a teologia acadêmica e a transmissão da mensagem, para uma população cuja maioria das pessoas adultas, apenas sabia ler e escrever. Preocupando-me de combinar vogais e consoantes para poder ler, funcionalmente, ficava para trás o entendimento das leituras do dia. Caí na realidade. Deveria estudar muito mais e habilitar-me para transmitir o conteúdo, durante uma pregação para quem não sabia ler e entender. Foi nesse tempo que, no seminário se fazia muita pressão para que a biblioteca fosse enriquecida com livros sobre pastoral e como preparar palestras de forma que a mensagem chegassem ao povo e fosse entendida.

Uma das dificuldades e, até um perigo, era falar sobre os ensinamentos evangélicos respondendo à situação do povo. Nos “anos de chumbo”, mencionar pobres, injustiças e promoção social para resgatar a dignidade humana, não agradava ao governo ditatorial. Pela proximidade com o porto de Santos, área de segurança nacional, e a Base Aérea, pessoas ligadas ao Serviço de Segurança Nacional, estavam sempre por perto.

Lembro-me de um fato patético. Num domingo, a Liturgia da Palavra era sobre as Bem- Aventuranças (Mt 5, 1-12). Na época, não havia computadores e nem impressoras, por isso, os famosos estêncis eram perfurados na máquina de escrever para serem rodados no mimeógrafo, para a impressão das folhas. Rodei as bem-aventuranças e as distribuí.

Eis que depois da celebração apareceram dois rapazes de boa aparência e cabelo curto. Mostrando o papel, um deles disse:

- “Padre! (assim me chamaram). Isso aqui é comunismo”.

Eram dois jovens servindo o exército, vítimas da lavagem cerebral imposta por seus superiores, muito bem expressa nas palavras do compositor e cantor Geraldo Vandré:

“Há soldados armados, amados ou não
Quase todos perdidos de armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição
De morrer pela pátria e viver sem razão”.

Dificuldades à parte, percebi que as pessoas da comunidade, buscavam amizade comigo e com o sacerdote, que era de uma alegria contagiante. Não viam a hora de chegar ao final de semana, para ver-nos. Na sua pobreza, sempre arrumavam alguma coisa para comer ou beber. Se a pobreza era companheira de todos, muito mais sobressaía a amizade e jovialidade.

Enquanto lançávamos as sementes para iniciar o trabalho com a juventude, as autoridades julgaram por bem, interditar o barracão da capela, por não ser seguro. Foi demolido. A prefeitura local fez o remanejamento dos terrenos. Aquele da capela, foi substituído por

outro vazio, de frente para a Avenida Osvaldo Cruz, onde se ergue a igreja da comunidade atual.

“Querer é poder”, diz o ditado. Quando existe o espírito de comunidade, o povo não se abala. O terreno, ainda sem nenhuma estrutura em cima, era o lugar de encontro do

Povo de Deus. Em dias de tempo bom, como em dias chuvosos, sempre houve a celebração da missa. Pessoas em pé, com lama acima dos tornozelos, jovens protegendo seus violões, padre tentando defender as hóstias da água, roupas encharcadas, não impediam a comunidade de viver sua fé com alegria.

Enquanto isso, o grupo de jovens ia-se organizando e crescendo. Graças à sensibilidade da Direção de uma escola, podíamos usar uma das salas, para reuniões e formação. Os encontros sucediam, todos, aos domingos à tarde. Os jovens mais experientes da matriz da paróquia, assessoravam o grupo.

A característica dos jovens do Bairro Pae Cará), era a pertença à comunidade. Eram parte dela, e os adultos, com alguma exceção, apoiavam as atividades da juventude.

Aos domingos, ao término de seus encontros, passavam, brevemente, em suas casas, dirigindo-se em seguida, ao terreno onde era celebrada a missa, ao ar livre. As celebrações ganharam vida e alegria com seu envolvimento na música e leituras. O terreno, sem nenhuma construção em cima, já era pequeno para acolher os participantes. Quem não conseguisse espaço dentro, participava ficando na rua, em frente.

Enquanto a comunidade crescia em número, um grupo de pessoas planejava a construção da igreja. Sem dinheiro para investir e pagar profissionais, decidiram organizar atividades como as “festas juninas”, venda de bolos, ações entre amigos para consegui-lo. Lojas de material de construção, faziam chegar doações de areia, blocos, cimento e madeira. Quanto ao trabalho, diversos pedreiros e ajudantes se dispuseram a prestar seus serviços. Decidiu-se que algumas pessoas com disponibilidade, poderiam trabalhar aos sábados, mas que domingo, de manhã, seria o dia de toda a comunidade envolver-se na construção.

A comunidade e o grupo de jovens recém-criado davam um espetáculo como uma colmeia de abelhas, pelos seus movimentos, laboriosidade, alegria e descontração. Podíamos ver as pessoas carregando material, ajudando pedreiros, removendo entulho e cavando.

Contudo, havia uma equipe escondida que não deixava por menos em matéria de trabalho. Um grupo de senhoras, reunidas em alguma das humildes casas, preparavam uma feijoada com um sabor irresistível. Pelas 13:hj30, as panelas eram levadas para o terreno. Os trabalhos terminavam. Todos se reuniam para a grande celebração da fraternidade. Era reviver os momentos das primeiras comunidades cristãs: “Diariamente, todos juntos, frequentavam o Templo e nas casas, partiam o pão, tomando alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo. E a cada dia, o Senhor aumentava à comunidade outras pessoas que iam aceitando a salvação” (At 2,46-47).

A construção da Igreja, demorou diversos anos. Quando fui ordenado em 1974, faltava pintar as paredes e completar outras coisas. Dois meses depois de ordenado sacerdote, visitei a comunidade para celebrar a eucaristia, com aquele povo que me acolheu. Os presentes, em dinheiro, que recebi por ocasião de minha ordenação sacerdotal, foram passados à Comunidade Nossa Senhora Aparecida, como sinal de gratidão pelo apoio e acolhida que sempre me brindou.

Deitado na igreja, tapete de areia

Quando alguma coisa excepcional acontece em algum lugar, desperta comentários e perguntas, ao mesmo tempo em que atiça a curiosidade. Na Paróquia de Nossa Senhora das Graças de Vicente de Carvalho, nunca havia sido conferida a ordenação diaconal ou sacerdotal a alguém. Pela ligação com o povo, um colega e eu pensamos em pedir permissão para lá, sermos ordenados diáconos.

Com a aceitação do bispo diocesano de Santos, D. David Picão, e dos superiores da Congregação dos Missionários de São Carlos, a ordenação foi marcada para o mês de novembro de 1973. Não houve preparação elaborada. O evento foi comunicado oralmente, convidando a todos para participar da missa no domingo à noite, na igreja matriz.

A igreja de então, era muito simples. Como poucas ruas tinham revestimento asfáltico, a areia se esparramara pelo piso, principalmente, num final de domingo. Fora da missa com a ordenação, nada foi programado. Tudo seria concentrado na ordenação diaconal.

Bem antes de começar a missa, a igreja estava totalmente lotada. Não nos surpreendeu a participação maciça dos jovens e crianças, pois com eles convivíamos e fazíamos nossa prática pastoral. Percebia-se que a curiosidade tomava conta de todos. Quase ninguém sabia que na Igreja, havia a ordenação de diáconos. Predominava a concepção de que a ordenação era coisa de padre.

A grande surpresa foi ver, a certo momento, os dois jovens deitados sobre o piso, na frente do altar. Nessas ocasiões, é normal estender um tapete no chão e um travesseirinho para apoiar a cabeça. Não foi isso que aconteceu conosco, pois, dispor de um tapete era luxo e nem sequer havia um nas dependências da paróquia. Felizmente, nos prostramos, diretamente sobre o pavimento, em contato com a areia que o povo trouxe com seus chinelos, sandálias e alguns poucos sapatos.

A ordenação ao diaconato sucedeu sem festa, formalismos, enfeites e discursos. Foi tudo espontâneo e simples. Não houve chamarizes para distrair. Dessa maneira, a imagem que está sempre presente em mim, é aquela de estar prostrado no chão da igreja, com bastante areia e o povo simples ao redor. Algumas memórias são indeléveis porque sem elas não teríamos história.

É preferível uma cama com areia na casa de amigos, do que aquela de ouro sob as bombas do ódio.

Determinação e irreverência

A etapa final do estudo acadêmico da Teologia e do período de formação para o sacerdócio, completar-se-iam com o término do ano de 1974. Embora, houvesse consenso que a Congregação deveria abrir-se para atender migrantes de outras nacionalidades além dos italianos, incluindo as migrações internas do Brasil, os superiores ainda exercitavam cautela e morosidade. Persistia o clima de gangorra, abre ou não abre a finalidade da Congregação. Havia uma “velha guarda” de padres italianos que não aceitava mudanças, mas que devíamos respeitar. A situação era preocupante para nós, pois, dentro de mais oito ou dez meses, seríamos ordenados sacerdotes e enviados para as missões. A pergunta que nos atormentava era: para quem vamos ser missionários? Embora não rejeitássemos os migrantes italianos, não queríamos ficar só com eles. Era compreensível, porque nossa prática pastoral durante seis anos ou mais, tinha sido com migrantes internos do Brasil.

No meio de dúvidas e incertezas, como futuros missionários, a Congregação decidiu que o Capítulo Geral a ser realizado em 1974, seria no Brasil. Até há poucos anos, tinha sido o único Capítulo Geral organizado fora da Europa e, até há pouco, o único fora de Roma. Além de eleger o novo superior geral, dois assuntos seriam o centro das deliberações: formação nos seminários e finalidade da Congregação.

Por estar nos últimos meses antes da ordenação ao sacerdócio, pouco interessava o tema da formação. Contudo, quando o assunto era o carisma da Congregação, os ânimos se agitavam. Havia o temor de um possível retrocesso. Precisávamos acompanhar tudo o que fosse tratado no Capítulo a esse respeito.

Embora um colega nos representasse tínhamos medo de que, por ser estudante, não o levassem em consideração. Por isso, estudamos uma estratégia para ser informados de tudo o que acontecia na aula capitular. Percebendo que algumas capitulares, além de serem joviais, partilhavam das mesmas ideias;

cortesmente, os convidávamos para saborear, diariamente, uma “caipirinha”, o irresistível aperitivo brasileiro. O convite era aceito, com alegria.

Diariamente, vinte minutos antes do almoço, a deliciosa caipirinha estava preparada, no melhor capricho, para receber os quatro ou cinco capitulares. Entre um gole e o outro, respondiam nossas perguntas e falavam sobre o que havia acontecido na sala capitular. Aparentemente, não escondiam nada, o que nos deixava contentes.

Contudo, houve uma pedra no meio do caminho. A certa altura, eles não respondiam mais às nossas perguntas e evitavam dar informações sobre os assuntos tratados nas sessões capitulares, até que um belo dia, ficamos sozinhos para tomar o aperitivo. Não apareceu ninguém. Dias depois soubemos que, em plena sala capitular, foi decidido que ninguém deveria comunicar aos seminaristas o que sucedia nas reuniões e que não era um bom exemplo para nós, tomar a famosa bebida em nossa companhia.

Ficamos com poucas informações de lá para frente. Na verdade, era a etapa que mais nos interessava porque seria eleito o novo superior geral e aprovadas decisões importantes que nos iriam afetar. Como a atitude de dialogar ainda não era muito apreciada, dependendo de quem fosse eleito, a abertura do carisma da Congregação podia ser protelada.

Chegou o dia de anunciar o novo superior. Todo sem graça e sem jeito, o superior provincial da época, e que tinha sido nosso reitor anteriormente, veio até o seminário para pedir que fôssemos à igreja, em frente, para cantar o “Te Deum” pela eleição do novo superior geral. Resistia dizer o nome, mas não tinha como evitar a comunicação.

Quem seria o novo superior? Veio a bomba. O mesmo sacerdote que anos antes, sendo ele superior provincial de uma das províncias, e que ao ouvir falar sobre a necessidade de abrir o carisma, saiu do Brasil e pediu para ir para outro país onde não se falasse sobre o assunto. A decepção e a revolta tomaram conta de todos.

O bom padre insistia para ir à igreja e agradecer a Deus pelo novo resultado da eleição. Alguns foram. Eu e mais alguns colegas, usando de nossa proverbial criatividade e irreverência, quisemos manifestar nossa insatisfação, inspirando-nos na fumaça emitida nos conclaves para as eleições dos papas.

Agimos rapidamente. Havia um latão com capacidade para cinquenta litros, aproximadamente. Colocamos, dentro dele, uma boa quantidade de óleo queimado e bastante papelão. Erguido sobre uma coluna de um metro e meio de altura, na frente do seminário, por onde deviam passar os padres capitulares, ateamos fogo. Uma coluna de fumaça preta invadiu os ares. Alguns cartazes, manifestando descontentamento foram colocados junto à coluna.

Terminada a oração de agradecimento, as capitulares dirigiram-se ao seminário para o almoço, passando pela coluna que estava no meio do caminho. O novo superior parou para ler alguns cartazes com um sorriso bastante artificial, sendo seguido por outros colegas. Depois do almoço, vi dois das capitulares, que vinham falar conosco antes das refeições, sentados na escadaria do seminário, com lágrimas nos olhos.

Certamente, foi um capítulo com muitas tensões. Embora as resistências ainda existissem, não havia retorno quanto à abertura do carisma da Congregação. Muito caminho deveria ainda ser percorrido, mas ninguém vai longe se não der o primeiro pequeno passo seguido dos demais.

“Pensar é fácil. Agir é difícil. Agir conforme o que pensamos, é de todas, a maior dificuldade.” (Johann Goethe)

Um jovem sacerdote, rosto infantil

Durante os anos de ginásio aprendíamos muitas poesias em português, mas também algumas em italiano, pois era a língua oficial da Congregação. Abrindo-se para ser missionário com migrantes de todas as nacionalidades, hoje ela foi enriquecida com

mais três idiomas: português, espanhol e inglês. Entre as poesias em português a “Canção do Tamoio” de Antônio Gonçalves Dias, foi e ainda é minha predileta, principalmente os versos: "Viver é lutar. A vida é combate, que aos fracos abate Que os fortes, os bravos Só podem exaltar".

A trajetória vivida dentro de um seminário, em regime de internato, sob um sistema disciplinar, algumas vezes irracional, flutuando entre dúvidas e certezas, afirmações e contradições e ambiguidades, ensinou-me a fazer caminho dentro da “floresta da vida”.

O tempo de deixar o seminário no qual nos forjamos para a missão, acabou. O resultado de anos de lutas e conquistas éramos nós. Possuidores de estudos superiores, experiências pastorais inesquecíveis, uma nova etapa começaria com a ordenação sacerdotal.

Contudo, "Foi preciso percorrer cada curva do caminho para chegarmos até aqui." (Johnny De Carli), embora ainda houvesse um lastro significativo de despreparo.

Cada aspirante ao sacerdócio, viajaria à terra onde moravam seus pais e, juntamente, com o pároco e os bispos da diocese, marcariam o dia de sua ordenação. Foi o que fiz.

Em primeiro lugar encontrei com meus pais. É bom ressaltar que meu pai não era contra que eu fosse padre, mas ficaria bem mais contente se não o fosse. Contudo, permanecia conformado e sereno, estava planejando organizar uma festa. Disse que vinha engordando uma cabeças de gado e ovelhas para o churrasco e que tinha feito vinho a mais para a ocasião.

Dia seguinte à minha chegada, fui à casa paroquial para conversar com o pároco, uma pessoa de bondade inigualável e acolhedora. Seu nome é Padre Agostino Sopelsa, hoje falecido, da mesma Congregação. Apresentei-me a ele do meu jeito, influenciado pelo movimento da Jovem Guarda, Beatles e Rolling Stones. Trajava calça jeans ou boca sino. Os cabelos bem longos, chegando até os ombros, completavam o visual. Nada disso agradava o bispo diocesano. O Padre Agostino, com seu jeito de

conseguir tudo pela bondade disse:

- “Olmes, amanhã vamos fazer uma visita ao bispo. Então, você pode cortar o cabelo, né. Afinal, depois ele cresce de novo.”

Ouvi o conselho do padre e fui pedir a um amigo que passasse uma tesoura na cabeleira. No dia seguinte, de calça de gente bem-comportada e cabelo curto, fomos para a sede da diocese, em Passo Fundo. O bispo, um homem forte, descendente de migrantes alemães e voz retumbante, recebeu-nos muito bem. Sem muitas delongas, foi estabelecido que minha ordenação ao sacerdócio, aconteceria no dia 15 de dezembro de 1974, às 9 horas da manhã, na matriz da paróquia Nossa Senhora de Lourdes, em Sarandi.

Voltei para São Paulo a fim de me dedicar aos últimos meses de estudos teológicos, finalizando com a apresentação da monografia. Assim que o ano letivo terminou no início de dezembro, uma semana antes, voltei para Sarandi. Estava tudo preparado. As comunidades tinham organizado encontros vocacionais e planejado a liturgia de ordenação.

A notícia de que eu ia ser ordenado causou bastante euforia porque, anos antes, poucas pessoas pensavam que o “filho do Antônio” chegaria a ser padre. Parentes de longe começaram a chegar. Fazia muitos anos que não via muitos deles. Alguns nunca os havia encontrado. A alegria foi geral, também entre os parentes. “Agora vamos ter um padre em nossa família”, diziam.

Uma surpresa: na sexta-feira à tarde antes da ordenação, o padre Agostinho me chamou e perguntou:

“- Quem são seus padrinhos de ordenação”?

- “Não tenho! Não sabia que precisava de padrinhos”, respondi.

- “Precisa, sim. Lembre um casal de tios de quem você goste”.

Pensei um pouco e logo veio na minha mente os tios Silvestre(falecido), irmão da mãe e sua esposa, Nadir Gabriel. Ao anoitecer, a bordo de um fusquinha barulhento, tomamos a estrada de terra, para fazer a proposta aos tios que moram, ainda hoje, no mesmo lugar, a 12 quilômetros da cidade.

Com a aceitação do casal de tios para serem padrinhos, estava tudo pronto para meu grande dia.

A missa, muito concorrida, iniciou às nove horas com transmissão pela rádio local. As palavras de Paulo a seu amigo Timóteo, lidas na Liturgia da Palavra antes da ordenação sacerdotal até hoje me acompanham: “Que ninguém o despreze por ser jovem. Quanto a você mesmo, seja para os fiéis um modelo na palavra, na conduta, no amor, na fé, na pureza. Esperando pela minha chegada, dedique-se à leitura, animação e ensinamento.

Não descuide o dom da graça que há em você e que lhe foi dado através da profecia, juntamente com a imposição das mãos do grupo dos presbíteros. Cuide bem dessas coisas e persevere nelas, a fim de que o seu progresso fique manifesto diante de todos. Vigie a si mesmo e ao ensinamento, e seja perseverante. Desse modo você salvará a si mesmo e aos seus ouvintes.” (I Tm 4,12–16).

Ainda ressoam na minha memória, as palavras do bispo fazendo eco às palavras do Apóstolo Paulo, indicando minha missão, daquele dia em diante. Volto ao texto com frequência, principalmente, quando avalio minha ação sacerdotal e missionária.

Fiquei muito feliz por ele ter ligado à minha ordenação presbiteral com palavras carinhosas ao meu pai e à minha mãe, classificando ambos como “gente boa da colônia”.

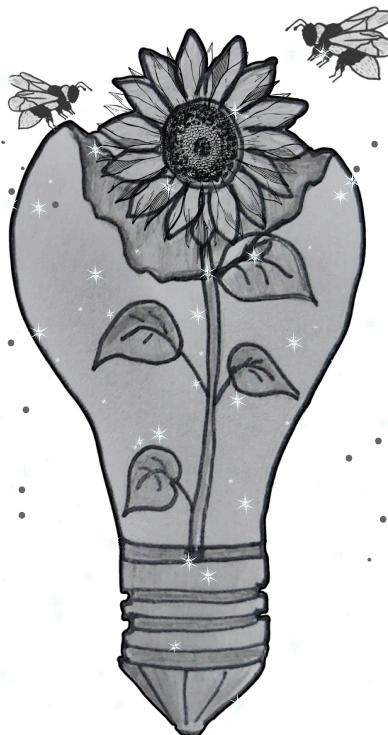
A ordenação sacerdotal foi uma oficialização daquilo a que eu aspirava desde criança. Não a recebi como troféu, mas como a busca de um ideal que ainda não se realiza plenamente, mas que, vislumbrando-o no horizonte, desafia a caminhar continuamente no seu rumo sem jamais desistir.

“A principal missão do homem, na vida, é dar luz a si mesmo e tornar-se aquilo que ele é potencialmente.” (Erich Fromm)

Parte IV

**MISSÃO NÃO É SOMENTE FAZER MARAVILHAS E SER
APLAUDIDO, MAS TABÉM FAZER MARAVILHAS E SER
APEDREJADO**

(Melquisedech Albuquerque)



Gary

Virando estrangeiro

“O Senhor disse a Abrão: «Saia de sua terra, do meio de seus parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei” (Gn 12,1)

Pela experiência, estudos e envolvimento, tudo indicava que meu campo de trabalho seria no Brasil. De fato, eu amava as pessoas de Vicente de Carvalho. Eram parte da minha vida. Contudo, a gente deve estar preparado para mudar não só de lugar, mas também de ideias. Nos últimos meses de estudo, chegou uma carta dos superiores de Roma, dizendo que eu iria ser missionário na América do Norte. A surpresa foi grande. Assimilado o primeiro impacto, decidi aceitar o desafio e preparar o espírito.

Terminados os estudos teológicos, recebi a ordenação sacerdotal na Igreja Matriz de Sarandi, no dia 15 de dezembro de 1974, como estava planejado. A ordenação foi preparada com carinho pelo Padre Agostino e conferida pelo bispo diocesano de Passo Fundo, Dom Claudio Colling. Em seguida, foi servido o almoço embalado por diversos tipos de música. Às 7:00 horas da noite, celebrei minha primeira missa acompanhado por diversos sacerdotes com a participação do povo local. Obviamente, estava um pouco nervoso. Senti a pressão da presença de sacerdotes muito experientes e eu no meio deles ainda no início do ministério sacerdotal.

Passei o Natal daquele ano com minha família e ajudando na paróquia celebrando missas e atendendo as confissões.

Um mês depois, voltei a São Paulo para iniciar os trâmites para transferir-me para a América do Norte.

Uma carta do Superior da Província São João Batista, no oeste dos Estados Unidos, comunicava que eu e mais um colega fôssemos para a Argentina, aprender espanhol como treinamento para exercer a missão com migrantes de língua espanhola, naquela parte

do mundo.

Imediatamente adquirimos as passagens de São Paulo para Porto Alegre, Montevideo, Colônia do Sacramento de onde, de barco, chegamos a Buenos Aires, atravessando o Rio da Prata,

Depois de fazer uma pausa de um dia na capital da Argentina, de ônibus, embarcamos para San Martin de Mendoza, na província do mesmo nome.

Naquela época havia somente uma paróquia na cidade, Nuestra Señora del Líbano, cujo pároco nos acolheu com alegria. Era um homem interessante e serviçal. Tinha um defeito no olho esquerdo, por isso, virava a cabeça para olhar-nos somente com o direito. Fazia o mesmo quando dirigia o pequeno veículo, dando a impressão de que estava sempre olhando o panorama do lado esquerda da estrada. Não é preciso nem falar que ficávamos muito preocupados temendo algum acidente. Apresentou-nos a diversas famílias para que pudéssemos praticar com elas, a língua espanhola. Uma professora aposentada, transmitia-nos conhecimento de gramática e redação, uma hora por dia.

A Província de Mendoza era conhecida como a terra de bom vinho e boa gente. Com certeza, são ingredientes apropriados para ajudar no aprendizado de uma nova língua. Depois de 15 dias da nossa chegada, o pároco pediu para celebrar a missa principal, da paróquia, enquanto ele se ausentaria para uma semana de férias. Arrepiei-me, mas aceitei.

Com a homilia escrita e corrigida pela professora, leituras e orações treinadas, parecia que o sucesso estava garantido. Contudo, após a missa, um senhor veio à sacristia e, em alto e bom som, declarou: _ “Padre, venho parabenizá-lo! O senhor falou muito bem, mas eu não entendi nada!”. Moral da história: nunca se convença de que você fala bem uma língua estrangeira. A observação foi uma bela oportunidade para fazer um grande amigo que me ajudou bastante a aprender o castelhano. De fato, saímos a passeio com ele e sua família com muita frequência.

A família operava um restaurante ao lado da igreja. À noite nos sentávamos a uma das mesas ou perambulávamos entre elas para

conversar com os visitantes, exercitando-nos na língua. Foi quando nos encontramos com alguns jovens guerrilheiros que haviam fugido das investidas do exército nas províncias de Formosa e Jujuy. Vinham ao restaurante para uma refeição frugal, às altas horas da noite e iam embora rapidamente para não serem surpreendidos pelas forças militares.

Foi na Província de Mendoza que tivemos bons contatos com migrantes bolivianos e chilenos; fugiam das ditaduras de seus países ou para trabalhar.

Estando na Argentina, tivemos a oportunidade de viajar a Santiago-Chile, onde testemunhamos a vida de uma população ainda sob o “toque de recolher” e o controle severo sobre os movimentos, reuniões e pensamento das pessoas.

Voltando ao Brasil, depois de dois meses e meio, fiz uma breve parada em Sarandi, para despedir-me da família. Foi quando a “ficha da minha mãe caiu”: Com lágrimas nos olhos disse: “Desta vez você vai para longe mesmo e por muito tempo”. O pai saiu com outra expressão: “Está aí! Você estuda um filho para que, depois, os padres o levem embora”.

Embora determinado a seguir minha estrela, confesso que as expressões da mãe e do pai calaram profundamente em meu coração. Um lampejo de arrependimento de ter aceitado exercer a missão no exterior sacudiu meu ser. Foi o momento quando percebi que a missão, além de certo romantismo, significa desapego do lugar e das pessoas queridas.

“O amor não conhece sua própria intensidade até a hora da separação”
(Khalil Gibran)

Esqueceram-se de mim, era o que faltava

Depois da visita aos familiares, viajei para São Paulo, onde

os superiores tinham feito os preparativos para viajar para Nova York.

Chegou o dia da partida. Contudo, um telefonema comunicou que o voo tinha sido cancelado. Outros dois cancelamentos se sucederam. Foi o suficiente para que os seminaristas fizessem humor sobre a viagem. Alguns amigos, vindos de Vicente de Carvalho para desejar uma boa viagem, ficaram contentes com os cancelamentos, pois desejavam que ficasse trabalhando com eles.

Finalmente, eu com mais dois colegas missionários, partimos para o Rio de Janeiro para tomar o avião que nos levaria até Nova York, nos Estados Unidos da América-USA. Chegando ao aeroporto, conforme combinado antecipadamente, um sacerdote iria nos encontrar, nos acolher. O detalhe é que ninguém teve a ideia de avisar que o voo tinha sido cancelado diversas vezes. Voltou para a casa com a dúvida que nós tivéssemos perdido ou desistido de viajar.

Chegamos sozinhos. Sem saber inglês, como nos “virar”? Tínhamos um número de telefone do superior de Nova York. Conhecíamos a operação dos aparelhos do Brasil que funcionavam com fichas, mas não, o sistema americano que operava com a inserção de moedas. O único dinheiro que carregava comigo era uma nota de cem dólares. Fui ao local dos telefones públicos. Parei na frente do aparelho com a nota de cem dólares na mão. Meu olhar viajava entre o aparelho e a nota, incessantemente. O que fazer? Fui ao balcão da extinta Varig, pedir socorro. A atendente percebeu que tinha em sua frente um passageiro inexperiente. Ao ver o dinheiro na minha mão deu uma gostosa risada e disse que ia me presentear com 10 centavos de dólar, o suficiente para comunicar que estávamos no aeroporto.

Depois de pouco mais de meia hora, chegou o padre para nos recolher com um carrão americano. Parecia mais um iate do que um carro. Nunca tínhamos visto um veículo tão grande no Brasil.

Rapidamente, fomos transladados para o nosso seminário, em State Island-NY-. No dia seguinte, um sacerdote muito bondoso nos levou para visitar a grande metrópole americana, com direito de

subir ao Empire State Building.

Chegou a hora de desfazer o trio missionário. Um dos nossos colegas era destinado para trabalhar na Província religiosa São Carlos Borromeo, com sede em Nova York. Permaneceu lá por alguns dias, para depois viajar a Toronto, no Canadá. Eu e o outro colega, viajamos para Chicago.

Tivemos a sorte de embarcar num avião no qual viajavam duas religiosas, sendo uma brasileira que nos socorreriam nas dificuldades inerentes à comunicação, pois nosso conhecimento da língua inglesa era, praticamente, nulo.

Chegando a Chicago, vivemos mais uma experiência nada interessante. Enquanto as religiosas foram encontradas por suas colegas, que as foram buscar com uma caminhonete, tipo van, nós “ficamos a ver navios”. Ninguém estava lá para nos receber. Onde há problema, há também o jeitinho brasileiro. Depois de uns momentos de confusão e desorientação surgiu a ideia: “Vamos acomodar suas bagagens e vocês viajam no bagageiro com elas”, sugeriu uma das irmãs. Dito e feito. Ocupamos todo o espaço do bagageiro de tal modo que nem uma pulga poderia viajar conosco.

Chegando ao destino, desembarcamos na frente do seminário da congregação em Stone Park. Não lembro a pessoa, mas alguém nos indicou um quarto num bonito e moderno e desapareceu. Ficamos os dois sozinhos. Mais tarde, nos comunicaram que os padres estavam em retiro, e devido aos cancelamentos da viagem, no Brasil, não sabiam quando iríamos chegar.

Por volta das 18h, vieram nos convidar para o jantar. Fomos apresentados como os dois novos reforços missionários para a província religiosa com sede em Chicago. Ill. A reação dava a entender que se perguntavam: “O que esses brasileiros, do terceiro mundo, vêm fazer aqui?” As atitudes indicavam algo chocante para nós. Eles eram de primeira classe e nós, pobres coitados, de segunda ou terceira classe, gente de país de terceiro mundo.

Três sacerdotes brasileiros que já estavam trabalhando nos USAM e mais um italiano, finalmente, vieram conversar conosco. Um deles nos trouxe papel de cartas e selos para que pudéssemos

dar notícias aos nossos familiares.

“A experiência não é o que acontece a um homem. É o que um homem faz com o que lhe acontece.” (Thomas Huxley)

A viagem do silêncio incômodo

Nosso destino, porém, não era Chicago. Como já havia três sacerdotes do Brasil naquela cidade, os superiores tinham medo de que formássemos um grupo antiamericano. Valeu o princípio, “separa e governa”. Juntamente com um sacerdote americano e outro italiano embarcamos num carrão, que se parecia mais com uma barca e partimos para Vancouver, BC, no Canadá; uma viagem que durou dois dias e meio. O padre americano, embora soubesse falar italiano, língua que nós entendíamos, só falava inglês. O italiano pouco falava conosco porque o americano não gostava de ouvir falar em idiomas que não fossem o dele.

A viagem transcorreu basicamente em silêncio. Além de ouvirmos expressões de desdém para com o Brasil e seu povo, algumas perguntas foram motivo de diversão e risos. As primeiras duas, saíram da boca do italiano: “No Brasil, vocês têm carros?” Depois de andar algumas milhas em silêncio, veio a segunda: “É verdade que no Brasil tem porcos soltos nas cidades e as pessoas, simplesmente, os agarram, matam e comem?”.

Estábamos para chegar a Vancouver, quando o americano também fez sua pergunta desdenhosa, em italiano, carregado de sotaque: “É verdade, que no Brasil, as cobras rastejam por todos os lugares inclusive nas cidades?”. Desta vez criei coragem. Resolvi contar uma “aventura.” Disse: “Alguns meses atrás, os meus colegas e eu, fomos acampar num bosque, à beira de um rio. Ao chegar à noite, nos acomodamos sobre algumas toras de árvores que, possivelmente, haviam tombado com o vento. Até que dormimos bem, pois durante a noite não acordamos nem um minuto sequer.

Quando amanheceu e o sol surgiu, acordamos. Então, percebemos que não estávamos naquele mesmo lugar, à beira do rio, mas num lugar desconhecido “.

– “O que aconteceu?”, perguntou surpreso. Respondi:

– “Senhor padre! Descobrimos que aquelas toras não eram toras, mas sim, cobras. Durante a noite, elas foram rastejando para outro lugar distante e nos levaram em seu dorso”. “I can't believe it”! (não posso acreditar) exclamou. Aí, então, emiti minha primeira e gostosa gargalhada em terras canadenses.

Confesso que, no meu íntimo, quis tirar uma revanche dos dois colegas religiosos, narrando a história do passeio, mas as perguntas não deixavam dúvida sobre os preconceitos e ignorância que, pessoas de sociedades de primeiro mundo têm a respeito dos que migram para um país arrogante e autodeclarado como o mais poderoso do mundo. Encontrei-me com os dois colegas inúmeras vezes, mas nunca mais se atreveram a perguntar alguma coisa. Devem ter percebido que “onça não se cutuca com vara curta”.

“Sábio é aquele que conhece os limites da própria ignorância.” (Sócrates)

Fazendo nó com a língua

A primeira providência ao chegar a um país para morar e trabalhar, é começar o estudo da língua com plena dedicação. Mesmo com a experiência de estudos em italiano e espanhol, ainda não sabia como seria aprender a falar uma língua anglo-saxã, no meu caso, o idioma inglês. Além de dominar o vocabulário, a gramática, a fala e a escrita, a pessoa deve mudar as articulações da língua, dos lábios e garganta a fim de emitir os sons. Alguns professores até aconselhavam a usar um espelho para ver se os movimentos da língua eram corretos e se os sons que saíam, eram como o desejado. Assim, fui percebendo que deveria escrever “sapo” e ler “rã”, dizer “eu choro” e pronunciar “eu rio”. Alguém

pode não acreditar, mas minha língua é pequena, não permitindo uma ampla movimentação. Confesso que não hesitei em usar a mão para esticá-la e torcê-la, no afã de produzir um som mais parecido com o inglês.

Depois de um breve curso introdutório, o meu colega e eu, aconselhados por um missionário brasileiro, começamos um curso de imersão total na língua inglesa, na Universidade de British Columbia, B.C. O dia era ocupado integralmente com aulas, visitas a asilos de idosos, instituições culturais, encontros com grupos canadenses para praticar a conversa. Essa era a nossa rotina diária inclusive nos finais de semana. Os alunos eram divididos em grupos de cinco, com um monitor que não nos deixava dizer nenhuma palavra em outra língua. Além das tarefas regulares, à noite deveríamos assistir a um programa de televisão pré-selecionado e preparar um comentário para ser o motivo de conversa, na primeira aula do dia seguinte.

Foram seis semanas cheias e de cobranças implacáveis por parte dos professores, aliás, muito competentes. Ao término desse período de estudo, mesmo falando errado, o prêmio foi a alegria de poder falar e ser entendido, ouvir e entender.

A alma de um povo só é entendida melhor quando conhecemos e falamos sua língua. A comunicação em língua local constitui-se no caminho seguro para encontrar espaço, na sociedade que acolhe. A língua permite que o migrante ou estrangeiro se integre na cultura local. Sem ela, o migrante fica na periferia ou à margem da sociedade o que pode significar ser infeliz ou insatisfeito em terras estrangeiras.

A felicidade não depende do lugar ou das pessoas. Depende de nós mesmos.

Hora de levantar voo para o norte

Mastigando a língua inglesa, mas ainda com muitos erros,

chegou o momento de deixar a belíssima cidade de Vancouver. Um telefonema de Chicago, onde está a sede da província da Congregação, propôs viajar à cidade de Edmonton, na província de Alberta, no Canadá. Havia a informação que exilados chilenos estavam chegando naquela cidade.

Aceitei, imediatamente, e parti, dois dias depois da proposta. Não entendi por que meus colegas me levaram a uma loja para adquirir um pesado casaco de couro forrado por dentro. “Experimenta aí”, disse um deles. Além de pesado, era tão grosso que até dificultava os movimentos dos braços. – “Quando você chegar a Edmonton, vai entender”, disse o outro, dando uma risada. Recebi o presente com gratidão.

No dia 19 de novembro fui levado, gentilmente, para o aeroporto. No interior do avião, ocupando o assento junto a uma das janelas, nos primeiros minutos, pude deleitar-me com a vista da bela Vancouver lá embaixo com suas baías, o Rio Fraser, as montanhas e seus parques. Em menos de 20 minutos, sobrevoávamos as Montanhas Rochosas do Canadá. Todos os cimos estavam cobertos de neve. Conforme a viagem prosseguia, o pouco verde ainda visível, ia desaparecendo até ficar tudo branco. Foi, então, que me imaginei com aquele casaco envolvendo o corpo, movimentando-me quase como um astronauta na superfície lunar. Para quem sempre morou num país tropical, com uma flora, exuberantemente, verde, calor acima dos 30 graus Celsius, aquela visão era contrastante.

Depois de quase duas horas de voo, o avião aterrissou no Aeroporto de Edmonton. Não conhecia ninguém daquela cidade e, muito menos, era conhecido. Ao sair da sala de recebimento de bagagens, percebi que dois senhores vinham sorridentes ao meu encontro, mas um deles estava mais eufórico. É que tinham feito uma aposta, aquele que distinguisse o padre, por primeiro, ganharia uma caixa de cerveja do outro. Eram um migrante argentino e um sacerdote italiano. Vale ressaltar que a acolhida foi calorosa, em contraste com a temperatura externa que estava uns 15 graus abaixo de zero e com as “acolhidas” anteriores.

Quanto à aposta não houve vencedor. Os dois avançaram em cima de mim ao mesmo tempo rindo. “Cara de padre é inconfundível”, dizia um amigo.

A acolhida ou a ausência experimentada na carne levaram-me a entender sobre a importância das palavras de Cristo: “Eu era estrangeiro, me receberam em sua casa” (Mt 25,35).

Múmia congelada

O bondoso padre que me acolheu, estava feliz e foi abrindo meus olhos para uma necessidade pastoral urgente, na cidade de Edmonton. Muitos chilenos sob a pressão da ditadura, em seu país, estavam chegando como refugiados e não havia sacerdotes que falassem o espanhol e lhes dessem assistência espiritual, humana e social. – “Você pode fazer muito bem”, disse em italiano. “Nesses dias iremos visitar o bispo. Ele sabe que você ia chegar e está contente. Mas deixa isso para o momento oportuno”.

Fim do primeiro dia em Edmonton. Depois de uma longa e agradável conversa intermeada com gostosas risadas, o padre disse: – “Amanhã pela manhã, você vai fazer suas coisas. À tarde vamos caçar lebres. Estou com as licenças em ordem”.

Caçar? Eu nunca tinha disparado uma espingarda. Topei. No dia seguinte, depois do almoço, apareceu ele com um montão de roupa. Eram calças pesadas, roupa interior grossa, tipo favo de mel; a camisa de lã parecia mais com um casaco; meias como aquelas do Papai Noel, chegavam até o joelho; um par de botas cujo peso não lembro, mas recordo que eram tão pesadas que as arrastava ao caminhar. Uma touca de lã com dois buracos para os olhos, um para o nariz e outro na boca, e luvas. Um barrete impermeável à chuva e, por fim, um casacão que chegava até os joelhos produziram um perfil de caçador polar. Sob a orientação do bom e paciente padre, fui vestindo aquela parafernália enquanto ele vestia a sua.

Depois de mais de 20 minutos de árduo trabalho, estávamos prontos para sair. Senti-me um astronauta. Lá fui eu atrás do alegre

sacerdote. Entramos no carro e fomos para a fazenda de um de seus amigos. Não me lembro de ter visto nenhuma cor, a não ser a brancura da neve.

Arbustos e pequenas árvores sem folhas, formavam como se fossem pequenos oásis. Era lá, onde esperávamos encontrar as lebres. Saímos à procura delas. Eu apenas conseguia acompanhar o padre. Com a espingarda atravessada no peito, caminhava atrás dele. Depois de muito andar, uma lebre branca saiu de um caramanchão. Quem atirou foi o padre. Não acertou e o animalzinho saiu em disparada, no sentido contrário.

Continuamos nossa busca por lebres, e nada. Eu, contudo, caminhava cada vez mais lentamente. Além de me sentir pesado com toda aquela roupa, sentia algo estranho. Criei coragem e disse: “Padre, não sei se ainda tenho os pés; no lugar deles sinto dor.”.

— “Vamos embora”, disse.

Entramos no carro. O padre pôs a calefação na altura máxima. Sugeriu-me tirar logo as botas e as meias molhadas, e fomos para a casa. Os pés doíam muito, pois estavam para congelar.

Ter um anjo por perto dá segurança. Com paciência, o padre buscou uma bacia com água, na temperatura ao tempo, e falou para pôr um pé dentro.

- “Sente a água?” Perguntou ele.

- “Sim, mas não tão bem como de costume!”.

- “Bom sinal”, disse. “Fica assim mais um pouquinho!”

Depois adicionou um pouco de água quente para que ficasse levemente morna. Mergulhei os pés na água, novamente. Já não tinha mais tanta dor e sentia que a circulação sanguínea estava melhorando.

— “Agora, enfia-te debaixo das cobertas e descansa”, disse em italiano.

Foi o que fiz. Enquanto esperava pelo sono, fiquei pensando que, se não fosse pela companhia prestativa do bom padre, eu poderia ter me transformado numa múmia congelada ou ser atacado por gangrena.

Moral da história: O amigo é a pessoa certa na hora certa.

Indesejáveis na própria terra

Ninguém sai de sua terra sem dor, mesmo quando a razão diz que é melhor migrar para seu bem e da família. Esta é a categoria dos migrantes cuja decisão dependeu deles mesmos. Imagine-se, então, a intensidade do sofrimento de outra categoria formada por pessoas que foram mandadas embora da terra onde nasceram! Senti a dor da primeira categoria porque fui migrante. Quanto à segunda, não a senti na carne, mas tive a alegria de dar consolo, solidariedade e carinho a muitos migrantes do Chile, que foram exilados, no tempo da ditadura que assolou o país. Muitos deles traziam no corpo, as marcas dos maus tratos recebidos nas prisões. A dor mais intensa provinha do fato de serem indesejados na própria pátria. Em muitos passaportes havia o carimbo com os dizeres: _ “Passaporte válido somente para saída”. Outros vinham com um documento tipo salvo conduto, válido até o país de destino ou o passaporte azul das Nações Unidas.

Ao sofrimento de terem sido expelidos de seu país, juntava-se mais um, a separação da família. Homens ou mulheres, casados, saíam de seu país, sozinhos, abandonando seus entes queridos. Era-lhes permitido solicitar sua vinda depois de terem um trabalho fixo, uma casa alugada, suficientemente grande, para abrigar o número de familiares, e ter uma conta poupança com uma importância de 2.500 dólares canadenses naquela época. O governo pagava as passagens e a família devolvia o dinheiro em quotas mensais. Vinham como refugiados, mas assim que chegavam eram classificados como migrantes.

Foi uma experiência chocante, conviver com uma população, basicamente, de esquerda, ideologicamente, que nutria rancor contra o governo que não os desejava no país. Por parte dos mais radicais, notava-se um pouco de constrangimento por serem acolhidos no Canadá, um país capitalista, e resistência para ser

admitidos em países de ideologia comunista. A intenção era voltar para seu país o mais depressa possível, mas isso era inviável por causa da ditadura militar que governava o Chile.

Contudo, a maioria era agradecida ao governo do Canadá por lhe dar acolhida segura.

Sob o ponto de vista ideológico, eram socialistas e comunistas, variando entre os menos e os mais radicais. Além das divergências entre si, os grupos dividiam-se em duas facções: unidade popular que elegera Salvador Allende para governar o país e aqueles de partidos de esquerda, extremamente radicais, que não o apoiam. Estes últimos eram grupos menores que previam o retorno ao Chile, para iniciar uma luta armada, a partir de algum ponto do país, com a intenção de derrubar a ditadura. O relacionamento entre as duas facções era péssimo e motivo de muitas brigas, especialmente, ao final de alguma festa ou evento cultural.

No exterior, os migrantes chilenos, em quase sua totalidade, tentavam manter-se fiéis aos inúmeros partidos políticos que apoiam o governo socialista de Salvador Allende. Essa situação dificultava, muitíssimo, o convívio e atividades de qualquer gênero entre eles. A igreja, durante muito tempo foi o lugar de encontro, mas não sem dificuldades. Em qualquer atividade havia a corrida dos membros de alguns partidos políticos, querendo apadrinhar as iniciativas e atividades, impedindo a participação de outros.

Além das dificuldades de inserção na sociedade canadense, aos poucos, mas por longo tempo, os chilenos de Edmonton, empreenderam a dolorosa caminhada do encontro entre si mesmos, motivados também, pelo enfraquecimento da ideia de voltar para seu país e por causa dos filhos que se consideravam canadenses.

Depois de quatro anos e meio, trabalhando com os migrantes chilenos, era perceptível a tendência do abandono do radicalismo ideológico, abrindo a visão de formação de uma comunidade chilena, em Edmonton.

“Princípios são princípios. Ideias mudam. Pessoas mentem. E o tempo mostra quem é quem.” (Cleiton Salvador)

Considerado como perigoso? Nem tanto

Desde minha chegada à cidade de Edmonton, na província de Alberta, Canadá, iniciei as atividades apostólicas com afinco e amor, entre os refugiados chilenos, sabidamente, pessoas de ideologias de esquerda. Gostava muito de participar de seus encontros, festas, manifestações culturais ou reuniões, para a troca de ideias a respeito da integração deles, na sociedade canadense. Conforme ia me entrosando com eles, adquiria autoconfiança no apostolado, conhecimento de sua cultura e peculiaridade, bem como seus dramas de migrantes especiais.

Achava interessante a visita semanal ou quinzenal que dois senhores altos, sempre de terno e gravata, me faziam. Nunca aceitaram tomar um cafezinho comigo. Faziam visitas breves de 10 a 15 minutos. A conversa girava sempre sobre como os chilenos iam se integrando no país, entre eles e sociedade. Também, sutilmente e de forma insinuante, indagavam como iam minhas atividades.

Havia algo estranho sucedendo com meu status, no Canadá. Enquanto meu colega em Vancouver, BC, conseguiu sua residência em três meses, depois da chegada ao país, eu, depois de um ano e meio, ainda não recebia a residência. Continuava sendo turista. Sob o aspecto legal, não havia possibilidade para trabalhar. Contudo, como missionário, eu fazia meu trabalho sem problemas e com liberdade, sem receber salário ou vínculo empregatício. Enquanto isso, os dois senhores continuavam com suas visitas.

Finalmente, certo dia, encontrei uma carta do Serviço de Imigração do Canadá, na caixa de correio. Pulei de alegria pensando com meus botões: “Chegou minha residência!” Abri a carta com ansiedade e “taquei” os olhos nela. Surpresa – “Seu visto de residência no Canadá foi negado. Portanto, você tem um prazo de 30 dias para sair do país.” Assinava a carta, o diretor provincial do Serviço de Imigração, Mr. English.

Muito decepcionado, telefonei para meu superior cuja sede era em Chicago, Ill, informando-o sobre o conteúdo da carta. Ele, também, ficou estarrecido, mas me acalmou. – “Quando eu trabalhava em Windsor, Ontário, eu fiz o casamento de um amigo meu, que hoje é Secretário do Trabalho. Vou conversar com ele. Por enquanto, não saia do país.” O Serviço de Migração do Canadá, era subordinado ao Ministério do Trabalho.

Passaram-se diversos dias e finalmente, o superior telefonou-me, dizendo que tinha falado com seu amigo ministro, que prometera fazer alguma coisa e que não tinha nada mais a fazer do que esperar. O tempo passava e não havia novidades.

Enfim, encontrei mais uma carta do governo, no correio. “Já me vejo preparando a mala”, pensei. Não foi assim, mas também, o convite que trazia não me pareceu animador. “Dia tal, hora tal, por favor, venha ao Serviço de Imigração para tratar de seu status no Canadá. Por favor, saiba e avise seu superior que todo processo de imigração a seu respeito vai ser processado em Edmonton”. Assinado Mr. English.

No dia e hora marcados, lá fui eu com as pernas tremendo, pensando no pior. Fui recebido por um oficial de semblante sério que me entregou um envelope ocre, dizendo que dentro dele encontraria os formulários para serem preenchidos e os exames médicos que deveria fazer para postular a residência. Antes mesmo de preencher os papéis, corri ao consultório de um médico espanhol, fugitivo do ditador Franco, para que me ajudasse com os exames exigidos. “Deixa para mim”, disse.

Passaram-se uns dias, fui buscar os exames e, como solicitado, levei-os ao Serviço de Imigração. O oficial abriu o envelope, olhou, leu e fez uma cara estranha; olhou-me com olhos de pessoa de poucos amigos.

– “Que foi?” perguntei.

– “Wip Worms, disse ele. Wip Worm (Verme Chicote) é um minúsculo verme intestinal existente em países tropicais.” Para ficar no país você precisa se tratar. Só depois daremos o visto”

– “Mas o prazo de 30 dias que vocês me deram está chegando

ao fim”.

— “Não se preocupe. Nós vamos prolongar seu prazo por mais 30 dias. É o tempo suficiente para solucionar o problema.”.

Lá fui eu ao médico indicado pelo Serviço de Imigração. Era um canadense gorducho. Ao ler o resultado dos exames começou a repetir para seu colega de consultório: _ “Wip Worms, Wip Worms, Wip Worms!” Que tipo de verme é esse? Como se trata?” Os dois estavam surpresos”.

Depois de consultar os dicionários, telefonaram para a USP, de São Paulo, perguntando como tratar os vermes, uma vez que eram desconhecidos no Canadá. Instruídos pelos médicos do Brasil, receitaram um comprimido por dia, durante 20 dias, para eliminar os vermes intrusos que migraram comigo para o Canadá.

Findo o tratamento, voltei ao Serviço de Imigração do Canadá para encontrar o mesmo oficial, Mr. English, que me tinha dado 30 dias para sair do país, mas que agora teve que dizer sem olhar no meu rosto: _ “Bem-vindo ao Canadá”. Agradeci e continuei meu trabalho com mais serenidade e sem pressão.

Tudo isso aconteceu por ter sido considerado, pessoa perigosa para o Canadá. Além de trabalhar com refugiados da esquerda ideológica do Chile e países da América Central, nas informações recebidas do Brasil constava que eu havia sido interrogado duas vezes, em Ourinhos e Presidente Prudente, por suspeita de integrar algum grupo subversivo. Os dois elegantes visitantes pertenciam ao serviço secreto da RCMP (Royal Canadian Mountain Police), uma das mais conceituadas polícias do mundo. Chegaram à conclusão de que eu poderia ser perigoso para o Canadá e que deveria abandonar o país.

Entre os limitados seres humanos, não existe nada que tenha a verdade absoluta, por isso quando julgamos os outros, somos passíveis de erros.

No centro das contradições

Olhando para minha história, devo gratidão a Deus e aos superiores, por ter sido enviado a lugares desconhecidos para mim. Tendo ultrapassado os 40 anos de missão, ainda não tive a proposta de voltar a exercer a vida apostólica duas vezes no mesmo lugar. Nessa experiência de enfrentar o novo, percebi como somos causa de contradições, quando fazemos interpretações baseados nas primeiras impressões.

No ano de 1975, quando fui enviado em missão para o Canadá, com meus 29 anos de idade, diziam que eu não apresentava essa idade. As pessoas que frequentavam a igreja diziam que eu tinha cara de padre adolescente, talvez porque estavam acostumados com sacerdotes bem mais idosos do que eu.

Chegou o tempo de quaresma, tempo de oração, caridade e conversão. Dentro dessa estação litúrgica, faz parte a procura do Sacramento da Penitência, ou Confissão. As paróquias organizavam as confissões em dias diferentes para que os sacerdotes de uma região pudessem ajudar-se nesse ministério. Havia uma preparação e motivação feita por um deles enquanto os demais ficavam em suas cadeiras. Terminada esta parte, o pároco apresentava por nome os sacerdotes, indicando o lugar onde ouviria as confissões. Ao chegar a minha vez, ouvia-se: “Esse é o padre Olmes, um jovem sacerdote brasileiro”. Um sorrisinho tomava forma nos seus lábios e de muitas pessoas.

Feita a apresentação, dirigia-me ao lugar indicado. Com um pouco de frustração, notava que a fila das pessoas que vinham se confessar comigo, era bem mais curta do que aquela dos outros sacerdotes. Ouvia as pessoas cochichando entre si. Tentei afinar, da melhor forma possível, o sentido da audição, para tentar saber sobre o que comentavam. Meu conhecimento da língua inglesa era bastante razoável. Pude distinguir algumas expressões:

- “Ah, não! Ele é muito novo. Será que é bom para confissão?”

- “Sabe o que? E não vou falar meus pecados para um adolescente!”

- “Só confesso com ele porque a fila dos outros padres é longa”.

Conclusão, ser padre jovem não é fácil. Para aparentar mais idade prometi que deixaria crescer a barba. Por mais de três anos meu rosto esteve atapetado com uma barba ruiva.

Contudo, as contradições não pararam por ali. Na mesma semana, havia confissões em outra paróquia. Fui lá, formar a equipe dos confessores. O pároco local, apresentou os sacerdotes por nome, país de origem e as línguas que conhecia. Chegando minha vez disse:

“- Aqui está o Padre Olmes, um jovem vindo do Brasil recentemente”. Indicou o lugar onde atenderia, sem mencionar nenhuma língua falada por mim.

Dirigi-me ao lugar indicado. Depois de uns vinte minutos, percebi que os meus penitentes eram quase todos homens. O tempo passava, mas o fluxo de pessoas que vinham a mim não diminuía. Calculando o número de sacerdotes disponíveis e o número de pessoas na igreja, não via motivo para que o tempo de confissões fosse tão longo. Fiquei meio impaciente. Abri a cortina do confessionário para dar uma espiada. Notei que não havia mais ninguém em frente dos outros confessionários, enquanto eu, ainda deveria atender umas quatro ou cinco pessoas.

Ao terminar, como era de praxe, fui até a sala dos padres para o lanche que era oferecido depois das confissões. Quando entrei na sala foi aquela agitação. Os seis ou sete padres riam e diziam:

- “Ah! Muito trabalho, hein! Faz tempo que estamos aqui tomando esses drinks. Sirva-se.”

- “Como é isso?”, perguntei com meu inglês de segunda classe.

- Muito simples! As pessoas pensaram que você não sabe inglês e aproveitaram para descarregar os pecados nos seus ouvidos.”

“Nem a contradição é sinal de falsidade nem a falta de contradição é sinal de verdade.” (Blaise Pascal).

O nó das igrejas nacionais

E

Embora os bispos do Canadá, ao contrário dos bispos nos Estados Unidos, não fossem muito favoráveis a que os grupos de migrantes construíssem a própria igreja, mas se integrassem nas paróquias já existentes, existia em número razoável de igrejas nacionais, construídas em épocas marcadas por outras ideias.

Os chilenos, no início, foram acolhidos com bastante alegria numa igreja construída e administrada pela Congregação dos Missionários de São Carlos-scalabrianos, para atender os migrantes italianos, conforme seu carisma. A alegria de tê-los acolhido durou pouco tempo. Com frequência, ouviam-se expressões como: “Essa igreja é nossa”; eles que construam a sua; “eles não fizeram nada para construir essa igreja”.

A pressão forte sobre o novo pároco, que era italiano, e substituiu aquele que me acolheu calorosamente, e não gostava dos migrantes chilenos. Foi induzido por algumas pessoas e o padre que, em anos anteriores, construíra a igreja, a falar com os superiores pedindo que a minha Congregação terminasse o trabalho com eles. Certamente, isso soa como uma ironia, pois a Congregação a qual pertenço, tem o trabalho com os migrantes como seu carisma específico. Enfim, ele foi a peça fundamental para que eles tivessem de procurar uma igreja canadense onde, também, foram acolhidos com reservas. Mais tarde, depois de perambular por diversas igrejas, até procurar acolhida numa igreja protestante, adquiriram sua própria igreja.

Foi decepcionante, porque o carisma específico da Congregação é exercer a missão com os migrantes. Mas deve-se entender que a Congregação, nas suas origens, era voltada, exclusivamente, para os migrantes italianos e que essa abertura só podia ser dolorosa para os missionários antigos.

A maioria das igrejas nacionais, construídas por migrantes italianos, poloneses e franceses, estava ficando, gradativamente, vazia. Quem frequentava os serviços religiosos eram pessoas de

idade avançada. Os filhos casavam-se, iam morar em outros bairros, e quem frequentava a missa, procurava uma igreja local americana ou canadense. Na verdade, transformaram-se num símbolo nacional, mais do que cristão. Velhos migrantes que tiveram dificuldades para serem acolhidos, por ocasião de sua chegada, agora se recusavam a partilhar seus espaços com os novos.

A atitude de cristãos que não acolhem cristãos, além de ser contratestemunho do evangelho, revela, muitas vezes, que a igreja, como casa de todos, sem levar em conta procedências e raças, pode ser um mito. Ir além dos nacionalismos era um desafio a ser enfrentado pelos migrantes e seus pastores, no Canadá e Estados Unidos, além do Japão e outros países. Em muitos lugares, devido à presença de muitos migrantes e sob a pressão das autoridades eclesiásticas, as portas foram se abrindo aos poucos.

Com o passar do tempo, os migrantes foram considerados uma bênção, pois graças a eles, muitas comunidades reviveram e floresceram. Houve, também, igrejas que, recusando-se a receber os migrantes, fecharam suas portas, mudaram de finalidade ou até foram vendidas.

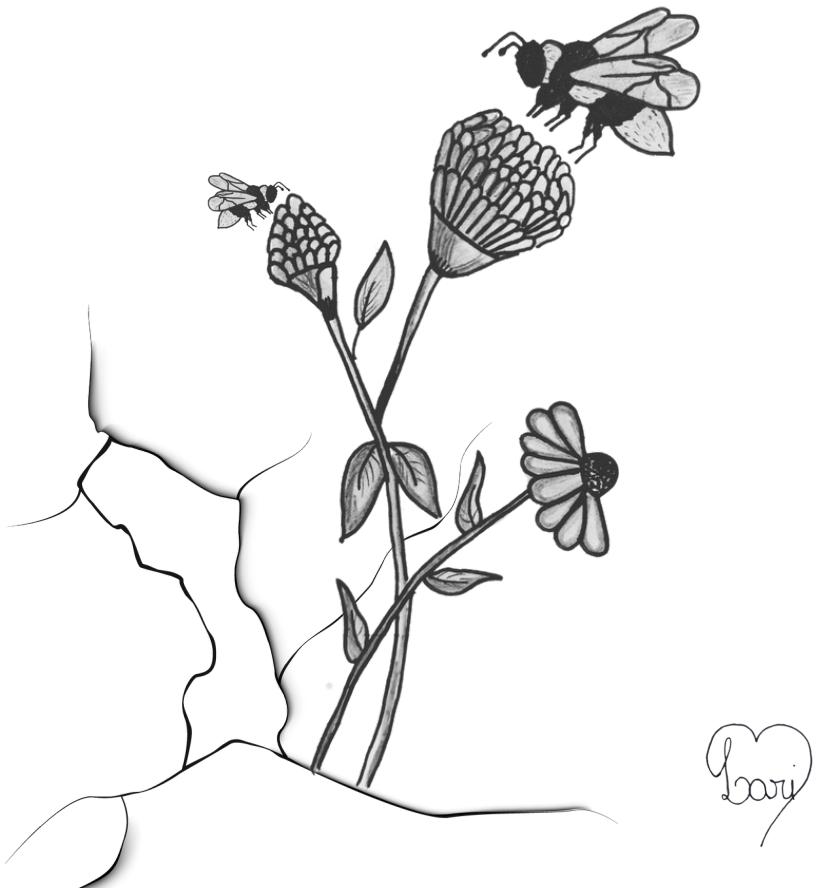
Com as religiões protestantes as coisas não eram diferentes. Lembro que em Edmonton, uma delas foi transformada em discoteca country, tendo sido decorada com uma trilhadora, um pequeno avião agrícola pendurado no teto e outros implementos usados nas áreas rurais.

"Nunca se esqueça que ao fechar a porta para alguém, automaticamente se fecha uma porta para você..."(Dante Palombo Jr)

Parte V

**MAS, A DESPEITO DAS PEDRAS, AS PLANTAS
CONTINUAM A NASCER, CRESCER, FLORECER...**

(Ruben Alves)



Missionário “desempregado”

Devo confessar que fiquei decepcionado com as atitudes dos migrantes italianos e seu pároco, pelo afastamento dos chilenos da igreja, que deveria ser sua casa, longe da pátria. A mesma atitude aconteceu com Cristo; veio junto aos seus, mas estes, não o receberam.

Despejados os migrantes chilenos e os outros de língua espanhola da nossa igreja, em Edmonton, fiquei “desempregado”. Como fazia mais de quatro anos que estava fora do Brasil, fui “premiado” com um mês de férias junto com minha família. O padre superior informou-me que, ao regressar, o próximo campo de trabalho seria em Chicago, Ill. USA.

Depois de quatro anos de ausência, posso testemunhar que minha chegada era esperada com bastante alegria, especialmente, por meu pai que não gostava da ideia de ter um filho, trabalhando no exterior. Minha mãe questionava o motivo de trabalhar tão longe se no Brasil faltavam padres. De fato, transcorreram poucas horas para que formulasse a pergunta:

- “Você não vai mais voltar para lá, não é?”.

Devido aos acontecimentos em Edmonton, tive um desejo muito forte de dizer que não mais voltaria, mas me controlei e não respondi.

Alguns parentes comentavam em fazer uma petição para que exercesse o ministério na cidade natal. A ideia é simpática, mas dois mil anos atrás, Cristo disse que nenhum profeta é estimado na própria terra. Nem de longe ser comparado com Ele.

Cuidadosamente, evitava qualquer comentário sobre o assunto, para não entreter minha família, que resistia à ideia de eu sair do Brasil. Simplesmente, respondia que já tinha a passagem comprada para voltar, para trabalhar não mais no Canadá, mas nos Estados Unidos. Foi bastante dolorosa a tensão entre o desejo dos familiares e meu compromisso de voltar à América do Norte.

Todavia, devo entender que os familiares “leem” o mundo a

partir de seu ponto de vista. O missionário vê de forma muito diferente. No meu caso, a motivação de tudo, estava a atração pela missão com os migrantes que é acolher, apoiar e caminhar na fé com eles.

A maior parte dos meus conhecimentos sobre culturas, religiões e costumes, devo aos migrantes. Vindos de outros países, continentes e regiões, são uma fonte de enriquecimento inigualável. Eles trazem sua cultura, convicções religiosas, formas de conviver que enriquecem as comunidades aonde chegam. Cada pessoa traz consigo um pouco de seu país e da sua região. A somatória dos aportes de cada ser humano, constitui-se numa riqueza extraordinária que nenhum livro ou tratado acadêmico consegue transmitir. O migrante é o livro vivo, no qual é possível conhecer as culturas e as pessoas, por dentro.

Mesmo com o coração pungido e as ideias confusas, viajei para Chicago.

Por ser tempo de carnaval, houve dificuldades para organizar a viagem de volta para os Estados Unidos. Não consegui regressar embarcando em São Paulo, com parada em Miami e de lá, para Chicago. Finalmente, depois de muito trabalho consegui organizar a viagem. Sairia com um avião de São Paulo, com paradas em Campo Grande, Cuiabá, Porto Velho desembarcando em Manaus, onde tive que permanecer por quase dois dias, na espera de um avião da Bolívia que me levaria até Malquetia na Venezuela. De Malquetia, em outro avião embarquei para Miami, de onde embarcaria no último avião com destino a Chicago. Tudo parecia correr bem. Que nada. Fiquei retido na alfandega. O motivo foi um pacote de erva mate para chimarrão que trazia na mala. Fui conduzido para uma sala onde esperei bem mais de uma hora, com “supervisão”.

Finalmente, apareceram duas pessoas com a erva. Pediram desculpas, pois, suspeitavam que fosse uma droga. Enquanto, a erva de chamarão foi analisada e liberada, o avião no qual deveria embarcar já tinha decolado. Gentilmente me conduziram a uma companhia aérea que dispunha de assentos livres.

Cheguei em Chicago e, de taxi, quase à meia noite toquei a

campainha da casa da Direção Provincial dos padres scalabrinianos. O superior, ítalo-americano, abriu a porta visivelmente contrariado, mas teve a bondade de me indicar um quarto confortável para um merecido descanso depois de todas as peripécias vividas.

“Então, de repente, sem pretender, respirou fundo e pensou que era bom viver. Mesmo que as partidas dozessem.” (Caio Fernando Abreu)

Gangues, máfia e flores

Chicago, a bela cidade dos ventos à beira do Lago Michigan, mas também a terra da máfia cuja referência principal foi o famoso Alphonsus Gabriel Capone, ou simplesmente, Al Capone. Ele nasceu no Brooklyn, aos 17 de janeiro de 1899, e morreu aos 25 de janeiro de 1947, em Palm Beach. Foi um gângster ítalo-americano que liderou um grupo criminoso dedicado ao contrabando e venda de bebidas, entre outras atividades ilegais, durante a Lei Seca que vigorou nos Estados Unidos, nas décadas de 20 e 30.

Uma das características da cidade de Chicago são os trens, rodando sobre estruturas de ferro com quatro ou mais metros de altura. Cada trem que passa produz um barulho ensurcedor. Sob os vãos da via férrea, especialmente aquele sobre a rua chamada Lake Street, instalavam-se usuários e traficantes de drogas, prostitutas e criminosos. Trafegar de carro por lá, somente com os vidros fechados e travados.

Em 1978, ano em que fui destinado a trabalhar nos USA, na Paróquia “Santa Maria Addolorata, hoje desativada, a máfia era ainda muito ativa, na cidade de Chicago. Ainda era muito presente e forte, em alguns subúrbios.

No centro da cidade de Chicago, onde exercia a missão entre os migrantes mexicanos e porto-riquenhos, proliferavam as gangues juvenis. Usavam siglas e sinais especiais para identificar o

grupo ao qual pertenciam. Os confrontos entre gangues rivais, eram muito frequentes e, muitas vezes, sucediam mortes vingativas. Morte era vingada com morte. O grupo, autor do assassinato, pichava os muros e a casa funerária onde o corpo era velado. Num desses velórios, membros da gangue, que tinha matado um jovem, entraram na capela funerária durante as orações que eu conduzia. De repente, irrompeu uma briga infernal. Só via movimentos de punhos atingindo as pessoas e cadeiras voando como se fossem helicópteros. Por precaução, o diretor da casa funerária retirou-me por uma porta dos fundos e pediu que eu fosse embora imediatamente, para não ser interpretado como amigo do falecido ou mesmo para não ser atingido por algum objeto voador.

Na região próxima ao centro da cidade, onde estava localizada a igreja, havia pelos menos seis ou sete, desses grupos. Coincidência numérica ou não, lembro que os primeiros seis funerais a que presidi, foram de seis jovens mortos em confrontos entre gangues rivais. A constatação dessa realidade causou-me preocupação e susto. Fiquei ainda mais estarrecido ao saber que as gangues eram muito agressivas, não só em seus atos, mas também no recrutamento. Uma vez que um jovem entrasse para esses grupos, a saída dele poderia significar perseguição e morte.

A região onde fui exercer a missão, contava com uma população de migrantes mexicanos e porto-riquenhos jovens, solteiros e carentes, afetivamente e de dinheiro. Moravam em casas velhas que no passado, abrigavam migrantes italianos e poloneses. A maioria dos jovens mexicanos, era de solteiros e sem documentação para residir e trabalhar nos Estados Unidos. Sendo uma população vulnerável, estavam sujeitos a ser presas fáceis de grupos perigosos.

A natureza ensina que não existe deserto tão desolado e inóspito, onde uma flor não floresça, se houver o mínimo de umidade. Neste ambiente de insegurança e desconfiança, as igrejas transformaram-se numa alternativa para encontros, convivência e envolvimento nas comunidades.

Embora, diversas igrejas, sob a liderança dos sacerdotes,

tivessem aberto as portas para os migrantes do México e Porto Rico, o relacionamento com os velhos migrantes italianos era complicado. Mesmo com suas igrejas nacionais quase vazias, não admitiam que fossem enchidas com pessoas recém-chegadas de outros países. Além das reações verbais, boicotes, alguns descendentes de antigos migrantes ameaçavam remover da igreja, janelas, bancos e decorações doadas pelos seus antepassados como participação na construção da igreja. Ficou, quase tudo, só na ameaça, mas diversas placas afixadas com o nome dos doadores desapareceram.

Algumas vezes, a rejeição aos migrantes latinos, era temperada pela maldade. Um velho migrante, já bem idoso, que assistia à missa do lado de fora da igreja, por mais de uma vez, espalhou pregos e tachas com cabeça grande, no estacionamento para provocar perfurações nos pneus dos carros.

A história de diversos grupos de velhos migrantes, nos Estados Unidos, Canadá e outros países, indicam que, quando a evangelização é descuidada, as igrejas se transformam em sedes sociais nacionais, ao invés de comunidades de fé, irradiação do Evangelho.

Felizmente, os missionários carlistas, scalabrinianos, que, na época, trabalhavam com os migrantes italianos, enfrentando muita resistência da parte do povo, começaram a acolher os novos migrantes do México.

O sacerdote, pioneiro na acolhida e ação profética em favor dos migrantes de língua espanhola, foi o italiano Padre Alex Peloso, fundador de uma instituição para defender os migrantes e de uma união de crédito, para que as pessoas, sem documentos, pudessem depositar o seu dinheiro com segurança, pois as redes bancárias não abriam contas para trabalhadores sem documentos de residência.

Por falta de documentação, os migrantes tinham o maior cuidado para não se expor e ser notados pelo Serviço de Imigração dos Estados Unidos. Contudo, eram tantos os indocumentados, que as autoridades tinham muita dificuldade para prendê-los e deportá-los. Quando tinham sucesso em fazê-lo, eram reclusos em

detenções. Quando atingiam o número desejado, os detentos eram levados para a fronteira com o México e abandonados, especialmente, na cidade mexicana de Tijuana.

Felizmente, a Congregação dos missionários de São Carlos, Scalabrinianos, opera uma casa de acolhida naquela cidade, onde as pessoas deportadas recebem toda espécie de assistência até se encontrarem com seus familiares.

Embora com alguma resistência por parte de alguém sacerdote, com o apoio e em conjunto com alguns leigos, o primeiro programa de rádio em espanhol da Província scalabriniana, São João Batista era levado ao ar uma vez por semana. Numa das ocasiões que estávamos para iniciar o programa, os funcionários da rádio correram para nos convidar para a sala do telex para vermos a notícia da morte do Papa João Paulo I. O locutor do momento noticiou o evento. Como não podia deixar de ser, nós também noticiamos a morte do papa em língua espanhol em nosso programa.

O mencionado programa radiofônico continuou a ser levado ao ar quando fui transferido para a paróquia Nossa Senhor do Monte Carmelo, em Melrose Park, um subúrbio da grande Chicago.

“Algumas pessoas cuidam melhor de seus cães do que dos seus irmãos.”
(Papa Francisco)

Chegou minha vez. Com lenço, mas sem documento

Se infringir a lei no país de origem já é complicado, as consequências são muito piores para o migrante, em outro país, especialmente, devido à xenofobia. Geralmente, a lei é aplicada com extrema severidade para um estrangeiro infrator, enquanto o cidadão local tem o benefício da vênia.

Fui exercer a Missão nos USA, como trabalhador especializado, com visto válido por um ano, podendo ser renovado. Quem requisita a renovação é o empregador. No meu caso, o

superior da Congregação no país. Nos anos 80, superior local da Congregação, que era americano, devia ir ao Capítulo Geral da Congregação, em Roma. Julguei oportuno avisar que, em mais um mês, meu visto expiraria e deveria ir ao Departamento de Imigração para renová-lo.

_ “Ah! Não se preocupe,” disse ele. “Você acha que as autoridades americanas vão se interessar por um “padresinho brasileiro? Deixa para minha volta”.

Se o chefe fala assim, está bem, pensei eu. Como os jovens mexicanos, eu não teria visto para continuar no país. Sendo a pele de cor branca, pensei que os oficiais de imigração não iriam me procurar. Não foi assim. De fato, não me procuraram. Eu caí nas mãos deles.

Enquanto ele estava em Roma, numa noite bem escura devido ao nevoeiro, fui chamado a um hospital do governo que tratava de pessoas negras, em sua maioria, para um atendimento de urgência. Um senhor negro, estava à beira da morte. A rua que levava até o hospital, não era precariamente iluminada e não vi um sinal “pare”. Lá fui eu. De repente, um carro com todos os faróis de alerta ligados, estava atrás de mim. Era a polícia. Parei. Desembarcaram dois policiais. Logo pediram o documento de habilitação que era do Canadá, mas válido nos Estados Unidos. Percebendo que eu era estrangeiro, pediram para ver o passaporte. Falei que não o trazia comigo. Perguntaram-me se eu não tinha visto o sinal “pare”. “Que sinal?” respondi. “Cinquenta metros ali atrás está um sinal”, observou um policial. Humildemente, pedi desculpas. Anotaram alguma coisa em seus blocos de anotações e perguntaram para onde eu estava indo.

- “Sou padre e vou ao hospital “Koock County” atender um doente.”.

_ “Siga--nos. Nós o conduziremos até lá.”.

Acompanhei-os. Ao chegar ajudaram-me a estacionar na frente do hospital e disseram que eu podia ir atender o doente que eles cuidariam do carro. Subi ao terceiro andar onde estava o paciente, na UTI. Quando descii, lá estavam eles cuidando do carro.

Imediatamente pensei que alguma coisa pior estava por acontecer. Ao contrário, demonstraram gentileza e serviço, especialmente, por eu fazer um serviço religioso e humanitário.

- “Boa noite”, disseram. “É tudo.”

Fiquei aliviado. Agradeci e fui para casa continuar meu descanso. Achei a atitude deles muito cortês. Até agradeci a Deus, por me livrar de ser preso e posto na detenção de imigração.

Minha tranquilidade durou menos de uma semana. Certo dia, encontrei um envelope com dois cartões na caixa de correio. Num estava escrito: “Vendo nossos arquivos, percebemos que seu visto de trabalho está vencido. Você tem 8 dias para sair do país. Por favor, preencha o cartão anexo a este, e devolva-o no porto de saída. Caso não saia do país voluntariamente, o governo dos Estados Unidos o deportará a força.”

Fazer o quê? Como ainda tinha o visto do Canadá, preferi a deportação voluntária. Fiz as malas e fui para Edmonton, onde tinha trabalhado, anteriormente. Foram dois meses de trâmites. Recebi o visto e voltei para Chicago no dia 1º de janeiro de 1980, com um calhamaço de papéis para apresentar no Departamento de Imigração.

No dia e hora marcados, fui ao Departamento de Imigração. Quem me atendeu foi um oficial branquelo com atitudes secas e palavras autoritárias. Pediu meu nome e o escreveu num papel; saiu deixando-me sozinho na sala. Ao voltar perguntou secamente:

- “Qual é o assunto que você deseja tratar?”.

- “Vim buscar meu visto de residência neste país”, respondi.

- “Nada disso! Você tem ordem de sair dos Estados Unidos”, declarou com autoridade.

- “Sim, senhor, eu já saí e estou aqui com os documentos do consulado no Canadá, onde recebi a residência. Na verdade, só vim aqui para que vocês façam o cartão, “Green Card.”.” Pus os documentos na sua frente. Ficou mudo e, muito cabisbaixo. Conduziu-me à outra sala, onde confeccionaram o desejado “Green Card.”.

Moral da história: Mesmo sendo um “padresinho brasileiro” a gente acaba virando importante.

Um povo descaracterizado e um galo desequilibrado

O ano de 1981, foi cheio de belas atividades e experiências, mas também, de desafios. Muitos deles têm origem na falta de conhecimento da cultura e religiosidade do povo com quem se trabalha.

A paróquia de Santa Maria Addolorata, próxima ao centro da cidade, que acolhia migrantes mexicanos e porto-riquenhos, era uma vitrine onde se exibiam as diferenças, das práticas religiosas dos dois grupos. Os porto-riquenhos, devotos de Nossa Senhora da Divina Providência, padroeira de Porto Rico, os mexicanos de Nossa Senhora de Guadalupe; estes celebram, com intensidade e fervor, as Festas Natalinas enquanto aqueles celebram a festa dos Reis Magos, no dia 6 de janeiro, com feriado civil.

Em vista das diferenças mencionadas, depois das festas do final de ano em 1981, atendi um convite carinhoso de visitar Porto Rico e conhecer de perto sua cultura, mesmo sabendo, por meio de leituras que ela é, totalmente, descaracterizada pela presença americana.

Chegando ao Aeroporto Internacional de San Juan, capital da ilha, fui recebido e acolhido pela família que me convidou. Sua residência era em Vega Baja, uma área pobre na periferia da capital.

Tinha chegado ao Estado Livre Associado de Porto Rico. Este é nome oficial da ilha caribenha. Que nome complicado! Todos, conhecemos a ilha como Porto Rico. O nome confuso, revela também a história de seu povo, a falta de identidade cultural, nacional e política. É uma colônia, um estado, uma dependência ou protetorado? É difícil identificar Porto Rico não só pelo nome oficial, mas, também, por sua situação política, social e cultural.

No trajeto do aeroporto até a residência dos meus amigos,

pude perceber nos anúncios comerciais e governamentais, uma presença maciça do americanismo. Obviamente, além da moeda americana, serviços como os correios, por exemplo, eram americanos. O brasão dos Estados Unidos era exibido em todos os lugares relacionados com o governo. Creio que, como para qualquer visitante, a primeira impressão foi que eu estava chegando num dos lugares mais pobres dentro dos Estados Unidos.

Em Vega Baja, fui acolhido na casa humilde, mas cheia de amizade. Depois de acomodado, me conduziram pelas ruazinhas do bairro para visitar diversas pessoas que haviam morado nos arredores da Igreja Santa Maria Addolorata, em Chicago. A maioria eram parentes da família. Entre uma casa e outra, era apresentado para a maioria das pessoas que estivesse à frente de suas casas ou residentes do bairro. O acesso às moradias, era facilitado. As casas humildes eram cercadas por muros no fundo e nos lados, mas a frente estava livre. Embora a língua espanhola falada pelas pessoas era salpicada de palavras inglesas, o espírito acolhedor e amigável do povo latino permanecia intacto

Nas visitas que fazíamos às pessoas do local, chamou-me atenção a quantidade de homens solteiros que viviam razoavelmente, mas não trabalhavam. Faziam alguns biscates de mecânica ou manutenção para a população local. Quem seriam e por que não se casavam? Aos poucos, percebi que eram veteranos da malfadada e fracassada guerra do Vietnam e que não se casavam devido aos problemas psicológicos e dificuldades de adaptação à vida familiar.

Embora, sem direitos plenos dentro do cenário americano, numerosos porto-riquenhos e negros, foram enviados para a guerra no Vietnam. Assim, havia sucedido também com a guerra da Coréia. Negros e porto-riquenhos, que eram os mais pobres, viravam soldados que empunhando fuzis ou metralhadoras, lutavam corpo a corpo com soldados feitos inimigos por seus governos. Sob o pretexto de vencer o medo na ação de matar e ser morto, recebiam injeções e “medicamentos” antes de sair das bases militares. Todos eles manifestavam algum tipo de sequelas por causa daquelas

injeções.

Alguns anos mais tarde, quando trabalhava no subúrbio de Melrose Park, percebi a gravidade do estado psicológico dos ex-combatentes. Tendência ao isolamento, frustração e vergonha, diante da população, pela derrota na guerra, tendência à misantropia e, até mesmo, incapacidade para formar uma família, eram algumas das consequências da guerra.

A notícia de que havia um padre de Chicago, na casa de meus amigos se espalhou rapidamente. Principalmente, os amigos e parentes da família ou pessoas que haviam morado nos Estados Unidos vinham nos visitar.

Nunca sofri de insônia, mas naquela casa, não conseguia dormir direito. O motivo não era a ilusão da presença de alguma “entidade espiritual” no quarto e nem alguma superstição, muito frequente entre os porto-riquenhos. O problema era o galo da família ao lado. A ave quase não tinha penas nas asas. Comprovei que nem sempre o galo tem hora certa para cantar. Aquele, então, era totalmente desregulado. Cantava a qualquer hora e bem alto, e um tanto desafinado. Antes de emitir seu canto, batia as asas. Como ele era quase desprovido de penas, as asas batiam em seu corpo como se fossem dois paus emitindo um forte barulho. Para complicar, o tronco de árvore seca sobre o qual ele se empoleirava, ficava bem ao lado da minha janela.

Num dia, de manhã bem cedo, a senhora da casa, vendo-me com cara de sono perguntou:

- “Padre, o senhor não está dormindo bem? Se o colchão não está bem, eu troco.”

- “A senhora tem razão. Estou com sono. O galo dos vizinhos não me deixa dormir.”

Deu uma risada gostosa e disse:

- “Nós tivemos que nos acostumar. Não tem jeito. Ele não regula.”

O senhor que ouvia a conversa com um sorriso malicioso apresentou a solução:

- “A melhor coisa seria colocá-lo na panela, mas, como somos

vizinhos, não podemos arriscar de criar inimizade entre nós.”

- “Mas eu não sou vizinho. Vou fazer a proposta de comprar o galo e vamos fazer uma janta com ele”,., disse eu.

Demos algumas gargalhadas. Fiquei esperando o momento em que alguém da casa ao lado aparecesse;

A certa hora da manhã, uma senhora varria o quintal. Chamei-a da rua:

- “Senhora, bom dia! Poderia trocar uma palavrinha com a senhora?

- “Certamente. É um prazer”, disse ela.

- “Sou padre de Chicago e estou visitando meus amigos. Eu gostaria de fazer um agrado para eles, hoje à noite. A senhora não quereria vender o galo que se empoleira naquele tronco próximo ao muro?”

Ficou surpresa com a proposta. Olhou nos meus olhos e disse sorrindo:

- “Padre, não posso vender o galo. Se eu o vendo as minhas três galinhas ficariam viúvas. Áí eu não vou mais ter pintinhos para criar.”

Resignado, voltei para a casa onde os amigos estavam me esperando com um sorriso.

- “Não deu certo “, disse a senhora. “Nós já tentamos fazer o mesmo negócio. A mulher não aceitou”.

Se naquela casa havia só um galo, viajando pela ilha, no único domingo, durante o tempo que estive em Porto Rico, percebi que não faltavam galos. Contudo, eram galos de rinha ou de combate. Ao longo da autoestrada, que circunda grande parte da ilha, havia pequenas multidões em todas as vilas. As pessoas se aglomeravam ao redor dos ringues para ver as aves se digladiarem.

As brigas de galo, estavam, profundamente, arraigadas nos porto-riquenhos, como o futebol para os brasileiros. É uma atividade que emprega muita gente e movimenta milhões de dólares. Pessoas do exterior viajam para os arredores de San Juan a fim de ver o embate dos galináceos. A demanda é ainda maior em Porto Rico, por ser considerado o lugar onde são criados os

melhores galos de combate do mundo.

Na Festa de Reis, se entrelaçam motivos religiosos e folclóricos. Encenações da visita dos Reis Magos ao recém-nascido, Menino Jesus, sucedem nas ruas. Cavalos ou burros montados pelos personagens, apropriadamente ataviados, vindos do Oriente atraem os moradores. O ambiente é de festa em toda a ilha.

Embora, atraídos pelas brigas de galo, o que alvoroçava os porto-riquenhos naqueles dias, era a chegada do dia 6 de janeiro, Festa dos Reis Magos que, para eles, corresponde ao nosso Natal. Troca de presentes, música, celebrações nas igrejas e feriado civil abrem oportunidades para visitas e encontros de amigos e familiares.

Embora muitas tradições ainda existentes e revividas pelos porto-riquenhos, verifica-se uma descaracterização da cultura e uma perda da familiaridade e jovialidade. Respondendo às ações de diversos movimentos e de pressões de outros países para uma possível independência de Porto Rico, a grande potência americana criou sistemas para manter o território sob seu controle. Isso significou acabar com as culturas agrícolas locais e estabelecer indústrias, muitas delas desativadas.

A promoção agressiva do estudo de inglês, em detrimento da língua espanhola, quase fez surgir uma terceira língua, uma espécie de espanhol macarrônico. Pode-se escutar um linguajar com palavras em inglês espanholizado e vice-versa, de forma que um hispano-falante, de fora, deve exercer autocontrole para não rir na frente dos alegres porto-riquenhos. Na verdade, a mistura cômica das duas línguas é tão normal que eles já nem percebem o fato.

A identidade cultural do povo porto-riquenho está comprometida. A ilha entrou na dança americana do consumismo.

Sob o pretexto de manter a segurança e a defesa da ilha, as bases das forças americanas estão presentes em muitos lugares. Em última análise, a finalidade do aparato militar é manter o domínio da ilha e fazer que a população não tenha outra opção, senão desejar ser o 51º estado americano.

"Um povo sem conhecimento, saliência de seu passado histórico, origem e cultura, é como uma árvore sem raízes." (Bob Marley)

Xenofobia, uma força real

A população dos subúrbios de Chicago, era composta de pessoas que deixaram a grande cidade, especialmente, o velho centro, para morar em casas mais espaçosas e de classe média.

Fui transferido para a região sudoeste, próxima ao Aeroporto Internacional O'Hare. Os migrantes mexicanos, cubanos e porto-riquenhos, eram muito numerosos e em expansão. Naquela região, havia poucas igrejas nacionais. Entre elas, havia duas igrejas nacionais

italianas, administradas pelos padres scalabrinianos. Só uma, porém, acolhia os migrantes latinos: Nossa Senhora do Carmo, em Melrose Park, Ill.

A xenofobia pelos latino-americanos era muito presente, inclusive, no clero. Com frequência, ouvia-se a expressão: - "Nós não queremos esses mexicanos sujos, em nossa igreja." Um padre ítalo-americano, da paróquia vizinha, declarava, com arrogância: "Enquanto eu estiver à frente desta paróquia, essa gente não vai entrar aqui". Contudo permitia que os cubanos celebrassem, uma vez por ano, a festa da "La Virgen de La Caridad del Cobre". O motivo era simples: a festa dos cubanos deixava um bom dinheiro para sua paróquia. Mesmo assim não permitia o uso do ar-condicionado durante a celebração da missa.

Máfia, uma força invisível

*E*mbora ilegal e criminosa, a máfia atuava, abertamente, na região, sendo Melrose Park, o subúrbio de referência. Dentro do

contexto dos diversos municípios, era impossível não perceber a presença do crime organizado.

Nova York e Chicago foram as duas cidades dos Estados Unidos, nas quais a máfia de origem italiana conseguiu adaptar-se e desenvolver suas atividades, visando dinheiro através do crime organizado. Distinguiu-se por ser uma “instituição”, extremamente organizada, com suas “leis” e “códigos”, desafiando os mais eficientes serviços de investigação e repressão. Como é do conhecimento da maioria das pessoas, a máfia como organização fora da lei, tinha o objetivo de fazer dinheiro às custas dos outros; iniciou -se na Sicília, ao sul da Itália, portanto, próxima da África de onde recebeu alguma influência da cultura árabe.

Para entender a identidade dessa instituição fora da lei, é necessário entender o significado do termo máfia, adotado em quase todas as línguas. Da palavra “máfia” originou-se o adjetivo, em dialeto siciliano, “mafiusu”, que tem suas raízes na palavra árabe “mahyas”, que significa “alarde, agressivo, jactância” ou “marfud”, “rejeitado”. Em tradução livre, significa bravo. No século XIX, segundo o acadêmico Diego Gambeta, “mafiusu” significava alguém ambíguo, arrogante, mas também, destemido, empreendedor, orgulhoso. Logicamente, os termos “máfia” e “mafioso”, eram usados por pessoas de fora e não pelos membros do grupo cuja intenção era aparecer diante da sociedade como gente da beneficência.

Chicago é a cidade conhecida pela sua importância, mas também, por ter sido a base das ações de Alphonsus Gabriel Capone, (mais conhecido por “Al Capone”) nascido no Brooklyn, Nova York, que se tornou o mais famoso dos gângsters americanos. Era chamado também de “Scarface” (cicatriz facial) devido às três cicatrizes na face esquerda. Apesar de ser investigado por um grupo de 10 agentes, “intocáveis” (incorruptíveis) nunca se conseguiram provas para julgá-lo pela morte por ele encomendada de mais de 100 pessoas. Enquanto investigavam os assassinatos, descobriu-se que ele sonegava impostos. Esta foi a causa de sua condenação na prisão em 1931. A pena aplicada foi de 11 anos.

Durante exames médicos na prisão admitiu que havia contraído sífilis alguns anos antes, mas que estava curado, recusando-se a submeter-se a novos exames. Contudo, no ano de 1939, foi visto olhando para a parede. Os médicos descobriram que a doença estava em estado adiantado. Então foi levado para o hospital onde ficou internado durante um ano.

Al Capone obteve a liberdade, em novembro de 1939, sob a alegação de que estava maluco e paranoico, e que, portanto, não apresentava perigo. Foi morar numa propriedade em Miami Beach, FL, onde, fisicamente descoordenado, com fala confusa e enroscada, passava a maior parte do tempo pescando de pijamas.

Com o cérebro, completamente, comprometido, o tratamento com penicilina não surtiu efeito. Veio a falecer com a idade de 48 anos, com hemorragia cerebral, no dia 25 de janeiro de 1947.

Houve dificuldades para que um cemitério aceitasse receber seu corpo. Finalmente o cemitério católico Mount Carmel, em Hillside, Illinois, sob a luz da fé cristã acolheu seus restos mortais.

O Cemitério Mount Carmel é muito familiar para mim, pois a paróquia Our Lady of Mount Carmel, Melrose Park, Illinois, está bem próxima. Os restos mortais da maior parte dos funerais realizados nela, são enterrados nesse cemitério. Tive a oportunidade de realizar um número considerável deles, inclusive de pessoas ligadas ao crime organizado.

“O destino é cruel e os homens são dignos de compaixão.” (Arthur Schopenhauer)

Conquistando a simpatia da Igreja

Apesar de a máfia ser ligada ao crime, seus membros, sempre, procuraram formas de ser simpáticos e vistos como pessoas de bem. As mulheres são notadas como pessoas dedicadas

nos serviços das igrejas ou nos trabalhos de assistência social. Não perdem a oportunidade de doar janelas, portas ou pinturas, para serem colocadas nas igrejas em construção, especialmente, quando uma placa identifica o doador ou doadora. Como exemplo, cito o grande vitral de alabastro, com uns 8 metros de altura por 4 de largura construído numa das igrejas onde trabalhei, doado pela esposa de um famoso capo da máfia nos subúrbios de Chicago, Ill. Quando ela veio a falecer, o marido adquiriu os objetos litúrgicos, cálice, galhetas e patena, para a missa de corpo presente. De praxe, tais objetos seriam doados à igreja, mas não foi isso dessa vez. O motivo era que a igreja, construída pela colônia italiana da região, acolhia nela os migrantes de língua espanhola, por meio do pároco e os demais sacerdotes, com os quais a máfia não concordava. Recolheu os objetos religiosos ao final da missa e os levou.

Nos eventos benéficos, os chefes da máfia, tinham participação certa. Lembro que uma grande instituição de idosos, promovia, de tempos em tempos abundantes e gostosas macarronadas. Enquanto os participantes se deleitavam com as pastas, um dos principais chefes, chamava o sacerdote a sós e pedia todos os recibos dos gastos feitos para promover a atividade para de oitocentos a mil pessoas. Guardava-os em sua pasta e, em troca, entregava para o padre um cheque com o valor que cobria todo o investimento feito, adicionando mais uma generosa doação.

Outro campo para usar da igreja segundo seus interesses e evadir impostos era o dízimo pago à paróquia. Nesse ponto também os membros da máfia primavam pela generosidade. Distinguiam-se, igualmente, pela fidelidade. Raramente, eram vistos na igreja, mas não falhavam na entrega do envelope com o dízimo. Muitos enviavam suas contribuições por correio ou por mensageiro. A fidelidade nesse aspecto era suficiente para que fossem considerados pessoas de bem e merecedores do paraíso.

Ao chegar perto do fim do ano fiscal, a paróquia envia para todos os dizimistas, via correio, um recibo oficial, declarando a importância doada nos últimos doze meses. Com esse documento, os doadores podiam ter abatimento no imposto de renda. Era por

volta desse tempo que as visitas ao pároco eram assíduas com a intenção de pedir que o valor de recibo fosse alterado quatro ou cinco vezes para cima. Não poucos sacerdotes que precisavam de dinheiro para a manutenção das dependências das igrejas, casas para idosos ou outros edifícios, caíram no conto. Lembro que um deles teve até de sair do país para se livrar das investigações e possível encarceramento.

As organizações fora da lei, representavam um perigo para os sacerdotes, na celebração dos funerais. O motivo é que o processo de chegar ao topo da organização é quase sempre, tirando a vida do concorrente mais provável. A tragédia sucedia quase sempre à noite, no estacionamento de algum restaurante. A autoria do crime era sempre misteriosa e a polícia não tinha sucesso nas investigações para encontrar o responsável pelo assassinato. Diante do fato, as pessoas preferiam adotar uma posição que não as compromettesse: não conheço, não vi e não sei nada.

Sabe-se que cada pretendente ao comando do grupo, tem seus seguidores que o apoiam. Esses são absolutamente fiéis ao capo. O perigo para o padre ao celebrar o funeral de alguém morto nessas circunstâncias, poderia ser interpretado como sendo amigo do grupo, atraiendo assim a atenção dos autores do crime.

Entendi melhor a situação delicada de um sacerdote em cuja paróquia trabalhava, quando houve o assassinato de um dos chefes mafiosos, que causou agitação na população. Tinha fama de ser generoso na ajuda às igrejas e obras de caridade. Como a maior parte dos assassinatos, este também, sucedeu à noite, no estacionamento de um restaurante.

A igreja, para o funeral, foi Nossa Senhora do Monte Carmelo. O padre encarregado da paróquia estava, visivelmente, preocupado com o funeral do “homem de bem”. Caminhava nervosamente de um lugar para o outro, na área dos escritórios da Igreja. Numa das idas e vindas parou no meu escritório. Com voz baixa, disse:

- “Tenho uma coisa para lhe falar. O defunto pertencia à máfia. Os assassinos e o grupo dele, colaboraram com a construção da igreja. Eu estou em perigo de ser visto como amigo dele, pelos seus

inimigos. Isso pode me causar problemas sérios. Você é brasileiro e não é visto como amigo de nenhum dos dois grupos. Poderia fazer o funeral no meu lugar?”.

- “Ah, sim!”, respondi.

No dia do funeral, houve algumas movimentações incomuns, na frente da igreja. Policiais em farda normal como sempre, e outros, à paisana. Homens e mulheres vestidos de preto, chegavam em carros de grande valor. Os semblantes eram carregados e sérios.

Celebrei as exéquias de corpo presente. Dirigi-me à sacristia depois da celebração para, como de costume, acompanhar o corpo ao cemitério no carro funerário. Atrás de mim, porém, entraram dois homens de terno preto sugerindo:

- “Padre, nesse funeral, o senhor deve ir com seu carro. Escolha o caminho que não seja aquele percorrido nessas circunstâncias. No cemitério, por favor, espere na sacristia antes de entrar na capela até que o avisemos.”

Segui as instruções, fielmente. Chegado o momento, fui avisado que poderia fazer as orações para essas circunstâncias, no que os atendi sem hesitar.

Ao término das orações, alguém sussurrou aos meus ouvidos:

- “Senhor padre! Não precisa ir até a cova. Nós cuidaremos do assunto. Vá logo para seu carro e volte para sua casa por algum caminho secundário”.

Meio confuso pelo ambiente carregado e o cuidado que aqueles senhores tinham por mim, não havia dúvida de que a melhor coisa era seguir as orientações...

Graças a Deus, tudo foi feito com segurança, para mim. Assim, o padre encarregado ficou livre de possíveis represálias, pelo menos, aparentemente. Contudo, meu estado de espírito estava agitado e com uma sensação de mal-estar incrível. Quando cheguei, já era hora do almoço. Traguei alguma coisa e me recolhi no quarto em silêncio, com a tentação de querer fugir dos seres humanos.

“Todo homem é uma ilha, mas é também um naufrago fugindo de si mesmo.” (Mona Gadelha)

A Igreja nos porões das residências

Não é sempre que as coisas boas crescem na tranquilidade e em terreno apropriado. As contradições na sociedade e na própria igreja, podem ser fontes de iniciativas novas para fazer frente às adversidades, para derrubar barreiras ou criar métodos pastorais, de acordo com a necessidade do povo.

Embora, o aumento de migrantes de língua espanhola, principalmente mexicanos, exigisse, com urgência, a celebração de duas missas dominicais, em espanhol, na Igreja Our Lady of Mount Carmel, a oposição era forte. Devido à pressão que algumas lideranças exerciam sobre o pároco, isso era impossível. Significaria convulsionar os ânimos, atrair boicotes e provocar confrontamentos. Para evitar tudo isso, era conveniente, deixar as coisas como estavam, confiar em Deus e esperar por dias melhores.

A população latino-americana ainda não estava muito concentrada aos redores da Igreja de Nossa Senhora do Monte Carmelo, em Melrose Park, que na época era a única com as portas abertas para receber os migrantes de língua espanhola. Estava dispersa em diversos subúrbios da região sul, da cidade de Chicago. Não existiam serviços religiosos em espanhol, nas igrejas locais devido ao fechamento das pessoas e seus sacerdotes. A única opção era, ir até Melrose Park, onde, ainda hoje, trabalham os missionários scalabrinianos.

Felizmente, entre os migrantes havia muitas pessoas desejosas de conhecer mais a Bíblia. Os pedidos para ter estudos bíblicos aumentavam, constantemente, mas não havia espaços para os encontros. As distâncias e a falta de transporte eram outros fatores que dificultavam a vinda dos migrantes à igreja. A solução estava nas próprias casas, que muitas famílias de migrantes haviam adquirido, à prestação. Com a finalidade de abrigar as máquinas de calefação e manter a moradia mais quente durante o inverno, quase todas elas tinham um grande espaço no subsolo.

Conhecedor das Comunidades Eclesiais de Base no Brasil, sugeri procurar algumas dessas casas, em lugares estratégicos, para os estudos bíblicos. A proposta recebeu uma calorosa acolhida. Os convites para acolher os grupos, eram bem mais do que suficientes podendo até fazer rodízio. Em toda a região, foram organizados nove grupos com a participação de vinte ou trinta pessoas, em cada um.

Enquanto os membros de cada grupo iam-se conhecendo e se estruturando, consegui adaptar o modelo das reuniões das CEBs inspirando-me na metodologia do Padre José Comblin. Para não causar impacto sobre os padres e católicos locais, preferi evitar em usar o nome CEBs. Contudo, tudo era feito dentro das características das Comunidades Eclesiais de Base.

Com o passar do tempo, o sentido de comunidade, partilha e entrosamento, despertou a ideia de que, de vez em quando, celebrássemos a eucaristia, nos locais das reuniões. Foi sugerido que isso acontecesse uma vez por mês, em cada comunidade. Conseguí uma mala para as vestes e objetos litúrgicos que ficavam sempre no porta-malas do carro, pois todas as noites havia a celebração em algum subsolo de uma residência.

Celebrar missas fora das igrejas deveria ser evitado na opinião da maior parte dos sacerdotes. Por outro lado, as igrejas da região ainda não estavam preparadas para acolher os estrangeiros. Então, fazíamos como nas primeiras comunidades cristãs: “Eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, no partir do pão e nas orações”. (At 2.42), nas casas.

Esses grupos foram-se consolidando e desenvolvendo o espírito missionário. Diversas pessoas eram convidadas e enviadas, para levar a Palavra, em reuniões familiares.

Ao mesmo tempo em que se fortaleciam os laços fraternos no grupo, a atenção se voltava para a Paróquia Nossa Senhora do Monte Carmelo, que acolhia os migrantes em Melrose Park. Espontaneamente, surgiu a ideia de que os membros dos grupos, participariam das celebrações dominicais, na comunidade paroquial. Proprietários de veículos que tivessem disponibilidade

de espaço, convidavam alguma pessoa que não tivesse um meio para se locomover. Em pouco tempo, a espaçosa igreja ficou superlotada de mexicanos, cubanos, porto-riquenhos e outros latino-americanos.

A multidão que frequentava a igreja era vista com alegria, por muitas pessoas, mas também com preocupação por membros da paróquia, de origem italiana. De fato, foram os migrantes italianos, os colaboradores na construção da igreja. A maioria deles era composta de pessoas de idade avançada. Os filhos e netos, participavam em comunidades perto de suas casas, ou se haviam afastado da prática religiosa. Sendo poucos, havia o temor de que os mexicanos tomassem conta de sua igreja. Portanto, havia ambiguidade na percepção do fenômeno da chegada de novos migrantes. Alegria pelo aumento das pessoas nas celebrações, inclusive em inglês, e medo de perder o espaço.

*“Compartilhem o que vocês têm com os santos em suas necessidades.
Pratiquem a hospitalidade.” Rm 12:13.*

Selva sem feras e cobras, mas seres humanos

Os migrantes, em qualquer país, economicamente desenvolvido, provêm de países cuja população é pobre. Muitos deles, também, carecem de bom nível escolar. Contudo, havia alguns que pertenciam à classe média, conforme os padrões da sociedade de origem. Tudo isso, muda, quando as pessoas migram para nações consideradas de primeiro mundo. Mesmo tendo estudo, muitos migrantes desenvolvem um significativo complexo de inferioridade, diante da sociedade receptora.

Os novos migrantes dos subúrbios da região sul de Chicago, eram, na sua maioria, de cidades e vilarejos rurais do interior dos Estados de Durango e Jalisco do México. Os adultos tinham muita dificuldade para aprender e falar inglês, enquanto as crianças o

dominavam com rapidez.

Embora, algumas famílias, principalmente, as mais numerosas, fossem adquirindo casas que já tinham passado por diversos proprietários, a maioria morava em apartamentos.

No subúrbio de Franklin Park, perto do aeroporto. Havia um conjunto de quarteirões com algumas centenas de edifícios com apartamentos pequenos e modestos, edificados para dar pousada aos funcionários a bordo das Companhias Aéreas. Por falta de demanda, a administração decidiu abrir o aluguel para pessoas em outras atividades, por preço bastante acessível. Em pouco tempo, a quase totalidade dos apartamentos, estava ocupada por migrantes provindos do México.

É notório que em cada cidade, o subúrbio onde se concentram migrantes de um mesmo país, se transforme num reduto cultural estrangeiro e até, em gueto. Costumes, modo de se comportar, língua, religião e festas, são uma reprodução de outro país. Por isso, o local passa ser chamado de “pequeno México”, “pequena Bolívia”, “pequeno Haiti”, conforme a origem das pessoas. Sendo quase todos mexicanos, os inquilinos do conjunto habitacional em Franklin Park, era conhecido como “Pequeno México”.

Sabe-se que o visual das ruas, logradouros públicos, jardins, limpeza, revela o nível educacional da gente que lá reside. Infelizmente, as pessoas que visitavam o “Pequeno México”, ficavam impressionadas pela desordem, quantidade de lixo pelas ruas e descuido nas entradas dos edifícios. Como estamos acostumados a medir o valor das pessoas pelo que vemos e pelo que possuem, temos nosso modo peculiar de olhar para quem está em nível inferior. O visual desagradável, inspirou outros mexicanos, principalmente aqueles que já tinham conseguido sua casa, para dar um nome ao local, “La Selva”.

Para o constrangimento dos moradores do complexo habitacional o nome “La Selva” foi adotado popularmente, para referir-se àquele lugar. Quando solicitados sobre seus endereços, os inquilinos, com constrangimento, também usavam o nome “La Selva”.

O fato exposto, revela dois lados negativos que surgem, com frequência no seio de grupos de migrantes. O primeiro surge naquelas pessoas, que por acumular mais dinheiro, se acham superiores a quem recebe um salário menor, e as olham de cima para baixo. O outro fator negativo é a divisão dos membros da comunidade, entre quem tem mais e quem tem menos. O reflexo da divisão era visível. Nas festas de aniversário, por exemplo, a relação de ambos os lados era mínima, ficando, cada migrante com as pessoas do seu nível socioeconômico.

“É aquilo que fazemos do que temos, e não o que nos foi dado, que distingue uma pessoa de outra.” (Nelson Mandela)

As flores de “La Selva” desabrocham

A história é a mestra da vida, mesmo que tentemos esquecê-la. Um sinal de extrema ignorância é não valorizar a história de um povo ou de uma pessoa. Entre os muitos ensinamentos que dela aprendemos é que a “pedra desprezada se transforma em pedra angular”. No Brasil, por exemplo, durante a escravatura, os escravos africanos recolhiam restos de carnes ou partes menos nobres dos animais que os “senhores” descartavam. Misturada ao arroz, feijão preto e outros ingredientes, faziam a feijoada. No sul do país, os tropeiros, longe de seus lares, preparavam de forma rudimentar o churrasco e o arroz de carreteiro. Os antigos migrantes italianos no Brasil, sobreviviam comendo polenta duas ou até três vezes ao dia. Essas comidas de pobres, hoje são consideradas finas e típicas, muito apreciadas pelos turistas no Brasil e no exterior. O que era descartado, sem valor, hoje se paga um bom preço.

Da “La Selva”, lugar pobre com gente humilde, surgiram iniciativas, exemplos e atividades que foram inspiração para muita gente.

Logo nos primeiros dias de envolvimento pastoral para os migrantes latino-americanos tive a alegria de conhecer pessoas que moravam na “La Selva”. Quase diariamente, encontrava um tempo para visitar aquela população. Era comum às pessoas perguntarem:

- “Onde está o Padre Olmes”
- Na “La Selva”, era a resposta mais frequente.

Visitas às famílias e aos doentes, aconselhamento às pessoas ou simplesmente fazer companhia a elas à frente de suas casas, eram minhas atividades.

A maior parte da população não possuía veículo e não havia transporte público para que as pessoas pudessem ir até a igreja de Nossa Senhora do Monte Carmelo, em Melrose Park. Como o número de migrantes era grande, vi a necessidade de fazer alguma coisa no local. Conhecedor das Comunidades Eclesiais de Base no Brasil, “La Selva” surgia como um lugar ideal para a formação de uma comunidade inspirada nelas.

Algumas pessoas haviam expressado o desejo de se reunir para ler e estudar a Bíblia, mas os apartamentos eram minúsculos para acolher até mesmo um grupo pequeno de pessoas. Enquanto pensávamos como fazer, um dos moradores que era encarregado de um edifício, situado numa esquina, disse que poderia permitir o uso do subsolo, mas haveria a necessidade de tirar o lixo e limpar.

O grupo de dez ou mais pessoas, com quem conversava com muita frequência, acatou a ideia, com entusiasmo. Sem perda de tempo, organizaram-se e puseram-se de acordo para preparar o ambiente. Em menos de uma semana, estávamos reunidos no subsolo do edifício para o primeiro encontro. De lá para frente, reuníamo-nos todos os sábados à tarde. A cada encontro, mais pessoas novas se juntavam ao grupo.

“E a cada dia o Senhor acrescentava à comunidade outras pessoas que iam aceitando a salvação.” (At 2,47b)

“Na La Selva” o povo manifesta quem é

Depois de alguns encontros de reflexão sobre Palavra e vida, algumas pessoas levantaram a hipótese de celebrar a eucaristia, no mesmo local. A comunidade tinha amadurecido, ao ponto que a celebração da missa no conjunto habitacional era a consequência lógica, de sua caminhada.

Contudo, havia algumas dificuldades para enfrentar. A primeira dificuldade era a não aceitação da celebração de missas fora dos locais de culto nos Estados Unidos. A segunda, era o fato que “La Selva” estava, geograficamente dentro da Paróquia de Franklin Park. Sendo membro da equipe pastoral da Igreja Nossa Senhora do Carmo, em Melrose Park, não poderia fazer atividades fora dela.

Examinado o perfil das duas paróquias e a mentalidade de seus párocos percebi que havia uma brecha para uma conversa, com o propósito de servir àquela população com a celebração de eucaristia. O pároco da Igreja de Nossa do Monte Carmelo era missionário scalabriniano, para os migrantes. Sua mente estava aberta para acolher em sua paróquia, os migrantes de fala espanhola, além daqueles de língua italiana. Aquele da Igreja de Franklin Park, por diversas vezes, recusou de iniciar qualquer conversa sobre a possibilidade de acolher os migrantes em sua igreja. Para ele, “La Selva” não era parte de sua paróquia porque ninguém estava inscrito como dizimista. Dizia não querer saber nada daquele lugar. Estando assim o perfil dos dois padres, faltava conversar com o pároco da Igreja de Nossa Senhora do Monte Carmelo.

Depois de meditar muito e rezar, aproveitei a reunião semanal dos sacerdotes da paróquia, para apresentar o projeto de “La Selva”. Com calma, dei início à conversa expondo o perfil das duas paróquias e seu relacionamento com os migrantes, e explicando a situação socioeconômica da “La Selva”. Também, foi mencionada a

inexistência de transporte público tornando difícil, senão impossível, para a maioria, locomover-se até à igreja de Nossa Senhora do Monte Carmelo, aos domingos.

Felizmente, embora longa, a conversa foi calma. Como em muitos outros lugares, a dificuldade para que os migrantes pudessem participar, estava ligada à obtusidade, à falta de sensibilidade pastoral das paróquias e à questão jurídica quanto aos seus limites territoriais. Os migrantes da região, estavam espalhados por todas as paróquias, mas só uma, abrira as portas para eles. Devido a esses fatores, obtusidade, falta de sensibilidade pastoral e jurisdição, não encontrávamos outra saída a não ser ir ao local e servir a população, dentro do complexo habitacional “La Selva”. Com certa surpresa de minha parte, a ideia recebeu poucos entusiastas, mas o suficiente para merecer a aprovação. Sugeriu-se, porém, que não haveria publicidade ou anúncio sobre catequese e serviços religiosos prestados.

Temendo possíveis pressões com o intuito de provocar a reversão da decisão acordada, resolvi ir imediatamente, à “La Selva”, iniciar a celebração da missa no primeiro sábado como era desejo dos líderes.

O local seria o mesmo dos encontros de reflexão bíblica. Todos os sábados, o subsolo do edifício era decorado de forma simples para acolher os participantes na celebração da missa.

Do processo para chegar à decisão de servir aquela comunidade, excluída das comunidades institucionalizadas, emanam duas ideias que merecem destaque. O primeiro, é usar as armas do adversário e poupar as suas. Estas devem ser usadas, somente, se houver necessidade. As armas do pároco da paróquia de Franklin Park eram xenofobia pelos estrangeiros e a negação de servi-los mesmo estando dentro de sua jurisdição. “Não há arma mais eficiente para usar contra o inimigo do que a dele próprio.” (Anônimo)

Assim constatei que “É preferível um velho adversário a um novo inimigo.” (Anônimo).

A segunda ideia é valorizar os pontos em comum e trabalhar

sobre eles. O caso típico foi o pároco da paróquia de Melrose Park. Era aberto aos migrantes latinos e desejava servi-los, mesmo com a desaprovação de muitas pessoas de sua comunidade. A situação era espinhosa porque alguns membros do Conselho Paroquial também eram adversos à abertura para os migrantes. Decidi que sempre valorizaria sua abertura para os migrantes, evitando conversar sobre as resistências que amiúdo introduzia nas reuniões da comunidade.

“Você não tem que perder para dar valor. Você tem é que dar valor para não perder” (Vanessa Pimentel)

“La Selva” vira jardim. Gente é para brilhar.

A comunidade de “La Selva” amadurecia, progressivamente. A cada missa, pessoas novas vinham participar. Em pouco tempo, o subsolo estava lotado. Jovens e crianças constituíam mais da metade dos participantes.

Quando o povo se reúne, as pessoas se conhecem e têm liberdade para conversar sobre suas necessidades, apoiar novas iniciativas que emanam entre as pessoas. As mães das crianças perceberam que seus filhos precisavam de catequese para ser admitidos à eucaristia, pois alguns deles estavam ultrapassando a idade em que era costume receber a comunhão. A necessidade de ter um programa de catequese para as crianças era sentida pela jovem comunidade, ainda em formação.

Organizar a catequese num lugar onde não havia um salão comunitário, longe das igrejas, seria o próximo desafio. Além de locais para as reuniões, precisávamos de catequistas. Sem convocar nenhuma reunião especial, mas simplesmente, conversando em grupos sentados à frente dos edifícios, algumas ideias foram amadurecendo e, juntamente com elas, a determinação de começar as sessões catequéticas, com pessoas do próprio local. Quem se

prontificou foi um grupo de oito ou dez jovens. Alguns deles já tinham experiência nos vilarejos de origem, situados nas montanhas do Estado de Durango no México.

As crianças para a catequese eram bastante numerosas e a equipe estava formada. Faltava o local. O subsolo usado para a missa e encontros bíblicos não era suficientemente grande, para abrigar os diversos grupos.

A experiência vivida, em contato com a natureza, foi uma fonte de inspiração. Ao lado do conjunto habitacional, havia uma grande fábrica de produtos eletrônicos que estava desativada. Ao lado dela, havia uma grande extensão de grama, com belas e frondosas árvores, propiciando sombra espessa. Em conversas informais, uma das jovens, sugeriu:

- “Vamos pedir para fazer catequese lá. Sentamo-nos no chão debaixo das árvores”.

A ideia foi aceita com entusiasmo.

Uma das pessoas, que tinha bastante liderança na comunidade, se prontificou a tentar conseguir a permissão de uso dos espaços sob a sombra das árvores, para a formação catequética. Conversou com a pessoa encarregada da segurança da fábrica. Sem muitas delongas disse:

- “Se é para ensinar as coisas de Deus, pode usar!”

As crianças foram divididas em grupos, conforme a idade. Cada catequista tinha um grupo de oito a doze membros. Estava tudo pronto. Assim, a céu aberto, crianças e catequistas, sentados sobre a grama, desenvolviam o programa catequético. A comunidade via seus filhos serem educados na fé ali mesmo, no seu ambiente.

A comunidade havia abraçado o crescimento na fé com suas próprias forças. Contudo a originalidade da modalidade de educação catequética atraiu a atenção de alguns movimentos espiritualistas da vizinha cidade de Chicago. Iniciaram o lobby para se envolver com o pretexto de ajudar, mas a intenção era angariar pessoas para seu movimento ou se intrometer, organizando grupos dentro da comunidade. Havia a suspeita de que viriam para

“colonizar”, espiritualmente “La Selva”. Pensou-se, por bem manter o espírito de comunidade, ao invés de abrir possibilidades do surgimento de guetos. Por esta razão, não foi aceita a “colaboração”. Afinal “para destruir comunidades cristãs, o diabo se veste de religioso”.

Caminhando junto, crianças, jovens, catequistas e adultos, criou-se um ambiente de entrosamento e amadurecimento. Já podiam realizar muitas atividades em equipe.

Chegado o dia em que as crianças receberiam a Cristo pela primeira vez na igreja de Melrose Park, com eficiência, entrosaram-se com a equipe da paróquia, na preparação da celebração. Não houve quem soubesse mais ou quem soubesse menos.

“O desejo é uma árvore com folhas; a esperança, uma árvore com flores; o prazer, árvore com frutos.” (Guilherme Maciem)

Do desprezo para a admiração

A comprovação de que “ninguém atira pedra em árvore que não produz fruto”, dá-se a partir do momento que uma pessoa ou grupo, sai de si mesmo, para fazer o bem. Pessoas apáticas e grupos sem vida, não são motivo das conversas entre amigos ou mesmo em reuniões, nem para o bem e nem para o mal. A omissão é bem mais criticada do que a ação.

Apesar do amadurecimento da comunidade de “La Selva”, um fato chamou minha atenção. Considerando a caminhada feita até então, seria difícil, mas não impossível, admitir percalços. Diversas conquistas haviam surgido, a partir dela mesma: encontros de reflexão bíblica e vida, missa e catequese assumida por um grupo de jovens evangelizadores.

Como em todo grupo de pessoas ou comunidade, os encontros, diálogos e até mesmo conversas informais, ajudam a abrir os olhos e ver as situações com seus desafios e tentar encontrar uma solução.

O grupo de catequistas se compunha de jovens com educação humana e cristã em nível acima da média da população local. Informalmente, encontravam-se todos os dias sem nenhuma agenda, só pelo prazer de se encontrar e falar. Entre os assuntos relacionados com a catequese, surgiu também uma constatação. Nas ruas, passeios, principalmente nas esquinas, abundava o lixo. De fato, foi esse um dos motivos que levou os migrantes mexicanos, em melhor situação de vida, a apelidar o lugar com o nome de “La Selva”.

Não há ser humano que não se sinta constrangido quando a sociedade o coloca em situação de inferioridade, por algum motivo. A falta de educação e cidadania, era manifestada na sujeira dos logradouros públicos do bairro onde residiam.

O grupo de catequistas, certamente, era mais conscientizado do que a maioria da população. Decidiu enfrentar o desafio de limpar “La Selva”. Por isso, convidaram os demais jovens, para fazer um mutirão de limpeza.

Com raras exceções, o desafio foi aceito. No sábado à tarde, previamente combinado, empunhando vassouras, pás e coletores de lixo, deram início à operação limpeza, começando de uma extremidade do subúrbio percorrendo rua, por rua, com alegria.

Nunca havia acontecido uma atividade parecida em “La Selva”, porque todos estavam esperando que a prefeitura removesse o lixo. Talvez, não percebiam que as autoridades americanas não morriam de amor para com os estrangeiros. Contudo, ao ouvir a conversa animada do grupo, em plena ação, não havia porta ou janela que não se abrisse. As pessoas se assomavam para ver o que estava acontecendo. O grupo continuou impávido, sem muita ajuda dos expectadores, até deixar o subúrbio, razoavelmente, limpo.

Antes desse evento poucas pessoas falavam dos jovens. Somente alguns pais diziam que uns se embriagavam. Contudo, na semana que se seguiu à limpeza, a ação deles estava no centro de todas as conversas. A maioria aprovava e se sentia feliz com a surpresa. Os pais, com um sorriso expressivo, manifestavam orgulho de ver seus filhos envolvidos naquela ação.

Uma boa ação desperta a simpatia em quem tem boa vontade e o questionamento e a crítica maldosa, nas pessoas acomodadas e sem espírito comunitário. “Onde se viu fazer isso? É coisa da prefeitura! Eu não concordo com isso. Só mesmo tolos, fazem essas coisas. Ninguém paga vocês”, eram as expressões mais ouvidas. Afinal,” o tambor faz barulho porque está vazio por dentro” dizia o Barão de Itararé.

Certamente, a falta de apoio ou mesmo a desaprovação pelas coisas boas que os jovens fazem, causam desânimo e frustração. Apesar de ter experimentado viver no céu que a maioria das pessoas lhes proporcionou, também sentiram o calor das labaredas do inferno que os amigos do mal causam com as críticas destrutivas e desprezo.

O incentivo da maioria, porém, foi suficiente para que o mutirão de limpeza fosse organizado outra vez, mas com uma diferença, não removeriam lixo na frente da entrada das casas. Ficaria por conta dos moradores.

O segundo mutirão iniciou como o primeiro, de uma extremidade do conjunto habitacional percorrendo as ruas até chegar do outro lado. Se no primeiro, as pessoas ficavam nas portas ou janelas observando, não foi assim dessa vez. A maioria saiu de suas casas para ajudar na coleta do lixo. Algumas pessoas que haviam criticado, mudaram de atitude e

também, se envolveram no trabalho. Quem criticou e não colaborou, ficou com a sujeira na frente de sua porta. Não tem mal que não venha para o bem. Durante a noite removeram seu lixo.

Desde então, diversos mutirões foram levados a cabo pela população. A prefeitura que ignorava a existência daqueles migrantes, atendendo uma reivindicação escrita, colaborou destinando uma caçamba para que os residentes pudessem depositar o lixo.

“A maior descoberta de todos os tempos é que uma pessoa pode mudar simplesmente mudando de atitude.” (Oprah Winfrey)

A cultura que vem da terra

Admiro muitas coisas no povo mexicano. Entre elas, é o amor à sua cultura e suas manifestações. Vestuário, música e religião convergem em suas festas e os eventos revelam sua essência.

As comunidades de migrantes mexicanos com as quais trabalhei, eram formadas por cidadãos indocumentados, em sua maioria, que, raramente, podiam voltar ao seu país para visitar seus familiares, nos povoados de origem. Quando o fizessem, deveriam pagar os perversos coiotes, para retornar. O sucesso na travessia da fronteira dependia, muitas vezes, de diversas tentativas. Os métodos eram os mais variados possíveis. O mais comum era atravessar o Rio Grande, que é fronteira entre México e Estados Unidos durante a noite, nos lapsos em que os vigias de fronteira estivessem ausentes. Eram conhecidos como “wet backs” (costas molhadas). Outros ludibriavam os oficiais americanos, viajando no porta-malas dos carros ou dentro de caixotes. De qualquer forma, deveriam afastar-se da fronteira, o mais rápido possível. Uns 25 quilômetros de distância eram suficientes para estar fora do alcance da polícia de imigração.

A primeira etapa dentro do solo americano, estava vencida. Imediatamente, deveriam encontrar o jeito de chegar a alguma cidade de onde, em avião ou outro meio de transporte, viajariam para junto de amigos ou familiares. Em todo esse processo, os coiotes deveriam estar ajudando-os para fugir das autoridades. Contudo, muitos abandonavam os migrantes à sua sorte ou até os entregavam às autoridades. Eram muito frequentes, as notícias de mexicanos abandonados nos desertos do Estado do Arizona onde morriam de calor, sede e fome.

A fronteira entre os Estados Unidos e México é cruzada por algumas vias férreas. Muitos migrantes se escondiam dentro de vagões vazios dos trens cargueiros. Jornais, rádio e televisão

noticiavam mortes por asfixia e calor.

Diante das dificuldades de ir e vir, os anos passavam e aumentava a saudade dos familiares e da terra natal. Muitos jovens viam seus sonhos de formar uma família pospostos, esperando o dia da volta para casar-se. Namoros sem a presença, quase sempre esfriavam e esvaneciam.

O cidadão mexicano, por natureza, é sentimental e demonstra-o em suas canções, poesias e conversas. Posso afirmar que, apesar de minhas peregrinações pelo mundo, nunca encontrei um povo com tanta “nostalgia”, saudade, como o povo mexicano nos Estados Unidos.

Motivados pela saudade, em festas e em encontros com amigos, a certo ponto, infalivelmente alguém entoava a famosa “Canción Mixteca” que levava as pessoas às lágrimas:

“¡Que lejos estoy del suelo donde he nacido!
inmensa nostalgia invade mi pensamiento;
y al verme tan solo y triste cual hoja al viento,
quisiera llorar, quisiera morir de sentimiento.

¡Oh Tierra del Sol! Suspiro por verte
ahora que lejos yo vivo sin luz, sin amor;
y al verme tan solo y triste cual hoja al viento,
quisiera llorar, quisiera morir de sentimiento.”

(Canção mixteca, composta em 1915 pelo oaxaqueño José López Alvavez)

O México tem um povo musical que canta a partir do coração. A melodia, usando toda a escala musical, dos tons mais graves aos mais agudos, é veículo sobre o qual as alegrias ou as tristezas tomam carona, saem do peito e se espalham pelo ar. Pessoalmente, ficava comovido ao escutar os famosos mariachis que, certamente, dentro da riqueza musical do México, são aqueles que mais expressam a alma de seu povo.

Desde muito tempo, havia aprendido por mim mesmo a não julgar e nem comparar culturas, mas descobrir suas origens,

constatar sua evolução e entendê-las. Elas são uma fonte de riqueza que admiro, aprecio e deixo que elas me falem.

“A cultura é uma academia para alma” (Locci - Café Cultural)

Ouvindo e vivendo a cultura in loco

A experiência de visitar Porto Rico de onde saíam muitos migrantes para os Estados Unidos, foi um aprendizado maravilhoso. Nas palestras, missas e relacionamento pessoal, sentia-me muito mais espontâneo, livre e confiante, além de me sentir mais próximo ao povo. Os porto-riquenhos, também, demonstravam satisfação: “que bom que o nosso padre visitou nossa ilha”.

Todos os anos, tinha direito a um mês de férias. Anteriormente, havia usado o tempo livre para adiantar meus estudos na Faculdade de Estudos Pastorais na Universidade Loyola de Chicago e, alguma vez, viajei para lugares turísticos. Percebi que nesses lugares se aprende pouco. Sobressai o objetivo de induzir as pessoas a deixarem lá seu dinheiro.

Pensei em dar uma nova perspectiva às férias. Viajaria para os lugares de origem dos migrantes mexicanos que formavam as comunidades eclesiás da Paróquia Nossa Senhora do Carmo e da querida “La Selva”. Por causa do espírito amigo e acolhedor dos mexicanos, convites para acolher-me nos povoados e companhia para viajar no carro não faltavam.

A maioria esmagadora dos migrantes mexicanos dos subúrbios da zona sul de Chicago provinha de vilarejos e pequenas cidades do Estado de Durango, seguido de longe dos Estados de Jalisco e Zacatecas. Pela lógica, esses seriam os Estados para os quais viajaria.

Perto do dia da partida, os migrantes das vilas e povoados de Durango e Jalisco, sabiam que iria visitar sua terra. Um maço de cartas escritas à mão, viajava comigo para depois serem entregues

aos pais que eles não podiam visitar. No Estado de Jalisco, os lugares que eu mais visitava eram Ocotlán, Arandas e San Juan de los Lagos. Devido ao grande número de migrantes de Durango, o destino costumava ser os povoados e aldeias humildes, nas montanhas da Sierra Madre Ocidental.

Rumo ao sul

No Estado de Durango, há uma pequena localidade chamada “La Purisima”, difícil de encontrar em algum mapa, mas que deu à cidade do México um dos cardeais.

A viagem de Chicago até Durango era longa e cansativa, mas com a companhia agradável de mais três mexicanos, alternando conversa e cantos, se transformava em diversão.

Ao cruzar a fronteira entre o México e os Estados Unidos, a sensação de vizinhança se expressava: “Mais um pouco e estamos quase chegando”.

Atravessar o semideserto Estado de Zacatecas, significava estar prevenido com o tanque cheio de combustível. Postos de serviços não existiam ao longo de mais de 200 quilômetros de estrada. Mudando de rota, tomávamos a estrada que leva à cidade de Durango, capital do Estado do mesmo nome. De lá, viajando por uma bela planície, com a atenção sempre voltada para evitar acidentes com vacas e cabras, atravessando a rodovia, chegávamos aos pés da Serra Madre Ocidental, quase sempre pelas 16 ou 17 horas.

As montanhas da região são belíssimas. A estrada, porém, era muito ruim e perigosa devido às curvas. Até a cidade de Santiago Papasquiaro, havia alguns resquícios de asfalto, mas de lá para frente, a estrada de pedra parecia mais com um rio seco.

Já noite adentro, chegávamos na pequena cidade de Tepeuhanes. Dentro do carro já havia festa porque a dois quilômetros em meio, chegariámos a “La Puríssima”, nosso lugar de

destino. Como era de se esperar, o encontro entre amigos e familiares era uma celebração festiva no melhor estilo mexicano. Como os habitantes da comunidade eram quase todos parentes ou crescidos junto, a maioria aparecia, simplesmente, para nos acolher.

“Vem fazer festa para os meus olhos posso ouvir meus cílios aplaudindo sua chegada” (Renata Fagundes)

“La Puríssima”

a Puríssima era classificada como “rancho”, um aglomerado de famílias e parentes relacionados com as atividades rurais e pecuárias para subsistência. Durante o tempo de férias escolares ou trabalho nos Estados Unidos, sua população passava de 500 para 2.500 pessoas. Embora morando no país ao norte, todos tinham sua casa para quando voltassem.

Durante o tempo de férias, a animação era geral. Festas, músicas, longas e animadas conversas enchiam de vida todo o povoado. Era o tempo de abate de animais para servir aos visitantes de todos os anos. Lembro que numa manhã cedo, uma das famílias sacrificou um suíno. Depois de ter retalhado todo o animal, um cachorro aproveitou da distração das pessoas e subtraiu a cabeça do animal. Carregando seu troféu, o cachorro correu boa parte do povoado perseguido por uma pequena multidão de crianças até soltá-lo. Era bem mais visível a alegria que as crianças tiveram na perseguição do que pela recuperação da cabeça do porco.

Aniversários de casamento acontecidos durante o ano, mereciam uma celebração. O espírito comunitário fazia com que ninguém precisasse de convite. Tudo começava com a celebração da missa vespertina. Depois haveria comida, bebida e muita música para todas as pessoas que quisessem participar.

La Puríssimas, era o centro de irradiação para mim, pois de lá, sempre acompanhado por alguém do local, saía para visitar os outros “ranchos”, entre as montanhas e, alguns deles, nos platôs. Sabendo que ia chegar um padre que, nos Estados Unidos, trabalhava com os migrantes mexicanos, a celebração da missa na capela da comunidade era bem concorrida. Nessas ocasiões entregava as cartas que os familiares me haviam encomendado de levar.

“Amigo é aquele que festeja a felicidade alheia.” (Iara Schmege)

Tão perto e tão diferentes

Alocomoção entre um lugar e outro era feita em carro com tração nas quatro rodas ou mesmo a pé. Uma dessas caminhadas, porém, foi desastrosa. Estando com outras três pessoas, ao invés de caminhar pela estrada, decidimos voltar à “La Puríssima” por um atalho, cortando matagais e cruzando vales entre montanhas. O plano era chegar para a missa das 19h30. A certa altura, nuvens carregadas cobriram os cumes das montanhas e despejaram uma quantidade enorme de água. A chuva continuou depois de escurecer. A falta de visão do sol causou a perda da noção do rumo. Não víamos nenhuma luz indicando alguma moradia. De tanto andar pelas pedras, nossos calçados abriram o bico, ficando nossos dedos expostos. Não víamos, mas sentíamos que nossos pés estavam bem feridos.

A certa altura surgiu um cavalo no meio da escuridão.

- “Estamos salvos! Onde tem cavalo tem um morador por perto”, disse um dos amigos.

De fato, ali há poucos metros, havia uma casinha muito pobre. Chamamos e um senhor humilde abriu a porta. Pediu que entrássemos. Explicamos nossa situação e pedimos que nos orientasse.

- "Aqui abaixo tem um arroio, acompanhem o curso caminhando contra a corrente da água. Aí, na frente, tem umas ruínas de um velho cemitério. Logo em seguida tem algumas casas. É o rancho "La Purisima".

Já havia passado das 23 horas quando chegamos. Alguns homens estavam preparando uma bateria elétrica com uma lâmpada para sair ao nosso encontro.

Caminhando meio trôpegos todos foram para a sua casa e eu para a família que me hospedava, prometendo voltar para a janta. O cansaço era tanto que nem fome sentíamos. Ao invés de voltar, desabamos na cama.

Embora as distâncias entre os povoados não fossem significativas, havia muitas diferenças entre eles. Em alguns deles, as pessoas eram vistas conversando sentadas em frente de suas casas com as portas abertas, enquanto as crianças brincavam, correndo e perseguindo-se pelas ruas de terra. Durante o dia, eram as mulheres que formavam esses grupos. À noite, os homens se reuniam próximo a uma esquina onde havia um barzinho, para contar histórias.

Havia alguns povoados com estilo de vida totalmente oposto. Os moradores mantinham as portas de suas casas fechadas. Nas ruas não havia crianças e nem transeuntes. Toda a vida se desenrolava longe dos olhos das pessoas. As visitas também eram recebidas dentro das casas, a portas fechadas. Geralmente, os habitantes desses vilarejos tinham pouco contato com gente dos outros lugares e vice-versa, exceto nas festas dos padroeiros das comunidades.

Convite para escutar mentiras

Nos anos de 1970- 1980, a comunicação entre pessoas de

Estados e países era possível, basicamente, por cartas enviadas através dos correios. Em muitos lugares afastados, mesmo assim precisava viajar alguns quilômetros para postar a correspondência e, depois voltar para ver se havia alguma carta enviada pelos familiares ausentes. Para usar um aparelho de telefone, havia a necessidade de se deslocar até um centro urbano maior ou depender de algum centro telefônico comunitário. Conseguir fazer uma ligação era difícil e quando se conseguia, de péssima qualidade.

Em “La Purísima”, não havia serviço de telefone. Em algumas casas havia um televisor, mas funcionava como decoração, devido à ausência de sinal de uma retransmissora.

Quando faltam os meios tecnológicos para a comunicação ou diversão, do povo surgem os talentos e as habilidades para entretenimento.

Durante o dia, eram as mulheres quem se encontravam para umas boas risadas ou simplesmente, pelo prazer de conversar. É consenso que, para o povo mexicano, o tempo para conversar é sempre curto. À noite, depois da janta, era a vez de os homens saírem para conversar com suas características próprias. Afinal não havia nada para fazer e era cedo para dormir.

Depois da janta, infalivelmente, recebia o convite: “vamos escutar mentiras!”. Nunca recusei. Afinal, esse tipo de mentira não é pecado.

Para “escutar mentiras”, formava-se uma roda numa esquina perto de um pequeno bar. Um homem, com linguajar muito florido e atraente, liderava a conversa. Ele contava todo tipo de história. Ora era uma caminhada pelo mato, encontrando-se com algum ser ou animal estranho, ora era o trabalho de fazer passar um cavalo para o outro lado de um rio sobre um tronco de madeira, outra vez era uma cobra de tamanho descomunal que fechava o caminho, um burro com cara de cachorro. A história do encontro com cada um desses seres fantasmagóricos levava meia hora ou mais para ser contada. Quando as pessoas entravam na conversa, uma intervenção era suficiente para alongar a diversão durante muito tempo.

Nos lugares ermos, sem contato com o burburinho dos centros urbanos, os contadores de histórias, catalisavam as pessoas e as entretinham, alegrando-as. Esses encontros espontâneos não tinham hora para terminar. Cada participante retirava-se quando julgasse oportuno.

Se por algum motivo, o contador de histórias não aparecesse, os residentes do rancho sentiam sua falta. Ao voltar, bem mais cedo, para suas casas, a pergunta que ouviam da esposa, era: “É! Dom Juanito não veio?”.

“A história é como um grande conto de fadas. A única diferença entre os dois é que a história é de verdade.” (Jostein Gaarder)

As visitas aos povoados de Durango e Jalisco, repetiram-se por diversos anos. Foram excelentes oportunidades para conhecer a cultura variada e rica, através da qual o povo expressa a si mesmo, na vida diária. A religiosidade que esse povo leva para os Estados Unidos, tem raízes na terra de nascimento. Missionários e pessoas que se ocupam com migrantes, desenvolvem seus trabalhos bem melhor, quando conhecem as raízes de um povo.

Na terra natal de uma pessoa, até mesmo os espinheiros são motivo de saudade.

Parte VI

**EU SOU O INTERVALO ENTRE O MEU QUERER E O QUE
A VONTADE DOS OUTROS FEZ DE MIM**

(Fernando Pessoa)



Gary

Levante-se e vá para onde eu indicarei

“Ora, o Senhor disse a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela, e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei.” (Gen 12.1)

Este verso da Bíblia, é citado inúmeras vezes em palestras, livros e hinos, quando o assunto é Missão. Sempre o considerei de uma força extraordinária, carregadíssimos de desafios e de uma grande provocação desestabilizadora.

D

esde adolescente, vivi esse desafio. A primeira vez foi minha ida para o seminário acompanhado de meu pai, em fevereiro de 1958. Desde então, as saídas foram muitas. Cada uma delas, foi diferente, mas todas com as mesmas características, a dor de afastar das pessoas, trabalhos e comunidades, e a força do novo, do desconhecido que atrai e fascina. No fundo, é o eterno conflito entre a tendência de acomodação, e a de continuar caminhando. As duas forças não podem conviver, pois são antagônicas, por natureza. Seria um namoro que não dá certo para quem olha para frente. Precisa decidir se deseja ficar ou sair. A pessoa que deseja avançar rompe qualquer relacionamento e resiste à acomodação.

Depois da experiência nas terras mexicanas, a organização da catequese, encontros matrimoniais, o sucesso das comunidades congregadas pela Palavra, e a organização da Pastoral da Juventude latina, tinha a sensação de estar navegando em mares tranquilos.

Contudo, pertencendo a uma congregação missionária, as surpresas e propostas para desatracar o barco e navegar em outros mares são uma possibilidade constante. Certa manhã, do mês de abril de 1.985, fui acordado pelo tilintar do telefone. Logo pensei que fosse o aviso de que alguma pessoa da comunidade estivesse em perigo de morte ou, na pior das hipóteses, morrido. Nada disso. Era o superior. “Recebi uma carta de Roma. Venha para cá o mais depressa possível”, disse ele.

Ao término da missa na paróquia, fui imediatamente para a

sede da direção da província “São João Batista”. “O que será que vão me comunicar?”, era a pergunta que me intrigava. Supunha um pouco de tudo, desde uma chamada à atenção até uma ordem disciplinar, bastante em moda na época.

Fui acolhido à porta da casa, pelo superior, um padre forte e trabalhador. Estava com a cara meio fechada. Parecia pouco disposto para falar. Mesmo assim, foi muito gentil ao convidar-me para acompanhá-lo ao escritório. Sem dizer uma palavra fechou a porta, foi à escrivaninha e, abrindo uma gaveta, pegou um envelope aéreo com as cores da Itália. O padre continuava sério enquanto tirava duas folhas escritas do envelope. Desdobrou-as e deu uma olhada nelas. Com todo esse suspense, fiquei gelado. Só ouvia e sentia as batidas do coração, cada vez mais aceleradas. Finalmente, ele quebrou o silêncio dizendo:

- “Eu não vou falar nada. Só vou ler para você. Essa é uma decisão da direção geral de Roma. Não é minha.”.

Já sou rápido para pensar. Naquele momento, então, os pensamentos aceleraram-se enormemente. O que estaria escrito naquela carta? Teria feito alguma coisa considerada grave? O que deveria esperar de mim? Fiquei boiando nas nuvens e sem respostas.

Enquanto as dúvidas passeavam pela minha cabeça, o superior começou lendo a missiva escrita em italiano. Sem tirar os olhos do papel, fazia a leitura. Conforme ia lendo percebi que o superior de Roma havia começado a tratar o assunto de longe, fechando argumentos e afunilando outros. Mencionava o nome de alguns padres e a situação das posições apostólicas em Santos-SP no Brasil e Bogotá, na Colômbia, com o cuidado de encontrar o ponto de bater o martelo: “O Missionário Padre Olmes Milani, irá trabalhar no Apostolado do Mar, em Santos, Brasil. Deverá viajar para lá, até o início de mês junho, de 1.985.”

Terminada a leitura foi a vez de o superior expressar-se:

“- Meus planos eram outros, mas Roma decidiu. Escreva para o superior provincial de São Paulo, para pôr-se de acordo, sobre sua ida para lá.”

Recebi a notícia, serenamente, e até, como um alívio acalmando a ansiedade causada pelas dúvidas vividas minutos antes. Não tinha conhecimentos da pastoral com os

marítimos. Sabia, porém, que o Apostolado do Mar era realizado em muitos portos do mundo. O fato de não conhecer, despertou a curiosidade e vontade de aprender um trabalho novo e cheio de desafios. Deixou-me feliz, os superiores pensarem e confiarem em mim para exercer a função de capelão dos marítimos no Porto de Santos.

Para entender melhor, é interessante saber que essa maneira de transferir padres de uma província para outra, a partir de Roma, era, totalmente, desconhecida naquele tempo. Praxe era a Direção Geral enviar os sacerdotes à província de destino e os superiores das províncias lhes indicarem o local de trabalho. Esse novo modo de transferir missionários causou constrangimento, nos superiores de São Paulo, Chicago e Nova York que administraram as posições na Colômbia. Como a adoção do diálogo para tomar decisões dentro das Congregações, ainda era incipiente, o normal era aceitar o famoso slogan “Roma locuta, causa finita.” (Roma falou, o assunto está encerrado).

Com a recomendação de não comunicar a ninguém, a decisão de Roma, voltei para a casa. Imediatamente, dei início à correspondência para o superior de São Paulo sobre minha ida para o Apostolado do Mar, em Santos. Na verdade, ele nunca respondeu às minhas cartas, com esperança de que as mudanças não sucedessem;

“Vivemos, exclusivamente, para Deus, queira você ou não, a sua obediência é que vai determinar o seu futuro.” (José Aires)

O caminho da volta marcado por confusões

*A*s indefinições, incertezas e dúvidas de outras pessoas

podem influenciar na concretização dos projetos e planos. Isso é inevitável para quem é membro de uma Congregação religiosa, porque a transferência de um sacerdote está relacionada com a saída ou a chegada de outro. Muitas vezes, as mudanças estão sujeitas às resistências ou aceitação de outras pessoas, complicando as coisas e os planos dos superiores.

“De todos os caminhos da vida há um que importa mais: é o caminho que nos leva ao verdadeiro ser humano.” (Indígenas Moicanos). Contudo, a ânsia de poder e autoridade, muitas vezes, se fazem sentir com mais intensidade.

Conforme vamos vivendo e adquirindo experiência, percebemos que estar disponíveis e exercer a virtude da obediência, não dependem sempre de uma pessoa. Pode haver diversas pessoas envolvidas. Principalmente, nas transferências de sacerdotes esse entrelaçamento é comum.

Apesar da decisão de voltar para o Brasil, fosse irreversível, através de caminhos tortuosos, Deus preparou mais uma experiência enriquecedora para mim. Enquanto o dia não chegava, outras pessoas manifestavam o desejo de não sair de seus lugares de trabalho.

Minha ida para Santos dependia das transferências de outros dois padres, um da Colômbia e outro de Santos. Aquele da Colômbia, punha resistência, por isso aquele de Santos não podia ir para lá. O sacerdote de Santos, por sua vez, que não queria ir para a Colômbia ficava feliz. Além disso, era apoiado pelos seus colegas da Província de São Paulo, que preferiam que ele permanecesse em Santos para terminar uma construção que ele havia iniciado de forma bastante pessoal.

Havia um impasse real. O que fazer enquanto a situação dos dois não se solucionasse? Julho e agosto, era o tempo de transferências dos sacerdotes. Como eu devia voltar ao Brasil, outro sacerdote viria em meu lugar, na Igreja de Nossa Senhora do Monte Carmelo. Precisava dar o lugar para ele.

Como é de imaginar, não me sentia à vontade em morar no mesmo lugar sem fazer nada. Muito provavelmente, minha

presença poderia ser incômoda para o novo padre pela possibilidade de que muitas pessoas viessem procurar-me para alguma ajuda ou simplesmente para visitar.

Afinal, minha transferência, como de qualquer outro padre pode provocar reações ambíguas. As pessoas que gostam dele, choram de tristeza porque ele vai embora, aquelas que não vão com a cara dele, choram de alegria porque, finalmente, seu desafeto vai embora.

Gozando de boa aceitação na comunidade migrante, minha presença seria a mosca detestada, na sopa dos padres. Telefonei para o superior, manifestando meu constrangimento de esperar, pelo dia em que viajaria para o Brasil, naquele ambiente humano.

Na cidade vizinha, Stone Park, havia um seminário que há uma década, não acolhia um candidato sequer, para o sacerdócio. Estava vazio. Era o mesmo seminário onde fiquei hospedado, dez anos antes, por ocasião de minha chegada. O edifício moderno estava dentro de uma bela área verde, com grandes árvores e muitos passarinhos. Levei comigo a mala pronta para viajar e diversos livros para ocupar o tempo aprendendo, enquanto o espírito encontrava repouso ao contemplar a natureza.

Baia do Trovão, antes de chegar às confusões

Não foram muitas as coisas que me assustaram durante a vida. Contudo, nos meus tempos de criança, os trovões me apavoravam. Era só ver a luz de um relâmpago, que me enfiava debaixo de uma mesa ou até debaixo de uma cama, com medo de que os trovões me pegassem. Certas coisas assustam porque não as conhecemos. Há um lugar neste mundo que se chama a Baia do Trovão. Seria um lugar assustador?

Não durou muito, minha estadia naquele lindo e solitário lugar. Inesperadamente minha tranquilidade e, também, a solidão,

foram interrompidas. Três dias depois de estar instalado, tocou o telefone. Era o superior.

- “Tem um padre em Thunder Bay (Baia do Trovão), Ontário, Canadá. Ele está sozinho. Você poderia ir para lá fazer-lhe companhia e ajudar um pouco na paróquia?

Apesar da beleza do lugar, a proposta de ir para uma comunidade e ser útil, era irresistível. Preparei uma sacola com algumas roupas, peguei o avião e parti para Thunder Bay. Conforme ia voando para o norte, lá embaixo o solo ficava cada vez mais branco por causa da neve, pois já era outubro, e lá nessa época, faz frio.] e neva.

Cheguei à Igreja de Santo Domingo num subúrbio da cidade de Thunder Bay. Era nova, bonita e acolhedora. O pároco que a construiu era um velhinho miúdo, simpático, simples e acolhedor, que estava à minha espera. Tinha fama de ser um construtor de bom gosto e praticidade.

O lugar era muito bonito, limpo e bem-organizado; as pessoas joviais e alegres. Percebia-se que eram felizes. A igreja não se constituía somente em lugar de culto, mas também de encontro com os amigos e as amigas. Na verdade, todas as estruturas físicas foram projetadas com a ideia de favorecer o espírito comunitário.

Todas as coisas boas, como o ambiente agradável dos paroquianos de Thunder Bay têm um lastro de dureza cujos resultados positivos são percebidos mais tarde. Devido aos recursos escassos, a comunidade tinha-se envolvido na construção de sua igreja. O bom padre, já velhinho, estava sempre com seus fiéis, inclusive cavando o solo para lançar os fundamentos da construção. Essa atitude de estar no meio do povo, com seu jeito cativante pela simplicidade, foi a base para unir e fortalecer a amizade das pessoas. Era o pastor com o cheiro de suas ovelhas, bem antes que o Papa Francisco o dissesse. Por isso era amado e visto como mais um membro das famílias da paróquia.

Além da participação na edificação da estrutura física da paróquia, estava em andamento, havia a formação de uma rede de pequenos grupos espalhados pelos quarteirões do subúrbio. Cada

grupo se reunia semanalmente para estudar a Bíblia, meditá-la e rezar para depois viver os ensinamentos nas famílias e locais de trabalho. Uma vez por mês, os coordenadores de grupo, reuniam-se na igreja para avaliar a caminhada.

Além da experiência nessa nova paróquia, tive a oportunidade de vivenciar momentos divertidos participando do hobby do sacerdote, a pesca. Sendo o Canadá um país cheio de lagos, lugares para fisgar criaturas aquáticas não faltam. Contudo, para quem tem as origens num país tropical, alguma técnica de pesca pode ser uma novidade.

O Brasil, pelo tamanho de seu território, é um país com poucos lagos e os existentes não congelam a superfície durante o inverno. Lagos com a superfície congelada é comum em todos os invernos no Canadá. O gelo é tão espesso e sólido que é possível dirigir um carro, com segurança, sobre a superfície.

Numa das manhãs, bem cedo, dia de feriado na paróquia, o padre me chamou: “vamos pescar no buraco”, disse. Sem saber como era esse tipo de pescaria, concordei. Preparamo-nos com roupões pesados, luvas, botas, gorro e embarcamos no carro.

Tomamos uma estrada, rumo a um lago. A neve cobria tudo. A temperatura era de 15 graus negativos. Depois de meia hora de viagem, mais ou menos, tomamos uma estrada secundária, que nos conduziu a uma superfície branca e plana. Era o lago. O padre parou o carro, desceu, deu uma olhada, e voltou para dentro.

“-Vamos”, disse, e fomos rodando em cima do gelo como se fosse uma cancha de hockey. Depois de andar uns 80 -100 metros da margem, parou. Tirou do porta-malas uma pua de uns 30 centímetros de diâmetro. Olhou a superfície e disse: “vamos fazer um buraco aqui e outro um pouco mais para lá.”.

Prontamente, ajudei a girar a pua, até perfurar a camada de gelo, em dois lugares. Ensinou-me que era suficiente ficar à beira do buraco, movimentando, verticalmente, a isca de aço branco reluzente e que sob a superfície gelada, era escuro. Lá embaixo, os peixes a veriam cintilando. Atraídos como se fosse comida a abocanhavam. Então, era só puxar a linha com o peixe, remover o

anzol e jogá-lo sobre o gelo.

A técnica é realmente eficiente. Não é história de pescador. Em menos de meia hora fisgamos mais de 30 peixes. Perdemos de longe dos apóstolos de Cristo que num instante pegaram 153 grandes peixes (Jo 21,11). Saber perder também faz parte da vida.

Embora entusiasmados pelo resultado, sofriamos com o frio que nos castigava. Com a temperatura nos 15 graus abaixo de zero, o vapor produzido pelo ar expelido pelo nariz e pela boca transforma-se em gelo. Não é recomendável ficar exposto por longo tempo a temperaturas tão baixas. Por isso, recolhemos os peixes e voltamos para casa.

"Senhor, conceda-me a ventura de fisgar aquele peixe, livrando-me assim da mentira!" (Dito popular)

Agora, que estava tudo bem, precisa começar a enfrentar as confusões

“Partir é morrer um pouco”, era o título de uma poesia em francês que decorei nos tempos de estudante, no ensino médio. O missionário, que está sempre pronto para partir esse “morrer um pouco” é uma realidade vivida na carne. Não é isento de experimentar a tensão, a vontade de permanecer, e o chamado de sair. Para avançar alguma coisa deve morrer, para que outra venha trazer vida.

Na minha longa jornada missionária conheci companheiros que, a certa altura da vida, disseram: “Até aqui! Agora quero tranquilidade.” É a mesma voz interior que senti muitas vezes. Foi o canto mavioso da sereia que quase me seduziu, mas foi silenciada pela voz de superiores e de Deus, durante momentos de silêncio e oração.

Diante da indefinição dos colegas no Brasil e na Colômbia, a “tentação” de continuar em Thunder Bay se agigantava. As

intervenções do bom padre da paróquia e outras pessoas, para que não fosse embora, colocavam lenha na fogueira. Na verdade, sentia-me feliz e tinha a impressão de que os paroquianos estavam satisfeitos comigo, talvez, porque o tempo para criar desafetos ou amizade profunda, tivesse sido demais curto e tudo acontece como nos namoros. O verdadeiro rosto dos dois só é conhecido sem maquiagem.

De fato, não estava mais preocupado com o dia de minha volta ao Brasil. Afinal não dependia de mim. Contudo, certo dia, depois do anoitecer, enquanto assistia pela televisão, a comoção causada na população brasileira pela morte de Tancredo Neves, fui chamado ao telefone pelo pároco. O superior estava na linha. Sem rodeios, sua voz grave souou:

- "Venha para Chicago pegar sua passagem para viajar ao Brasil, no dia 10 de dezembro. Como os padres de São Paulo estão em miniassembleia, é bom você chegar lá antes do encerramento."

Com o coração dolorido, deixei a comunidade de Thunder Bay, grato por ter experimentado seu espírito de acolhida.

Em Chicago não havia nada para fazer senão recolher a passagem com o superior e alguns pertences pessoais. Peguei um avião para Miami, de onde embarcaria em outro com destino a São Paulo.

Ao chegar ao aeroporto, no dia 12 de dezembro de 1985, olhei para todos os lados, procurei entre as pessoas, no saguão de chegada se havia algum dos padres esperando. Não vi ninguém. Todos os passageiros do avião já haviam ido embora. Só eu sobrava. Resolvi pegar um táxi.

Cheguei ao Seminário João XXIII, no bairro do Ipiranga, onde os padres estavam reunidos para a miniassembleia, um pouco antes do almoço. Os padres estranharam, pois todos sabiam que alguém tinha ido ao aeroporto esperar-me. Quase duas horas depois da minha chegada, chegou também o sacerdote que fora buscar-me. Estava com fome e aborrecido. Dizia aos colegas que eu não tinha chegado.

Logicamente, informaram que eu já estava em casa

descansando da viagem. Pelas informações intercambiadas, passamos sob o olhar um do outro diversas vezes. Apesar de nos conhecermos bem, não nos distinguimos entre a multidão dos passageiros e outras pessoas.

A verdade era que eu estava de volta ao Brasil. À primeira vista, pareceria romântico voltar à própria terra. Logo no início, não foi assim. Devia substituir um sacerdote que não queria sair do Apostolado do Mar, em Santos. O superior e a maioria dos padres eram contrários à sua saída, devido à construção da missão Stella Maris que ele havia começado. Preferiam que ele a terminasse antes de ser transferido, evitando deixar, a antipática, tarefa para outra pessoa.

Tinha, também, uma forte ligação com a família. De fato, a construção era tocada por um grupo de familiares que ficavam hospedados na casa do padre.

Com o pretexto de continuar no local e evitar a transferência, ia acrescentando pisos no edifício. O esqueleto da construção estava já no piso número oito e forçava a aprovação para edificar uma cobertura no topo. Desta vez foi-lhe negada a permissão.

Evidentemente, a minha chegada causou constrangimento para ele, para o superior e outros sacerdotes. O fato de ter sido destinado, diretamente à missão dos marinheiros pela Direção Geral da Congregação, sem passar pela direção provincial, foi mais um ingrediente de mal-estar, pois quem é autoridade não admite que lhe passem por cima.

Terminados os trabalhos da miniassembleia, na tarde do dia 13 de dezembro, no veículo do padre que deveria sair, viajei para a cidade de Santos. Como era de se esperar, minha chegada não seria motivo de alegria para os empregados e familiares do sacerdote. Sorrisos enigmáticos, frases curtas e formais, eram manifestação de pouca alegria.

"As linhas de chegada não significam que ganhamos, mas sim que vamos começar outra corrida". (Lil Wayne)

Um dia, a ficha cai. Chega-se à algumas conclusões

Q

ueiramos ou não, somos membros de uma comunidade, com ligames sólidos ou tênuas. Embora eu tenha projetos pessoais, é impossível realizá-los, sem a consciência de que sou relacionado com pessoas das quais dependo, para que sejam concretizados. Muitas vezes devo estar aberto para avaliações, redirecionamentos ou até cancelamentos.

O padre que devia ser transferido, escreveu diversas cartas para a Direção Geral em Roma, explicando os motivos pelos quais deveria continuar em Santos. Não sei o que o inspirou, teve a confiança de ler algumas para mim. Segundo suas palavras terminava cada carta com a expressão clássica de quem fez o voto de obediência, mas também quer aparentar ser bonzinho: “contudo estou disposto à obediência”. Esta era a pérola que interessava em Roma, deixando a entender que ele havia aceitado a nova destinação.

Apesar de eu já estar em Santos para assumir a nova missão, ele ainda não se havia convencido de que tudo estava decidido.

Foi no memorável, dia 16 de dezembro de 1985, dia da novena em louvor a Santa Edwiges, santa de sua devoção, que o padre recebeu a carta fatídica, de Roma. Era quase hora do almoço. Depois de ler a missiva convidou a mim e mais outra pessoa para tomar um aperitivo no quarto dele. Com rosto sem expressão, leu a carta, era do Superior Geral comunicando o dia em que deveria estar em seu novo trabalho na Colômbia e sugerindo que tirasse as férias antes de partir.

A carta fechou a novela. Então, encostou o recipiente do aperitivo nos lábios e sorveu até esgotar a última gota do conteúdo.

“A ficha cai e a luta começa. Acabou! Agora falta acreditar. É difícil, mas com o tempo, quem sabe. O tempo, as atitudes da outra pessoa e até as suas, só mostram o que você nunca quis enxergar. O fim! E já foi, já era”. (Fernanda Garcia)

Nuvens carregadas. Descoberta de mais confusões

O jornalista Aldo Novak, disse: “Não é a primeira impressão a que fica. É a última. Apenas certifique-se de que a primeira, não seja a última.” Se eu tivesse de ficar com a primeira impressão deixada pelos acontecimentos relacionados com meu retorno ao Brasil, deveria manter a mala fechada e pegar o avião de volta aos Estados Unidos.

Decidi absorver o impacto adverso e colocar em ordem os sentimentos convulsionados que abarcaram meu ser. Mesmo assim, lembrei diversas vezes as palavras pronunciadas pelo superior de Chicago, no dia de minha partida: “Se não estiver contente lá, é só telefonar que lhe envio a passagem e você volta para cá.” Decidi impedir de toda forma que a primeira impressão ficasse. Deveria abrir-me para outra melhor para livrar-me da primeira.

Onze anos haviam transcorrido desde que passei o último Natal e final de ano com minha família. Falei com o superior, do meu desejo de estar com ela. Concordou com hesitação, recomendando que voltasse para Santos, no dia 2 de janeiro de 1986.

Com os pensamentos cheios de dúvidas, mas contente por poder visitar minha família, no dia 17 de dezembro, viajei de ônibus de Santos até Sarandi, RS, onde mora minha família. Cheguei de surpresa. Sabiam que iria trabalhar no Brasil, mas não sabiam nada mais do que isso. Os familiares ficaram contentes porque estaria mais perto deles. Lamentaram que não era tão próximo como desejavam.

Passadas as festas de final de ano, na terra natal, sem ter visitado praticamente ninguém, no dia primeiro de janeiro de 1986, pela tarde, iniciei a viagem de retorno a Santos onde, como prometido, cheguei no dia 2 de janeiro.

Havia uma programação para os dias seguintes. O padre que iria sair e eu viajamos para São Paulo, para um encontro com o padre ecônomo, da Província São Paulo. Havia dois assuntos na

agenda: um, conseguir permissão para subir mais um piso na construção e, o outro, que seus familiares continuassem morando na casa, enquanto os trabalhos fossem terminados. Com poucas palavras, o econômo se expressou mais ou menos assim:

- “Na última reunião do conselho, decidimos que vai ser colocado o telhado e feito o revestimento, e a construção vai parar onde está. No momento não há dinheiro para continuar.”

Tentou justificar a adição de mais um piso, mas como a decisão já estava tomada, os dois concordaram que em um mês de trabalho, seria o suficiente para fazer o telhado e completar o reboco.

Havia a questão dos seus cinco familiares, entre eles um casal esperando filho, que moravam na casa do padre, para ser resolvida. Pedia para que pudesseem continuar morando sob o mesmo teto do padre. O novo diretor, embora ainda sem oficialização, tinha o poder de decidir se eles continuariam morando onde estavam ou buscariam outro lugar. Por se tratar de um mês, somente, em consideração ao padre e também para que tivessem tempo suficiente para alugar outra residência, abafei a razão deixei falar o coração, aceitando a proposta.

Infelizmente, ainda, não havia aprendido que, além de concordar ou não com as propostas e argumentos de alguém, é preciso também responder às perguntas: O que estaria oculto por trás da cortina? Quais são as intenções não reveladas?

Comecei a entender o fio da meada, nos primeiros minutos depois de nossa chegada ao Apostolado do Mar. Os familiares e mais dois empregados, estavam ansiosos para saber o resultado da reunião em São Paulo. Houve decepção, pela negação de subir mais um piso no edifício, e alegria, sem graça, pelo tempo que ainda poderiam morar na casa.

O iceberg começava indicar que a parte submersa, seria perigosa. Contudo, não tinha ideia do que me esperava.

Depois de alguns minutos de conversa, meio entrecortada, fui convidado para ouvir algumas informações, que todos já sabiam, menos eu. No domingo seguinte eu seria apresentado à comunidade da Capela Nossa Senhora dos Navegantes a partir da qual eram

assistidos os pescadores da região. Estaria presente o bispo para me dar “posse”. Deveria vir também alguém da direção provincial, mas isto não aconteceu.

O edifício, sem telhado, sem reboco por dentro e por fora, e vazio, seria inaugurado com pompa, constando na programação: bênção, apresentação do novo diretor, corte da fita simbólica, música, comida e bebida para autoridades portuárias, padres locais e convidados. A efeméride aconteceria no andar térreo do edifício, mas havia um detalhe, o piso estava só no cimento. A pressão verbal sobre seus parentes e outros trabalhadores para que deixassem o piso pronto para a ocasião, era premente.

Era começo de janeiro de 1986. A chuva caía a cântaros. O empreiteiro, sobrinho do padre, não conseguia desenvolver o trabalho. Os dois levantaram a voz com frequência. À véspera da inauguração, somente a metade do piso estava pronta.

Para a inauguração, compareceram três ou quatro padres em horário diferente, a esposa do Capitão do porto de Santos que há três anos vinha enrolando o padre, prometendo conseguir o passe para visitar os navios, e um pouco mais de trinta pessoas. Devido à chuva, a água devia ser removida, constantemente. Somente uma pequena área da construção antiga, estava enxuta.

Com discursos, corte de fita, música, comida e bebida, foi declarado “inaugurado” o edifício. Finalmente, com carinho “protocolar” foi apresentado o novo diretor. Tentei ser simpático, oferecendo aos convidados uma bebida mexicana que, certamente, agradou mais aos convivas do que o diretor que estava saindo.

No dia seguinte, pouco se falava sobre a inauguração. O trabalho principal, era preparar a viagem de férias, do padre. A dificuldade principal, foi subjugar dois macacos e engaiolá-los para serem levados no carro. Os dois bichos choramingaram e se debateram de todo jeito para não serem aprisionados, mas não puderam escapar.

Nos intervalos dos preparativos, forneceu-me algumas informações sobre o trabalho a bordo dos navios e na missão Stella Maris. Quanto às visitas aos navios, devido às normas do governo,

só poderiam ser feitas mediante convite do comandante de cada embarcação. Sobre a missão Stella Maris, não havia nada a falar. Os marítimos não a visitavam. Raramente, aparecia algum. Dinheiro? Estava acabando.

O ponto positivo do ex-diretor era o compromisso de provar viabilidade do Apostolado do Mar. Por isso, queria terminar a construção e, na esperança de conseguir a permissão de entrar na área portuária, fazer florescer a Pastoral Marítima. Dessa forma, calaria um grupo de padres da Província São Paulo que defendiam a ideia de vender a propriedade, abandonando o projeto da missão Stella Maris.

O bom homem partiu de férias com seu sobrinho empreiteiro e mais um parente. Ficou sua esposa grávida. Dois parentes deveriam continuar os trabalhos na missão. Não foi isto que aconteceu. Só eram vistos na hora das refeições e para dormir. Ao invés de trabalhar na construção, saíam para fazer biscoates.

“Jamais se desespere em meio às sombrias aflições de sua vida, pois das nuvens mais negras cai água límpida e fecunda.” (Provérbio Chinês)

Cama de espinhos. O auge das confusões

O Apostolado do Mar, além da missão Stella Maris, centro de acolhida para marítimos, incluía também, duas capelas: Santa Edwiges, dentro da própria missão e Nossa Senhora dos Navegantes, onde eram assistidos os pescadores. A missão Stella Maris e a capela Nossa Senhora dos Navegantes são separadas por uma distância de seis quilômetros. Com a saída de férias e a concomitante transferência do padre, daquele momento para frente, tudo estaria sob minha responsabilidade.

Havia dois carros à disposição: uma Kombi e um fusquinha velho, ambos sem condições de uso, nem mesmo para ir com segurança até São Paulo, a 65 quilômetros de Santos. As rodas dianteiras do fusquinha, giravam inclinadas para um lado. A polia

do motor estava com quase dois centímetros de folga. Apesar da mecânica precária, o “besouro” se mexia. O barulho do escapamento era semelhante aos disparos de metralhadora.

No mesmo dia da partida do padre, eu celebraria missa vespertina, na capela Nossa Senhora dos Navegantes. Duas freiras se dispuseram a ir comigo no fusquinha, para ensinar-me o caminho mais fácil e rápido.

Pelo meio do caminho, desabou uma chuva torrencial. Num instante, as ruas ficaram alagadas. O assoalho do carro, estava com muitos buracos, de forma que a água o inundou. O motor não aguentou e parou no meio da rua. Sorte que as freiras estavam comigo. Desembarcaram. Com a água até meia canela, empurraram o carro até o posto de serviço uns 50 metros de onde tinha parado.

A chuva torrencial caiu durante meia hora, mais ou menos. Como o carro não desse partida, usando a chave de ignição, pensamos que poderíamos usar a velha técnica do tranco. As freiras, com a roupa, totalmente, ensopada de água, valentemente se posicionaram na traseira do carro para empurrá-lo, enquanto eu, aproveitei do embalo para fazê-lo pegar, usando a embreagem. Depois de duas ou três tentativas, a engenhoca funcionou.

Deixei as duas religiosas no seu convento, que está próximo à capela. Vestindo roupa enxuta, foram à capela onde participaram da primeira missa, presidida por mim.

Situações como a descrita, servem para provocar o riso, alegrar e produzir humorismo, de que tanto precisamos. Contudo, as coisas na missão Stella Maris eram preocupantes. O trabalho na construção não ia para frente. Estava com um grupo de pessoas comendo e morando na casa gratuitamente, sem prestar os serviços contratados.

Depois de vinte dias retornou o padre com seu sobrinho empreiteiro, a quem apresentei minha preocupação quanto às obras na missão Stella Maris. Prometeu que seriam retomadas, mas um mês, obviamente, não era suficiente para terminar. A técnica astuta era ir atrasando os trabalhos e prometendo acelerar, mas sem manter a palavra. Trabalhavam, um ou dois dias na semana,

somente, continuando a morar e se alimentar gratuitamente, na casa.

Começou a aflorar outro problema. Além das contas de água, luz e telefone, chegavam contas de padarias e mercadinhos de esquina. Uma das funcionárias apresentava os recibos e eu deveria providenciar o dinheiro para pagar. Como o caixa estava quase vazio, no segundo mês, comecei a recolher os recibos e listas dos produtos adquiridos e ir, pessoalmente, pagar as contas. Notei que muitos produtos adquiridos, não chegavam à Missão Stella Maris.

O dinheiro acabou e o trabalho estava atrasado em quatro meses. Todos continuavam morando na casa. O dia do nascimento da filha do casal se aproximava. Fizeram a proposta de poder trazer a sogra e uma cunhada para conhecer o bebê. De coração mole, cedi. Foi meu erro. Vieram as duas. Minha privacidade acabou. Durante um mês, a casa se encheu de gritos, palavrões e insultos de uns com os outros. O motivo de tantos entreveros era o caso extramatrimonial que o sobrinho do padre e pai da criança alimentava.

Finalmente, depois de uma reunião com o ecônomo da província, conseguiu-se que todos saíssem da casa e que o pagamento, só seria feito ao término dos trabalhos. Embora de acordo, empreiteiro fez inúmeras visitas com a intenção de receber adiantamentos. Contudo, isso não lhe foi concedido. Seis meses depois do prazo combinado, entregou os trabalhos e levou a turma consigo para algum lugar. Finalmente, foi possível celebrar o fim das confusões. Em todo esse embrolho, os superiores foram muito burocráticos e omissos, com exceção do ecônomo da Província São Carlos dos padres escalabrinianos.

Foi o período em que fiz a experiência de ser hóspede indesejado, em minha própria casa.

Foi como dormir em cama de espinhos pungentes, mas sobre a qual, alimentava sonhos para o futuro.

“Quando as pessoas erradas saem de sua vida, coisas certas acontecem”.
(Caio Fernando de Abreu).

Parte VII

**MARES CALMOS NÃO FAZEM UM
BOM MARINHEIRO**

(Desconhecido)



Começos sob os ranços da ditadura

*A*o invés de lamentar um fim, batalhe por novos começos”,

diz Edney Souza. Naturalmente, quando estão em jogo pessoas, o fim de um relacionamento, mesmo em nível profissional, os sentimentos se conturbam. O afastamento daquele grupo, embora desejado, deixou sempre algum sofrimento. Afinal, podia ter sido de forma mais amigável. Nem por isso deve-se deter a caminhada.

O propósito de minha transferência, era organizar a Pastoral Marítima. Pela carta do superior geral, podia-se entender que havia alguma coisa em andamento na missão Stella Maris e no porto. Na verdade, não havia, praticamente, nada. Havia a determinação de desenvolver o Apostolado do Mar, mas estava emperrada pelas leis da Marinha de Guerra do Brasil que se negava a conceder a permissão para ingressar na faixa portuária e, consequente, visita aos navios. Oficialmente, a ditadura militar no Brasil havia acabado, mas as leis e normas do regime ainda eram vigentes.

Para entender melhor a situação é preciso lembrar que o bispo da diocese de Santos era o mesmo que se opôs, energicamente, ao golpe militar de 1964. Naquela época, o porto de Santos, como os demais portos do país, foi decretado, “área de segurança nacional”. O prefeito eleito, teve seus direitos políticos cassados, sendo substituído por um interventor alinhado com a ditadura. Com a edição do AI5, as coisas ficaram ainda mais complicadas para o bispo que, numa manhã bem cedo, teve sua residência cercada pelo exército com a intenção de prendê-lo. Temendo uma forte reação por parte da Igreja institucional e da população, por fim, decidiram levantar o cerco sem concretizar os planos.

A missão Stella Maris, cujo diretor havia tentado diversas vezes, sem sucesso, uma licença para exercer suas funções no porto, recebeu uma visita de dois agentes do serviço secreto da ditadura. Estes vistoriaram documentos, escritos e livros, em busca de material subversivo ou contrário ao regime vigente.

Embora, os dois agentes não tivessem encontrado nenhum

material ou indícios de ser uma instituição oposta ao governo, o Apostolado do Mar, com sua missão Stella Maris, ficou sendo visto com desconfiança. Impacientado com a insistência das cartas do bispo e do diretor da missão Stella Maris, solicitando a permissão para ir a bordo dos navios surtos no porto, o capitão disparou: “até que houver Marinha no Brasil, a Igreja não vai entrar no porto”.

Sem desanimar, o padre diretor da época, tentava influenciar as autoridades portuárias e marítimas através de amigos, para que convencessem o capitão da necessidade de ter acesso aos navios, para o desempenho de suas funções apostólicas e humanitárias. Entre eles estava, também, a esposa do Capitão dos Portos, com sede em Santos. Com astúcia, a mulher ia prometendo a permissão, mas protelando a concessão até a transferência do esposo para outro porto. Dessa forma, a técnica de fazer lobby, foi abandonada e seria necessário procurar outros meios. Quais? Era a pergunta que precisava responder.

Ter acesso aos navios surtos nos portos de qualquer país do mundo, é essencial. Diante do exposto, via, pela frente, muitas dificuldades para ser missionário com os homens do mar.

Contudo, havia um fato que poderia acender uma luz no final do túnel. A própria transferência do capitão dos portos poderia ser positiva. “Quem sabe com a chegada de uma autoridade nova, alguma coisa vai mudar” pensava, comigo mesmo.

“Quando os ventos de mudança sopram, umas pessoas levantam barreiras, outras constroem moinhos de vento.” (Érico Veríssimo)

Pizza e cerveja, o caminho

Enquanto enfrentava a burocracia portuária e marítima, na espera de conseguir a permissão de acesso ao porto, foram reiniciados os trabalhos na construção do edifício no qual deveria

funcionar a missão Stella Maris.

Depois de ter tentado, sem sucesso, durante dois anos e seis meses, batendo em portas de escritórios de instituições ligadas à área portuária, o desânimo e a sensação de impotência estavam se apoderando de mim. Se não fosse para trabalhar a bordo de navios, não havia sentido continuar em Santos, uma vez que o carisma da Congregação é a ação pastoral e missionária com as pessoas em movimento. Com as ideias confusas, decidi passar alguns dias na minha terra natal, antes de tomar alguma decisão.

Parece ironia, mas fui para a cidade de Sarandi, que está longe do mar, para pensar sobre assuntos relacionados com os oceanos. Foi lá que, no meio da angústia, surgiu a ideia de considerar a aplicação do “jeitinho brasileiro”. Pensei: “Se a porta da frente, guardada pela Marinha e Polícia Federal, não se abre, o jeitinho é entrar pela porta dos fundos”.

Como? Tinha um detalhe que havia passado despercebido a mim e ao meu antecessor. A Polícia Federal e a Marinha, não controlavam os acessos ao porto, pelos portões. Para isso, havia a Guarda Portuária. Se eu conseguisse passar o portão, só dependeria dos comandantes dos navios, a permissão de ir a bordo. Como eles conheciam a missão Stella Maris em outros países, não negariam a visita do capelão do Apostolado do Mar.

Voltei para Santos disposto a jogar a última cartada. Caso não desse certo, então pediria para retornar aos Estados Unidos.

Desta vez, decidi mudar a estratégia. Ao invés de ir, diretamente, ao chefe da guarda portuária, julguei melhor conseguir informações sobre a sua pessoa, tais como: onde ele tinha nascido, qual era seu time de futebol, preferências de comidas, bebidas e outras coisas.

Depois de abordar algumas pessoas que o conheciam, soube que ele era gaúcho como eu, torcia pelo time rival ao meu, que era espírita e bom de cerveja. Com essas informações na mente, decidi fazer-lhe uma visita de cortesia. Como não poderia deixar de ser, a conversa girou em torno do regionalismo dos gaúchos, passando por algumas fustigadas, pescadas na secular rivalidade entre os

clubes do Grêmio e do Internacional. Ao término da visita arrisquei fazer um convite ao nobre senhor. Sugeri marcar um dia para passar na Missão Stella Maris, a fim de saborearmos uma pizza, regada com cerveja. Sem titubear, olhou o caderno que estava sobre a escrivaninha e declarou: “Amanhã, depois das 16h, estarei lá”.

Disfarçando a euforia, voltei para a missão Stella Maris. Comuniquei a alguns ajudantes que teríamos uma visita especial e estariam, também, eles convidados.

Como havia prometido, o chefe da Guarda Portuária apareceu. Ainda sob a influência da conversa do dia anterior, demonstrava descontração e satisfação de estar lá. A conversa corria solta quando ele afirmou que havia estado em diversas missões Stella Maris quando era marítimo e conhecia o trabalho que sacerdotes e leigos faziam por meio das missões. Esta informação não poderia ser melhor. Tomei a deixa e entrei no assunto. Expliquei que naquela casa deveria funcionar uma daquelas missões, mas que tudo estava emperrado devido à falta da permissão de ir a bordo dos navios.

O chefe continuou falando sobre as boas experiências de ser visitado a bordo do navio na Holanda e Alemanha. Considerando ser aquele o momento oportuno, para bater o martelo entrei na conversa: “Como o senhor percebe, aqui nada funciona, porque nós não podemos visitar as tripulações. Os marítimos não sabem que existe este lugar, feito para eles. O que é que o senhor poderia fazer para termos acesso aos navios?”

- “Vou fazer a minha parte, disse. Quanto ir a bordo dos navios, depende de cada comandante. Faz um favor, tchê (expressão gaúcha), escreve uma página e meia, mais ou menos, sobre o trabalho que o senhor faria, e envia ao meu escritório amanhã até às 8h e volte lá às 16 h. Tem um jeito.”.

Passei a noite, meio em claro. Tentei escrever o texto do modo mais convincente possível, e o levei ao escritório do chefe da Guarda Portuária, no horário combinado.

- Deixa comigo, disse. Fica sossegado. Não precisa tu vires aqui, à tarde. Eu te mando os papéis pelo motorista, às 16h.

Depois das 16.00 horas, uma pessoa trouxe um envelope

endereçado a mim. Assim que o emissário virou as costas, abri. Era uma autorização para ingressar na faixa portuária que deveria ser renovada mensalmente antes do dia de vencimento. O céu se encheu de estrelas. Valeu a pena a espera de anos. Daquele dia em diante, sem o concurso da Marinha e da Polícia Federal, podia entrar e sair do porto livremente, apresentando a autorização.

“Conquistar é transpor barreiras, vencer desafios, e alcançar a vitória almejada na luta do dia a dia.” (Iolanda Brazão).

- O mundo chega sobre as ondas do mar.

Um dos bonitos pontos turísticos da cidade de Santos é o Monte Serrat em cujo cume, está o histórico santuário dedicado à Maria. É do alto daquela montanha, que é visualizada toda a cidade, com suas praias e porto, recebendo navios de todo o mundo. Gostava de passar muito tempo lá no alto, observando os navios entrando e saindo pelo canal tortuoso que dá acesso ao porto. Vistos de longe, eles completam o cartão postal, integrando-se ao mar, colinas verdes e edifícios.

Poucas pessoas, porém, olhando um imenso navio em movimento, pensam que a bordo, moram e trabalham seres humanos ganhando o sustento para as próprias famílias, sem conviver com elas. São os marítimos que, trabalhando organizadamente, conduzem aquelas imensas embarcações pelas águas dos oceanos, lagos e rios. Em geral eles não são vistos. Por este motivo, poucas pessoas pensam neles. Agora eu podia subir a escada até o convés e encontrar os marítimos. Que emoção!

O missionário, para os marítimos, está sempre em saída. De posse da ambicionada permissão de acesso à faixa portuária, podia exercer a acolhida de centenas de homens solitários e desconhecidos em seu lugar de trabalho, os navios.

À primeira vista, pode parecer um trabalho romântico e festivo. Principalmente, para quem não tinha conhecimento e experiência, e só via os navios pela televisão, nos cartões portais e revistas. É maravilhoso estar em contato real com esse mundo formado por “ilhas mecânicas flutuantes”.

Logo no início do trabalho, as dificuldades surgiam a cada

momento. A causa principal era a minha ignorância sobre o mundo marítimo. Havia muito para aprender.

Tudo o que é desconhecido é um desafio, seja o encontro com uma pessoa, ida a um local ou visita a uma instituição. Deveria conhecer como eram os navios, país de registro, bandeira, de que porto vinham e para onde iam. Além disso, havia a estrutura física das embarcações, a hierarquia entre os tripulantes e o sistema a bordo. Os homens a bordo, também, seriam desconhecidos. Impossível saber de antemão, sua língua, cultura e religião.

Como entrar nesse mundo desconhecido para mim? Com a experiência descobri três passos: quebra do gelo, conhecer a periferia e entrar no coração.

1- Quebra do gelo.

Uma das primeiras questões com pessoas que encontramos pela primeira vez é como quebrar o gelo, no sentido de estabelecer a comunicação. Tentar saudá-las usando sua língua. Ao ouvir um bom dia em língua do país é uma carícia aos ouvidos das pessoas. Não importa se as palavras são bem ou mal pronunciadas, elas arrancam a resposta com um sorriso.

2-Conhecer a periferia.

Toda pessoa que está fora de seu país sente-se contente quando ouve falar sobre sua terra. Percebi a importância de ler muito sobre a história e as culturas de cada país. Valorizando os aspectos positivos, principalmente aqueles ligados à vida diária do povo abre-se amplo espaço para conversa solta e descontraída.

3- Entrada no coração.

Cada classe de pessoas, tem seus assuntos preferidos nas palestras e conversas com amigos. Pescador conta histórias ligadas à pesca, professor gosta de assuntos ligados ao magistério e

economistas comentam o sobe e desce das bolsas de valores. No caso

de pessoas morando a bordo de uma embarcação, longe de sua terra e famílias, quais seriam os assuntos preferidos? Nesse terceiro passo, saem as intelectualidades e entram os sentimentos, a amizade e o amor. É a vez dos corações. Nesse passo é que se fez a experiência da acolhida, sob dois aspectos; fazer aos outros o que você espera que façam para você e “Eu era estrangeiro e você me acolheu”. Dessa forma, “a Pastoral Marítima não é seguir normas ou passos propostos por manuais, mas uma vivência entre pessoas. Uma vez solto o gatilho da conversa, para quem está longe da família, é maravilhoso falar sobre a família, esposa e filhos.

Uma vez estabelecido o relacionamento fraterno entre pessoas, espontaneamente, desenvolve-se um processo de enriquecimento. Quanto maior for o conteúdo cultural, intelectual e afetivo, do agente de Pastoral Marítima, ele mais tem para oferecer. Por outro lado, abrindo sua pessoa ao estrangeiro, se enche da riqueza que chega de carona com os marítimos. É o mundo que chega sobre as ondas do mar.

“Não há ninguém, mesmo sem cultura, que não se torne poeta quando o Amor toma conta dele.” (Platão)

Um lar longe do lar

A palavra lar, está relacionada com lareira, lugar da casa onde se acende o fogo, especialmente, em países e regiões frias. Nos rigores do inverno, as famílias se aconchegavam ao redor da lareira, de onde irradiava o calor para todos. Servia, também, para cozer os alimentos. Faz lembrar os fogões a lenha do sul do Brasil, ao redor dos quais as famílias se reuniam com os vizinhos para longas conversas, principalmente, nas noites de inverno.

Então, um lar é mais do que uma casa. A casa é só o invólucro. Suas paredes abrigam um lar. O lar, mais do que tudo, é uma situação entre pessoas. O lar inclui o respeito, valores, segurança,

diversão, amor, reconciliação e fé. Na ausência desses fatores, a casa não passa de um albergue de conhecidos funcionais.

Por isso, além do encontro, indo a bordo dos navios, a Pastoral da Acolhida em Santos, foi ampliada por meio da missão “Stella Maris”. Esta missão acolhe os marítimos fora de suas horas de trabalho, oferecendo local para esporte, meios para contatar a família, como telefone ou internet, material para leitura, ambiente para jogos de mesa e cantina. Voluntários e voluntárias fazem parte da equipe de acolhida. São as pessoas de confiança e preparadas, que fazem companhia aos marítimos, mantém conversas agradáveis com eles e se põe à disposição para servi-los no que for necessário. Seguindo as orientações do Apostolado do Mar, tentam criar um ambiente de família e lar, longe de sua terra de origem. No fundo, a gente dá para as pessoas o carinho e amor que queremos receber.

“Ninguém perde por dar amor. Perde é quem não sabe receber.”

(Desconhecido)

Navio, uma cidade em miniatura

Quando os capelães do Apostolado do Mar, nos encontramos para tratar dos assuntos pastorais, com frequência, afirma-se que o navio é uma pequena cidade. Em proporções reduzidíssimas, é verdade. O comandante é a autoridade máxima, responsável por tudo o que sucede a bordo. A bandeira hasteada na popa do navio, indica o país a que pertence, navegando de acordo com suas leis e normas. No fundo, ele comanda, não somente em nome da companhia que o contrata, mas representa também, um país.

Carga, operações, planos, organização, pessoas, eventos estão sob a autoridade do comandante. A bordo, é produzida a energia e a dessalinização da água. Uma cabine é reservada, para ser hospital, com equipamentos de primeiros socorros e suporte à vida. Também têm seu sistema de comunicação, via satélite. Como nos aviões, os

navios modernos, também, as caixas pretas, cuja finalidade é permitir a localização em caso de naufrágio, e a identificação das causas. Conta, ainda, com oficinas de reparos e manutenção.

Sob a autoridade do comandante, estão os oficiais de náutica e burocracia, engenheiros, mecânicos, eletricistas, auxiliares, marinheiros, pessoas da cozinha.

Como em qualquer cidade, o navio tem seu livro de registros de estatísticas vitais e outros eventos. Se um tripulante morre a bordo, um oficial exerce a função de escrivão. Ele e o comandante, assinam o livro de registros, no qual, também, são usados os carimbos da companhia e do país sob cuja bandeira navega. Embora, raríssimos, casamentos ou nascimentos de crianças sucedidos a bordo, são assentados nos livros de registros. Certidões são emitidas, mas depois devem ser endossadas pelos cartórios, em terra.

Como a bordo existe uma pequena sociedade, extremamente organizada, comportamentos e atitudes perigosos merecem atenção imediata, especialmente se a vida de algum marinheiro ou a segurança do navio está em jogo. O comandante tem a prerrogativa de prender a pessoa potencialmente perigosa, num camarote. Ao atracar no porto seguinte, ela é entregue às autoridades locais que tratarão do assunto.

“Se há muitos comandantes, o navio afunda”. (Provérbio Árabe)

O “espírito” do morto ficou a bordo do navio

Os acontecimentos em cidades pequenas, por menos importantes que sejam sempre têm repercussão, enquanto, nas cidades grandes a maior parte deles, passaria despercebida. A fratura da perna de uma pessoa idosa, chega aos ouvidos de todos, em pouco tempo numa comunidade rural. O motivo é que todos se conhecem pelo nome, em contraposição à situação de anonimato

das metrópoles. Quando morre alguém, até mesmo quem não tinha bom relacionamento com a pessoa falecida, vai ao funeral. Afinal, ficaria muito feio não comparecer, além de ser uma fonte de fuxicos. Algumas vezes, surgem comentários: “Ah, viu? Ele veio porque estava com medo de que o espírito do morto viesse puxar as suas pernas!”. Contudo, a passagem para outra vida, de um cidadão é a oportunidade para reconciliações. A dor também une pessoas. Pelo contrário, na cidade grande, as pessoas são marcadas pelo anonimato e solidão. O anonimato, porém, pode servir como uma espécie de esconderijo e livrar-se dos comentários adversos.

Imaginemo-nos a bordo de um navio com 25 tripulantes. Um deles comete suicídio em alto mar. O corpo envolto em plástico, é acondicionado numa espécie de bandeja alongada e guardado numa câmara frigorífica, até o próximo porto. Para a maioria do grupo, navegar com um cadáver a bordo, mexe com o lado espiritual das pessoas.

As mortes sucedem longe dos olhos da sociedade e da mídia, por isso, poucas pessoas tomam conhecimento, mas é fato bastante frequente na marinha mercante. As motivações principais são solidão, problemas familiares, assuntos financeiros. Os métodos mais frequentes para pôr um fim à vida, são o enforcamento, durante a noite e, com menos frequência, jogando-se no mar ou no cais dos portos.

Quando alguém não aparece no local de trabalho ou numa das refeições, a primeira ideia é que o tripulante não se sente bem. Sendo cada pessoa a bordo essencial no setor em que trabalha, a ausência de um dos marítimos é percebida imediatamente. O oficial ou o vigia de plantão são os primeiros a ver um corpo pendendo num dos conveses, boiando na água ou inerte sobre o cais do porto. Embora os marítimos sejam submetidos a exames médicos antes de embarcar, mortes naturais, principalmente, por enfarto, acontecem.

Muitas vezes, a interrupção da vida, sucede por enforcamento. O espetáculo terrificante de ver um corpo pendente num ambiente reduzido, como é um navio, causa comoção. Tudo é documentado

por fotos do começo, passando pelo arreamento do corpo a ser acondicionado em plástico numa câmara fria. Ficará lá até a chegada a um porto onde as autoridades locais encarregar-se-ão da burocracia, dos assuntos legais enquanto a Companhia de Navegação se responsabiliza pelo repatriamento do corpo.

Um dos grandes tormentos para uma família é ter um de seus membros desaparecido sem que se saiba onde, como e quando. São as mortes prováveis, que deixam sempre a esperança de que a pessoa esteja viva em algum lugar e, algum dia, volte para casa. Alguns marítimos tiram sua vida jogando-se ao mar, durante a navegação em horas noturnas, sem deixar rastros, a não ser seus pertences. Embora, sabendo o óbvio, a esperança de que outra embarcação o tenha socorrido, ou esteja em alguma praia do planeta, povoa a mente dos familiares por muito tempo.

Vamos considerar esses acontecimentos tristes e chocantes, no ambiente humano onde eles sucedem. O grupo humano é relativamente pequeno, com poucas pessoas e de diversas nacionalidades e religiões. Alguns podem não ter uma crença. Todavia, em comum existe a superstição. Seguidores de alguma crença ou dizendo-se ateus, os marítimos, em geral, são supersticiosos. Por exemplo, os engenheiros jamais permitem que uma mulher visite a casa de máquinas da embarcação. Ela é vista como possível portadora de maus presságios ou agouros. Desgraças e acidentes poderiam acontecer depois de uma visita feminina na área dos motores.

Se a presença de uma mulher na casa de máquinas não é bem-vinda, quando alguém morre a bordo, a concepção da presença de seu espírito e as superstições relacionadas com os mortos, contaminam os marinheiros de todos os setores do navio. Por isso, uma das providências a serem tomadas ao chegar num porto é chamar um padre ou pastor para dar uma bênção ou fazer uma reza forte para que o espírito do falecido abandone de uma vez, o navio. O medo da possível presença de uma entidade espiritual, chega até comprometer o bom andamento dos trabalhos.

Certa ocasião, o comandante de um navio veio à missão Stella

Mais, preocupadíssimo porque os engenheiros, mecânicos e ajudante, trabalham apavorados na casa de máquinas. O motivo era que, entre eles, um ou mais trabalhadores viam um vulto, com vestimenta branca, saindo do túnel onde está o eixo que faz girar a hélice. Era suficiente que alguém desse o mínimo sinal, para que o grupo abandonasse o local. Um barulho um pouco diferente significava que os espíritos estavam se esgueirando entre os motores e equipamentos. “Padre! Temo pela segurança do navio. Quando isso acontece eles abandonam tudo. Não fica ninguém cuidando dos motores e podemos ter um acidente grave. Por favor, venha dar uma benção para tirar o espírito de lá”, disse o comandante.

Munido de uma boa quantidade de água benta, acompanhei o comandante ao navio. A maior parte dos tripulantes estava à espera, pois na noite anterior, segundo eles, o espírito incomodo deu a voltinha costumeira, alvoroçando todo mundo.

À minha frente, caminhava um dos engenheiros, indicando as escadas para baixar mais de três metros abaixo do nível da água, onde sucediam os fenômenos. Chegando à casa de máquinas, todos se posicionaram atrás de mim, em silêncio, junto à parede do compartimento. Iniciei as rezas, ficando de frente para eles. Contudo, um marítimo interveio: “Não é aqui padre! O espírito aparece do outro lado. Ele vem pelo túnel do eixo.”

Entendi o recado. Virei-me e continuei as orações. Chegou o momento de jogar a água benta. Espertamente, todos ficaram atrás de mim, lembrando-me, inconsistentemente, onde eu devia jogar a água. Recomendavam que não deixasse nenhum lugar sem ser borrifado. Como os pequenos corredores na casa de máquinas formam um labirinto, seria lógico pensar que um deles fosse à frente para indicar o caminho. Isso não aconteceu. Ao contrário, eles me pressionavam para que eu fosse avançando, ficando sempre na dianteira e eles atrás. Fácil saber o motivo: se o espírito aparecesse, eu seria a presa e eles ficariam a salvo.

Embora eu não acredite em espíritos irreverentes perambulando nos navios, bosques ou cidades, em situações como

as mencionadas, uma oração e bênção têm uma ação tranquilizante, e ajuda a estabelecer a confiança e a paz.

“A libertação do desejo conduz à paz interior.” (Lao-Tsé)

Ambiguidades a bordo, interpretações em terra

“**D**e fato, onde está o seu tesouro, aí estará também o seu coração” (Mt 6,21). É uma das verdades ocultas nas pessoas. Só as conheceremos quando houver confiança para que elas nos sejam reveladas.

Os olhos dos espectadores veem o navio, mas não enxergam os marinheiros. Por falta de interação, não têm a oportunidade de ouvi-los. Por isso, o conhecimento sobre eles pode ser ambíguo ou equivocado.

É comum ouvir a expressão: “Marinheiro? Em cada porto tem uma mulher!” Ou, “Cuidado com essa gente!”. Se o grupo deles estiver participando com a comunidade local, os marítimos sentem-se como quem estão causando desconforto, pois são sabedores do que o povo pensa deles. Este é um dos motivos que os induz ao isolamento e não se inter-relacionar com as demais pessoas.

Gente do mar, como pessoas de terra, são santas e pecadoras. Durante minha convivência com trabalhadores em navios, descobri que, por trás de seu modo ríspido de falar e de atitudes consideradas grosseiras, têm bom coração e são solidários. Com frequência se comovem quando têm ocasião de falar sobre sua família. Falam da profunda tristeza de pensar que seus filhos estão crescendo, longe de seus olhos e sua companhia. Soltam até lágrimas quando dizem que ao chegar em casa, depois de um ano de ausência, o filho e a filha pequena têm medo do pai, que o veem como um estranho. Dizem que o coração fica dolorido ao ouvir os filhos chamarem de pai, um vizinho ou parente ao invés deles.

Apesar de sua rusticidade, são pessoas ternas e amorosas, que

sentem a ausência dos entes queridos. Encontram consolação no fato de estarem trabalhando longe do lar por amor às famílias. Em seus camarotes abundam as fotos de família.

Longe da comunidade, os homens do mar, lembram-se de seus pobres. Foram muitos, aqueles que pediram a doação de brinquedos e roupas usadas, principalmente, para crianças e para eles. Os trabalhadores cubanos eram os mais preocupados com a pobreza em seu país. Por meio da missão Stella Maris, diversas toneladas de roupas e brinquedos chegaram a Cuba, a pedido deles.

“Eu estava sem roupa, e me vestiram” (Mt 25,36^a).

“Onde dois ou mais estão unidos em meu nome...”

Uma senhora, assídua frequentadora da igreja, vendo-me descarregar do carro vestes e objetos litúrgicos, usados nas celebrações, demonstrou curiosidade. Fez-se corajosa e perguntou se eu tinha levado todo aquele material para celebrar em outra igreja.

- “Não!” Respondi. “Venho do porto onde fui celebrar duas missas para os marítimos a bordo dos navios”.

- “Como assim! Essa gente está sempre em pecado. Marítimo é mulherengo e beberrão”.

São poucas palavras para expressar concepções preconceituosas e injustas a respeito de uma classe de trabalhadores, em sua maioria, de gente honesta, abnegada e, diga-se, de fé. É difícil encontrar ateus entre os marítimos.

Os capelões do Apostolado do Mar, estão em contato direto com os marítimos, por isso, têm a oportunidade de partilhar com eles, momentos de fé e espiritualidade. Muitas vezes é por uma simples oração, uma bênção, mas de uma forma especial, celebrando a eucaristia com eles. É o momento em que é vivenciada a afirmação do Mestre: “Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles”(Mt 18,20).

É bom ressaltar que a condição para ter a presença de Cristo,

não é ser pessoas sem pecados, mas estar reunidos em nome dele.

Isso não impede que se apresentem situações cômicas. Por exemplo, certo dia, estava celebrando a missa no refeitório de um navio mercante e, enquanto celebrava a missa, percebi que um grupo de 18 ou 20 homens, volta e meia, olhavam uns para os outros e esboçavam um sorriso indicando que alguma cosia estava fora do lugar.

Terminada a missa, agradeci a oportunidade de ser acolhido a bordo. Quase todos se aproximaram de mim, e um deles, rindo, pediu desculpas sem dizer o porquê. Eu disse que não via o motivo, pois tudo tinha transcorrido bem.

- Há, há, há, perdão. Isso não devia ter ficado ali.”

Com a mão, mostrou a parede que estava às minhas costas durante a celebração da missa. Então percebi que lá estavam afixados três posteres de mulheres vestidas em roupas em miniatura.

Afinal, Cristo não veio a este mundo para os “santos” do templo de Jerusalém, mas para a mulher samaritana, a condenada ao apedrejamento, aquela que entrou sorrateiramente na casa do fariseu Zaqueu, para lavar os pés de Jesus com lágrimas, transformando aquele encontro em fonte de conversão para ambos.

“A graça de Deus não encontra homens aptos para a salvação, mas torna-os aptos a recebê-la.” (Desconhecido)

Apostolado do Mar Internacional

O exercício da Pastoral Marítima caracteriza-se pela pouca evidência tanto na mídia como nas agendas das reuniões de pastoral das dioceses ou conferências episcopais. São, relativamente, poucas aquelas que têm um porto no seu território e quando têm, o capelão e sua equipe exercem uma pastoral muito diferenciada. Daí a necessidade de encontros de capelães e agentes da Pastoral Marítima em nível, nacional, regional e internacional, para troca de

experiências, avaliações e projetar a ação.

Oficialmente, só havia três portos com o Apostolado do Mar na América Latina: Santos, Buenos Aires e Montevideo. Na cidade de Valparaíso, no Chile, havia uma instituição particular, quase desconhecida.

No Brasil, a primeira tentativa para organizar o Apostolado do Mar, foi no Rio de Janeiro, mas não prosperou devido às leis da Marinha de Guerra do País. Na década de noventa, a Congregação, com a aprovação da Arquidiocese do Rio de Janeiro, com a situação política favorável, decidiu dar início à Pastoral Marítima, naquela cidade. Assumi o compromisso de ajudar no processo da criação, até ser nomeado um capelão. Com a presença em dois portos, iniciou-se um trabalho em conjunto, no sentido de treinar visitadores de navios e agentes de acolhida, nas missões Stella Maris.

Em nível de continente sul-americano, os encontros foram realizados no Brasil e Argentina, com intervalo de quatro anos, entre um e outro. Como de praxe, havia a presença do coordenador do Apostolado do Mar do Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes. Nessa ocasião, participavam, também, os animadores da Pastoral dos Pescadores do Chile, Argentina e Brasil.

Depois de quatro anos de trabalho em Santos, recebi a nomeação de coordenador do Apostolado do Mar para a América Latina, com a função de impulsionar o Apostolado do Mar e organizar os encontros regionais, além de participar da reunião anual convocada pelo extinto Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes.

Os encontros regionais, embora com participantes provindos de poucos portos, eram uma excelente oportunidade para renovar os ânimos e a amizade. Contudo, o ponto alto estava na partilha de experiências, reflexões e discernimentos para o futuro.

Para tentar sensibilizar os bispos em dioceses com portos, empreendi algumas viagens por diversos países. Infelizmente, fiquei decepcionadíssimo. Com raríssimas exceções, como Cartagena de Índias, na Colômbia, a visita não foi além de uma visita inoportuna. Percebi que, para certas autoridades eclesiásticas, é

mais fácil vender um crucifixo para enfeitar o gabinete do que ver Cristo presente na pessoa do estrangeiro, neste caso, do marítimo.

“Não se pode criar experiência. É preciso passar por ela.” (Albert Camus). Para muita gente, tentar encontrar a Cristo nas pessoas pode ser uma experiência incômoda e, até indesejável, mas somente encontramos a Ele passando pelo pobre, migrante, itinerante e todos as pessoas.

Se a experiência de sugerir aos bispos a abertura do Apostolado do Mar foi pígia, compensou a participação da reunião anual dos coordenadores das regiões das América do Norte, Europa, África e Ásia, em Roma. Além de levar relatórios sobre o andamento dos trabalhos em suas regiões, os coordenadores também colaboravam com ideias e sugestões, para a realização do Congresso Mundial do Apostolado do Mar.

Graças ao envolvimento na Pastoral Marítima, tive a oportunidade de participar de congressos no Quênia, Filipinas, Estados Unidos e África do Sul.

Para quem era autodidata no Apostolado do Mar, os encontros foram uma fonte extraordinária de conhecimentos. Experiências, ideias e iniciativas de diversos lugares do planeta, foram de grande utilidade, pelo fato de o trabalho com marítimos ser intimamente ligado à internacionalidade.

“A experiência é uma lanterna dependurada nas costas que apenas ilumina o caminho já percorrido” (Confúcio), mas ajuda projetar o futuro.

Hotéis flutuantes

A maioria dos migrantes, com destino ao Brasil e outras nações, chegaram em navios que transportavam passageiros e mercadorias entre países e continentes. Com o desenvolvimento da aviação, as pessoas abandonaram, aos poucos, os lentos navios para

viajar em aeronaves muito mais velozes, poupando tempo e com menos cansaço.

Com o desenvolvimento do comércio, a navegação, como meio de transporte de mercadorias, foi adquirindo importância, enquanto o setor de passageiros diminuiu, principalmente, em linhas de longo curso.

Parecia que o transporte de pessoas por mar estava chegando ao ocaso. Contudo, a busca insaciável de prazer e lazer do ser humano foi a causa para que, ao invés de um meio para deslocar passageiros, os navios poderiam ser projetados como hotéis flutuantes com todas as atrações de similares em terra, além de incluir cassinos, discotecas e outras diversões, um minúsculo, mas sofisticado centro comercial a bordo. Surgiram os navios de cruzeiros que se deslocam entre portos da costa marítima ou ilhas emblemáticas pela beleza natural ou criadas artificialmente pelo engenho humano. As viagens, geralmente, duram de três a oito dias, mas há também cruzeiros que dão a volta ao mundo.

Devido a problemas familiares ou de férias dos capelães em navios de cruzeiros, diversas vezes recebi o convite de substituí-los. Foram oportunidades para conhecer outra realidade na qual se juntam no mesmo lugar, marítimos, funcionários do hotel e passageiros em busca de prazer e lazer.

As funções do capelão de navio de cruzeiros eram organizar saídas para esportes e lazer para os marítimos e funcionários do hotel; distribuir e enviar a correspondência para seus familiares; administrar a biblioteca e a videoteca. Guardar nas caixas de segurança valores. Sob o aspecto religioso, celebravam-se missas para os passageiros, para os tripulantes do navio e trabalhadores do hotel.

Durante as horas diurnas, o capelão visitava todos os locais de trabalho, desde a lavanderia, bem abaixo do nível da água, até o convés onde estavam as piscinas. Durante a noite e parte do dia era a vez do encontro com os passageiros.

Os contrastes entre seres humanos surgem em toda parte do nosso planeta. Não é diferente a bordo de navios de cruzeiro. Para

os passageiros, não pode faltar entretenimentos e atividades de lazer. Lojas, shows, cassino, salões de dança e espetáculos, praticamente, reproduzem o ambiente social e vida noturna de qualquer grande cidade. Afinal, as pessoas estão lá para se divertir com qualidade e de forma intensa, por isso, os cartões de crédito canalizam enormes somas para que todos os sentidos sejam satisfeitos. Para manter o hedonismo em nível alto, entra em ação uma legião de trabalhadores de países pobres bem-organizados e uniformizados que, durante longas horas de trabalho, ganham o sustento para suas famílias. De um lado estão as pessoas que esbanjam elevadas somas em lazer; do outro, os funcionários que economizam ao máximo e se estressam para receber o salário minguado para sustentar os familiares em terras distantes.

Contudo, todo esse aparato para entreter e alegrar pode funcionar como força alienante, encobrindo a infelicidade de gente abastada. Principalmente nos trajetos entre um porto e outro, nas horas de poucas atividades a bordo, afloram, em muitas pessoas, os problemas causados pela desestruturação familiar, traições, drogas, falta de sentido de vida e vazios com perdas humanas e materiais. É nessas situações que o capelão é solicitado para um conselho ou mesmo, um simples desabafo. É quando o padre entra em contato com gente que tem a pior das misérias, a falta de felicidade. Revela-se uma triste realidade: “Há pessoas tão pobres que só têm dinheiro”. (Augusto Cury)

“Também somos ricos das nossas misérias”. (Antoine de Saint-Exupéry)

Parte VIII

**FAZER O BEM FAZ BEM, INDEPENDENTE DO
CONHECIMENTO. A SOLIDARIEDADE NÃO COMPORTA
VAIDADES PESSOAIS**

(Ana Stoppa)



Gary

O milagre das flores

No ano de 1990, o Brasil atravessava uma acentuada crise econômica. Por conta disso, muitos cidadãos migravam para os Estados Unidos, Japão e Europa. Certamente, eram os privilegiados que podiam arcar com os custos de uma viagem para o exterior. Os mais pobres não têm escolha. Devem ficar no país. Não falam da crise econômica porque não têm dinheiro, mas vivem a crise que mais os faz sofrer, a falta de comida e o esquecimento das autoridades.

A missão Stella Maris, está localizada no bairro Boqueirão, considerado um dos bairros “nobres” da cidade de Santos. Nela funciona uma capela dedicada à Santa Edwiges, considerada a padroeira dos pobres e endividados. O paradoxo é que a capela não é frequentada por pobres, mas por gente da classe média e média alta. São, exatamente, essas classes que se endividam, em tempos de crises. Por que essas duas classes? Pobre não tem dinheiro e nem crédito para se endividar; rico tem em abundância para pagar tudo o que desejar e, endividar-se.

Apesar da crise, a quantidade de flores que os devotos da santa traziam à igreja era um exagero impressionante. Não havia vasos suficientes para fazer os arranjos. Por isso, as flores eram depositadas no chão. Murchavam logo e, no dia seguinte, iam para o lixo.

Lembrei das palavras de Judas Iscariotes quando observou que uma pecadora ungia os pés de Jesus com um perfume muito caro: “Que desperdício! Poder-se-ia vender este perfume e dar o dinheiro aos pobres.” (Jo12,5). Vale a pena lembrar que Cristo confrontou Judas dizendo: No meio de vocês sempre haverá pobres; enquanto eu não estarei sempre com vocês.” (Jo.12.6).

Como nos pobres está a presença de Cristo sofredor, resolvi fazer uma proposta aos frequentadores das missas e novenas: ao invés de gastar tanto dinheiro em flores que são jogadas no lixo, por que não agradecer a Deus ou pedir-lhe graças, usando o valor das

flores trazendo comida para os pobres?

A proposta estava lançada. O entusiasmo inicial foi bastante tíbio. A comida arrecadada era suficiente para seis ou sete famílias, somente. Contudo, a pequena semente estava em terra boa. Germinou. As doações começaram a aumentar. O número de famílias a serem assistidas, também ia aumentando, progressivamente. Depois de um ano, a quantidade de comida subiu para 7 a 8 toneladas. O número de famílias assistidas atingiu 625.

“Não só de pão vive o homem”, é a declaração de Cristo. Com a ajuda do voluntariado, decidimos que a distribuição seria feita na última terça-feira do mês, das 8h da manhã às 19h, formando grupos de 50 pessoas. Cada grupo se encontrava na Igreja para quinze minutos de evangelização, outros quinze de formação humana e de cidadania. Depois disso recebiam as sacolas de produtos alimentícios não perecíveis.

Com a colaboração da população e o serviço de dois profissionais de odontologia foi montado um consultório dentário para tratar as crianças das famílias assistidas. Enquanto os adultos participavam das palestras na igreja, elas aprendiam como cuidar da saúde bucal.

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. (Paulo Freire)

Doações de caviar e cupins

Aprendemos a viver bem com pouco e ser infelizes tendo demais. A experiência como conselheira, permitiu-me o relacionamento com pessoas infelizes, nadando em muito dinheiro, e pessoas felizes, tendo o suficiente para viver com dignidade.

Existe uma opinião, bastante generalizada, que as pessoas ricas dão aos pobres o que lhes sobra, é estorvo ou não serve mais. Lembro que uma pessoa doou ao setor de ação social da capela Santa

Edwiges, junto à Missão Stella Maris, onde trabalhei, uma grande caixa de produtos enlatados de origem estrangeira. À primeira vista fiquei surpreso com a valiosa doação. Quando, com a equipe, verificamos os rótulos em língua inglesa nas latas de caviar e outros produtos, a data de validade estava vencida de um a três anos.

Se para uma pessoa abastada, uma lata de comida vencida pode ser prejudicial para a saúde, também será para o pobre. Afinal, Deus criou a todos com o mesmo tipo de estômago.

Outra pessoa de um bairro chique, na cidade de Santos, telefonou pedindo alguém para retirar com urgência uma doação de móveis de cozinha, para serem doados a uma família pobre, pois a loja estava entregando os novos. Tendo uma lista de espera de pessoas necessitadas, imediatamente, alguns voluntários foram retirar os móveis, de linda aparência, e os transportaram para a casa de uma família de pescadores muito humildes.

Depois de alguns meses encontrei-me com a esposa do pescador. Cumprimentou-me e agradeceu a doação. Em seguida deu a notícia.

- Padre, deu tudo errado com aqueles móveis que o senhor mandou.

- Que foi? Perguntei.

- Estavam cheios de cupim. Espalharam-se pelo barraco, comeram as paredes e tivemos que jogar tudo fora.

Com a ajuda da comunidade, adquirimos algumas folhas de madeira compensada, com tratamento contra aqueles insetos vorazes, dos quais a pessoa rica se livrou, “ajudando” os pobres.

Pessoas humildes têm a mesma dignidade de gente que possui bens. É ofensivo tratá-los como seres de baixo valor e menos dignidade humana.

“O rico é diferente do pobre em muitos aspectos, mas é igual ao pobre em dois aspectos: No princípio e no fim.” (Humberto Lemos Lopes)

A mulher suspeita

Infelizmente, na sociedade existe a ideia, bastante generalizada, de que pobreza é sinônimo de criminalidade e sujeira. Entre pessoas que ajudam, paternalisticamente, de vez em quando, se faz presente a tentação de duvidar da honestidade e idoneidade moral de pessoas carentes. De fato, é bom saber ser solidários com sabedoria, porque em qualquer classe de pessoas, existe uma porcentagem que não é honesta.

Entre as senhoras assistidas, havia uma senhora miúda que se distinguiu pela conversa espontânea e alegre. Alguém levantou a suspeita de que ela estaria nos enganando. Como era praxe visitar as famílias para acompanhá-las, foram escalados dois voluntários para fazer-lhe uma visita. Porém, nesse caso, seria uma visita investigatória.

Apenas os voluntários chegaram à casa, uma senhora idosa que morava ao lado com um filho doente, percebeu que os visitantes eram da igreja. Com toda a humildade se aproximou e disse:

– “Vou aproveitar que vocês vieram visitar minha amiga para lhes dizer uma coisa. Muito obrigado pela comida que vocês dão para ela. Como eu não posso ir lá buscar, ela vai e o

que recebe reparte comigo. É graças a ela, que eu e meu filho temos alguma coisa para comer.”

“Eu garanto a vocês: essa viúva pobre depositou mais do que todos. Pois todos os outros depositaram do que estava sobrando para eles. Mas a viúva, na sua pobreza, depositou tudo o que possuía para viver”. (Lc 21,3-4).

“Lá vem a madame” Quem somos nós para julgar?

Julgá ou classificar alguém pela forma de vestir, significa cometer um erro sério. Em festa de pessoas de elite o status se

manifesta e se mede pelo vestuário. Os pobres classificam essas reuniões como sendo de “gente fina”.

Lembro que na cidade de Santos, houve o casamento da filha de um casal bem de vida. Na sua casa trabalhava uma dedicada empregada doméstica que ajudou a criar os três filhos do casal. No dia do casamento de uma das filhas, seria constrangedor não a convidar. Igualmente constrangedor seria para ela e a patroa, que a boa empregada fosse à festa com roupa de pobre. Que vexame para a família ver aquela doméstica vestida com roupa de brechó. Com certeza, as exuberantes socialites iriam passearem os olhos dos pés à cabeça emitindo comentários que incluiriam a palavra “coitadinha”. Temia-se os comentários sobre a moça depois da festa.

Como a maior parte do salário era enviada à família, a moça jamais poderia adquirir ou alugar um vestido de gala. Então, os pais da noiva decidiram comprar um vestido com a aparência das demais convidadas. A boa mulher teve seu momento de “madame,” mas para quem nunca tinha usado vestidos de gala, o constrangimento era notado. Pior do que isso, ninguém conversava com ela, ficando praticamente excluída da festa.

Temos a esperança de que algum dia aprenderemos que as pessoas valem pelo que são, e não pelo que possuem ou vestem.

O exercício da solidariedade com os pobres é uma fonte de aprendizado e uma oportunidade para rever nossos paradigmas.

Entre as mulheres assistidas pela Capela de Santa Edwiges, surpreendia-nos uma jovem senhora que, todos os meses, vinha buscar a sacola de alimentos acompanhada por duas filhas pequenas. Duas coisas impressionavam. Ela e as meninas sorriam sempre e vestiam roupas simples, limpas e de bom gosto. Sabíamos que o esposo era pedreiro e ganhava, um pouco mais do que, um salário-mínimo.

Quando ela estava na fila para recolher a sacola, com frequência alguém dizia: “Lá vem a burguesinha”.

Com a suspeita de que ela não precisasse de ajuda, foram enviadas duas voluntárias para visitá-la sem marcar dia e hora com a intenção de pegá-la desprevenida.

Na reunião, com a equipe para avaliar a ação social, o relatório das visitadoras à “burguesinha,” era esperado com curiosidade. Relataram o que viram: uma casinha simples de dois cômodos e um banheiro. Chão de terra batida, mas limpo. Viram as roupas dela, do marido e das crianças limpas e dobradas. As poucas panelas, bem cuidadas. Sobre o fogão havia uma toalhinha e uma vidro de remédio com uma flor natural. Ao redor da pequena casa estava tudo em ordem e havia algumas latas com plantas bem cuidadas. As meninas e a mãe, vestiam roupas simples e limpas, do mesmo jeito de quando iam à igreja buscar a sacola de comida.

Infelizmente, estamos acostumados a julgar pelas aparências. Quase sempre erramos.

“A falta de amor é a maior de todas as pobrezas”. (Madre Teresa de Calcutá)

Histórias de pescador, mas verdadeira

Eé oportuno ressaltar que o capelão do Apostolado do Mar, tem sob sua responsabilidade organizar também a Pastoral dos Pecadores, sejam eles do tipo industrial ou artesanal. Na época, Santos era considerado o maior entreposto de pesca do Brasil.

Lembro que na porta de uma sala de reuniões de uma igreja havia um letreiro que dizia: “aqui reúnem-se caçadores, pescadores e outros mentirosos.” O motivo do preconceito talvez seja que tanto a caça como a pesca, além de serem profissões, têm também seu lado esportivo. Esporte é competição. Os participantes querem vencer seus adversários ou chegar em primeiro lugar. É muito diferente quando o assunto é a caça e a pesca como atividade para ganhar o sustento da família.

Quando cheguei a Santos, a pesca industrial estava no auge. Uma cooperativa e diversas empresas de peixes, recebiam centenas de toneladas de peixes e frutos do mar trazidas no bojo de

embarcações pequenas ou grandes. Enquanto os pequenos barcos dos humildes pescadores artesanais, operavam perto da costa santista, os maiores pescavam em alto mar, no sul do país, onde as águas mais frias abrigam maior quantidade de peixes. A maioria dos pescadores desses barcos, provinham do estado de Santa Catarina.

O conforto a bordo das embarcações pesqueiras, é mínimo. Sendo de porte relativamente pequeno, as ondas oceânicas brincam com elas fazendo-as balançar, impedindo descanso suficiente aos pescadores.

Permaneciam pescando durante 30 dias tentando lotar as embarcações. Voltavam a Santos para o descarregamento. O tempo de permanência do barco nos terminais pesqueiros era curto. Pressionados pelos armadores e a necessidade de ganhar dinheiro, voltavam para o mar o mais depressa possível. Nessas condições, não havia tempo para visitar as famílias.

A presença de pescadores, no Bairro Ponta da Praia, era facilmente notada pela aparência de seus rostos queimados pelo sol, mãos calejadas, barba e cabelos malcuidados e jeito rústico e desajeitado.

Poucas pessoas têm mais devoção ao pescador do Mar da Galileia, convidado por Cristo para ser apóstolo e, mais tarde, primeiro pastor da Igreja. Por tradição local, as festas de São Pedro e Nossa Senhora dos Navegantes eram celebradas no mesmo dia, 2 de fevereiro.

A capela de Nossa Senhora dos Navegantes, situada no lado oposto dos terminais pesqueiros, era referência para os pescadores. A imagem da Santa, no alto do obelisco, podia ser vista à distância.

A pequena igreja era a plataforma das novenas e procissões para honrar os santos, pedir pescas abundantes e segurança para os pescadores. A procissão marítima, que já foi atração turística de Santos, atraía milhares de pessoas que, desde os muros da praia, admiravam mais de uma centena de barcos pequenos e grandes, muito enfeitados, acompanhando a embarcação com as estátuas de São Pedro e Maria a bordo.

A procissão de barcos em forma de delta, seguia mar adentro

por 45 minutos, aproximadamente. Então era celebrada a cerimônia mais importante. Com os barcos ao redor, o padre fazia uma oração pedindo aos céus pescarias abundantes e proteção para os pescadores. Abençoava dois grandes anzóis trazidos numa bandeja, carregada por uma criança. Sob vivas e aplausos eram jogados ao mar.

Além de ser uma expressão religiosa dos pescadores, a festa de São Pedro era, também, uma oportunidade para que essa classe de trabalhadores fosse visível e sensibilizasse a Igreja local e a sociedade que, muitas vezes, ignora sua existência. A principal rede de televisão fazia cobertura do evento, entrevistando alguns dos pescadores sobre seu trabalho e religiosidade.

Contudo, depois de muitos anos, uma determinação das autoridades da Marinha interferiu, profundamente, na procissão de São Pedro. Alegando motivos de segurança, foram impostas vistorias prévias e taxas a todos os barcos que pretendessem participar do evento cultural e religioso. Como o país atravessava uma crise econômica e o governo federal havia cancelado a SUDEPE (Superintendência da Pesca), os armadores tinham dificuldades para submeter os barcos às minuciosas vistorias com taxas elevadas. Alguns deles se queixavam de que, mesmo satisfazendo todas as exigências, deveriam dar propinas aos agentes.

Depois de serem implementadas as novas normas, sem antes dialogar com os organizadores, a procissão teve apenas uma edição. Isso foi possível graças à tenacidade de um armador que decidiu enfrentar todas as dificuldades para ter a honra de levar as estátuas em sua embarcação. Nenhum outro barco grande ou pequeno conseguiu satisfazer as exigências do novo regulamento.

Como nos anos anteriores, a procissão teve início às 15h. Estava tudo pronto e à uma distância de quinhentos metros, aproximadamente, podiam ser avistados muitos barcos esperando para formar o cortejo. Contudo, três embarcações da Marinha de Guerra com uma metralhadora no teto e soldados, se posicionaram para impedir que acompanhassem a procissão. Parecia uma operação de guerra. Dessa forma o barco com as imagens dos santos

singrou, acompanhado por alguns caiaques, durante um curto trajeto.

Não há dúvida de que o autoritarismo sob o qual as normas foram feitas e implementadas, revelaram a existência de entulhos dos anos de chumbo do Brasil. Por conta disso, uma das mais belas tradições culturais e religiosas da cidade de Santos passou para a história.

A recessão econômica e a falta de apoio do governo à atividade pesqueira, causaram uma quebra de geral dos armadores de pesca. Uma grande cooperativa de compra e venda de pescado e frutos do mar e outras empresas do setor encerraram suas atividades ou faliram. Barcos abandonados e cobertos de ferrugem podiam ser vistos ao longo do cais do porto e terminais de empresas, revelando a decadência do maior porto de pesca do país.

“As coisas ruins que aconteceram no passado servem de aprendizado, as boas de consolo.” (G-Islier)

Mudança e acomodação entram no ringue

Desde minha chegada a Santos, havia transcorrido quinze anos. Fazia dois ou três anos, que na minha pessoa, travavam uma luta acerba com dois fatores: mudança e acomodação. Enquanto o lado afetivo convidava a continuar no Apostolado do Mar, a vontade de fazer coisas novas, em outros lugares, se opunha com força.

Desde a juventude, vivia uma característica pessoal que “Nada é permanente, exceto a mudança”. (Heráclito). Sempre desejei mudanças, até o ponto de incomodar pessoas. Penso que os superiores devem até ter perdido o sono por causa de minha inquietude.

Depois de exercer a missão com os marinheiros, durante uma década e meia, pensei que era a hora de mudar. Combinando fatores, como minha idade, dificuldade de encontrar alguém que me substituisse, previa que prolongando a estadia em Santos por

mais alguns anos, meu desligamento seria cada vez mais difícil. Tinha medo de que a Congregação ficasse acomodada e tranquila, tendo-me à frente do Apostolado do Mar por muito tempo. Aliás, um superior emitiu uma pérola de expressão: “Se você quiser, pode ficar aqui até à morte”. Se isso acontecesse, não estaria mais em condições para trabalhos novos e arrojados.

Depois de meditar bastante, e com calma, pensei que devia ser honesto comigo mesmo. Marquei uma reunião com o superior, para disponibilizar-me para outro trabalho. Sendo familiarizado em diversas línguas, manifestei o desejo de voltar para o exterior, sem preferência de país. Coincidência ou não, ele comungava com minhas ideias. Para ter tempo suficiente de preparar um substituto, julgamos que a transferência podia acontecer em dois anos.

Satisfeito com o resultado do encontro, continuava atuando com os marítimos, dando assistência às capelas de Nossa Senhora dos Navegantes e Santa Edwiges e aos pescadores artesanais da localidade Rio do Meio. Além de ajudar aos pequenos pescadores, formou-se uma pequena equipe de catequistas. Num sábado por mês, celebrava a missa num barracão da comunidade. A equipe de ação social das duas capelas, distribuía cestas básicas para as famílias carentes de quase tudo, menos de fé.

Aos trabalhos já existentes foi adicionado mais um que entusiasmou por ter os pobres como alvo. Com satisfação acolhi a proposta do bispo diocesano de Santos de assessorar na reorganização da “Crias Diocesana” Enfim, projetava as diversas atividades para os dois anos subsequentes, visando a continuidade por parte de quem viesse substituir-me. Quanto a mim, estava consciente de que:

“A melhor saída é seguir em frente.” (Robert Frost)

A visita das 16 horas

E

stava acostumado e gostava de receber visitas de cortesia e grupos de padres que vinham para reuniões, na parte da manhã, terminando com almoço. Muitas vezes recebia visitas de colegas, também, à noite, para jantar um peixe assado na chapa. A proximidade de Santos e Grande São Paulo permitia que a casa fosse bastante frequentada. O congelador estava sempre abastecido com uma quantidade razoável de pescado, para essas ocasiões.

Coisas inesperadas acontecem. Certo dia, depois das 13 horas, o superior provincial telefonou dizendo que pensava viajar para Santos para me fazer uma consulta e que iria

chegar pelas 16 horas. Ressaltou que não iria ficar para a janta, como das vezes anteriores. Sem hesitação, respondi que estaria à espera dele.

Embora, a visita não fosse dentro dos moldes das outras, não me passou pela cabeça, fazer suposições quanto aos motivos que o trariam para Santos. Simplesmente esperei, sem a menor ideia o que ele viria fazer em tão pouco tempo.

O fato é que superior chegou no horário previsto. Embora fosse uma pessoa eufórica, sempre disposto a uma brincadeira, deixava transparecer um pouco de tensão facial. Dentro da diplomacia das Congregações, as autoridades costumam narrar um pouco de história em preparação ao lance final. Dessa vez não foi diferente. Sentados, confortavelmente, na sala da residência dos padres, iniciou a conversa calma, mas precisa, lembrando da reunião que havíamos tido alguns meses antes, na qual expus meu desejo de mudança, inclusive aceitando trabalhar no exterior.

Terminados os preâmbulos, veio a proposta: “Como você tinha se disponibilizado para voltar a exercer a missão no exterior, você estaria disposto de ir trabalhar no Japão?” Nossa! Um calafrio atingiu todo meu corpo.

Desde muito tempo, os superiores da Congregação dos Missionários de São Carlos, pensavam enviar um sacerdote para dar assistência aos trabalhadores brasileiros no Japão. Nunca imaginava que a Congregação, considerando minha idade de 58 anos, fizesse uma proposta tão arrojada para mim. Embora surpreso, senti serenidade e, ao mesmo tempo, vi que havia profunda confiança na minha pessoa

Concordamos que eu teria alguns dias para pensar, antes de responder à proposta, afinal, tratava-se de um grande desafio em todos os sentidos. Contudo, a proposta tocou duas de minhas características: o gostinho de enfrentar desafios e o desejo de novidades. Por experiência, havia aprendido que não é suficiente procurar oportunidades, e sim, estar aberto àquelas que surgem no decorrer da caminhada. Esta era mais uma.

Aprendi que há quatro coisas que não se recuperam:
“a pedra depois de atirada,
a palavra depois de pronunciada,
a ocasião depois de perdida
e o tempo depois de passado” (Almodóvar).

Na verdade, senti-me motivado e, um dia depois da visita, telefonei para o superior aceitando proposta. Contudo, houve momentos que me questionava se havia dado a resposta de forma madura.

“É nos momentos de decisão que o seu destino é traçado.”
(Anthony Robbins)

Apostolado do Mar, uma experiência enriquecedora

Durante nossa caminhada pelas estradas do mundo vivendo a vida como ela se apresenta, temos a possibilidade de nos enriquecer a cada minuto. De fato, para mim, os 16 anos dedicados

aos marítimos de todo o mundo e os pescadores junto com o trabalho social, se constituíram em fontes de realização pessoal e de muita felicidade. As confusões iniciais, embora carregando sofrimentos, despertaram em mim capacidades e dons que ainda estavam sem uso. Prefiro deixá-las perdidas às margens do caminho. Ao invés vou àquilo que realmente conta e que é positivo e enriquecedor.

O Apostolado do Mar, é uma imensa porta que se abre ao mundo aos poucos, em cada navio visitado, indicando que os bairrismos e nacionalismos revelam suas fraquezas enquadrando as pessoas dentro de horizontes pequenos. O trabalho da Igreja junto aos marítimos, além de ser uma expressão evangélica de acolhida e serviço, internacionaliza quem o exerce. Tendo sido nomeado coordenador do Apostolado do Mar para a América Latina, abriu-me a janela na participação anual reunião realizada no Vaticano, dos 9 coordenadores do mundo. Obviamente, partilhando experiências, ajudando nos projetos e eventos, são oportunidades de servir aos homens do mar que são despercebidos aos olhos da sociedade em terra. Diversos encontros dos coordenadores do Apostolado do Mar, foram realizados em outros países, como Índia, Polônia e França. O contato com a realidade local, é bem mais impactante do que uma reunião realizada em Roma.

Não posso deixar de mencionar também os encontros regionais com a participação dos capelães e agentes de pastoral da América Latina. Foram boas oportunidades para a partilha e nos fortalecer na pastoral aos marítimos e pescadores.

Dentro das funções do coordenador regional, também são previstas visitas às dioceses portuárias a fim de promover o Apostolado do Mar. Essas visitas revelaram quão pouco os bispos e a coordenadores de pastoral conhecem sobre a missão do Apostolado do Mar. Por outro lado, também constatei a falta de boa vontade de assumir o Apostolado do Mar.

Devido às minhas atribuições de encarregado do Apostolado do Mar em Santos, SP. E na coordenação regional, tive a oportunidade de participar de diversos congressos mundiais do

Apostolado do Mar, realizados nas Filipinas, Quênia, Estados Unidos e Rio de Janeiro. Pelo mesmo motivo, fui convidado a participar do Congresso Mundial do ICMA (International Christian Maritime Association), realizado na África do Sul.

Apesar de algumas dificuldades relatadas nas páginas anteriores, considero os 16 anos dedicados aos marítimos, pescadores e ao trabalho social como entre os melhores de minha trajetória missionaria.

Paradas antes de decolar para o Oriente

Podemos dizer que vida é uma viagem que contempla algumas paradas antes de chegar ao destino. Desta feita foram 4 sendo a última a mais complicada.

1) Parada em Manaus.

Em agosto de 2001, minhas responsabilidades em Santos passaram para o novo capelão. O destino estava traçado. Havia um caminho delicado e tortuoso para percorrer quanto à preparação da documentação para migrar para o Japão. A experiência, ou a falta dela, afetam os planos feitos. Nossos sacerdotes da província do Oriente não tinham conhecimento das leis de migração do Japão. Os bispos do Japão também não estavam muito a par dos procedimentos visando patrocinar missionários do exterior. Além do transcurso normal de tempo entre uma etapa e outra, para conseguir o visto de entrada no país, houve atraso considerável, devido à falta de conhecimento das exigências do país.

Enquanto os documentos passavam pela burocracia japonesa, iniciei uma fase de missionário errante. No mês de setembro de 2001, o superior pediu para ir a Manaus apoiar as religiosas das Missionárias de São Carlos, scalabrinianas, que dirigiam o Centro de Pastoral para Migrantes naquela cidade. Como minha congregação tinha recebido o convite do bispo local para ter uma presença na Amazônia, minha incumbência foi também observar a realidade

migratória em Manaus e fazer recomendações à Direção Provincial.

Estando na capital amazonense, foi possível constatar um movimento significativo de migrantes peruanos que chegavam na cidade, a bordo de embarcações, descendo de Iquitos, Peru, pelo Rio Solimões. A maioria deles não pretendia permanecer em Manaus, mas continuar sua viagem para as Guianas, e de lá, para a Europa. Sem dinheiro para continuar a viagem, ficavam retidos na cidade, fazendo trabalhos temporários ou na esperança de alguma oportunidade imprevista.

Durante o mês de outubro, felizmente, ainda estava em Manaus e pude perceber a fé e espiritualidade dos peruanos. Dentro da religiosidade e cultura peruanas, o mês de outubro, ou o “mês morado”, como eles o chamam, é o mais querido de todos os meses porque nele, são celebradas as festas em louvor do “El Señor de los Milagros”. Com a ajuda das religiosas, formamos uma equipe para organizar a novena e a procissão, cantando o hino típico para essa festa.

O fato curioso é que a única estampa do Señor de los Milagros era propriedade de um senhor evangélico que, como é sabido, não aceitam imagens ou estampas. Como não havia outra, criamos coragem e fomos, à noite, pedir que nos emprestasse a estampa. Demoramos bastante, para convencê-lo, mas cedeu com a recomendação de que a devolvêssemos logo após a festa.

Apesar de ainda não existirem lideranças e da carência financeira, os peruanos deram o melhor de si, organizando uma bela festa marcada pela emoção e saudade da terra de origem.

Durante as poucas semanas transcorridas em Manaus, fui agraciado com o testemunho do trabalho incansável de uma das religiosas. Encontrava tempo para estudar, dirigir o Centro de Pastoral e atender muitas pessoas com problemas pessoais. Para ela era normal dormir numa rede na varanda da casa porque havia cedido o quarto e a cama a alguma senhora necessitada.

2) Parada em Brasília.

Enquanto o visto tramitava, tive a grata experiência de ficar um mês, na Paróquia Senhor dos Migrantes, no distrito de

Sobradinho em Brasília, substituindo um dos sacerdotes. Tanto a matriz como as comunidades estavam muito bem-organizadas. A pupila dos olhos de toda a paróquia era a catequese em todos os níveis. Além da estrutura local, havia um grande centro de formação, a uns 20 minutos fora de Sobradinho.

O fim da estadia em Sobradinho coincidiu com o início do Curso para a Formação de Missionários para o Exterior, organizado pelo Centro Cultural Missionário da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Embora tendo experiência nas missões no exterior, nunca tinha participado de um treinamento específico. Entre os mais de trinta participantes, somente três já tínhamos experiência em algum país fora do Brasil. Percebi a incerteza e a apreensão de muitos deles, diante do desafio de ir em missão em terras estrangeiras.

3) Parada no Rio de Janeiro.

A próxima parada seria a Paróquia de Santo Antônio, em Brás de Pina, no Rio de Janeiro. Lá funcionavam inúmeras pastorais, além da catequese e a valorização da cultura com as crianças. Aulas de capoeira, com muita participação de jovens e crianças, eram administradas todas as noites. Infelizmente, todas as atividades da igreja, deviam terminar até às 21 horas devido à violência entre os grupos de traficantes. Dos três meses em que estive no Rio, não lembro de ter dormido uma noite, sem ouvir estampidos de armas de fogo.

Foi durante a estadia no Rio de Janeiro que tomei conhecimento pessoal da corrupção existente em alguns policiais que vinham ao morro de trás da igreja, receber a “contribuição” de algumas pessoas para não as molestar no tráfico de entorpecentes.

“A vida é bela, infelizmente há gente que a estraga.” (Zabotto)

4) Parada em Ribeirão Pires

Dez meses haviam transcorrido desde que recebi a proposta de ir para o Japão. Durante todo esse tempo, houve pouca comunicação sobre o assunto, dando a impressão de que o projeto seria abandonado. Receber uma notícia ruim causa um impacto horrível, mas não ter nenhuma, quando é esperada, é tortura. No meu caso, a

ausência de informações chegou a ameaçar minha ida para o Oriente. Devido à demora, um dos conselheiros da Província São Paulo, levou o assunto para uma das reuniões com a intenção de fazer abortar a presença dos missionários de São Carlos, scalabrinianos, no Japão.

As coisas só não tomaram outro rumo porque, no início de maio de 2002, uma carta do Consulado do Japão, endereçada a mim, foi enviada à sede da Província. Às pressas peguei um ônibus e viajei para São Paulo ansioso para ler, pessoalmente a missiva. A notícia era boa. Deveria apresentar-me no Consulado do Japão, com o passaporte para fazer os trâmites do visto.

Preenchidos os formulários e satisfeitos todos os requisitos, deveria voltar em três meses para saber qual era a decisão que o governo do Japão tomaria.

Nesse ínterim havia falecido um sacerdote em Ribeirão Pires-S.P. Ao invés de voltar para o Rio de Janeiro, foi-me solicitada a colaboração de ajudar na Paróquia de São José em Ribeirão Pires-SP. O povo em geral, estava muito abatido com a morte do pároco que era muito querido. Dava a impressão de uma grande família que havia perdido o pai comum.

A Paróquia São José foi fundada pelos padres scalabrinianos que a atendem até 2024. Embora algum sacerdote a tenha decepcionado, nutre um amor profundo pela Congregação que deu a eles, missionários de espírito apostólico e trabalhadores incansáveis no Reino de Deus. A acolhida que os paroquianos me deram foi maravilhosa. Em poucos dias, parecia que era parte da família. Tive o cuidado de deixar claro que minha presença entre eles seria temporária, pois a mala para viajar para o Japão, estava pronta. Assim que o visto fosse emitido, sairia do Brasil.

Durante os três meses em que ajudei na paróquia, percebi a vitalidade e dedicação dos membros da comunidade. Uma das atividades marcantes da paróquia é a organização da procissão de Corpus Christi. Alguns quilômetros de vias públicas são cobertos por tapetes artísticos, ligados à teologia eucarística ou temas pastorais do momento. É uma das atrações turísticas da cidade e,

com certeza, a mais concorrida, atraindo muitas pessoas de cidades vizinhas.

Transcorridos os três meses desde o preenchimento dos formulários no Consulado do Japão em São Paulo, o visto para viajar foi aprovado. Apresentei-me para receber a carta com as instruções pertinentes à residência e carimbar o passaporte.

Com os requisitos preenchidos, chegou o momento da despedida. Em todos os lugares onde celebrei nos últimos dias, os leigos tiveram a iniciativa de eles mesmos, fazerem uma breve cerimônia de envio missionário. Na simplicidade, abundou o carinho, o incentivo e a alegria por uma pessoa que iria em missão, tão longe.

O último domingo passado em Ribeirão Pires coincidiu com a celebração do Dia do Migrante. Um grande cortejo, levando objetos, símbolos e cartazes sobre o fenômeno da migração, saiu da igreja matriz até o local da celebração da missa. Antes da bênção final, o superior comunicou aos presentes que eu ia para o Japão, trabalhar com os migrantes naquele país. Para dar importância ao comunicado, um senhor descendente de antigos migrantes japoneses fez a tradução na língua de seus antepassados.

Nuns encontros nos quais os seminaristas partilharam suas experiências pastorais nos finais de semana, um daqueles que trabalhavam em Ribeirão Pires, disse: „fiquei impressionado como em somente três meses o Padre Olmes cativou os paroquianos de Ribeirão Pires! “Imediatamente objetei: É que o tempo não foi suficiente para fazer muitos inimigos! “.

Depois da saída da Missão Stella Maris de Santos, passei por experiências significativas que se transformaram numa fonte fabulosa de conhecimentos e crescimento pessoal.

“A experiência não é o que nos acontece; é o que fazemos com aquilo que nos acontece”. (Huxley, Aldous)

Parte IX

A ALEGRIA E A CORAGEM SÃO
UM PAR DE ASAS QUE NOS FAZEM VOAR EM
DEMANDA DO INFINITO

(Jeanette Moraes de Souza)



A longa viagem para o oriente

D

esde a adolescência, vim experimentando a dor da partida como elemento essencial para vencer etapas na vida. Embora meu coração sangrasse e tivesse testemunhado amigos e amigas chorarem, não lembro de ter vertido lágrimas, por ocasião das minhas partidas. Meu pensamento corria na frente, enquanto até conseguia esboçar um sorriso nos lábios.

O início da longa viagem para o Japão, foi marcado para o dia 5 de setembro de 2003. Deixado sozinho, na frente do setor de embarque do Aeroporto de Guarulhos por um dos sacerdotes. Ao entrar no saguão, fiquei surpreso por encontrar um grupo de amigos e amigas que lá estavam para me desejar boa viagem, sucesso na missão e orações. Eram membros das comunidades de Santos, Vicente de Carvalho e Ribeirão Pires. Ainda hoje, são eles os amigos certos das horas certas.

Embarquei para Buenos Aires, onde tomei um avião que, sobrevoando parte do Continente Antártico, chegou no dia 7 de setembro, em Sydney, na Austrália, depois de fazer uma escala em Wellington, Nova Zelândia.

A parada em Sydney foi programada para encontrar-me com um colega que eu ainda não conhecia, e que seria meu companheiro de trabalho no Japão. Logicamente, era o tempo propício para que o Superior da Província Santa Francisca Cabrini, na qual está incluído o Japão, desse aos dois as orientações pertinentes à nova missão. “Que bom que você veio, pois sem sua aceitação e vinda não teria sido possível abrir nossa missão no Japão’ disse numa das conversas. A proposta de ir em missão ao Japão tinha sido feita a diversos padres jovens, mas todos eles declinaram para sorte minha e da congregação. Dispondo-me a servir os migrantes no oriente, fui instrumento para a expansão da congregação nas ilhas do Japão.

Aterrissando em solo nipônico

Depois de ter descansado quatro dias e visitado algumas das missões scalabrinianas em Sydney, acompanhados pelo superior, partimos no dia 11 de setembro, à noite, para chegar no dia seguinte em Tóquio. A aterrissagem sucedeu sob chuva e pouca visibilidade. O único diácono da Arquidiocese de Tóquio estava à nossa espera. Possuidor de poucos conhecimentos da língua inglesa, se esmerou em nos atender bem e nos conduziu ao convento franciscano São José onde ficamos hospedados.

O convento está no Bairro Roppongi, considerado o bairro mais internacional de Tóquio. Restaurantes, casas noturnas e cabarés atraem pessoas de todas as nacionalidades, especialmente, durante as noites. Quando dizia o nome do bairro onde morava, a maior parte das pessoas esboçava um sorriso, levemente malicioso.

Os frades franciscanos foram muito acolhedores, especialmente, os estrangeiros. As dependências do convento, onde já funcionou uma escola de língua japonesa para missionários e missionárias destinados ao arquipélago, haviam sido divididas em dois setores: num funcionava a Casa Provincial da ordem religiosa e na outra a residência dos padres idosos e doentes, onde ficamos hospedados.

Foi um convívio interessante, pela variedade de pessoas. Alguns idosos, embora doentes, estavam com a memória boa, mas havia, também, alguns que já não distinguiam o dia da noite. Um deles, que havia sido um organista virtuoso, muitas vezes, sem consciência do que estava fazendo, celebrava missa às três horas da madrugada, cantando e rezando em latim. Enfim, a sensação era que estávamos na sala de espera de quem está para ser recebido no paraíso.

Tivemos pouco contato com os frades da direção provincial pelo fato de que não se misturavam com os demais. Faziam suas refeições ao redor da mesma mesa. A comunicação com os demais residentes da casa se reduzia à saudação.

Se na casa, sabia como era a situação sob o aspecto humano, ainda não havia experimentado o que seria morar num país assentado sobre três camadas tectônicas que se mexem com frequência, causando os terremotos. Inesperadamente, o dia chegou. Aconteceu três dias depois de chegado ao Japão. Logo após o almoço, fui para um quarto, no terceiro andar, onde havia um computador à disposição. Na verdade, era uma sala ladeada por prateleiras de ferro, cheias de computadores, impressoras e outros aparelhos velhos. Tranquilamente, estava consultando meu correio eletrônico, quando tudo começou a tremer. As prateleiras rangiam. A cadeira com rodinhas, na qual estava sentado, se movimentava sozinha. Caiu a ficha. Era um terremoto. Saí correndo escada abaixo, pulando degraus. Ao chegar ao andar térreo havia uma senhora passando, tranquilamente, um pano no chão. Quando me viu naquela disparada e agitação, levou um grande susto, largou o pano e ficou me olhando de boca aberta. Falou algumas coisas, mas como não sabia japonês, nunca vim a saber o que disse. A única coisa que entendi é que eu me espantei com o terremoto e ela se assustou do meu alvoroço.

Os japoneses sempre conviveram com terremotos. Estão, plenamente, acostumados com eles, e sabem como comportar-se, quando sucedem. Quanto a nós, estrangeiros, principalmente, nos primeiros tempos, ficávamos apavorados mesmo sendo de baixa intensidade.

“Ao primeiro susto, os pombais, cheios de arrulhos, ficaram vazios.” (Humberto del Maestro).

Tem de aprender “Nihongo.”

Você deve aprender logo o “Nihongo”. Esta foi a exigência de algumas autoridades eclesiásticas japonesas. Pensavam que um

missionário estrangeiro conseguisse falar a língua local em dois meses. Puro engano. O tempo que um brasileiro precisa para a aprender um pouco e japonês é muito menos do que um nipônico leva para aprender a nossa língua.

Desistir de aprender é sinônimo de morrer, como ser humano aberto ao infinito que sou. À idade de quase cinquenta e nove anos, iniciando uma nova etapa de vida, num país asiático, com uma cultura de milênios, religiões orientais, organização com bases próprias e uma língua com dois alfabetos intermeados por ideogramas chineses, seriam os mistérios para serem desvendados. A porta para o conhecimento da cultura local, e inserir-se na sociedade, é sempre a língua. Mesmo sem dominá-la, seu estudo é essencial.

Como a maioria dos estrangeiros, lá estava eu sentado numa sala de aula, para tentar aprender Nihongo, ou seja, Japonês. Entre brasileiros, peruanos, filipinos e outros, são poucos aqueles que dizem: vamos estudar, falar ou escrever japonês. A maioria, sem saber nada de Japonês, diz que vai estudar Nihongo, que, literalmente, significa, língua do Japão. Nihon, Japão; go, língua.

Olhando para meus colegas de estudo, percebi que eu era o mais velho de todos, e que o segundo, em idade, tinha vinte e cinco anos a menos do que eu. Como acontece no aprendizado de qualquer língua, os professores dialogam com os alunos sobre coisas simples: Qual é seu nome? De onde você vem? Qual é sua profissão? E não pode faltar a pergunta: Qual é sua idade? Quando esta pergunta era dirigida a mim e eu respondia que tinha 58 anos, quase sempre, os professores esboçavam um sorrisinho. Isto só sucedia comigo. Até que, enfim, entendi o significado: coitado, nessa idade esse aluno vai perder tempo.

Pela sua escrita e gramática, a língua japonesa é um desafio, não só para os estrangeiros, mas também, para os próprios japoneses. Além de ter uma gramática muito particular, sem semelhança com as línguas latinas e saxônicas, a escrita usa dois alfabetos, hiraganá e atakaná; e os ideogramas chineses, ou seja, os famosos caracteres chineses. Todos os símbolos escritos da direita

para a esquerda e de cima para baixo vêm misturados, exigindo, permanentemente, malabarismos mentais. Indispensável, também, é ter boa memória, pois cada símbolo chinês, tem um número de tracinhos que devem ser lembrados e contados, enquanto são escritos. Para complicar, ainda mais, eles podem ser simples ou compostos. Conforme a combinação entre si, o significado e a pronúncia vão mudando. Diante de toda essa complexidade, uma quantidade razoável de células cerebrais, ainda não usadas, entra em atividade, no processo de aprendizado da língua nipônica. Algumas pessoas, dizem que, devido ao exercício da memória, execução de movimentos novos para escrever, gramática e leitura sem parâmetros com as línguas ocidentais, ajudam a prevenir os males de Parkinson e Alzheimer.

Se os estudantes mais jovens tinham dificuldades no aprendizado da língua japonesa, uma pessoa beirando os 60 anos de idade, deveria estar constantemente preparada para matar diversos leões por dia. Os professores eram muito bem treinados, dedicados e extremamente, programados. Cada unidade escolar, era administrada de forma intensa dentro do tempo previsto. Tudo caracterizado pela seriedade japonesa.

Eu era o único estudante brasileiro, em toda a escola. No segundo nível do curso, o grupo foi enriquecido com a chegada de um jovem brasileiro que havia estudado, durante três meses em Nagasaki. Era dotado de inteligência e memória invejáveis. Era o melhor na escrita dos caracteres chineses. Estava sempre na dianteira do grupo. Contudo, era dono de uma malícia extraordinária e rápida. Pelo fato de muitas palavras soarem como cacofonia aos ouvidos de quem fala línguas latinas, ele associava a fonia de palavras japonesas com vocábulos populares da língua portuguesa e estourava em contínuas gargalhadas. Diante disso, era visível, o constrangimento dos professores que não entendiam o motivo da atitude do jovem. O mal-estar aumentou quando suspeitaram que ele podia estar burlando-se de alguma incompetência deles, como profissionais.

Por ser brasileiro, e o mais velho do grupo, o diretor da escola,

enviou-me um recado dizendo que gostaria de falar comigo, durante poucos minutos, depois da aula. Respondi que não havia problema.

Ao final da última sessão do dia, um dos professores me acompanhou à sala da direção da escola. Muito gentil e respeitoso, o diretor desculpou-se por pedir para falar comigo naquele horário, pois entendia que estaria cansado. Limitou-se a pedir o favor de encontrar-me no dia seguinte, antes do início das aulas, pois queria marcar um horário para uma conversa confidencial.

Como de costume, cheguei na escola alguns minutos antes. Assim que o diretor me viu, ficou de pé fazendo as famosas reverências da cultura nipônica como saudação. Disse que estava muito agradecido pela disponibilidade e que somente desejava confirmar o encontro para depois da aula.

As três sessões de ensino transcorreram, normalmente, naquele dia, sem faltar as gargalhadas do nosso colega. De acordo com o combinado, fui à sala do diretor. Pedindo desculpas por não falar bem a língua inglesa, expressou a preocupação dos professores diante das atitudes incomuns do jovem brasileiro, de forma indireta, como é de praxe da cultura japonesa.

Tranquilizei-o, dizendo-lhe o verdadeiro motivo por que o brasileiro se ria tanto, e que seu comportamento não estava relacionado com a eficiência proverbial dos professores. Tentei explicar que ele achava graça na pronúncia das palavras que ouvia associando-a ao português. Permiti-me dar alguns exemplos para fazer-me entender. Custou bastante, porque o humorismo oriental é bem diferente do nosso.

- "O que podemos fazer?" Perguntou.

- "Se Sua Senhoria permite que nós falemos sobre o assunto, prontifíco-me a conversar com ele sobre o que está acontecendo." Certifiquei-o de que ele é um bom rapaz, alegre e inteligente e, com certeza, iria entender e controlar-se.

O diretor esbanjou agradecimentos acompanhados por muitas reverências pela minha boa vontade.

No mesmo dia, convidei o jovem para tomar um chá. Muito alegre, aceitou. Felizmente, durante a conversa, ele introduziu

algumas palavras que provocaram as risadas. Foi o atalho para poder explicar a ele a preocupação e constrangimento que as risadas estavam causando aos professores. Estourou numa estrondosa gargalhada, mas prometeu que iria controlar-se.

Quanto ao estudo da língua, as dificuldades de acompanhar os alunos mais jovens iam aumentando. Estudava muitas horas, para seguir com o grupo. Durante os momentos livres em que organizávamos pequenas confraternizações, não ouvi ninguém louvando meu progresso, no estudo da língua japonesa, mas que uma pessoa da minha idade, sentado nos bancos escolares, era um estímulo para os mais jovens não desistirem.

Aprendi o suficiente para ter certa independência e penetração na sociedade nipônica. Embora, falando mal, eles sabem apreciar e se sentem bem quando os estrangeiros lutam para aprender sua língua. Para eles, é uma honra que uma pessoa de outra raça tente falar sua língua.

“As dificuldades são como as montanhas. Elas só seplainam quando avançamos sobre elas.” (Provérbio japonês)

Ser diferente e fazer coisas diferentes

Pela história, sabemos que as guerras causam sofrimentos, destruição e mortes, banhando as pessoas, em lágrimas. Os líderes que as promovem, exaltam o amor à pátria. Dos combatentes, louvam quem derrama o sangue pela nação, entregam condecorações aos heróis e criam medalhas para reconhecer a valentia. Embora, as palavras sejam altissonantes, as ações belicosas, provocam destruição, morte e sofrimentos. Numa ocasião, encontrei uma senhora que guardava uma medalha que o governo americano lhe havia dado pela participação, na desastrada guerra do Vietnã. Ao mostrar o galardão, com certo orgulho, acrescentou: “De que serve isso se meu filho está morto?”.

Ao término da guerra de 1945, o Japão estava arrasado. Com determinação, o povo se uniu e se envolveu, totalmente, na reconstrução do país. Cada trabalhador, diariamente, doaria duas horas de seu trabalho, para levantar a nação dos destroços. Concomitantemente, retomava o processo de desenvolvimento que transformaria o arquipélago nipônico, numa grande potência industrial. No auge da atividade industrial, a mão de obra local não era suficiente para manter o ritmo, exigindo a entrada de trabalhadores estrangeiros. A primeira providência foi convidar descendentes de migrantes japoneses no Brasil. Surgiu, então, a classe de trabalhadores brasileiros conhecida como “decasséguis”, isto é, pessoas que chegam para trabalhar, mas vão embora.

A década de 1990, foi marcada pelo intenso fluxo de descendentes de migrantes japoneses para a terra de seus antepassados. Devido à fisionomia, no Brasil, eram chamados de japoneses enquanto no Japão, dizia-se que eram brasileiros. Por falta de conhecimento da língua e da cultura, despertavam reações diversas. Para muitos, eram considerados enganadores por terem aparência japonesa, mas não serem japoneses. Havia, também, quem lembrava a história dizendo: “quando o nosso país estava arrasado, seus antepassados foram embora, agora, que está tudo reconstruído e bonito, vocês vêm para cá, para usufruir daquilo que vocês não construíram”. Contudo, conforme os migrantes iam aprendendo a língua e se adaptando ao país, a aceitação foi aumentando.

No meu caso, por ser descendente de europeus e falar inglês, não despertava dúvidas. Eu era realmente, estrangeiro e, quase sempre visto como um americano, por quem o povo japonês nutre grande admiração. Não poucos japoneses, se empolgavam ao saber que, na idade de quase 59 anos, estudava a língua deles. O humor mudava quando lhes dizia que era brasileiro, parte de um povo subdesenvolvido.

Acostumados à uniformidade de sua gente, não entendiam por que eu era diferente dos demais brasileiros que foram trabalhar no Japão. Um misto de confusão e decepção tomava conta de alguns

deles. Contudo, ficavam boquiabertos e impressionados quando sabiam que tinha morado e trabalhado em diversos países, era graduado em três cursos superiores e falava diversas línguas. Arregalando os olhos, pronunciavam “sugoi”, que significa, maravilhoso, incrível.

Além de ser diferente, devia aprender a fazer coisas diferentes, também. Desde a chegada, aprendi que os sapatos devem ser deixados num lugar apropriado ao visitar uma casa. Sapatilhas estão à disposição para substituí-los. O mesmo procedimento é adotado em muitas igrejas, restaurantes e salas de reunião. Muitas pessoas levam consigo, seu par de sapatilhas, especialmente, as mulheres. Em assoalhos cobertos por tatame (tapete japonês feito com palha de arroz), as sapatilhas são dispensadas. Qual seria o motivo para tirar os sapatos? É muito simples, higiene. Os calçados usados nas ruas e praças, são meios potenciais para levar para dentro das casas, bactérias ou micróbios prejudiciais à saúde.

Tomar as refeições no Japão, é outra oportunidade para fazer algo diferente. Além de a comida ser servida, quase sempre, em bandejas individuais, com seis ou sete recipientes diferentes, não há talheres. Estes são substituídos por palitos, hashis, com mais de 20 centímetros de comprimento. O manuseio é feito com a mão direita enquanto a esquerda, mantém a tigela de arroz ou outro alimento. Contudo, é preciso ter cuidado quando a refeição é feita em companhia de cidadãos japoneses. Apesar de 86% deles não acreditarem em uma divindade, são muito supersticiosos.

Por isso, jamais se deve passar comida de seu hashi para o prato de outra pessoa, e nem ficar batendo o hashi no prato. Após a cremação, em um funeral japonês, os parentes costumam utilizar hashis para colocar os ossos do falecido na urna, de uns para os outros.

Também, é ignominioso furar a comida com o hashi, pois no Japão, os hashis são cravados na tigela de arroz somente em uma situação: para deixar o arroz no altar, para a oferenda aos mortos.

Deve-se tomar cuidado para nunca apontar os hashis na direção de alguém. Fazendo isso significa que a pessoa está

desejando-lhe a morte.

O manuseio incorreto dos hashis pode causar constrangimentos, seja em casa ou nos restaurantes.

Tive a oportunidade de acolher um colega que passou pelo Japão, rumo à Austrália. Desde a chegada, recomendou que lhe fizesse provar somente coisas japonesas. Depois de acomodá-lo em seu quarto, levei-o para jantar numa sushiya, ou seja, um restaurante onde é servido sushi. Expliquei que podíamos escolher os pratinhos que iam passando em nossa frente sobre uma correia, enquanto íamos preparando o chá solúvel, o shoyu e o uassabi. Pegou o primeiro pratinho que lhe chamou a atenção. Tentava pegar os bolinhos com os palitos, mas sem sucesso. Desfez os três que vinham no pratinho sem poder aproveitá-los. Enquanto isso, era observado por alguns japoneses. Abandonou aquela porção e pegou outro pratinho. Como as tentativas de prendê-los continuavam falhando, espetou um dos bolinhos com um palito e o levou à boca. Imediatamente, os dois japoneses que estavam ao lado saíram às pressas.

Dirigindo-se a mim, pediu o favor de ver se havia algum garfo na casa. Fui informado que o restaurante era especializado em sushi e, portanto, não dispunha de garfos ou colheres.

Enquanto o bom visitante, pelejava para poder saborear a iguaria japonesa, uma garçonete, desculpando-se, disse que havia encontrado apenas um garfo de sobremesa. Ficou feliz e disse que podia trazê-lo. Munido do novo instrumento, espetou um dos bolinhos com energia e o introduziu na boca. Um casal de japoneses que apenas haviam sentado no lugar dos dois que se foram, nos observava; ao verem meu amigo fazendo aquela ação, levantou-se e saiu apressadamente também,

A falta de conhecimento da cultura acarreta situações constrangedoras. A ação de espetar a comida com o garfo e os palitos, foi interpretada como um desejo de morte para os casais japoneses.

“Pensamos ser a soma dos nossos pensamentos, porém os outros nos veem pelas nossas atitudes.” (Carlos Roberto Sabbi).

No seio de uma cultura milenar e única, até dormir é diferente. Não existe cama no quarto. Para dormir, colchonete, lençóis e cobertores, são tirados de um closet e estendidos sobre o tatame, para receber os corpos merecedores de um bom descanso.

“Não há nada de tão absurdo que o hábito não torne aceitável.”
(Cícero).

Missão sobre trilhos

As sandálias, geralmente, são consideradas como o símbolo dos missionários, indicando que eles são as pessoas da estrada, gente que caminha e leva a mensagem com sua palavra e pessoa. No Japão, poderíamos adotar os trilhos da eficiente malha ferroviária que cobre todo o país, como símbolo da ação da saída em missão.

Pelos caminhos da vida, Deus sempre coloca alguma pessoa especial nas encruzilhadas. Em Tóquio, foi o idoso, hoje falecido, missionário jesuítico, padre Vendelino Lordsheiter, brasileiro, irmão do falecido arcebispo de Santa Maria, RS, Ivo Lordsheiter e primo do Cardeal D. Aluísio Lordsheiter que encerrou sua missão em Aparecida do Norte- SP.

O Padre Vendelino, foi para o Japão, logo depois da guerra de 1945, quando o país se erguia das ruínas. Ajudou e orientou muitos japoneses que migravam ao Brasil. A partir de 1990, foi referência para muitos brasileiros, descendentes que retornaram ao Japão como trabalhadores decasséguis (pessoa que vai trabalhar e volta).

Depois de um tempo, em Yokohama, perto de Tóquio, o padre Vendelino foi enviado a Hiroshima, que surgia das cinzas da bomba atômica. Naquela cidade, administrou a construção e a organização da faculdade de música. Tendo provado ser um administrador competente, recebeu o encargo de continuar a construção e consolidação da Universidade Sofia, em Tóquio, de onde só saiu para voltar à casa do Criador no dia 10 de julho de 2010.

Mesmo aposentado, de acordo com as leis do país, Padre Vendelino continuou ativo, tendo criado dentro da universidade o curso de língua portuguesa e o Instituto de Estudos Luso-Brasileiros.

O primeiro amor, a gente não esquece. Como esquecer as primeiras pessoas que nos acolhem e orientam, dentro de um mundo desconhecido e diferente? Graças ao Padre Vendelino, conheci bastante, a pastoral da Igreja, no Japão.

O Japão, tem, desde suas origens o Xintoísmo como sua religião autóctone. Contudo, com a chegada do Budismo através da Coréia, as duas religiões se entremearam em harmonia. Costuma-se dizer que o japonês nasce xintoísta e morre budista, significando que o Xintoísmo é a religião do começo da vida e o Budismo, da volta do espírito ao lugar que lhe compete. As duas religiões impregnaram a cultura japonesa, com seus princípios, embora 86% da população atual, não siga nenhuma delas. Somente 0,5% dos japoneses, se identificam como católicos, espalhados por todo o país. Daí o fato de as comunidades serem minúsculas e longe uma das outras.

A chegada dos trabalhadores brasileiros, filipinos, peruanos e outros pequenos grupos latino-americanos, quase fez a população católica dobrar em número. Mesmo assim, as comunidades, com raras exceções, são pequenas.

O padre Vendelino dava assistência a uma pequena comunidade de trabalhadores brasileiros na cidade de Narashino, na Província de Chiba, distante uma hora de trem, do bairro Yotsuya, onde morava. Numa das visitas que lhe fiz, convidou-me para acompanhá-lo e concelebrar a missa da comunidade, no domingo seguinte. Aceitei com alegria e, sem titubear, o convite.

Marcamos de nos encontrar na casa dos jesuítas, que fica dentro da Universidade Sofia. Enquanto caminhávamos até a estação de trem, ia explicando como deveria fazer para comprar a passagem, ir à plataforma de embarque e em que estações, mudaríamos de linha. Parecia um avô, explicando com calma, todos os detalhes, como se eu fosse um netinho meio caipira, que nunca havia viajado sobre trilhos.

A Igreja de Narashino, construída recentemente, além dos japoneses, acolhe brasileiros, filipinos, peruanos, africanos e alguns migrantes de outras nacionalidades. As pessoas de língua espanhola, participavam da missa em português.

Após a missa, no dia da visita, como de costume, havia almoço partilhado. As mulheres traziam um prato de comida e os homens se encarregavam dos refrigerantes. Um pequeno grupo de paroquianos japoneses, também trazia sua comida para ser partilhada. Faziam lembrar os Atos dos Apóstolos: “Diariamente, todos juntos, frequentavam o Templo e nas casas, partiam o pão, tomando alimento com alegria e simplicidade de coração.” (Atos, 2,46).

Na viagem de volta a Tóquio, o jesuíta deu-me mais uma explicação sobre as operações dos trens. Com voz pausada, mudou de assunto para falar sobre sua idade e alguns achaques de saúde que o acometiam, com frequência. Com tristeza no rosto e olhar úmido, reconheceu que na idade de 84 anos e a saúde abalada, tornava-se dificultoso o deslocamento para lugares distantes de Tóquio. Por isso pediu que eu continuasse a sua missão, com os decasséguis brasileiros, que frequentavam a Igreja de Narashino.

A partir de outubro de 2003, tive a alegria de dar início ao ministério sacerdotal no Japão. A comunidade de Narashino ficou gravada na lembrança, por ter sido a primeira, a ser servida por mim. Além disso, foi uma inspiração para formar outras comunidades em diversas províncias, na parte central da Ilha de Honshiu.

“É graça divina começar bem. Graça Maior persistir na caminhada certa. Mas graça das graças é não desistir nunca.” (Dom Hélder Câmara)

Caminhando e semeando

O primeiro passo estava dado. Nasceu de um encontro com

um missionário experiente, seguido de outro encontro, com a comunidade de Narashino. Dois passos iniciais de uma caminhada que, embora tortuosa, avançaria ao encontro dos migrantes, nas regiões industriais do país insular.

Ao contrário de outros países, os estrangeiros no Japão, não marcam presença pujante num bairro. Aliás, muitos proprietários de edifícios residenciais, limitam a duas famílias de brasileiros por edifício. Tal atitude era para prevenir que se formassem grupos da mesma nacionalidade que, com sua cultura e costumes, causassem algum impacto sobre os residentes japoneses. As oportunidades de emprego surgiam em diferentes lugares. Por esses e outros motivos, os migrantes vivem muito dispersos.

As igrejas, além de pequenas, são poucas, exigindo longas viagens dos fiéis para chegar a elas. Por não possuírem veículos, nos primeiros tempos, os migrantes locomoviam-se de trem. Alguns deles precisavam de mais de uma hora e meia de ida e outro tanto de volta, para participar de uma missa.

Embora os manuais para o exercício da missão, sugiram muitas técnicas, o encontro é a melhor de todas. O encontro com as pessoas de língua espanhola que frequentavam a Igreja de Narashino, ocasionou o encontro com outros migrantes latino-americanos.

A rede de comunicação de pessoa a pessoa, foi se estendendo até surgir o desejo de ter uma missa celebrada em espanhol, na Igreja de Ishikawa, na província de Chiba, a meio caminho entre Tóquio e Narashino. Sob a orientação de uma missionária religiosa da Espanha que morava no Japão, há muito tempo, uma equipe bem entrosada de leigos, encabeçou, com muita criatividade, a celebração da missa. Não era um grupo muito grande. Contudo, tinha como ponto forte o sentido de comunidade.

A Paróquia de Ichikawa, cujo pároco se caracterizava pela abertura aos migrantes, possuía uma espécie de “Pastoral da Acolhida”, criada para integrar os trabalhadores filipinos na

comunidade. Com a chegada dos migrantes de língua espanhola, a equipe “alargou a tenda” para acolhê-los. O impressionante era que ninguém do grupo sabia falar espanhol ou inglês, mas tinham atitudes que criavam condições para que todos se sentissem a gosto, como se estivessem em casa. A abertura do coração para quem chega supre as palavras.

Tendo constatado que diversos sacerdotes falavam inglês, pensei em não me envolver com migrantes de países onde esse idioma é falado. Aqui, também, constatei que saber línguas não é tudo. Quando recebi a proposta de dar assistência, em inglês a uma comunidade de filipinos, em Tóquio, percebi que, para me convencer, valorizavam o fato que, além da experiência no trabalho com migrantes, eu tinha desenvoltura e trânsito livre entre os estrangeiros. “Você tem o jeito”, diziam.

Bastante lisonjeado com o que tinha ouvido, aceitei exercer o ministério para uma comunidade de filipinos cuja composição era 82% de mulheres. Entre elas, havia um número significativo que possuía o “visto de entertainer”, (de animador, que entretém), mas que na verdade, trabalhavam em casas noturnas. Elas, também, são filhas de Deus, portanto, a igreja é também, a sua casa.

Missão impossível

A expressão “missão impossível” é, muitas vezes, usada para tarefas difíceis, mas já executadas com a intenção de exaltar a pessoa que a realizou com sucesso. Creio que quase todos os seres humanos, alguma vez na vida, tiveram uma “missão impossível”.

Desde minha chegada, no Japão, o bispo e um padre jesuíta diziam que deveria preparar-me para assumir a direção do “Catholic Tokyo International Center” (CTIC) (Centro Católico Internacional de Tóquio), do principal, dos três escritórios localizados no bairro Meguro. Por isso, foi pedido que eu passasse duas horas por dia, no escritório, observando e aprendendo sobre seu funcionamento

enquanto estudava a língua japonesa.

O CTIC é o braço pastoral da Arquidiocese de Tóquio, com a finalidade de dar assistência e ajudar os migrantes, no processo de integração na sociedade japonesa. Além de não ser muito amante desse tipo de posição, não me sentia em condições de exercer a direção da Instituição, por falta de conhecimento dos sistemas japoneses e limitação linguística. Afinal, meu conhecimento de japonês era suficiente, apenas, para sobreviver.

Alimentava a esperança de que o projeto fosse esquecido e colocassem outra pessoa à frente da Organização. Contudo, o tempo do sacerdote que estava à frente do CTIC estava terminando e seria transferido para as Filipinas. Um mês antes, foi-me entregue a carta, nomeando-me diretor do Centro. Não sou de ficar sem dormir por nenhum motivo, mas custou-me, muitas horas, pensando como e o que fazer para assumir a responsabilidade confiada. O diretor que estava deixando o cargo, era pessoa muito boa e afável, mas foi empurrando para frente a reunião que eu pedia para orientar-me. O dia da partida chegou. Viajou e eu fiquei “a ver navios”.

Sob minha direção estavam nove pessoas, das quais quatro estrangeiras e cinco japonesas. Não havia outra saída a não ser, pedir apoio e ajuda a duas religiosas que trabalhavam na instituição, com quem tinha um bom relacionamento. O envolvimento na Pastoral dos Detentos, do Departamento de Imigração, formando equipe com voluntários japoneses e uma funcionários, acareou-me uma situação de apreço e simpatia.

Os japoneses, em geral, são muito bem-organizados e são fiéis na execução do trabalho que lhes foi confiado. Dentro e fora do escritório, cada pessoa fazia bem a sua parte. A velha expressão, “em time que vence não se mexe”, sugeria que era suficiente, apoiá-los.

Quanto às reuniões semanais, a solução foi recorrer à uma das religiosas para traduzir do inglês para a língua japonesa e vice-versa. Só posso ter admiração pela paciência com que os colegas de escritório tiveram com um diretor estrangeiro e limitado para exercer bem a função. Imagino quanto tenha sido penoso, ter um

diretor que não dominava a língua do país e colaborar com ele.

Apesar das limitações, a equipe do escritório produziu algumas coisas que faz bem recordar. Entre elas, menciono o desejo de conhecer mais, sobre o trabalho com os migrantes. Motivado pela publicação da Encíclica “Erga Migrantes Caritas Christi” em 2004, sugeri que, em cada reunião, fossem lidos alguns parágrafos, e dialogássemos sobre seu conteúdo, tentando fazer ressonância com os migrantes no Japão. A leitura era feita em japonês, enquanto os dois estrangeiros, que não dominávamos a língua local acompanháramos, em inglês.

Como a economia do Japão, estava em alta, muitos trabalhadores recebiam o visto para trabalhar no arquipélago. Cada grupo linguístico de migrantes, se organizava com uma coordenação, para promover suas atividades relacionadas com a Igreja. Os grupos de língua inglesa e portuguesa já estavam bem entrosados com suas coordenações, programações e boletins informativos. Faltavam, somente, os grupos de migrantes de língua espanhola. Como diretor do CTIC, vi uma janela aberta para convocar representantes dos grupos latino-americanos, de todo o país, com a proposta de constituir uma coordenação, em nível nacional, e fazer um levantamento das necessidades dos diferentes grupos.

Além de ter sido eleito coordenador dos hispano-falantes do Japão, recebi a incumbência de editar um boletim informativo, bimensal, em espanhol, para ser enviado a todas as comunidades do Japão. O Centro Católico Internacional de Tóquio, encarregar-se-ia da edição e envio para as paróquias e comunidades.

Se de um lado, a experiência de dirigir uma instituição, sem ter conhecimento do sistema do país e a língua, tenha sido causa de stress e sofrimento, por outro, fica a bela lembrança da colaboração e aceitação dos colegas de trabalho. Como não podia deixar de ser, depois de três anos à frente do Centro Católico Internacional de Tóquio, fiquei aliviado com a nomeação de um substituto. Penso que não deixei o posto nem com glória e nem infâmia. Contudo, foi muito proveitoso exercer uma função para a qual não estava

preparado.

“O período de maior ganho em conhecimento e experiência, é o período mais difícil da vida de alguém.” (Dalai Lama).

Saindo da Capital, indo aonde o povo está

Quando falamos sobre um país, geralmente, a conversa inclui a capital e suas cidades importantes. As sedes de governo são quase sempre cosmopolitas. Tóquio, a maior cidade do planeta, sede das embaixadas dos países com os quais o Japão mantém relações diplomáticas e comerciais, acolhe pessoas de todos os países. Cadeias de lojas ocidentais, restaurantes, casas de diversão com música e atrações internacionais proliferam por toda parte. Anúncios luminosos, outdoors, letreiros, orientações em línguas ocidentais e asiáticas dão a ideia de que a cidade está ligada a todo o mundo.

O propósito de ser enviado ao Japão era ser missionário para os migrantes brasileiros. Contudo, a presença deles no distrito de Tóquio, era inexpressiva. O perfil também era diferente. Enquanto os brasileiros, nas províncias, eram e continuam sendo peões, em Tóquio, exerciam atividades burocráticas e administrativas.

A única comunidade cristã com brasileiros, na capital, era assistida pelo Padre Vendelino Lordshieder. Minha presença, na Arquidiocese de Tóquio, para trabalhar com brasileiros era, praticamente, desnecessária.

Numa das reuniões com missionários que atuavam com brasileiros no Japão, a opinião geral, era que eu deveria sair de Tóquio e ir para outro lugar, onde a falta de sacerdotes de língua portuguesa era crítica, havendo “muitos rebanhos sem pastor”. O contrato assinado com a Arquidiocese de Tóquio, deveria ser

cancelado para que isso viesse a acontecer.

Alguns missionários da diocese contígua, de Saitama, disseram que havia um jeito para contornar a situação. O caminho seria aproveitar a estreita amizade dos dois bispos e da habilidade do bispo de Saitama, de conseguir o que desejasse de seu amigo e colega. Uma religiosa japonesa, que havia trabalhado no Brasil, levaria a proposta ao bispo de Saitama.

Foi suficiente uma ligação telefônica entre os dois bispos, para concordar que minha atividade se estendesse dentro da diocese vizinha, a partir de janeiro de 2004.

Inicialmente, as atividades desenvolveram-se nas comunidades de Moka, Província de Tochigui, e Tsuchiura e Ishige na Província de Ibaraki. Na verdade, Moka e Ishigue, precisaram ser revitalizadas, pois fazia bastante tempo que não havia missionários para atendê-las. Tsuchiura era a mais organizada, graças a um grupo de estudantes do Brasil que frequentavam a Universidade de Tsukuba.

Alguns meses depois, um grupo de brasileiros da cidade de Oyama, na Província de Tochigui, que, anteriormente, havia participado de uma missa em português, teve a ideia de tentar reunir-se, mas desta vez, com a intenção de ter celebrações, regularmente. A expectativa do grupo, era a sorte de reunir doze pessoas, mais ou menos, para a primeira missa. Para a surpresa de todos, a primeira celebração contou com mais de sessenta pessoas, número considerado muito bom num país cuja presença de cristãos católicos, é de 0,5% da população total.

Aquela que deveria ser uma missa experimental, transformou-se na primeira da programação permanente. Com o apoio de uma senhora japonesa, boa conhecedora de música, formou-se um pequeno coral e equipe de liturgia. Em breve os jovens assumiram a música, organizaram-se as equipes de catequistas e liturgia. A criatividade, associada ao compromisso foram fundamentais para a formação de uma comunidade alegre e dinâmica.

Com a presença de um padre brasileiro na região, os migrantes brasileiros sentiram-se apoiados. Um clima de alegria e esperança

tomou conta das comunidades e a notícia se espalhou por muitos lugares. Valorizando a presença de todos, principalmente dando as boas-vindas a quem viesse à missa pela primeira vez e abençoando os aniversariantes do mês, as assembleias, nas celebrações, iam crescendo, paulatinamente. A força da maioria das comunidades estava na união das pessoas. Por isso, o que era para ser uma experiência, em Oyama, transformou-se em caminhada.

“Eis um teste para saber se você terminou sua missão na Terra: se você está vivo, não terminou” (Richard Bach).

Povo de Deus sem teto

A palavra Igreja, de origem grega significava o povo reunido em assembleia. Com o transcorrer do tempo, passou a significar, também, o lugar de culto, templo.

Pessoalmente, sou muito inclinado a admitir uma definição de igreja na qual entre o povo, como protagonista. Gosto das expressões: “a Igreja é o povo de fé; a Igreja é Povo de Deus”. A experiência com as Comunidades Cristãs de Base, celebrações em casas ou em salas comunitárias, além dos textos do Concilio Vaticano II, ajudaram na formação dessa convicção.

Uma experiência marcante de Igreja, povo de Deus, foi em Ishige, hoje unida com Mitsukaido, formando a cidade de Joso, na Província de Ibaraki. Durante os anos áureos da economia do Japão, muitas indústrias transferiram a produção para Ibaraki, oferecendo oportunidades de emprego para migrantes brasileiros. Consequentemente, optaram por residir perto das indústrias.

O fenômeno das migrações faz com que as pessoas vivam experiências que vão desde as mais dolorosas até as mais alegres e bonitas. Na região de Ishige e Mitsukaido encontraram-se brasileiros de diversos Estados do país. Conheceram-se no Japão.

Com sede de encontros, procuravam lugares onde poderiam encontrar conterrâneos. Muitos desejavam ter uma igreja, por perto. Embora um número, bastante elevado, não frequentasse funções religiosas no Brasil, a migração para o Japão, despertou o lado espiritual neles.

O líder é sempre alguém que detecta as necessidades das pessoas e tem a capacidade de juntar as suas aspirações e dar encaminhamentos. Foi graças a uma senhora e seus familiares, que os brasileiros de uma ampla região, começaram a partilhar o sonho de participar de uma missa. Na verdade, muitos deles, apesar de morar no Japão, há mais de oito anos, não sabiam que lá, existiam igrejas. Conhecedora das necessidades espirituais daquela gente, aquela senhora se propôs a reunir as pessoas para rezar.

A família da líder era proprietária de um comércio e restaurante, no mesmo local. Como dispunha de bastante espaço, o grupo se reunia nas dependências do comércio. Foi quando, um padre brasileiro com disponibilidade, celebrou algumas missas, no salão comunitário, de propriedade do governo. Contudo, tendo dificuldades para adaptar-se à cultura do Japão, o sacerdote decidiu abandonar o país, e, as missas foram suspensas.

A senhora e o grupo em formação não perderam a esperança na vinda de outro sacerdote. Ao saber que havia um sacerdote chegado há pouco tempo, imediatamente, falou com a pessoa encarregada da pastoral da Diocese de Saitama, solicitando minha colaboração. Feita a proposta, aceitei alegremente.

“Tudo pode ser diferente. Cabe a nós, tomarmos a iniciativa.”
(Juliana Caulo).

Povo de Deus sob teto emprestado

*A*s primeiras comunidades cristãs, não tinham um lugar específico para se reunir. A igreja se reunia nas casas, onde

partilhavam os ensinamentos e o pão partido. Naqueles encontros, sobressaiam as viúvas, apoiando as comunidades. Elas aparecem, com frequência no livro dos Atos dos Apóstolos e cartas, acolhendo os missionários e disponibilizando suas casas. Com o aumento dos adeptos a Cristo, as comunidades tiveram de procurar lugares mais amplos, como as basílicas pagãs, de Roma.

A comunidade de brasileiros em Ishige, fazia diversos malabarismos para poder reunir-se. Sempre, sob a guia da Sra. Carmen Akutsu, conseguia alugar um centro comunitário-cultural local. A barreira a ser transposta é a proibição de usar lugares públicos para fins religiosos. Contudo, havia um jeito para conseguir o uso do salão. Era possível ter acesso ao local, aproveitando-se da falta de conhecimento dos japoneses sobre as celebrações católicas. Para eles, a missa é uma espécie de teatro. O jeitinho brasileiro, tinha de ser usado. Por isso, declarava-se que o local seria para uma atividade cultural.

Sempre tem um, porém. Algumas vezes, ao chegar, dívamos-nos conta de que já havia uma atividade sendo desenvolvida no centro cultural. Nesses casos, a pessoa encarregada dizia que a sala era dos japoneses e que os brasileiros não tinham direito de uso nem mesmo, tendo feito a reserva. Neste caso, a solução era procurar outra sala, longe alguns quilômetros, exigindo organizar um sistema de comunicação para orientar as pessoas para o novo lugar.

Outros domingos, a pessoa que administrava a ocupação do centro cultural esquecia-se de abrir as portas, fazendo-se necessário procurá-la em casa, ou outro lugar. Sucedeu também, de não saber por onde andaria. Alguma vez, as copas das árvores funcionavam como teto, para a comunidade.

Com a chegada de outro sacerdote brasileiro, a comunidade de Ishige passou a ser atendida por ele enquanto eu iria fazer um levantamento em Mistsukaido, uma cidade bem maior, onde, pensava-se que poderia haver muitos brasileiros. Não estava enganado. Próximo da estação ferroviária, havia um supermercado, escola, um banco brasileiro, uma casa noturna, além de um pequeno restaurante e uma loja de roupas. Ninguém iria investir

nesses negócios, se não houvesse clientes.

Havia um centro cultural novo na cidade, com auditório, diversas salas de vários tamanhos. A procura era pequena, indicando que poderia ser fácil alugar espaços. Desta vez, eu estava equivocado. As normas eram rígidas e a administração inflexível. Grupos religiosos ou indivíduos não poderiam fazer reserva de espaços. Tinha que ser um grupo já organizado.

Enquanto tentava contatar pessoas, conheci uma professora de uma pequena escola para brasileiros. Tendo sido nomeada diretora por aqueles dias, convidou-me para dar palestras aos alunos maiores e orientar pais de filhos com problemas. Então fui informado que a escola usava o centro cultural para a formatura e outras atividades. A diretora com quem havia criado um bom clima de colaboração, ofereceu-se para pedir uma sala como se fosse usada pela escola, mas nela, celebraríamos a missa. Felizmente a estratégia deu certo. Os japoneses cederam-nos a sala, uma vez por mês, no sábado à tarde. A preocupação era evitar que fôssemos vistos desenvolvendo uma celebração religiosa.

A professora era muito hábil na organização de teatrilhos, com crianças. Por isso, apresentações antes da missa e evangelho encenado eram normais. Fazia-se, assim, entender a ideia de que as pessoas se reuniam para uma atividade cultural.

Todavia, ser estrangeiro significa não ter, de fato, os mesmos direitos da sociedade local. A sala era reservada conforme o regulamento, mas ao chegar no local, éramos surpreendidos por mudanças inesperadas, dando preferência aos grupos japoneses. Os cancelamentos eram frequentes. Contudo, conseguimos convencê-los a destinar-nos outro lugar, sob a alegação de que não poderíamos adiar nossa atividade. Em algumas ocasiões, a sala cedida era tão pequena que, muitas pessoas deviam ficar no corredor.

Com a instabilidade de local, em quase todas as missas, havia muita atividade para arrumar cadeiras, preparar a mesa do altar e fazer improvisações.

A correria não agradava aos administradores. A escola estava

prestes a ter problemas por emprestar o nome, facilitando-nos o uso das salas. Alguns olheiros se aproximavam tentando ver e entender o que estávamos fazendo. Depois de algum tempo, sem dizer claramente o motivo, fomos comunicados que não poderíamos continuar naquele centro cultural.

Providencialmente, o edifício onde o centro cultural funcionava, antes de ser construído o novo, estava ainda de pé. Embora, em mau estado e sem uso, poderia ser aproveitado para diversas funções. Por sorte, a administração não era a mesma que nos despejou. Fomos acolhidos sem perguntar para que usariámos os espaços, o que nos deu liberdade de fazer reuniões da comunidade e desenvolver um pequeno programa de catequese, além de celebrar a missa.

“É a incerteza que nos fascina. Tudo é maravilhoso entre brumas.”
(Oscar Wilde).

O Povo de Deus sob o teto do templo

Conhecedor dos dramas dos migrantes para praticar sua religião no Japão, o bispo da Diocese de Saitama pensou que deveria construir uma Igreja, na localidade de Joso. Os migrantes brasileiros eram a maioria esmagadora, seguidos pelos filipinos e peruanos. Cristãos católicos de uma vasta região que inclui as províncias de Ibaraki, Chiba e Tochigi teriam em breve uma casa de culto. Só havia três japoneses católicos e em idade já meio avançada.

É notório, que os migrantes de primeira geração, num país desenvolvido, constituem a classe mais pobre. Portanto, haveria dificuldades para que os diversos grupos pudessem contribuir com somas substanciosas, para a compra e construção de um local de culto. O bispo sentiu-se encorajado, quando foi informado de que os migrantes brasileiros não são muito propensos a dar dinheiro por alguma causa, mas se envolvem com entusiasmo em atividades que

produzem lucro, como festas, rifas e almoços.

Decidiu adquirir um terreno, com dinheiro da diocese nos arredores da cidade de Joso, mas não estava nos planos, construir logo. A área coberta por vegetação de quase dois metros, ficaria à espera do momento.

A força de uma comunidade se mede pela capacidade de enfrentar dificuldades. Na manhã do domingo, em que a missa devia ser celebrada, fomos informados de que a nossa reserva do salão estava cancelada em favor de um grupo de japoneses. As tentativas de encontrar outro lugar não tiveram desfecho feliz. Em nenhum momento alguém expressou a ideia de cancelar a missa, naquele dia. Homens e mulheres, com foices, enxadas e roçadeira, limparam o terreno, em poucas horas. Uma pequena paróquia a uma distância de quase uma hora de carro, emprestou uma tenda, pois as nuvens ameaçavam regar a terra com chuva. Letreiros improvisados e uso intenso de telefones celulares, avisavam onde seria celebrada a missa

Foram algumas horas de trabalho para viver a realidade da presença de Cristo, com seu povo migrante. Alegria e satisfação estavam expressas no rosto de cada pessoa. Com o entusiasmo elevado, confeccionaram uma cruz, com dois pedaços de madeira que encontraram por lá e a plantaram no terreno. Sob nuvens carregadas, mas sem chuva celebramos a primeira missa sobre o terreno que, dentro de mais algum tempo, receberia uma Igreja dedicada à Nossa Senhora Aparecida.

Enquanto os projetos da construção do templo iam sendo elaborados, e depois a construção se concretizava, a comunidade continuava com suas celebrações e atividades, nas salas dos centros culturais ou comunitários.

Finalmente, veio a boa notícia; a igreja seria abençoada pelo bispo diocesano. Convites foram enviados para todas as paróquias e instituições católicas das províncias próximas.

A inauguração da nova igreja foi motivo de alegria entre todos os católicos do Japão porque, nos últimos 44 anos, era a primeira igreja a ser construída numa região nova. Outras haviam sido

erguidas, mas em substituição às antigas. Este fato adicionou mais entusiasmo, principalmente, entre a população migrante do Brasil, que desde a origem da ideia até a concretização, havia estado na frente de tudo.

A inauguração do templo, significou, também, a abertura de suas portas para migrantes de outras nacionalidades. Tendo sido a administração pastoral e financeira entregues a uma Congregação de religiosas, desde as primeiras semanas, missas em inglês e espanhol, além de português, integraram a programação da igreja.

Se por um lado a construção da igreja trouxe alegria e orgulho aos migrantes, por outro, a institucionalização das atividades, administração, estabelecimento de burocracia, esvaziaram, significativamente, o espírito comunitário espontâneo, do grupo brasileiro e latino-americano. A passagem da participação espontânea, sem estrutura de autoridade, de trabalho em equipe, baseada na fraternidade, para uma estrutura institucional de dependência, atividades com aprovação prévia, alguém que teria a palavra de comando, exigiu mudanças na forma de pensar, de agir e de relacionar-se, provocando insatisfação e esmorecimento, no sentido comunitário pelo enquanto durou a adaptação ao novo sistema.

Certamente, a instituição, na dose certa, pode ser um grande apoio para a vida apostólica e comunitária. Contudo, harmonizar o sentido comunitário e a instituição, continua sendo um grande desafio. Na instituição, o ponto forte é a autoridade com abertura para a luta de poder, enquanto, na vida comunitária, sobressaem espontaneidade e a fraternidade.

“O que há de melhor no homem somente desabrocha quando se envolve em uma comunidade.” (Albert Einstein)

Rumo ao Oeste. Lá tem migrantes

Dentro do mundo católico do Japão, na Diocese de Saitama

a população de migrantes superava enormemente a japonesa. Constituía 85% da população católica, sendo que só os brasileiros, nos tempos de maior presença, representavam 60%; os demais eram latino-americanos, especialmente, peruanos. O número de filipinos, porém, estava em ascensão.

As experiências na reorganização e criação de novas comunidades nas províncias japonesas de Chiba, Ibaraki e Tochigi, graças ao envolvimento dos migrantes brasileiros, eram marcadas por vitalidade e alegria.

O famoso filósofo grego, Aristóteles, costumava dizer que “um bom começo já é a metade.” De fato, o começo foi bom. Com a chegada de mais um missionário brasileiro, as comunidades de Moka, Oyama, Joso (União de Ishigue e Mitsukaido) e Tsuchiura, teriam assistência garantida. Assim, eu fiquei liberado para novas frentes de apostolado.

Dentro da mesma Diocese de Saitama, Honjo, ao oeste de Tóquio, era uma cidade com boa presença de brasileiros. Um grupo pequeno, mas coeso, participava das missas em japonês, na qual uma das leituras bíblicas era feita em português. A missa estava suspensa porque um sacerdote jesuíta brasileiro, muito idoso, que celebrava, também em Isesaki e Ota, na província de Guma, caiu, durante uma celebração na Igreja de Honjo, batendo a cabeça no piso. Infelizmente, ele veio a falecer logo depois de alguns dias do acidente.

Semanalmente, as mesmas pessoas do grupo reuniam-se para oração. Alimentavam o desejo de voltar a ter a missa em português. A seu favor contava o idoso e bondoso sacerdote francês, da modesta igreja, que simpatizava com a ideia. O único problema era a falta de um padre que falasse português.

Tendo passado a responsabilidade das comunidades das outras províncias ao norte de Tóquio, para os dois missionários brasileiros, chegados poucos meses antes, estava liberado para servir a comunidade de Honjo.

Imediatamente, foram organizados encontros de formação na fé, preparação de catequistas, estudos sobre liturgia, encontros para

diálogo para casais e treinamento de líderes. Com ação e empenho do grupo, as pessoas participantes das missas, o pequeno rebanho aumentava, rapidamente, chegando à superlotação da igreja. O idoso sacerdote ficava radiante com a participação alegre e numerosa dos migrantes brasileiros.

Enquanto as coisas iam bem, em Honjo, não sucedia o mesmo, nas comunidades de Ota e Isesaki, na vizinha província de Guma.

Depois da morte do padre jesuíta, o jovem pároco japonês com seu limitado conhecimento da língua portuguesa, celebrava em Ota. Ele, também, de repente, foi acometido por uma doença grave e teve que retirar-se, para repouso absoluto. A paróquia ficou sem pároco. Como havia duas missas mensais, em português, um sacerdote suíço que tinha exercido o ministério no Brasil e, portanto, falava bem português, celebrava uma das missas e eu, a outra.

A Igreja de Ota, foi a primeira a ter missa, em português, sob a ação de uma religiosa que era presidente de uma organização de assistência social em Tóquio. A bem da verdade, o grupo de brasileiros, na prática, era uma organização independente dentro da paróquia, sob o comando da freira. Havia indícios de que usava a comunidade obter recursos monetários para ajudar a manter sua instituição. Habilmente, formou um grupo fechado e excludente, sob sua dependência, que dominava tudo e todos, sem permitir que pessoas, fora dele, se envolvessem na liturgia e outras atividades. Aliás, nem mesmo o pároco tinha acesso à administração do dinheiro aferido nas coletas durante as missas e outras atividades.

Finalmente, depois de mais de um ano, foi nomeado pároco um sacerdote coreano. Logo manifestou a intenção de cancelar uma das missas em português, em Ota, e que os dois padres, eu e o francês, decidíssemos quem continuaria. Estando a serviço da Arquidiocese de Tóquio, era lógico, que quem deveria deixar de celebrar em Ota, seria eu. Sem a mínima objeção, tomei a iniciativa de dispor-me a terminar meu ministério naquela comunidade.

“Feliz ou não, a lei da vida é seguir em frente com a cabeça erguida.” (Renato Russo)

Autoritarismo, tragédia, ressurgimento

A comunidade católica com brasileiros, de Isesaki, Ota, antes do falecimento do sacerdote que celebrava em Honjo, era dinâmica e alegre. Desde sua passagem para a casa do Pai, a missa em português cessara de ser celebrada, há mais de um ano. A causa disso foi um incidente, pelo menos curioso, mas sobretudo triste, que sucedeu logo após a morte do padre.

Como continuar as celebrações da missa? Alguns brasileiros tomaram, pessoalmente, a iniciativa de convidar um padre suíço. O detalhe foi que não pediram permissão para o pároco que era um sacerdote japonês, longe de morrer de amor pelos católicos estrangeiros. Só permitia a celebração de missas em inglês e português, porque o bispo exigia que os estrangeiros fossem acolhidos e celebrassem em suas línguas.

Chegou o dia da missa. Como de costume, a equipe de liturgia, os ministérios e toda a estrutura para a celebração estavam em atividade. Faltando poucos minutos para iniciar a missa, o pároco apareceu na porta da Igreja e viu o padre convidado pelos brasileiros, já paramentado e pronto para começar a celebração. Ficou insano. Gesticulando e falando alto, avisava que a missa estava cancelada, porque ele não sabia de nada, e não fora avisado que vinha um sacerdote para celebrá-la. Enfurecido, colocou um letreiro na porta comunicando que a missa em português, estava cancelada, daquele dia em diante. A súplica de ter consideração pela comunidade ali reunida, que havia muitas pessoas vindas de longe, e os pedidos de desculpas pela falta de comunicação, de nada serviram. O sacerdote convidado, humildemente, desvestiu os trajes litúrgicos e a assembleia se desfez, melancolicamente. O triste acontecimento, interrompeu a caminhada da comunidade. O culto à autoridade prevaleceu sobre culto a Deus.

Infelizmente, o autoritarismo e a xenofobia são suficientes

para truncar uma caminhada de anos, em poucos minutos. Na verdade, o dano pior, além dá impressão horrível, que uma atitude, totalmente contrária aos ensinamentos do Evangelho, provoca o afastamento das pessoas da comunidade de fé, o descrédito no ministério sacerdotal e à própria Igreja.

As consequências dos desmandos de colegas, são lembradas durante anos, mas quem teve boas experiências, jamais perde a esperança na reconstrução do que foi destruído. Fracos e mesquinhos podem até ter a capacidade de destruir, mas pessoas nobres e fortes têm visão e coragem de reerguer uma comunidade. Muitas vezes, é questão de saber esperar o momento certo.

Depois de um ano ou mais, do cancelamento da missa em português, a comunidade manifestou o desejo de tentar a sua retomada, aproveitando minha presença em Honjo, que fica a poucos quilômetros de Isesaki. Com a autorização do bispo diocesano de Saitama, a religiosa que era coordenadora da pastoral com os brasileiros e eu, tentaríamos marcar uma reunião com o padre, para sondar a possibilidade de reunir a comunidade, novamente. Embora, com esperança diminuta de que isso viesse a acontecer, sentimo-nos animados em abordá-lo, pelo fato de que o bispo, nas reuniões com o clero e agentes de pastoral, dizia: _ “Eu quero que os migrantes sejam acolhidos na Igreja.”

No dia marcado, fomos à igreja, conversar com o padre, com sentimentos cruzados. Estábamos preparados para nos alegrar com a aprovação do projeto de reconstruir a comunidade, mas não podíamos ficar alheios de sofrer o impacto de uma negação.

Sentados à mesa com um chá verde à nossa frente, a conversa, previamente preparada, ia fluindo, cautelosamente. Depois de meia hora, aproximadamente, o padre tomou a palavra, declarando a opinião pessoal de que os estrangeiros deveriam participar das missas, em língua japonesa, mas que o bispo vinha insistindo para que os párocos abrissem as portas para eles. Dizendo-se disposto a seguir as orientações do bispo, concordou que a missa para os brasileiros fosse retomada dentro de um mês.

Com o coração transbordando de alegria, comunicamos aos

membros das comunidades de Honjo e Ota, para que divulgassem a notícia, e convocando para a retomada das celebrações, em Isesaki. A reorganização da comunidade não agradou à freira que atuava em Ota. Alegava que mais uma celebração em Isesaki, iria enfraquecer sua comunidade.

Segundo as opiniões de muita gente, menos de 40% das pessoas retornaram para o primeiro encontro. Contudo, graças ao dinamismo e entrega de bons líderes, a comunidade foi crescendo, rapidamente, criando os ministérios e programas de evangelização. Merece destaque, o casal Jorge e Shirley Onishi, pelo seu envolvimento calmo e sereno, sem estrelismos, dedicados à catequese e evangelização, na comunidade, produzindo páginas webs e blogs, com textos e vídeos.

Assim, depois de um período de sepultura, a comunidade de Isesaki ressurgiu e retomou uma fase de crescimento acelerado, com alegria e fraternidade.

“É necessário, sem medo, renascer, recomeçar, reviver ou recordar, quantas vezes precisar, para ser quem se quer ser.” (Edith Vaz de Araujo).

“Bellas flores, não escolhem a beleza dos vasos, mas, solo fértil.” (Elanklever)

Os migrantes levam pouca coisa em suas malas, mas muita esperança e grandes sonhos em seus corações. Além disso, o migrante carrega a riqueza de sua fé e seus valores como bagagem invisível. Apesar das grandes dificuldades que enfrentam, para a maioria, é suficiente, trabalho e apoio para projetar um futuro melhor, para suas famílias. As comunidades cristãs locais que abrem suas igrejas e estruturas, se transformam em solo fértil para crescimento. O fechamento ao estrangeiro significa estagnação e decadência que leva à morte. Há de que se levar em conta que a população japonesa está diminuindo, por isso igreja local também

encolhe. A chegada de migrantes católicos deveria ser vista como uma bela oportunidade de crescimento de Igreja e não uma ameaça ou problema.

Os encontros com pessoas, especialmente nas fronteiras humanas, além de serem fonte de conhecimento, são uma vertente de fraternidade e riqueza. Em Maebashi, na Província de Guma, encontrei um sacerdote japonês, fabuloso, de uma bondade impressionante. Em sua casa acolhia viciados em drogas e alcoólatras.

O padre formou um grupo de amigos que, durante o ano, se reunia para fazer refeições em restaurantes. Cada pessoa, além de pagar sua conta, deixava na caixa comum uma importância estipulada pelo grupo. Depois de um ano, viajavam para algum país levando o dinheiro, arrecadado, para ser doado à alguma instituição benéfica.

Em Maebashi e redondezas, morava e trabalhava um grupo bastante grande de migrantes brasileiros. O sacerdote já havia ajudado a diversos deles em seus problemas. Com o cancelamento de uma das missas, em Ota, eu dispunha de tempo para tentar formar uma comunidade, de brasileiros, em Maebashi, caso o bispo e o padre estivessem de acordo. Pelas características de ambos, especialmente, no que se refere à acolhida aos migrantes, a proposta foi aceita, sem objeções. A única exceção foi a freira que atuava em Ota e temia que brasileiros começassem a frequentar Maebashi. Estava aflita temendo que gente de Ota migrasse para as paroquias de Maebashi e Isesaki causando uma diminuição do dinheiro que ela levava para sua instituição em Toquio.

O fato bonito na formação da comunidade cristã de brasileiros, em Maebashi, foi o apoio e solidariedade das comunidades de Isesaki e Honjo. Foram fundamentais, na preparação dos ministérios de música, liturgia e catequese. Com a dedicação e o concurso das duas comunidades, Maebashi progrediu, rapidamente, e se firmou, podendo desenvolver seus próprios serviços e atividades.

“Um bom começo é a metade.” (Aristóteles).

Antes de ir para a casa, encontro na comunidade

T

er tempo para qualquer atividade comunitária ou benficiente é uma questão de saber administrar o tempo. Geralmente, as pessoas que dizem não ter tempo, na verdade o têm em demasia. Simplesmente, é mal administrado.

Tomando uma linha de trem rumo ao sudoeste de Tóquio, divisa-se o belíssimo Monte Fuji, o cartão postal mais conhecido do Japão. Ele se ergue imponente, atingindo 3.776 metros, acima do nível do mar, podendo ser visto de muito longe.

Bem antes de chegar ao sopé da bela montanha, está a cidade de Hachioji, ainda no distrito de Tóquio. Não muito longe da estação ferroviária, ergue-se uma pequena Igreja católica. Nela, eram celebradas duas missas em espanhol, por sacerdotes de uma sociedade missionária do México, às 8 horas, em dois sábados de manhã. Apesar de as missas serem, as duas, no mesmo horário, em sábados diferentes, as pessoas participantes eram quase todas diferentes. O motivo estava nos turnos de trabalho noturno de uma grande fábrica de alimentos, onde a maioria trabalhava. Para um grupo, o dia livre era num sábado, mas não era para o outro. Como trabalhavam à noite, saíam da fábrica, diretamente para a igreja, sem ir para a casa.

A pequena comunidade, era formada por migrantes de diversas nacionalidades, destacando-se os peruanos, mexicanos, nicaraguenses, colombianos e alguns brasileiros. Contava com o apoio de um grupo de fiéis japoneses que, voluntariamente, desejavam criar laços fraternos com os estrangeiros. Depois da missa, partilhavam o lanche com alegria. Embora cansados, devido ao trabalho noturno, eram poucas as pessoas que se retiravam após a missa. Quase todos ficavam até depois do meio-dia, pelo simples prazer de encontrar-se e conversar. Apesar das diferenças culturais, as convivências foram o meio para aproximar as pessoas, criando o sentido de comunidade.

“A felicidade não está na igualdade dos pensamentos, e sim, na superação das diferenças.” (Murilo Antunes Barroqueiro)

Indo rumo ao aeroporto, sem pegar avião

A maior parte dos brasileiros migrados para o Japão, especialmente, no tempo em que a economia estava em alta, não se preocupava muito de fixar residência num local. A ideia mais comum, era trabalhar, no Japão, de 3 a 6 anos, e depois voltar para o Brasil com o “pé de meia” feito, como se diz. Incialmente, eram classificados como decasséguis, trabalhadores que retornam ao país de origem, ao término do contrato de trabalho. A mudança de região era motivada pela ânsia de conseguir salários melhores. Algumas províncias se caracterizaram pelo êxodo de migrantes brasileiros, para engrossar a população de outras. Com o acirramento da crise econômica em 2008, as províncias onde os salários eram melhores, foram as primeiras a demitir trabalhadores. O deslocamento sucedeu para províncias onde os ganhos eram mais modestos, mas havia oferta de emprego.

Antes corria-se atrás de salário melhor, agora havia chegado o tempo de correr atrás de um emprego. Este era mais abundante, em províncias com muitas fábricas de alimentos, menos sujeitas às crises. Os seres humanos podem deixar de comprar o último modelo de celular, mas não podem deixar de comer.

Uma grande parte dos migrantes foi trabalhar nos setores de produtos alimentícios, sempre com o olho voltado para oportunidades melhores. Os melhores trabalhos e mais bem remunerados surgiam, principalmente, para quem tivesse um pouco de conhecimento da língua japonesa, um indicativo que os empregadores contratavam de forma seletiva.

Na Província de Chiba, onde está o Aeroporto Internacional de Narita, as fábricas de alimentos são numerosas. Por isso, durante a crise, muitos migrantes se deslocaram para aquela província, especialmente nas proximidades do aeroporto.

O fenômeno da migração interna no Japão, indicava que a atividade missionária deveria ser criativa e flexível, para atender às necessidades dos estrangeiros naquele país. Conhecendo a nova situação, decidi organizar minha programação, a fim de ir ao encontro daquela população.

Na cidade de Narita, existe uma pequena igreja. Nela foi possível reunir migrantes de língua inglesa, de diversos países, sobressaindo os provindos das Filipinas. Por estar à pouca distância do aeroporto, comissários e comissárias das companhias áreas ou funcionários no aeroporto, também, participavam das missas.

A presença de migrantes latino-americanos, predominantemente, de peruanos, era significativa. Graças à acolhida da comunidade japonesa e de seu pároco, foi possível formar a comunidade de idioma espanhol, tendo à frente alguns casais bastante comprometidos, que organizavam as liturgias, catequese e eventos.

Os migrantes brasileiros e um número razoável de peruanos estavam concentrados num grande conjunto habitacional, chamado de Murakami Danchi, na cidade de Katsutadai, longe de Narita e Narashino, onde se reuniam as comunidades, filipina e brasileira. Havia uma única igreja protestante na região, mas nenhuma católica.

Inspirado pelas experiências anteriores, com a valiosa ajuda de uma missionária brasileira, visitamos diversas famílias, para estudar a possibilidade de dar assistência espiritual dentro do próprio conjunto habitacional. Uma família ofereceu o próprio apartamento para a celebração da primeira missa. Dependendo desse encontro, tínhamos a ideia de celebrar de casa em casa. Com a boa participação na primeira vez que celebramos, a ideia ficou inviável, pois os apartamentos eram muito pequenos.

A solução foi tentar alugar um dos dois centros comunitários. Sabendo que enfrentaríamos dificuldades, se declarássemos que era para uma função religiosa, decidimos dizer para realizariam uma atividade educacional. Não estávamos longe da verdade. Afinal, catequese é educação e formação e a missa está relacionada com ela.

A irmã religiosa e eu estávamos impedidos de tratar o assunto do aluguel do centro comunitário, por não sermos moradores do conjunto habitacional. Um casal, muito interessado, se ofereceu para abordar a pessoa encarregada. O dia sugerido foi sábado à noite.

A proposta foi aceita, com duas condições: que fizéssemos o pedido de uso uma semana antes da “atividade educacional” e que a chave do centro fosse recolhida na sexta-feira, porque a pessoa encarregada costumava passar o fim de semana com a família, em outra cidade. Essa foi uma boa notícia, pois ela não estaria por perto para verificar o tipo de atividades que faríamos no salão.

O tempo concedido para o uso da comunidade em formação, era suficiente para organizar a catequese para as crianças, missa e continuar com uma confraternização.

Tudo ia bem, mas por trabalhar no Centro Católico Internacional de Tóquio, era normal apresentar relatórios das atividades. Logicamente, além de falar sobre as duas comunidades na Igreja de Narita, falei, também, de Katsutadai, os colegas japoneses, ficaram alarmados porque, segundo eles, estávamos fazendo atividades religiosas em locais proibidos. Tentamos convencê-los que tanto a catequese como a missa tinham ligação com o assunto educação. Nossos argumentos não foram suficientes para persuadi-los. Sugeriam que não continuássemos, também, por medo de que o Centro Católico pudesse sofrer alguma consequência, por conta das celebrações.

Havia uma igreja protestante próxima do conjunto habitacional. A irmã religiosa e eu, pensamos em procurar o pastor, para sondar a possibilidade de usar a igreja ou uma sala para as nossas atividades. Tocamos a campainha. O pastor demorou bastante, para atender a porta. Por fim, o homem apareceu. Era um homem de cara muito fechada. Mal nos saudou, e já demonstrou estar incomodado com a visita de duas pessoas ocidentais. Com todas as gentilezas, a irmã explicou a razão de nossa visita. Assim que entendeu o assunto, nem deixou a pobre irmã continuar. Perdeu as estribeiras. Tratou-nos com desprezo e desdém e

mandou-nos procurar uma igreja católica para a nossa gente.

Cabisbaixos e machucados, dirigimo-nos ao centro habitacional de Murakami para conversar com alguns membros da comunidade, com o propósito de encontrar alguma solução.

Naquele mês a missa seria celebrada num dos apartamentos. Como a comunidade tinha crescido nos acomodamos como peixe em lata. Algumas pessoas ficaram no corredor e escadaria.

Uma pergunta surgiu em minha cabeça e decidi expressá-la ao sacerdote responsável do Centro Católico Internacional: “Quais seriam as consequências, se fôssemos flagrados fazendo atividades religiosas, no centro comunitário?” Tendo consultado um advogado respondeu-nos, depois de alguns dias, dizendo que não seríamos encarcerados e nem perderíamos a residência no país. O máximo que poderia acontecer, seria uma carta de repreensão e de nossa parte, uma promessa de não cometer a mesma infração.

Dispuestos a recebermos a carta de repreensão, decidimos que continuaríamos a alugar o salão. Se por uma desventura, acontecesse, haveríamos de recebê-la, humildemente, e faríamos a promessa de desistir de organizar atividades religiosas naquele local.

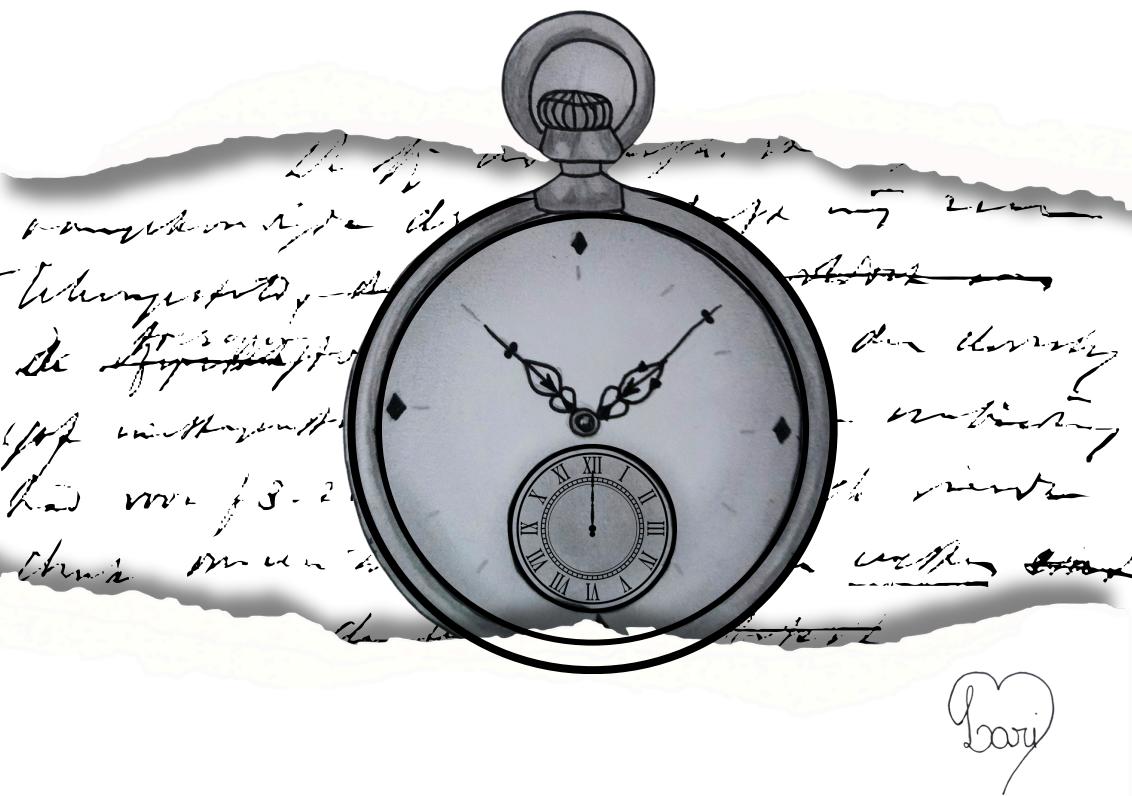
Felizmente, da parte de ninguém do governo e, nem dos residentes japoneses do conjunto habitacional, houve qualquer manifestação contrária. A carta jamais chegou a nós. Assim, a missa, a catequese e as confraternizações continuaram, mesmo depois que voltei ao Brasil. Valeu a pena correr o risco.

“Existe o risco que você não pode jamais correr, e existe o risco que você não pode deixar de correr.” (Peter Drucker).

Parte X

**SE O PASSADO NÃO FOSSE IMPORTANTE, NÃO HAVERIA
NECESSIDADE DE SE
ESCREVER HISTÓRIAS**

(Sírpaul Tavares)



Celebrando cem anos da partida dos antepassados

Em

1906, o Japão e o Brasil assinaram um documento estabelecendo um tratado de amizade entre as duas nações. Como consequência, em novembro do ano seguinte, o então secretário da Agricultura do Estado de São Paulo, Carlos Botelho e Ryu Misuno, representando a Companhia Japonesa de Imigração Kokoku, firmaram contrato, autorizando a chegada de 15 mil imigrantes nipônicos.

Em 28 de abril de 1908, o navio Kasato Maru zarpou de Kobe, tendo a bordo 781 imigrantes destinados à lavoura do café, no interior paulista.

Após 50 dias de viagem, o vapor atracou em Santos, em 18 de junho, marcando o início do fluxo de imigração japonesa, no Brasil, fluxo que durou 70 anos. Assim chegavam ao Brasil indivíduos de um povo portador de milenar cultura.

À primeira viagem do Kasato Maru, seguiram-se outras nove, entre 1908 e 1914, feitas por vapores diferentes, desembarcando em Santos, um total de 133.200 imigrantes.

O fluxo cessou quase que, totalmente, em 1973, com a vinda do último navio de imigração, o Nippon Maru, atingindo a cifra de quase 200 mil japoneses estabelecidos no país. Calcula-se que, atualmente, existem no Brasil 1 milhão e 500 mil descendentes de imigrantes japoneses.

Historicamente, a raça humana se caracterizou pelo fenômeno migratório. O movimento pode ser um êxodo ou um vai e vem. O desejo do ser humano é fincar raízes, mas sempre está presente a intenção de voltar à terra de origem. Contudo, o instinto da sobrevivência, provoca desenraizamento. “Migram os pássaros e os animais. E mais do que todos, coletiva ou individualmente, migra o próprio homem, sempre como Instrumento da Providência, que preside os destinos Humanos, inclusive através de catástrofes, rumo à meta final que é o aperfeiçoamento do homem sobre a terra” .(João Batista Scalabrini).

Nos anos 90, do século passado, enquanto uma das inúmeras crises econômicas açoitava o Brasil, do outro lado do planeta, o Japão expandia sua atividade industrial e precisava de mão de obra. O governo japonês decidiu emitir vistos de trabalho para descendentes de migrantes japoneses no Brasil, desencadeando um fluxo migratório sem precedentes para o arquipélago nipônico. No auge do fenômeno migratório, a população de brasileiros no Japão (2007-2008) atingiu 316.000 indivíduos, número superior ao de seus antepassados no Brasil.

O ano de 2008 marcou o centenário da chegada do Navio Kasato Maru no porto de Santos, trazendo a bordo, 781 migrantes japoneses. Os Cem Anos da Migração Japonesa foram comemorados, intensamente, no Brasil.

Contudo, seus descendentes “nikkeis,” retornados à terra de seus antepassados não deixaram por menos. Um punhado de missionários brasileiros e de outras nacionalidades, com um grupo considerável de leigas e leigos engajados, encabeçaram uma caminhada já em 2006, projetando um ano de reflexões sobre aqueles que, um dia, foram embora de navio dos portos do Japão e sobre aqueles que retornaram em avião.

Foi muito gratificante, fazer parte da equipe de reflexão e organização. O grupo sugeriu que eu elaborasse uma cartilha contendo elementos históricos dos antepassados e de seus descendentes, iluminando-os com passagens bíblicas, orientando para a partilha e a oração.

Além dos encontros de reflexão sobre o fenômeno das migrações, em todas as missas, as comunidades fizeram orações e foram organizados eventos festivos e culturais, por região, com o objetivo de aproximar brasileiros e japoneses.

As comemorações iniciaram com uma peregrinação de brasileiros à cidade de Nagasaki, na ilha de Kyushu, que ficou famosa por ter sido arrasada pela força indômita da bomba atômica, mas também por ter sido o berço do cristianismo no Japão.

O tema escolhido para as comemorações: “Migrantes, portadores de paz,” indicava que a peregrinação começaria na

“Praça da Paz”, a poucos metros do epicentro da detonação da bomba nuclear “Fat Man” (Homem Gordo).

Depois de uma significativa meditação e orações pela paz, em caminhada, os peregrinos dirigiram-se até a Catedral de Murakami, reconstruída seguindo, fielmente, a arquitetura da antiga.

A multidão se concentrou em frente da bela igreja. Tendo à frente, a imagem de Nossa Senhora Aparecida, entrou na catedral, em procissão, para a concelebração de missa com três bispos e muitos sacerdotes.

Depois de visitar alguns locais e museus relacionados com a destruição da cidade, pelas forças americanas, os peregrinos foram ao “Santuário dos 26 mártires”, crucificados logo no início da perseguição aos cristãos, em 1637, e que se estendeu até 1850.

A peregrinação terminou na igreja do convento e escola, meu lugar de trabalho, onde o Santo Maximiliano Maria Kobe morou e trabalhou.

“Na caminhada da vida o importante não é o que trazemos nos pés, mas sim o que acalentamos em nossos corações.” (Calebe Ribeiro)

Kobe, cidade do adeus

- “**N**ossos avós migraram para o Brasil, de navio e nós viemos à terra deles, de avião.” Esta frase pronunciada por migrantes brasileiros, foi ouvida inúmeras vezes, em terras nipônicas. Ela é significativa, por indicar que os dois movimentos migratórios sucederam em épocas de avanços tecnológicos diferentes. Os antepassados tinham o navio como único meio de transporte entre o distante continente asiático e o Brasil.

Os japoneses no Brasil, exerciam atividades ligadas à agricultura, enquanto seus descendentes trabalhariam como peões nas pequenas e médias indústrias, no Japão. Cada fluxo enfrentou desafios, próprios do tempo em que sucedeu.

Os migrantes que inverteram o fluxo migratório nos anos

noventa, rumo ao oriente, queriam celebrar a garra, a luta e o espírito de trabalho dos homens, mulheres e crianças de sobre os conveses dos navios, acenando com as mãos e lenços, dando adeus à terra natal, enquanto familiares e amigos faziam o mesmo; gente no cais, desejando sucesso. Para quase a totalidade do contingente de 781 pessoas que estavam a bordo do vapor Kasato Maru, aquele adeus significaria o desligamento definitivo de seu belo país e sua gente, pois, mesmo desejando, o regresso jamais aconteceu.

No mês de abril de 2008, uma multidão de migrantes brasileiros, um número considerável de peruanos, com a comunidade local, se reuniu para uma grande celebração no porto antigo de Kobe, hoje, transformado em porto turístico. Numa grande área atrás do monumento, com figuras de uma família, com o pai apontando a mão para o longínquo Brasil, foi montado um palco para programação comemorativa.

Peregrinos, de todo o Japão, vestindo roupa com as cores, verde e amarelo e agitando bandeiras, com seus missionários, abriram a programação com a celebração da missa festiva. Instrumentos agrícolas e produtos da terra dos antepassados no Brasil e peças fabricadas nas indústrias, no Japão pelos brasileiros; foram colocados na frente do altar, como símbolos de oferta do trabalho.

Concelebraram a missa, três bispos e todos os missionários trabalhando em comunidades com brasileiros, ficando para mim, a responsabilidade de animar a missa, destacando a contribuição dada ao Brasil pela comunidade nipônica e a mensagem de paz e alegria com que seus descendentes desejavam brindar ao país receptor.

Músicas e danças da cultura do Brasil se alternaram ou foram executadas, com diversos grupos japoneses. Algumas delas, com instrumentos de percussão de samba e tambores japoneses, numa integração cultural significativa. Chamou a atenção as acrobacias de jovens brasileiros e japoneses, na dança, em conjunto, da capoeira.

Ponto relevante foi também a participação das religiões, além

da católica, budista, xintoísta e protestante unidas num culto inter-religioso e ecumênico, para transmitir a todos, uma mensagem de esperança, paz e fraternidade.

“Não haverá paz entre as nações, sem uma paz entre as religiões”.
(Hans Kung)

Centenário, ecumenismo e bossa nova

Tóquio, também, entrou no ritmo das comemorações do centenário da migração japonesa para as terras do Brasil. Sob os auspícios da Embaixada do Brasil, situada na localidade de Kita-Ayoma, diversas atividades de caráter religioso e cultural, foram organizadas.

Sob a coordenação do pastor da Igreja Unida de Cristo, no Japão, cujo templo está ao lado da Embaixada do Brasil, iniciamos a preparação de um culto ecumênico. Foi muito interessante, participar do processo, conforme o mais genuíno método japonês de planejamento e organização. Foram dois meses de reuniões semanais. Cada assunto seria tratado, separadamente, até formar o todo. Todos os detalhes, mesmo aqueles que, em outras culturas, seriam considerados sem importância, deveriam constar no papel. Pessoas que concretizariam o planejado, muito tempo antes, tiveram seus nomes escritos com a responsabilidade que lhe fora destinada. A pregação seria feita por mim em língua portuguesa com tradução, em japonês lida simultaneamente por uma missionária de Minas Gerais que, desde muitos anos morava no Japão.

Não havia lugar para a improvisação. Um mês, antes do dia do culto, tudo estava pronto. A canção “Eu venho do Sul e do Norte” do padre Zezinho foi traduzida por um dos pastores e integrada na celebração.

Minha pregação estava escrita, traduzida para a língua japonesa e impressa com hinos, orações e leituras. Sob nenhum

pretexto, haveria alterações de conteúdo, ritos e pessoas com funções, para a ocasião.

A localidade de Kita-Ayoma, porém, durante a semana que antecedeu o culto, impregnou-se com o som da “Bossa Nova”, música brasileira que encanta os japoneses ainda hoje. Casas de espetáculos, estações de metrô, teatros, escolas viveram a “Semana da Bossa Nova”. Estudantes de música, executando instrumentos usados em nosso país, apresentaram os clássicos dos anos 60 e 70, com a mesma perfeição de qualquer grupo musical virtuoso, do Brasil.

A Semana da “Bossa Nova” “de Kita- Ayoma culminou com a celebração do culto ecumênico, com boa participação de brasileiros e japoneses. Devido à organização detalhista, tudo sucedeu com tranquilidade e perfeição, cada representante das denominações cristãs com seus trajes próprios, fazendo sua parte. Como pregador principal, ressaltei a convergência de todos os povos para a construção de um mundo com paz e fraternidade, a necessidade do encontro das diferenças culturais e religiosas para o enriquecimento das pessoas, das comunidades e da sociedade.

Em qualquer parte do mundo, a música é um meio de aproximação entre pessoas. Por isso, terminado o culto, todos puderam deleitar seus ouvidos com música instrumental do Brasil, executada por brasileiros e japoneses.

O jornal informativo da Igreja Unida de Cristo, no Japão, publicou uma bela reportagem sobre o evento, transcrevendo, literalmente, minha palestra em japonês. Obviamente, fiquei muito feliz de celebrar o Centenário da Migração Japonesa para o Brasil, num templo protestante com irmãos pastores que seguem a Cristo, em suas comunidades.

“A música oferece à alma uma verdadeira cultura íntima e deve fazer parte da educação do povo.” (François Guizot)

Perambulando entre deuses e espíritos

U

m mundo maravilhoso para ser explorado e conhecido é aquele das religiões. O espírito religioso, de uma forma ou outra, está presente em todas as pessoas. A necessidade de encontrar explicações para fatos naturais, de entender o que existe detrás da cortina que os separa, o aquém do além, de como dar encaminhamentos à vida, no encontro com os múltiplos desafios, foi alcançar explicações na religião.

No Ocidente e Oriente Médio, atribuímos a tarefa de governar o universo a um único Deus. Tudo tem origem e regido por um único Deus. As religiões do continente asiático se destacam pela pluralidade de divindades e entes espirituais em harmonia. Visto a partir das religiões monoteístas, o mundo religioso da Ásia parece muito complicado, difícil e pouco convincente. Será porque vemos tudo a partir exclusivamente de nosso ponto de vista sem entrar no seio de outras experiências religiosas?

Contudo, folheando os livros de história, tomamos conhecimento de pessoas, mulheres e homens ligados às religiões, que surgiram das crenças asiáticas e marcaram o mundo. Mahatma Gandhi é um dos belos exemplos.

Depois de estudar as religiões budista e xintoísta e visitar alguns templos, desejava muito conhecê-las, pessoalmente, por dentro, no seu âmago.

Fazia já uns três anos que procurava uma oportunidade. Inesperadamente, ela veio quando menos a esperava. Estando no escritório do Centro Católico Internacional de Tóquio, recebi um telefonema de um monge budista de Kyoto, falando português quase perfeito. Disse que tinha ouvido e lido sobre meu trabalho na prisão de Kurobane, e centros de detenção do Departamento de Migração do Japão. Falou que ele também estava trabalhando com migrantes brasileiros. Tanto ele como eu, declaramo-nos torcedores do Grêmio Futebol Clube de Porto Alegre. Esse detalhe alimentou ainda mais a conversa. Ambos manifestamos o desejo de nos

encontrar, mas não marcamos datas.

Morando no Japão, é inadmissível não visitar Kyoto, uma das suas antigas capitais. Tendo sido poupada dos bombardeios, durante a Segunda Guerra Mundial, é uma cidade rica em monumentos e templos zelosamente preservados. Estava diante da fantástica oportunidade de conhecer parte da história, da cultura e religiões do Japão.

O monge pertence à rama budista “Terra Pura”, uma das mais populares do arquipélago. Além de trabalhar no Centro Administrativo da sua rama budista, cuidar do templo de seu falecido pai, também monge, e de outro, que pertenceu ao sogro, mas não deixou filhos homens para administrá-lo, reúne um belo grupo de trabalhadores brasileiros a quem apoia.

Passado algum tempo, sondei um amigo missionário brasileiro, com a intenção de convidá-lo para que fôssemos juntos a Kyoto. Sendo um homem muito achegado ao estudo da arte e culturas, manifestou entusiasmo e alegria. Telefonei para o monge e combinamos a data.

No dia combinado, pegamos o “shinkansen” (trem bala) e viajamos para Kyoto, a cidade histórica e centro das religiões, no Japão. Nosso amigo monge arranjou hospedagem no Centro de Formação de “Missionários”, no templo Nishi Honganji da rama Jodo Shinshu, o budismo da Terra Pura, fundada no século XIII por Shinran Shonin.

Quais são os principais ensinamentos do budismo?

São as quatro nobres verdades: 1. Todos os seres estão sujeitos ao sofrimento (velhice, doença, morte, insatisfação etc.); 2. O sofrimento surge de causas (cobiça, raiva, ignorância etc.); 3. Ao eliminarmos as causas, o sofrimento é eliminado; 4. Praticando o nobre caminho óctuplo: 1) entendimento correto, 2) pensamento correto, 3) linguagem correta, 4) ação correta, 5) modo de vida

correto, 6) esforço correto, 7) atenção plena correta, 8) concentração correta. Seguindo as oito práticas, o sofrimento e suas causas são eliminados.

O caminho dividido em 8 partes é também conhecido como “o caminho do meio”, o caminho do despertar que conduz ao estado de nirvana; a extinção total do sofrimento.

“Primeiro, é preciso conhecer a existência do sofrimento. Depois, deve-se destruir sua causa. Para isso, deve-se compreender que a cessação do sofrimento é possível. Para consegui-la, deve-se então praticar o caminho. Eu conheci a existência do sofrimento, destruí sua origem, compreendi sua cessação e pratiquei o caminho. Assim, obtive a iluminação insuperável, completa e perfeita.

O sofrimento, a causa, a cessação e o caminho são as quatro verdades nobres. Sem conhecê-las, ninguém pode conseguir a iluminação. Quem as comprehende, perfeitamente, pode se libertar de todos os sofrimentos”. (Karma Tenpa Darghye).

Kyoto é uma cidade na qual se respira religião em todos os lugares. São mais de dois mil templos, um mais bonito que o outro. São verdadeiras obras de arte, nas quais está escrita a história transmitida aos nossos tempos. Além de embelezar o lugar, prezam paz de espírito que evocam aos visitantes.

A arquitetura religiosa da cidade, está integrada em grandes jardins e bosques, rodeados por muito verde, numa harmonia impressionante. Árvores, pedras, fontes, lagos, peixes, sempre presentes ao redor dos templos estão carregados de misticismo. Cada elemento tem simbolismo relacionado com a vida do ser humano.

Depois de longas conversas sobre budismo em geral, mas com atenção especial sobre a escola Terra Pura, com o monge, por dois dias, visitamos o número maior possível de templos.

Entre eles merecem destaque:

- O Kiyomizu-dera. Foi construído em 798 e modificado, para a forma atual, em 1663. É feito de madeira, rodeado por pagodes. Fica em meio a uma floresta, de onde se avista toda a cidade.

-O Kinkaku-ji. É um dos templos zen-budistas mais

conhecidos no Japão. O Kinkaku, ou “Pavilhão Dourado”, também é cercado por árvores. Tem três andares, sendo os dois últimos, folheados a ouro. Sua construção data de 1397. Tem arquitetura exuberante e linda, e, no topo, uma estátua de Fênix. Seu reflexo no lago adiciona ainda mais beleza.

-O Sanjusangendo: construído em 1164 e restaurado em 1266, por conta de um incêndio. O edifício é composto por 33 baias em seu comprimento e acabou ganhando fama por suas formas. No seu corredor de 120 metros de comprimento estão 1001 estátuas de Kannon, a Deusa das Misericórdias.

No centro do templo, ergue-se uma estátua que faz parte do tesouro nacional do Japão, de 6 metros de altura, da Deusa da misericórdia budista, Kannon. Ela tem 11 faces e 1000 braços. É ladeada por 1000 estátuas de Kannon, 500 do lado direito e 500 do lado esquerdo, dispostas em 10 linhas e 50 colunas, com altura de uma pessoa e folheadas a ouro. Estas estátuas têm 40 braços cada uma e dizem ter o poder de salvar 25 mundos.

-O Santuário Fushimi Inari ergue-se no alto da montanha Inari. O espaço abriga diversos santuários e templos xintoístas. Cerca-o uma floresta de bambus de verde forte. A diferença é que, na entrada existe um arco vermelho, Torii, característico dos templos xintoístas não se sabe a data exata de construção, mas parece que o santuário já estava na região, em meados do século 8.

Nara e seus cervos sagrados

Antes de Kyoto, Nara foi a capital do Japão (710 - 784), sob o nome de Heijō-kyo. Durante esse tempo, foi construída a maioria dos grandes templos que lhe deram visibilidade e fama. Pelas suas características culturais e históricas, é merecedora de uma visita.

Viajando durante menos de 45 minutos de trem, percorremos os 38 quilômetros de distância entre as duas antigas capitais do país.

Logo ao chegar, percebemos que o povo de Nara ama sua cidade e faz questão de mostrá-la aos visitantes. Perto da estação, há pessoas que ficam atentas à chegada de turistas e se dispõem a guiá-

los nas visitas aos monumentos e templos, graciosamente. Enquanto procurávamos um quiosque de informações turísticas, fomos abordados por uma dessas senhoras que, muito educadamente, pedindo perdão pelo inglês precário, que não era bem assim, ofereceu-se para acompanhar-nos e explicar os sítios históricos. Não precisávamos nada melhor.

Nara é o berço da cultura do Japão; aqui foi lugar onde floresceu a arte, literatura, escrita e o budismo, no país, com grande influência da Coréia e China. Tanto que os kanjis, caracteres chineses, foram adaptados à língua japonesa e são usados, até hoje. Em Nara, também, foram cunhadas, as primeiras moedas japonesas. Antes, os tecidos e o arroz eram as moedas correntes.

Certamente, o templo mais importante de Nara é o famoso templo Todai-ji (Grande Templo Oriental). É o maior edifício de madeira do mundo, com 46,4 metros de altura. A enorme construção, com outros seis templos, é tombada como patrimônio da humanidade, pela UNESCO. No seu interior, a principal atração é a maior estátua do mundo, de Buda, feita em bronze, com 14,98 metros de altura. O templo é a sede da escola budista Kegon.

Outro templo, importante em Nara, também tombado, pela UNESCO, é o Kasuga-Taisha.

O Kasuga-Taisha é um santuário xintoísta. Diferentemente do budismo, o xintoísmo não é uma doutrina. É um conjunto de ritos e mitos que explicam a origem do mundo, do Japão e da família imperial japonesa. O xintoísmo incorpora práticas espirituais derivadas de diversas tradições pré-históricas japonesas, locais e regionais.

O xintoísmo tem o "Kami" que significa espírito, divindade, como um poder de harmonização. Ele está associado com a natureza, principalmente com montanhas, lagos, penhascos, árvores, seres viventes e pedras. Os xintoístas dos dias modernos acreditam que kami é a fonte da vida e do ser. Existe um único kami que responde à oração de um indivíduo, sempre que a oração seja considerada honesta. Também se acredita que kami é o que torna a vida possível.

A concepção é que o “Kami” está presente nos elementos da natureza e seres vivos. O respeito dos japoneses pela natureza tem origem nessa concepção. Por isso, nas cozinhas, pode-se observar um cozinheiro fazer uma inclinação com as mãos juntas a um peixe que ele vai cortar em pedaços, como sinal de respeito pela presença do “kami.”

O Xintoísmo foi a religião oficial do Japão, de 1868 a 1946. Com a derrota japonesa na Segunda Guerra Mundial, o imperador Hiroíto renunciou ao caráter divino atribuído à realeza, pelo xintoísmo e a nova Constituição do país, passou a defender a liberdade religiosa para todos os japoneses.

Maravilha em Nara são os cervos, considerados sagrados que perambulam, livremente, pelo parque onde está o templo de Kasuga Taisha. Uma lenda diz que um deus mitológico chegou à Nara, montado sobre um cervo branco. Essa é a razão por que os cervos passaram, também, a ser considerados mensageiros dos deuses xintoístas. Daí o carácter sagrado dos animais.

A sacralidade dos cervos foi tomada tão a sério, que era aplicada a pena de morte a quem matasse um deles.

São dóceis e convivem bem com os seres humanos. Não esboçam nenhuma reação de temor ou agressividade. Aproximam-se das pessoas e ficam junto a elas. Entram nas lojas, restaurantes, como se fossem seres de casa. Lembro que no dia da visita a Nara, na hora do almoço, um deles ficou o tempo todo ao meu lado, com a cabeça a poucos centímetros do meu rosto, de modo que podia ouvir o roçar do ar entrando e saindo expelido de suas narinas.

São mais de 1.200 belos cervos, andando entre as pessoas, como se fossem crianças junto com seus pais. Desde 1957, são decretados como Tesouro Nacional Cultural.

“Os animais são amigos tão agradáveis: não fazem perguntas, não criticam” (George Eliot)

No coração do budismo

Considero-me felizardo pelas oportunidades de viajar e trabalhar em lugares desconhecidos. Em todos eles encontrei surpresas boas, ruínas, alegres e tristes. Graças a elas aprendi a preparar-me para o que der e vier, algumas vezes, até arriscando a cair num fracasso. Diante do inesperado, aprendi a gargalhar, rir, sorrir, chorar, apressar ou diminuir o compasso, para não ter medo de viver feliz.

Creio que em momentos da vida, pareci ser bobo, palhaço ou herói. Algumas vezes, tenho a certeza de que não fui muito ortodoxo, principalmente, com leis não escritas e hábitos padronizados de certas culturas. Gafes, contudo, fazem parte do aprendizado. Sendo bastante inclinado a esperar por surpresas, também não tive receio de surpreender fazendo atividades que não eram tão comuns para um sacerdote estrangeiro no Japão. Meu contato com o Budismo deu-se dentro dessa atitude.

Num belo dia, encontrava-me no escritório do Centro Católico Internacional de Tóquio, quando recebi uma ligação telefônica do amigo monge budista. Até aqui nada de mais, pois telefonar um para o outro, era coisa corriqueira. O que não foi tão corriqueiro, foi o convite que o monge fez, de ir a Kyoto, durante três dias, para participar das comemorações de aniversário de nascimento do fundador da escola budista Terra Pura, Shinran.Shonin. Informou os dias das celebrações que, felizmente, coincidiram com os dias de folga do Centro, coincidência que me dispensou de comunicar meu paradeiro e o que iria fazer. Caso o fizesse, deveria responder a muitas perguntas e ouvir palavras de desencorajamento, pois, alas conservadoras não veriam com bons olhos um padre participando de atividades budistas.

Sem pensar duas vezes, aceitei o convite, sugerindo que meu colega missionário brasileiro, fosse comigo. Aliás, a sugestão foi acolhida com entusiasmo pelo monge.

Chegado o dia, partimos. Em Kyoto, pensávamos que ficaríamos hospedados no Centro de Formação Budista, mas não foi assim. Levou-nos para sua cidade, que está nos arredores de Kyoto, onde se ergue o templo que ele administrava. Em todos os lugares, templo e residência dos monges fazem parte do mesmo complexo. Seguindo as tradições, os edifícios são de madeira e edificados de acordo com a arquitetura japonesa. A mãe e uma tia do monge, ambas em idade muito avançada, mas lúcidas, moravam com ele. Acolheram-nos, carinhosamente, e nos indicaram um quarto no andar superior da residência.

A tia e a mãe foram agricultoras plantando, cuidando e colhendo arroz. Obviamente, como boas japonesas, continuavam cultivando sua horta. Ambas traziam as consequências do trabalho de muitos anos nos canteiros alagados do plantio de arroz. As boas velhinhosas eram corcundas, com destaque para a tia do monge, a mais idosa. A curvatura da espinha dorsal era tão acentuada que não podia ver nada do que estivesse acima da cabeça. Mesmo assim, sobrava-lhe alegria e disposição para o trabalho.

A cidade é pequena, com as casas ladeando as ruas que se esgueiram entre as montanhas cobertas de vegetação verde da região. O templo está situado no sopé das montanhas. O córrego cristalino bem ao lado da casa do monge, precipitando suas águas desde os cumes, forma uma sinfonia de sons que ajudam o espírito repousar. Enfim, um lugar ideal para a oração e meditação.

Nossa habitação, no andar superior da casa, estava bem ao lado do arroio. Embalados pela cantarola da água, o que menos dava vontade, era sair da cama. Não tínhamos escolha. Fomos lá, para participar da festa do fundador. Por isso, depois de tomar o “assa Gohan” (o arroz da manhã), o café da manhã, fomos ao templo, onde participamos, ativamente, com os irmãos japoneses, na decoração dos altares. Tangerinas, doces de diversas cores, tigelas japonesas (tchawn) com o arroz preparado pelas simpáticas velhinhosas, frutas e as, sempre presente, garrafas de saquê (vinho de arroz) de diversas marcas foram dispostas com bom visual, para formar os belos arranjos.

Adornado o templo, o monge disse que Buda estava satisfeito. Convidou-nos para passear pelas montanhas da região. A natureza bem preservada, e diversos lagos deliciavam nossos olhos. Chegando ao cume das montanhas, de onde se pode avistar o Mar do Japão, com inúmeras pequenas ilhas verdes, baías, penedos, esperamos o poente sol. Se a paisagem já era maravilhosa, quando o sol ia-se pondo, ficava ainda melhor com a mudança das cores das nuvens, e os reflexos no mar. As cores iam do cinzento ao vermelho. Contemplamos a passagem do dia para a noite, em silêncio. Sem dar-nos conta, sentimo-nos como os monges e religiosos budistas e xintoístas, que têm predileção especial por lugares assim, para suas meditações e contemplações.

Tomando o caminho de volta ao templo, o amigo monge, sem muitos rodeios, disse: "Amanhã é o grande dia; cada um de vocês falará 15 minutos sobre Cristo. Isso vai ser depois da recitação do "Nembutsu" (Prece da rama budista Terra Pura)." Gelamos. -- "Nosso japonês não dá para tanto.", objetamos. "Vocês falam em português e eu faço a tradução." Sendo assim, aceitamos. Recolhemo-nos em nossa habitação, um tanto apreensivos, pois nenhum dos dois tinha experiência significativa, em atividades inter-religiosas.

Depois de dormir agradavelmente ao som do arroio, trajando veste clerical católica, dirigimo-nos à antessala do templo onde o monge estava preparado com suas vestes características. Entramos com ele para a recitação do "Nembutsu" que nos fez recordar o Canto Gregoriano católico.

Terminada a oração, para a surpresa da assembleia composta, basicamente, de pessoas idosas, sentadas sobre o "tatame" (tapete de palha de arroz), fomos chamados ao microfone. Ficaram de boca aberta, tapando-a com a mão, conforme sua cultura, quando algo inesperado ou chocante acontece.

Era a primeira vez, que sacerdotes dirigiam a palavra no templo budista e, como se não bastasse, falando sobre Cristo. Sob a admiração de todos e a manifestação visível da curiosidade da assembleia, falamos, três vezes durante o dia aos budistas com a tradução feita pelo nosso amigo monge.

No dia seguinte, pela manhã, aconteceu o encerramento das atividades celebrando o nascimento de Shinran Shonin. A cerimônia foi muito mais elaborada e pomposa. O monge envergou vestes bonitas e coloridas. Depois da recitação do “Nembutsu”, deu uma palestra e convidou-nos novamente, para que nos dirigíssemos à comunidade. Ao terminar a nossa parte, tomou a palavra e fez um paralelo entre os ensinamentos da rama Terra Pura e o cristianismo, ressaltando o domínio das paixões e instintos para se transformar em buda(iluminado) e o convite de Cristo, “Portanto, sejam perfeitos como é perfeito o Pai de vocês que está no céu.” (Mt 5.48).

Terminadas as orações e apresentações, ali mesmo no templo, sentados sobre o tapete, participamos da refeição da manhã. Cada pessoa trouxe seu “obento” (marmita japonesa)

A mãe e a tia do monge, prepararam as nossas. Assim, participamos da refeição alegre de encerramento das festas em honra de Shinran Shonin.

“As religiões são caminhos diferentes convergindo para o mesmo ponto. Que importância faz se seguimos por caminhos diferentes, desde que alcancemos o mesmo objetivo?” (Mahatma Gandhi)

Salas VIP antes de viajar

Adeterminação de maior parte das pessoas de migrar para outro país está relacionada com fatores econômicos, ganhar a vida, enquanto os refugiados, fogem para pôr a vida a salvo. Pouco mais de 2% da população, no Japão, se compõe de migrantes. As leis de migração, praticamente, inviabilizam qualquer solicitação de refúgio. Menos de 30 dos solicitantes de cada ano conseguem permanecer no Japão, como refugiados.

Geralmente, as pessoas que aplicam para refúgio, entram no país como turistas e permanecem sem renovar o visto. Uma vez descobertos pelas autoridades, são postos sob custódia nos “Centros de Detenção de Imigração”, nada mais e nada menos que uma prisão

bastante branda. Lá dentro, com estrangeiros que saíram das prisões, esperam pela detestada deportação. Afinal, ninguém quer voltar para casa chutado ou como egresso de uma prisão. Mais vergonhoso ainda é ter migrado para ganhar dinheiro e ter de voltar sem nada e com a passagem paga pela família.

Durante nove anos visitei, semanalmente, com uma equipe da Pastoral Carcerária ou sozinho, o Centro de Detenção de Ushiku, na Província de Ibaraki e aquele de Shinagawa, em Tóquio. Além de ser uma visita para manifestar solidariedade e transmitir esperança, procurávamos também, saber se precisavam de alguma coisa. Muitos eram homens e mulheres sozinhos no Japão, mas havia também os que tinham familiares e parentes morando no país, especialmente, as pessoas que haviam cumprido penas por crimes e aguardavam os últimos procedimentos de deportação.

Tanto para os egressos das prisões, como para os migrantes ilegais, no país, o problema sério não era, somente, o dinheiro para adquirir produtos da higiene pessoal e roupas, mas para comprar a passagem de regresso, uma vez que o governo do Japão não arca com os custos da viagem. As embaixadas dos países, por sua vez, não assumem tais gastos, exceto em casos excepcionais. Não poucos, por algum motivo, tinham perdido contato com os familiares. Por isso, permaneciam fechados, durante meses e até mais de dois anos, sem ter nada o que fazer, a não ser meia hora de exercícios físicos quase todos os dias, e ver televisão japonesa, sem entender nada, ou muito pouco. A comida, bastante precária, era-lhes servida em bandejas de plástico, nas próprias celas, cada uma, partilhada por até seis pessoas.

Alguns que haviam terminado de cumprir penas nas prisões e a maioria dos pretendentes ao visto de refugiados, esgotavam até os últimos recursos dos familiares, na tentativa de ficar no país, contratando advogados particulares ou solicitando um defensor público do Estado. Conheci casos de pessoas que ficaram presas até três anos, para reverter a deportação, mas sem sucesso. Durante todo esse tempo, providenciávamos, para os detentos, itens de primeira necessidade e cartões telefônicos para que mantivessem

contato com pessoas, a fim de receber ajuda para tirá-los lá de dentro.

As doações não podiam ser entregues, pessoalmente, mas por meio dos funcionários da recepção dos centros de detenção. Tudo era examinado visual e fisicamente, além de passar pelo detector de metais. As medidas foram implementadas porque alguns familiares de detentos brasileiros, colocaram telefones celulares e facas de cozinha, dentro das caixas de sabão em pó.

O tempo para conversar com as pessoas era de dez minutos em cabines com uma divisória de vidro entre visitantes e visitados. Podiam ser formados grupos de três ou quatro reclusos. Como as pessoas, da mesma nacionalidade, eram colocadas em celas de setores diferentes, para evitar a organização de tumultos, no primeiro encontro, procurava saber a nacionalidade, para, na próxima vez, reunir um grupinho do mesmo país.

Tudo indica que as autoridades japonesas, finalmente, devem ter entendido que o custo para manter alguém preso, durante três meses ou mais, é mais alto do que pagar a viagem ao país de origem. Havendo excedente de dinheiro do orçamento, para operar a instituição, pensaram em sortear passagens para quem quisesse ir embora. Era suficiente manifestar o desejo e o nome seria escrito num papel e depositado numa caixa para ser sorteado.

Algumas pessoas, na tentativa de forçar as autoridades a pô-las em liberdade, fingiam ser doentes mentais, outras, insultavam os funcionários da detenção com uma enxurrada de palavrões, na própria língua. Teve até quem jogasse chinelos, roupas, sabonetes e outros itens, nos supervisores. Tais ações provocavam a reclusão dos atores numa cela solitária. Enquanto estivessem lá, não receberiam visitas.

Exceto para um ínfimo número de pessoas que seriam aceitas como refugiadas, a deportação era certa. Manietados, os deportados eram conduzidos ao aeroporto de ônibus, na noite anterior, onde aguardariam a partida, numa detenção. Com algemas cobertas por um pano para não serem vistas por pessoas circunstantes, dois oficiais acompanhariam o infeliz deportado, até à porta do avião.

Finalmente, as algemas eram removidas e, livres, embarcavam, como qualquer passageiro, para uma viagem sem retorno ao Japão.

A visita às pessoas nesses lugares, pode ser vista de duas formas, pelos detentos: com gratidão porque recebem carinho e atenção de alguém que não tem nenhum relacionamento de amizade ou companheirismo com eles; a outra é de decepção, principalmente, naqueles internos que esperam receber o visto de refugiados a qualquer custo, e percebem que o visitante nada pode fazer por eles. Mais decepcionante ainda, é para aqueles que se aventuraram de ter filhos com japonesas, pensando que seria um fator para permanecer no país. Esqueceram um detalhe, a parte japonesa é quem tem o direito à criança. O pai estrangeiro não é levado em conta. O filho não lhe dá direito legal para conseguir a residência no Japão.

Tanto os egressos de prisões, como os indocumentados resistem à deportação porque a maioria dos familiares nos países de origem, espera que eles voltem com bastante dinheiro. Além disso, o sentimento de frustração e vergonha, envolve a pessoa. Nas curtas visitas, constantemente, tentei induzir as pessoas que passavam por essa experiência, que ainda mantinham sua dignidade e podiam sonhar de novo, começando uma nova etapa de vida.

“No tempo que temos, é, certamente, nosso dever fazer todo o bem que pudermos, para todas as pessoas que pudermos, e de todos os modos que pudermos” (William Barclay).

Atravessando a soleira do paraíso?

O pensador, escritor e poeta Victor Hugo, a quem foi imposto o exílio na ilha Jersey, entre 1851 e 1855, escreveu: “Todo o inferno está contido nesta única palavra: solidão.”

A temível solidão vivida por presidiários brasileiros, no calabouço de Kurobabe, na municipalidade de Otawara, Província de Tochigi, motivou um funcionário do Consulado do Brasil a

procurar-me. Caso, eu estivesse de acordo em ajudar os prisioneiros daquela prisão, o Consulado faria um pedido oficial às autoridades carcerárias do Japão, solicitando permissão para visitar os migrantes cumprindo pena. Contudo, teve a preocupação de advertir-me que os diretores das cadeias no Japão são severíssimos. Aceitei a proposta, informando que iria colocar meus superiores eclesiásticos a par, pois a prisão está na diocese vizinha, sob a jurisdição de outro bispo.

Fiquei entusiasmado com a perspectiva desse novo e tão necessário apostolado. Procurei o presidente do Centro Católico Internacional de Tóquio para comunicar o projeto. A reação foi fria e desencorajadora, embora não se manifestasse contra. O passo seguinte foi contatar o bispo da Diocese de Saitama em cujo território está a prisão. Apesar das dúvidas quanto ao sucesso da tentativa, demonstrou otimismo, pelo fato de o Consulado do Brasil estar na retaguarda.

Embora, a opinião, de quase todas as pessoas consultadas, fosse pessimista, tanto aquelas do Consulado como eu, estávamos convencidos de que nada se consegue sem dar o primeiro passo. “Pior que não terminar uma viagem é nunca partir (Almir Klink).

Reunimos os documentos requeridos e os entregamos, pessoalmente, ao diretor do presídio. Era um senhor de meia idade com bom senso de humor, o que nos deixou esperançosos. A partir daquele dia, deveríamos preparar o espírito para receber um “sim” ou um “não”.

Depois de três meses da entrega da petição, continuava esperando uma resposta, mas inutilmente. Conversando com o experiente funcionário do Consulado, chegamos a pensar que os papéis teriam sido engavetados. Como não é normal dentro da cultura japonesa, deixar alguém sem uma resposta, ficava a tênue esperança de que ela viria, provavelmente, negativa. Depois de seis meses, recebi uma mensagem vinda do Consulado, via internet, dizendo que o diretor queria uma reunião comigo. Pedia que eu sugerisse o dia mais propício.

No dia combinado, de manhã bem cedo, peguei o trem bala até

Natsushiobarra e de lá, de táxi, fui até à prisão que fica na municipalidade de Otawara, no meio de arrozais.

Desde a chegada, fui bem recebido pelas pessoas encarregadas da recepção. Passando pelo forte sistema de segurança, acompanharam-me ao gabinete do diretor, que me acolheu com jovialidade, "...carregada de humor sutil" como é de praxe, na cultura nipônica, um chá verde foi trazido imediatamente. A partir daquele momento, um sentimento de confiança, tomou conta de meu ser. No meu íntimo, senti que a resposta à petição seria positiva. De fato, foi o que aconteceu. Na última sexta-feira do mês estaria com os presos das 10h às 11h30.

Com toda a calma, informou que eu teria um encontro mensal, de uma hora e meia com o grupo de brasileiros e de outras nacionalidades que desejassem participar. O detalhe que me deixou impressionado, foi a permissão de falar em português com os presos. Considerando que nas visitas aos encarcerados, mesmo para os familiares que não

sabem falar japonês, não lhes é permitido uso de outro idioma. A abertura concedida a mim, foi, realmente, surpreendente.

Em clima de alegria e descontração, fui convidado para almoçar com o diretor, no refeitório dos funcionários da prisão. Durante a conversa, manifestou, humoristicamente, que muitos cidadãos japoneses preferiam permanecer na prisão a estar na rua porque os familiares não queriam recebê-los de volta, por ser uma desonra ter um criminoso na família. Um deles, já havia passado 25 vezes pela cadeia. Ao sair, já nos primeiros dias de liberdade, subtraiu um onigiri (sanduiche japonês) de uma loja de conveniência para retornar à prisão onde teria cama e comida.

Depois de almoçar, gentilmente, chamou um motorista para que me levasse até a estação do trem bala para retornar a Tóquio.

Os últimos acontecimentos e o encontro com o diretor podem dar a impressão que estaria chegando a uma espécie de Éden na terra, mas a porta que dá acesso é bonita para ocultar os horrores que existem atrás dela.

"As aparências jamais enganam... Para aqueles que não querem ser enganados" (Felipe Bilharva da Silva)

Não há fogo nesse inferno

Eé fácil enganar-se, ficar na frente de uma porta fechada, imaginando o que há atrás dela, especialmente, vivendo numa sociedade na qual se esconde aquilo que é considerado feio. É assim, na cultura japonesa. O visual e a aparência merecem todo o cuidado. Fachada dos edifícios, lojas e os pratos de comida, enfim, tudo deve ter apresentação aprimorada. O que é desagradável e feio deve ser mantido oculto. Os erros que alguém comete, não comprometem a pessoa enquanto os outros não sabem, mas uma vez conhecidos, o autor pode até decidir suicidar-se. O erro é uma desonra e vergonha para a pessoa, à família e à sociedade. O suicídio é uma forma de livrar a todos da desonra. Aqui está juma das causas dos numerosos suicídios no país.

A existência de cadeias, em qualquer país, é um indicativo de que nele existem cidadãos de má qualidade. Para os japoneses, isso é um fator negativo que deve ser mantido oculto. Por isso, o regimento interno das prisões e como os presos vivem lá dentro são mantidos longe da mídia e do público.

Desde a primeira visita aos brasileiros e alguns migrantes de outros países latinos, percebi que havia um campo novo e misterioso para ser descoberto. Tentei ser respeitoso com os elementos culturais do país. Ao chegar, a primeira coisa a fazer, em cada visita era ir ao gabinete do diretor, cumprimentá-lo e aceitar um chá verde. Feito isso, dois oficiais me acompanhavam por longos corredores e vias internas até a sala de aula, no terceiro piso de um dos edifícios.

Durante o trajeto, passávamos ao lado de um campo de futebol e outras áreas para exercícios físicos. Certo dia um grupo de latinos

estava jogando futebol, usando o uniforme de presos. Fiquei impressionado pelo silêncio sepulcral. Ninguém falava enquanto jogava. O número de carcereiros que fazia a supervisão era, praticamente, o mesmo dos jogadores. Mais tarde, fui informado de que a pessoa que emitisse qualquer pio seria chamada à atenção, com a máxima severidade e até punida.

Apesar de a população de encarcerados ser superior a 2.200 pessoas, tinha a impressão de estar numa aldeia fantasma. Barulho de qualquer tipo era praticamente nulo. Algumas vezes cheguei a ouvir gritos como de um vaqueiro tocando a boiada. Na verdade, era algum carcereiro dando ordens. Nas prisões japonesas, a vida transcorre quase que em silêncio absoluto.

A cada visita, era inevitável não encontrar algum grupo de presidiários, ou uma pessoa sozinha, sendo levados para diferentes setores caminhando em fila única, mantendo uma distância de dois metros entre um e outro. Com a cabeça baixa, o queixo tocando a base superior do tórax e mãos para trás, os presos só podiam mirar o chão à frente. Caso alguém viesse em sentido contrário, o líder dos carcereiros acompanhando o cortejo emitia um grito, e todos, imediatamente, viravam-se para a parede até que outro berro avisasse que a pessoa já se afastara. Só então, o caminho era retomado.

Chegando a uma das alas de três pisos da prisão, percorria um longo corredor ladeado por celas, sempre em companhia dos dois oficiais. Queria muito saber como eram as celas, mas tinha que dominar a curiosidade. Ciente de que os japoneses não gostam de ouvir perguntas sobre essas situações, era necessário encontrar outro jeito. Cada vez que passava por elas, dava bastante liberdade aos olhos para que pudessem detectar através das grades, o que havia lá dentro. Focava o olhar em direção diferente cada vez que visitava a instituição, até formar uma ideia de como era o interior das celas.

Cada cela, abriga somente uma pessoa. Tem uma janela com grade ao fundo e uma porta de ferro, sendo a metade inferior opaca e a superior gradeada. O tamanho é de aproximadamente, 15 metros

quadrados. O piso é de tatame, tapete típico japonês de palha de arroz, sobre o qual se estende um colchonete para dormir. Não existe cadeira porque faz parte da cultura japonesa sentar-se no chão. Num canto, pode-se ver a mala com capacidade para 10 quilos aproximadamente. Cada cela é equipada com um televisor programado para assistir somente os programas educativos que a administração põe na rede interna. A tomada de força e o interruptor estão do lado de fora da cela. Somente os carcereiros têm acesso aos controles.

As prisões do Japão, fisicamente, parecem ser bastante adequadas quanto às acomodações e espaços. Contudo, o regimento e a disciplina, se caracterizam pela severidade. Ao chegar à prisão, os condenados conhecem o regulamento e as exigências quanto ao comportamento. O tempo que as pessoas ficam presas, transcorre quase que sem comunicação internamente bem como com o mundo externo. Podem receber visitas de familiares cadastrados logo após conhecer a condenação, uma vez por mês, durante dez minutos. Contatos físicos, durante o encontro, são impedidos por uma parede, com uma parte de vidro, para que as pessoas se vejam e conversem.

Não existe privacidade durante a visita. Um oficial se senta ao lado do preso e anota numa prancheta, tudo o que for falado. É, obrigatório falar em japonês. Isso vale até mesmo para os estrangeiros que não tem conhecimento para se expressar nessa língua. Na parede, há um aviso em português, espanhol e inglês, alertando que qualquer palavra que não seja na língua local pode significar a interrupção do encontro. Por causa disso, muitos encontros de pais com o filho preso, são marcados por torrentes de lágrimas e falta de palavras.

Rebeldias, sinais de desaprovação referentes a qualquer coisa, desobediências e conversas são sempre castigadas. Olhar para os olhos dos carcereiros é proibido. Pretender dar explicações sobre algum deslize a eles, é inadmissível. Qualquer carcereiro exerce o próprio arbítrio de aplicar o castigo. Mesmo errando, jamais admite a equivocação, pois significaria manifestar fraqueza e perder a

autoridade diante dos apenados.

A expressão “ir para o castigo” foi cunhada para significar o local da temível cela solitária. Nesse tipo de cela, o castigado deve pôr os joelhos no chão e se sentar sobre os calcanhares, exceto para fazer as necessidades fisiológicas e dormir. Algumas vezes, tem o privilégio de fazer alguma leitura. Em caso de alguma infração considerada grave, permanece o dia inteiro nessa posição olhando para a parede, meditando. Para complicar ainda mais, em todos os casos, as visitas são suspensas, sem que as famílias saibam. Isso significa que muitas pessoas viajam de longe, até as prisões, só para saber que não podem falar com seu familiar porque está na cela solitária.

No complexo prisional, de Kurobane, há doze pequenas fábricas nas quais os apenados devem trabalhar, em silêncio. Dizem eles, que o trabalho não é forçado, mas obrigatório. O salário é simbólico. Os lucros auferidos com a produção, são investidos na manutenção do sistema carcerário. Do valor simbólico, o preso pode gastar somente 30%, para adquirir creme dental, escova e sabonete. Se o comportamento for considerado bom, o salário simbólico terá acréscimos, conforme o tempo de serviço. Caso o preso seja punido, vai para a solitária e, ao voltar ao trabalho, será destinado a outra fábrica recebendo o valor mínimo.

Para as refeições com 1.200 calorias, são oferecidos três tipos de marmitas: A, B e C. Cada preso recebe a marmita de acordo com as energias que gasta em seu trabalho. Quem faz trabalho mais pesado e de pé, recebe a marmita A; quem trabalha de pé, mas sem muita exigência física, recebe a B e quem trabalha sentado, fica com a C. Aqui tem um detalhe, se um preso não tem vontade de comer todo o arroz, por exemplo, é terminantemente, proibido de partilhar com um colega que tem mais fome. Quando isso acontece os dois vão para a cela solitária.

Outro assunto que chama a atenção, é o regime militar instalado nas prisões. Posicionamento, movimentos, modo de caminhar, de apresentar-se aos carcereiros e às autoridades se igualam a um batalhão de exército. Os carcereiros dão ordens,

gritando para grupos de pessoas que não podem olhar para seus rostos e nem entre si.

É um risco tentar ser amigo dos carcereiros, pois tal atitude tem boas possibilidades de abrir a porta da cela solitária. É, também, inútil porque eles são transferidos de setor a cada dois meses e, para outra prisão, a cada dois anos. A intenção é evitar que carcereiros e presos fiquem amigos.

“O coração do homem é como um moinho que trabalha sem parar. Se não há nada para moer, corre o risco de se triturar a si mesmo.”

(Martinho Lutero)

Refrigério no inferno

Finalmente, chegou o dia do primeiro encontro com os migrantes brasileiros. Fui conduzido à frente da porta fechada, da sala. Quando alguém de dentro abriu, ouvi um grito. Todos os presos se puseram de pé. Outro grito, todos fizeram a típica inclinação japonesa, que é a saudação ao visitante. Ao terceiro grito, todos se sentaram. As cadeiras estavam em fila. Entre uma pessoa e outra, uma cadeira estava vazia. A finalidade é impedir o contato e o repasse de algum papel com algum recado.

Os dois carcereiros, permaneceram na sala, um à frente do grupo de 25 presos uniformizados e o outro, atrás. Do lado de fora, um pequeno batalhão de carcereiros uniformizados como a polícia, vigiava as duas portas.

Envolvido por um ambiente sisudo e formal, fui apresentado como padre brasileiro dizendo o que significava aquele encontro comigo. Sorrisos tímidos foram esboçados em quase todos os rostos.

A introdução de encontro com um padre católico, numa das salas no setor de reeducação foi algo inesperado pelos presos. Mais

surpreendente ainda, foi a abertura para usar a língua portuguesa. Ao iniciar a sessão, que constava de leituras breves da Bíblia versando sobre a experiência deles, entremeadas de breves reflexões e orações, parecia que uma chuva gostosa estava caindo sobre uma terra seca e sedenta de água. Os encontros ficaram ainda melhores quando foi dada permissão de repetir refrões de salmos e orações. É de se imaginar a alegria de uma pessoa que, há cinco ou sete anos não pronunciava uma palavra em sua língua materna.

O dia do encontro era esperado com alegria. Praticamente, todos os brasileiros, mesmo aqueles que não eram católicos, ou sem religião, participavam. Quando alguém faltasse era porque estava de castigo, na cela solitária.

Cada vez que visitava o grupo, organizava a Celebração da Palavra versando sobre valor do ser humano, esperança, superação, dignidade de filhos de Deus, aproveitamento do tempo para meditar sobre coisas úteis. Insistia bastante que o tempo de reclusão era temporário e que havia muitas coisas boas que eles poderiam fazer para si e suas famílias. Ficavam muito felizes quando lhes comunicava que em todas as missas, fazíamos uma oração para eles.

Na sala, embora em silêncio, como exigem as normas, percebia-se nos rostos, bastante desconcentração e serenidade. O posicionamento nas cadeiras, parecia menos tenso. Já não eram dois carcereiros que permaneciam com o grupo durante o encontro. Só um deles se sentava numa cadeira, atrás do grupo, e chegava a cochilar durante a palestra. Lembro que numa sexta feira, ao esgotar o tempo da reunião, ele gozava de um belo e profundo sono, e tive de ir acordá-lo. Levou um susto, mas também, pudera. Não entendia nada de português.

O carcereiro que, regularmente, ficava na frente parecia inspirar confiança. Talvez, por isso, numa ocasião em que ele disse alguma coisa engraçada, um dos presos pediu se era possível escrever cartas ao padre. Tendo respondido positivamente, disse que se alguém quisesse escrever, procurasse o endereço com ele.

Duas semanas depois, de um daqueles encontros, as cartas começaram a chegar. Eram poucas no começo, mas foram

aumentando. Como os presos não têm acesso ao computador, as cartas todas eram escritas de próprio punho. Variavam de uma a meia a dúzia de páginas. No rodapé de cada página, aparecia a figura de uma flor da “sakura” (flor da cerejeira do Japão). Não era de autoria do preso e nem mesmo um enfeite, mas o carimbo do censor que havia lido a carta e a havia liberado para ser enviada. Se tivesse encontrado alguma expressão, crítica ou comentário desfavorável à prisão, ao sistema ou ao regime de lá dentro, o autor da carta seria convocado para explicar o conteúdo e dizer por que havia escrito aquilo. Logicamente, a carta não seria posta no correio.

Por respeito aos presos, adotei o hábito de responder a todas as cartas, do jeito deles, à mão. Como tinha sido avisado pelos diretores da carceragem que minhas missivas receberiam o carimbo da flor da cerejeira, evitava mencionar direitos humanos, questionar o sistema prisional e o tratamento dado aos internos. Caso a censura encontrasse alguma coisa em desabono, além de bloquear as cartas, minha ação pastoral seria terminada.

Depois de algum tempo, que vinha visitando a prisão, o editor de uma revista em português, publicada no Japão, pediu para marcar uma entrevista comigo sobre a Pastoral Carcerária que eu vinha fazendo, com a finalidade de publicar um artigo. A conversa com o editor durou mais de uma hora. Foi o tempo suficiente para que ele obtivesse as informações necessárias. Ficamos combinados em que avisaria quando saísse a matéria.

Estranhamente, começaram a chegar cartas de outras prisões do Japão. Sem eu saber, a revista era enviada, também, às cadeias onde houvesse brasileiros cumprindo pena. Tomando conhecimento de que um padre, visitava regularmente pessoas condenadas por crimes, pediram licença aos diretores, para me escrever. Foi assim que a Pastoral através da correspondência, foi se propagando. Todos os meses chegavam cartas de seis a oito prisões, falando sobre o sofrimento de ser criminoso, a saudade da família e amigos, e da decepção de ter migrado ao Japão e terminado na cadeia. Como seriam deportados ao término do cumprimento da pena, doía-lhes muito pensar que todo aquele tempo, isolados das

pessoas e do mundo, foi perdido para sempre.

Contudo, nem tudo foi perda. Tentei encorajá-los a aproveitar o tempo para ler e estudar. Como a maioria dos migrantes brasileiros, não terminou os estudos de Primeiro ou de Segundo Grau, os consulados forneciam os manuais correspondentes para que pudessem estudar por própria conta. Antes do final de ano, fariam o Exame Supletivo e quem passasse, receberia o certificado de conclusão do Primeiro ou Segundo Grau conforme o nível de estudo. Alguns fizeram o Supletivo, dos dois níveis. Graças a essa oportunidade, voltando ao Brasil, alguns conseguiram estudar numa universidade.

Durante três anos, esperava com alegria profunda a última sexta-feira do mês. Preparava o espírito, para chegar sempre com alegria que me ajudasse a ter um sorriso sincero em meus lábios, jovialidade e calor nas palavras que pronunciaria. Era gratificante ver como prestavam atenção às leituras e às palavras que lhes dirigia. Podia-se perceber, claramente, que aqueles encontros serviam para fortalecer a esperança de um dia estar em liberdade para viver a amizade, o amor e fazer o bem.

Na cela da prisão na qual viveu durante muitos anos, condenado pelo regime comunista, o bispo vietnamita, Dom François van Thuan sentiu-se tocado por uma frase escrita, desajeitadamente, na parede: “Não existe santo sem passado, nem pecador sem futuro.” Baseado na experiência daquele bispo, lembrava-lhes que muitas pessoas, inclusive eu, que nada estava perdido, mas que teriam um futuro.

Uma citação do Evangelho, estava sempre na mente “Ide, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifício” (Mt 9:13). Sacrícios tinham de sobra. A misericórdia seria o elemento maravilhoso que eles precisavam para voltar às famílias e à comunidade. Lembrava-lhes, com frequência, a festa que o pai organizou para acolher seu filho que o havia abandonado.

“A melhor forma de prever o futuro é criá-lo.” (Alan Kay)

A porta do inferno é fechada

As instituições no Japão são fortemente hierárquicas. A autoridade é respeitada e obedecida. A pior situação de um local de trabalho, seria a casualidade de um acidente quando a pessoa encarregada não se encontrasse. Sentem-se seguros, quando há autoridade. Quando uma pessoa é colocada nessa posição, tem a liberdade de organizar os escritórios e as pessoas de acordo com sua visão.

Era sabido que um dia, o diretor da prisão de Kurobane seria transferido para outra, e outro viria substituí-lo. O tempo chegou. Não fui comunicado, mas percebi que ao chegar, no dia da visita, a porta pela qual sempre tinha acesso à prisão, estava fechada. Dirigime, então à recepção, onde me esperava um dos dois carcereiros. Gentilmente, mas sem o sorriso habitual, orientou-me para preencher um formulário. Feito isso, um crachá foi colocado no meu lado esquerdo. Como de costume, fomos ao gabinete do diretor.

Tudo estava mudado na sala. Escrivaninhas, sofás, cadeiras e outros móveis haviam sido remanejados. O chá foi servido como de costume. “Tome seu chá e dentro de alguns minutos vai chegar o diretor”, disse o carcereiro, que havia ficado mudo desde a saída da recepção.

De repente, a porta se abriu e surgiu um homem imponente e sério. Cumprimentou-me formalmente, e disse ser o diretor. Gentilmente, felicitei-o, mas ele não expressou nenhuma emoção. “Depois de ver os brasileiros, volte aqui, por favor,” disse.

- “Muito bem,” respondi.

O carcereiro, então, disse que havia algumas mudanças e que só poderia levar comigo a Bíblia. A sacola com outras coisas que usava para a Celebração da Palavra deveria ser depositada numa das gavetas, para guardar os pertences dos visitantes.

Iniciamos a caminhada até a sala dos encontros.

Estranhamente, os dois carcereiros caminhavam um de cada lado, mas sem falar. Ao subir a escada, um deles ia na frente e olhava para trás, a cada três ou quatro degraus. O outro caminhava atrás de mim. Não tenho certeza, mas suponho que seguiam as orientações do novo diretor.

Chegamos à porta da sala. Surpreendentemente, não havia ninguém. Convidaram-me para esperar num cubículo onde era guardado material de ensino. Durante quase dez minutos, ouvi passos de gente caminhando e o barulho das cadeiras.

- “Está tudo pronto. Pode começar sua palestra, mas deve ser em japonês”, comunicou o carcereiro.

Gelei. Se para palestrar quinze minutos falando em língua materna é necessária boa preparação, imagine-se falar numa língua da qual eu só conheço o básico. Pior ainda tratando-se de uma língua, como o japonês, sem terminologia para expressar conceitos religiosos ocidentais.

- “Não tem jeito! Meu conhecimento da língua, não dá. Posso ver se um jovem brasileiro pode me fazer a tradução?”

Contrariados, aceitaram por aquela vez.

Entrei na sala. Mais uma surpresa. Ao invés, de um ou dois carcereiros, havia, pelo menos, dez. Pela janela de vidro das portas, podia ver diversos rostos de outros que ficaram no corredor.

O grupo parecia tenso. Comecei falando em japonês limitando-me a informar que a palestra seria em português, com a tradução para o japonês. Nos rostos dos presos apareceram expressões de decepção.

Por sorte minha, devido ao novo sistema, o encontro havia iniciado com dez minutos de atraso e pediram para terminar antes, porque eles precisavam falar com o grupo. Assim a reunião foi breve, mas o desgaste frente às surpresas, exauriu minhas forças internas.

Sai da sala acompanhado pelos dois carcereiros, para encontrar o novo diretor, como ele havia pedido, ao chegar. Com poucas palavras, disse que ele desejava oficializar o trabalho de capelão na prisão, com um contrato. Acordamos ver a proposta com

meus superiores. Por isso marcamos um dia no Centro Católico Internacional de Tóquio na semana seguinte.

Voltei para Tóquio, atormentado por tudo o que aconteceu. Honestamente, teria de convencer-me que a realidade atual não era como a anterior. Fiquei com vontade de conhecer um pouco a história do novo diretor. Soube que havia sido transferido da cadeia de Fuchu, no distrito de Tóquio, a mais severa do Japão. Era conhecido por ser severíssimo, extremamente autoritário e sem nenhum resquício de consideração, pelos seres humanos.

No dia e hora combinados, o diretor da prisão veio acompanhado de um secretário. Trouxe o contrato já feito. Era composto, basicamente, de proibições como, não falar outra língua que não fosse japonês, jamais mencionar direitos humanos, assuntos sociais, não criticar o sistema prisional, não falar, não escrever ou dar entrevistas sobre assuntos relacionados com a prisão, obedecer às normas da carceragem, não conversar com os presos, não dar notícias de familiares ou de acontecimentos no Japão e no mundo. Comunicou, também, que precisava pagar a importância anual de US\$300,00 (trezentos dólares), aproximadamente. Ressaltou que deveria participar de seminários administrados em hotéis, junto com os carcereiros, com o propósito de termos as mesmas atitudes e orientações, no relacionamento com os presos.

Apesar das exigências apresentadas pelo novo diretor, decidi tentar continuar meu trabalho na prisão. Como de costume, na última sexta-feira do mês, com muitas dúvidas na cabeça, fui à prisão. Contudo, percebi que, além de ser inviável, o exercício da Pastoral Carcerária, dentro das novas normas, seria um instrumento a mais de repressão do sistema carcerário, pois antes da palestra, entregou-me uma folha de papel com pontos disciplinares para transmitir aos presos. Era evidente que fazendo o jogo do diretor, visando manter a disciplina de acordo com o regimento militar vigente naquela instituição, estaria colaborando com o sistema que todos consideravam infernal.

Julguei melhor não ser um instrumento útil do sistema, por

isso, decidi pela suspensão das visitas, dedicando-me à comunicação, por correio. Para facilitar, enviei blocos de papel para cartas, envelopes e selos para que pudessem escrever.

“É melhor retirar-se e deixar uma bonita lembrança, do que insistir, e virar um verdadeiro incômodo. Você não perde o que nunca teve, nem mantém o que não é seu. Se você é forte para dizer Adeus, a vida o recompensará com um novo olá.” (Jean Charles Rinelli).

Perdidos na selva humana

Caminhando ou mesmo dirigindo um veículo passei pela experiência de me perder. A sensação está longe de ser agradável. Sentimento de insegurança, dúvida, incerteza e medo convulsionam os pensamentos. Contudo, é animadora a esperança de encontrar uma luz. A solução para tais circunstâncias é voltar para trás e tentar fazer o caminho de outra maneira ou pedir informações a alguém para retomar o rumo que leve ao destino desejado.

Estranhamente, para algumas pessoas, “perder-se também é um caminho” (Clarice Lispector). Durante o tempo de missão no Japão, tomei conhecimento de um número significativo de migrantes brasileiros, peruanos e filipinos que, para desespero de familiares e amigos, tomaram a decisão de desaparecer, sem deixar informações, cancelando contatos telefônicos, endereços físicos ou eletrônicos tanto no Japão como nos países de origem. Obviamente, o sumiço é um efeito cuja causa está nas encrencas familiares, fracasso no trabalho, falta de recursos para saldar dívidas na terra de proveniência.

Uma vez sem comunicação e notícias, familiares, amigos e conhecidos usavam dos meios de comunicação e contatos pessoais ao seu alcance para localizá-los. Algumas vezes essas buscas duraram vários anos. Felizmente, alguns foram localizados, mas a respeito de outros não havia indícios de seu paradeiro ou se estavam vivos ou mortos.

Esgotados os meios disponíveis, diversas famílias no Brasil e no Japão pediram ajuda para localizar familiares que, a certo momento, optaram pelo silêncio. O trabalho de entrar em contato com eles foi sempre difícil pelo fato que as autoridades japonesas não informam absolutamente nada, mesmo sabendo onde estão. Com uma boa dose de prudência, dependia de mim usar todos os meios disponíveis para localizá-los.

Usando telefone e internet entrava em contato com migrantes brasileiros que tivessem alguma presença marcante nas províncias do país com o intuito de conseguir contatos. Muitas vezes, os conhecidos da pessoa procurada, colaboravam, mas outros se negavam a dar qualquer informação, mesmo que as solicitasse de forma confidencial, com o compromisso de não revelar quem havia fornecido o telefone. O fato de ser padre ajudava para angariar a confiança o que possibilitou falar com diversos brasileiros.

A primeira coisa era dizer que os familiares e amigos gostavam deles. Depois vinha a tentativa de persuadi-los para comunicar-se com eles. Para isso andava munido de cartões telefônicos. Perguntava, em seguida, se desejavam que a família soubesse notícias deles. As reações eram diferenciadas: alguns diziam que não era necessário e que eles mesmos iam comunicar-se, outros prometiam de fazê-lo em breve, e outros diziam que, definitivamente, não queriam nem ouvir falar sobre eles. Esta categoria demonstrava ter mágoas profundas causadas por disputas de fórum familiar e rejeições, dando a impressão de que a opção de se desligar estava tomada.

Havia outra categoria de brasileiros que tinham cessado de comunicar-se com os familiares, os presos. Estes, sob nenhum pretexto, queriam que seus familiares no Brasil fossem notificados de seu infortúnio. Como as autoridades não informam absolutamente nada sobre eles, procurava saber entre amigos ou algum parente, em que prisão a pessoa se encontrava e de quanto tempo era a pena. Evitando dizer que estavam pagando pena por crimes, comunicava aos familiares no Brasil que eles estavam bem e seguros e, dentro de alguns meses, outras vezes, alguns anos,

estariam voltando para casa. “Tenham paciência”, dizia, “ele vai voltar. Recomendo acolhê-lo bem”.

De fato, segundo as leis do Japão, todas as pessoas que foram condenadas à prisão são deportadas, portanto, estava dizendo a verdade.

Dos diversos jovens que decidiram interromper a comunicação com a família, somente tive êxito de encontrar uma jovem mulher. Mesmo assim, se enfureceu por ter sabido que uma tia havia solicitado minha ajuda para localizá-la.

No Distrito de Tóquio havia outra categoria de brasileiros com as comunicações cortadas com seus familiares. Eram pessoas acima dos 55 anos de idade, com dificuldades para encontrar trabalho ou decepcionados e cansados de viver numa sociedade dominada pela tecnologia. Sem dinheiro para pagar aluguel e alimentos, juntaram-se aos grupos dos sem-teto. Entre eles houve uma situação bizarra. Uma senhora que havia sido casada com um cidadão japonês da qual ele se divorciou. Sem moradia, perambulava por diversas províncias do país acometida por problemas mentais. Dizia-se embaixadora do Brasil com a missão de supervisionar os demais diplomatas. Falava de forma tão convencida que chegou a telefonar para o ex-presidente Lula, dizendo-se seu familiar. Ouvindo que era membro de sua família, seus assessores o chamaram. Ele atendeu, mas, percebendo o equívoco, pediu para alguém conversar com ela.

A senhora transtornada, dormia numa igreja durante o dia e passava a noite numa estação de trem. Por mais que um grupo de japoneses se prontificasse a repatriá-la não tiveram sucesso. Por fim, alguém a encaminhou ao Departamento de Imigração, onde fui visitá-la diversas vezes. Tendo sido recolhida no Centro de Detenção de Imigração, com a passagem paga pelo consulado, foi deportada para o Brasil.

Embora em número bem menor do que se propalava, havia também brasileiros no meio dos japoneses sem-teto ao ser informado de que alguém poderia estar entre eles, na hora do almoço, fazia plantão nas igrejas que distribuíam uma pequena marmita para matar a fome deles. Sendo descendentes de

japoneses, havia muita dificuldade de saber quem era brasileiro, nesses grupos de pessoas que dormem nos parques e estações ferroviárias, abrigados em caixas de papelão.

Pacientemente, permanecia perto das filas ou até mesmo entregando as marmitas com o propósito de detectar em alguém alguma coisa que fosse característica do Brasil. Forma de caminhar, conversa, sotaque de quem não sabe muito bem a língua japonesa eram os indicativos de que uma pessoa poderia ser brasileira. Com meu pobre conhecimento da língua japonesa, aproximava-me deles para cumprimentá-los, conversar coisas simples. Algumas vezes, eram eles que perguntavam se eu era brasileiro. Foi assim que descobri alguns brasileiros.

Sabendo onde se reuniam, tive a oportunidade de passar bastante tempo com eles. Descobri como é importante e profundo o espírito de solidariedade e partilha entre os sem-teto.

Depois de adquirir a confiança, dizia-lhes que os familiares no Brasil sentiam muito sua falta e desejavam tê-los em sua companhia. Aí percebi que haviam criado laços fortes com seus colegas. Ao mesmo tempo em que gostavam de voltar para junto dos seus, sentiam tristeza de abandonar os amigos. Estes, por sua vez, também manifestavam pesar de não gozar mais de sua companhia.

Felizmente, todos os brasileiros que até 2012 se haviam enturmado com os sem-teto do Japão, retornaram para seus lares no Brasil.

“As pessoas costumam a perceber que pequenos detalhes no presente podem mudar um futuro, afastar pessoas ou unir para sempre” (Waldemar Junior).

Evangelizar por todos os métodos e meios

*L*endo a história das invenções, percebe-se que elas surgiram para responder a necessidades específicas do ser humano. A necessidade de comunicação à distância motivou a invenção da telefonia, por exemplo. Em terras de missão, é importante ver como vivem os migrantes, julgar e agir ao contrário do que sucede dentro

das estruturas paroquiais, onde a ação missionária é livre, flexível e em mudança constante. Por isso, é essencial ter espírito criativo e inovador.

Desde o início da minha ação missionária com migrantes, no Japão, as comunidades sofriam por causa da carência de missionárias e missionários, e falta de líderes leigos com preparação para coordenar, programar e organizar as atividades sociais, culturais e religiosas. Por sugestão dos colegas de missão, fui solicitado para escrever um manual com o intuito de ajudar no treinamento de líderes. Surgiu assim, o manual com o título “Construtores do Reino, líderes servidores e influentes”, publicado com o apoio do Centro Católico Internacional de Tóquio.

Tive a felicidade de trabalhar com leigas e leigos com boa formação que haviam sido engajados em comunidades cristãs no Brasil e no Peru. Com frequência dialogava com eles sobre as necessidades de evangelização dos migrantes no Japão. Coincidência ou não, os caminhos se cruzam por algum motivo, era um grupo de pessoas bastante jovens e amantes da informática. Além de competentes na construção de páginas de internet, eram pessoas alegres e entusiastas.

Depois de seis anos de missão, no Japão, conhecia a necessidade de evangelização e de informação dos migrantes. Constatei que, quase todos eles possuíam um computador em casa. Por que não desafiar as pessoas que conheciam bem e gostavam da informática? Quando se apresentou a ocasião fiz a pergunta: Como podemos usar a internet para informar e evangelizar os migrantes? Parecia que estavam esperando o momento para serem engajados em alguma atividade, na qual pudessem usar seus conhecimentos. Sugestões e ideias tomaram conta da conversa.

Depois de uma animada troca de ideias, precisava chegar a alguma conclusão que fosse viável. O sonho foi ter uma página web. Uma parte do grupo, assumiu a construção da página e a outra parte, juntamente comigo, se encarregaria do conteúdo.

Precisávamos comprar um domínio, uma câmera filmadora e um computador de boa qualidade. Mas cadê o dinheiro?

Quando as iniciativas são para o bem da comunidade, a Providência não falha. Naqueles dias, um migrante brasileiro que morava na Província de Ibaraki, voltava ao Brasil. Decidiu doar seu pequeno carro para uma rifa. “Chegou em boa hora”, disse. “Em breve vai iniciar a construção da Igreja de Joso, e temos um projeto de evangelização e informação para brasileiros. Fazemos a rifa e dividimos o dinheiro em duas partes: a metade vai para a construção e a outra, para o projeto.”

O Centro Católico Internacional de Tóquio, que já estava a par do nosso projeto, também deu sua contribuição. Anualmente, arcaria com os custos do domínio, para abrigar a página.

Graças ao compromisso da equipe, o site foi sendo abastecido, com catequese, Bíblia, liturgia, notícias das comunidades, orientações para migrantes no Japão, e fotografias de eventos.

O passo seguinte, foi ir ao encontro da dificuldade de reunir, pais e padrinhos de batizados, de uma só vez. Por conta do regime de trabalho era impossível. Sempre faltaria alguém. O site passou a veicular vídeos, com a finalidade específica, de preparar a família para a o Sacramento do Batismo. Aos poucos, outros vídeos relacionados com a vida na fé foram enriquecendo o site.

As comunidades de língua portuguesa e espanhola, pequenas e distantes umas das outras, chamaram atenção de um casal de brasileiros, muito comprometido com a evangelização; sugeriu que cada comunidade tivesse sua própria página blog, dispondo-se a concretizar a ideia, aproveitando o conteúdo do site e do envio de notícias, fotografias, promoções e eventos nas comunidades. Em pouco tempo havia oito blogs em português, três em espanhol e um em inglês. Os dois boletins informativos, em espanhol e português, além de serem impressos, também, foram transformados em blogs.

Faltava ainda dar mais um passo. A maioria dos migrantes não podia frequentar a missa oferecida uma vez por mês, em sua língua, por ter de trabalhar. Por isso, decidimos que eu faria um vídeo em português e outro, em espanhol, lendo o Evangelho do domingo, com uma explicação breve, para ser publicado no site e blogs das comunidades.

Dentre os membros do grupo, envolvido com seriedade na ação evangelizadora, algumas pessoas se distinguiram pela entrega: o casal de brasileiros, Jorge e Shirley Onishi, Juan Carlos Garcia Haraki, peruano, irmã Rosina Magaldi, brasileira e irmã Amparo Franco, espanhola. O tempo que trabalhamos juntos, no projeto de reflexão sobre a história do Centenário da Migração Japonesa e as várias atividades em que fomos parceiros na missão do anúncio da Boa Nova, caracterizaram-se pela vida apostólica intensa e gratificante.

“Proclame a Palavra, insista no tempo oportuno e inoportuno, advertindo, reprovando e aconselhando com toda paciência e doutrina” (2 Tim. 4,2)

As culturas em processo de descaracterização

Os encontros entre culturas são, sempre, muito interessantes. Às vezes, criam situações hilariantes, outras vezes, trazem enriquecimento. Ao mesmo tempo, que ampliam as relações humanas, também são fonte de conflitos e distanciamentos.

Expor-se e ser exposto, são atitudes fundamentais para o conhecimento de migrantes e residentes, com o propósito de construir uma sociedade na qual as diferenças sejam um enriquecimento.

Fico feliz de ter trabalhado e morado no Japão, exatamente, durante o período em que eram feitas muitas tentativas para aproximar estrangeiros, principalmente, latinos e japoneses. Os latinos levam a marca da desconcentração e da emoção enquanto os japoneses, são fechados e controlados nas palavras e expressão dos sentimentos. Devido a essas características, o encontro de pessoas de culturas diferentes é uma usina onde se misturam e se fundem elementos para a integração.

Como os migrantes são muito nostálgicos e sentem a falta das festas, eventos e celebrações de sua terra de origem, é normal que

as vivenciem, de algum modo, no país de chegada. Com o incentivo dos missionários, as festas juninas ficaram populares, em quase todas as províncias com a presença de brasileiros no Japão.

Logo no início, houve a necessidade da fazer adaptações. A lei do Japão não permite atividades durante os períodos noturnos. A solução foi montar o arraial durante o dia. A inovação foi iniciar a atividade com a celebração da missa no local das festas.

No Brasil, no mês de junho, o clima é frio e convidativo para um bom quentão enquanto no Japão, é calor. Bebidas quentes não combinam em lugares de temperatura elevada.

Nos primeiros anos, percebeu-se que junho não era o mês apropriado para as festas devido à organização do ano escolar. Aos poucos, mantendo o nome de “festas juninas”, os arraiais foram sendo montados em julho e agosto. Contudo, algumas comunidades festejavam os santos do mês de junho até setembro e outubro.

Sendo o objetivo, aproximar pessoas e suas culturas, os cidadãos japoneses recebiam o convite para participar também. O encontro entre os dois grupos exigiu adaptação das comidas. Portanto, além das iguarias do Brasil, foram introduzidas também as japonesas, nas festas dos santos do mês de junho.

Quanto à música, os brasileiros, em geral, não conheciam um repertório muito abundante de música junina. Essa carência foi compensada, enormemente com música sertaneja. Logicamente, depois do casamento caipira e dança da quadrilha, continuava o bailão, ali no parque mesmo.

Um espaço de tempo era reservado para que os japoneses, também, apresentassem alguma dança típica. Por falta de conhecimento do espírito alegre das festas juninas, dançavam o “Obon odori” que é uma dança para os mortos.

Qualquer turista brasileiro, principalmente, um estudioso de culturas, classificaria tudo como uma aberração e descaracterização de culturas. Contudo, isso é normal até que tais expressões culturais, entrelaçando-se, criem uma forma de expressão e até mudem de nome como já vinha acontecendo a partir dos anos 2005- 2010. Foi assim que as festas juninas começaram a ser

chamadas de “matsuri” (festival) por brasileiros e japoneses indistintamente.

“Cultura é o que fica depois de se esquecer tudo o que foi aprendido.” (André Maurois)

A Torre de Babel na Igreja

As comunidades cristãs entraram na fase em que deviam abrir-se, mesmo com sofrimento, para acolher migrantes da mesma fé, mas com língua e cultura diferentes. Novas formas de participar nas missas, foram trazidas para o Japão, principalmente, pelos migrantes brasileiros, filipinos e peruanos.

Por tradição e cultura, os japoneses tendem à uniformidade, à esquematização e ao planejamento prévio. Os latinos, por sua vez, primam pelas improvisações e mudanças de planos de última hora. O encontro dos dois modos de realizar eventos foi inevitável, como foram inevitáveis inúmeros problemas. Evidentemente, pessoas com jeito diferente de participação, eram um grande desafio para os nipônicos, pouco afeitos às inovações.

Com a chegada dos migrantes surgiram dois movimentos: os japoneses pretendendo que os migrantes se comportassem e agissem como eles e os migrantes fazendo o esforço para corresponder, embora, muitos resistissem ao processo de entrosamento. Por mais interesse que houvesse os resultados não eram, sempre, conforme o esperado.

Em quase todas as missas celebradas por mim em português, participavam também pessoas de língua inglesa, espanhola e, algumas vezes, japonesa. Na medida do possível, dirigia algumas palavras também a essas pessoas, em sua língua. Contudo havia um dia especial, com programação e organização própria, em que a celebração era multilíngue. Era o dia da celebração da “missa internacional”.

A maior parte das paróquias, anualmente, organizava as

missas internacionais, usando diversas línguas e valorizando os símbolos religiosos das culturas representadas. Para essas ocasiões, eram muito requisitados os missionários estrangeiros conhecedores de diversas línguas. Dominando quatro línguas e falando precariamente japonês, minha participação nas missas internacionais, era frequente. Muitas vezes falava intercalando japonês, inglês, espanhol e português, na mesma missa. Isso impressionava, sobremaneira, os japoneses que, na sua maioria falam somente sua língua. Perguntavam se eu tinha alguma botoeira para mudar de língua a cada momento.

Após as missas internacionais, havia a parte social. Os participantes eram convidados a partilhar a comida que cada grupo linguístico trazia, e divertir-se com música e dinâmicas. A finalidade era abrir caminhos para a integração dos migrantes e à acolhida por parte dos japoneses.

Quanto às celebrações das missas merecem destaque as contribuições à Igreja no Japão, os espíritos alegre e descontraído dos migrantes brasileiros e participação musical dos filipinos. Os dois grupos de migrantes levaram vida dentro celebrações estáticas e esqueléticas dos japoneses.

“Respeite as culturas e os ideais de cada um. Não julgue, ninguém está errado. Aprenda a escutar.” (Cristiano de Souza)

Cativado pela cultura e história

As culturas guardam a sabedoria e a história dos povos. São uma fonte vasta de conhecimento, dependendo da atitude que temos diante delas. Julgar uma cultura significa limitá-la, dentro de certos parâmetros. Se a julgamos, favoravelmente, reduzimos seu conteúdo àquilo que nos agrada e que é simpático ao nosso modo de pensar. No fundo quer dizer, associar o que já temos em nós mesmos. Se lhe damos um julgamento negativo, descartamos a possibilidade de enriquecer-nos. Dentro de minha forma de pensar,

as culturas não devem estar sujeitas a julgamentos, mas deixadas que nos falem sobre as experiências, histórias, sabedoria e conhecimentos das gerações passadas de um povo.

Com frequência existem fatores alheios aos nossos planos, que nos abrem as janelas para ver lindas paisagens. Apesar de sempre ter gostado de levar mensagens pelas ondas radiofônicas, jamais tinha pensado em receber a proposta de escrever e gravar crônicas sobre cultura, costumes, religiões e curiosidades, do Japão, para serem levadas ao ar, em português, pela Rádio Vaticano, e publicadas em seus boletins informativos. O fato é que fui surpreendido com o convite para colaborar escrevendo e gravando participações para o “Programa Brasileiro”, da Rádio Vaticano. Depois de refletir um pouco, assumi como compromisso, a tarefa.

Estava na frente de mais um desafio maravilhoso, que seria um incentivo no estudo e entendimento da cultura nipônica. Observar comportamentos, participar de cerimônias, ir a eventos, visitar museus, assistir aos desfiles nos complexos dos templos, estudar a história do país, suas religiões e lendas, seria o labirinto em que me embrenharia. Aproveitando as oportunidades, não hesitei em visitar lugares inusitados.

Ler artigos e revistas é uma forma de aprendizado importante, mas vendo e participando fisicamente, capta-se a alma do povo. Além disso, abre a visão para entender o porquê o povo se expressa, se comporta e vive de uma forma ou outra. Quanto mais se conhecem as raízes de um povo, mais desparecem os preconceitos e aprende-se a amá-lo.

Escrever e gravar crônicas sobre elementos da cultura milenar do Japão foi uma experiência enriquecedora e gratificante. A coleção dos escritos, por sugestão de uma jornalista da Rádio Vaticano, foi publicada em um livro com o título: “Do Japão para a Rádio Vaticano.”

“Se quiser conhecer um cavalo, monte nele; se quiser conhecer uma pessoa, conviva com ela” (Provérbio japonês). Assim foi o aprendizado no Japão.

O dia em que o Japão parou; o povo japonês impressionou o mundo

Morar num país que sofreu grandes tragédias, durante sua história milenar, certamente, não é uma oportunidade para ter pena das vítimas. Aliás, as vítimas de qualquer acontecimento desagradável, tratá-las como coitadas ou “pobrezinhas”, não é visto como atitude desejável. Para os japoneses, então, é detestável. A prova disso é a proverbial determinação e garra na superação das adversidades com suas próprias forças. Somente, em casos realmente extremos aceitam ajuda, mesmo assim, com constrangimento.

Tive o privilégio de estar no Japão, durante os mais terríveis desastres do pós-guerra. Trata-se do tríplice desastre da sexta-feira ensolarada, às 14h46 do dia 11 de abril de 2011. Foi registrado o maior terremoto no país, 9 graus na escala de Richter, seguido de tsunamis de até 30 metros de altura e o vazamento de radiações da Usina nuclear de Fukushima. O Japão inteiro parou, mas sem desespero

No momento do grande tremor, encontrava-me no escritório do Centro Católico Internacional de Tóquio, no segundo andar do edifício, quando tudo começou a tremer.

Tremeu moderadamente no começo, mas intensificando-se rapidamente, obrigou todos os funcionários a procurar lugares seguros de acordo com as orientações próprias para tais situações. A maioria caminhou pelo corredor e foi para o estacionamento. Como minha escrivaninha estava no fundo da segunda sala, sem hesitar, abri a porta que dá para a creche ao lado tendo de me equilibrar sobre a cobertura. Duas senhoras japonesas seguiram meus passos. Com muita dificuldade conseguimos ficar de pé, enquanto um barulho tétrico, ranger dos metais e outros elementos eram os únicos sons detectáveis. De lá podíamos ver os arranha-céus de Tóquio balançando, num deslocamento de até dois metros.

De cima do teto, víamos umas 30 crianças e adultos, sentados no centro do estacionamento, sem pânico, de cabeça baixa, em silêncio esperando a volta da calma.

O terremoto não durou mais do que dois minutos e trinta e seis segundos, mas a sensação foi como se a duração fosse de algumas horas.

Conscientes de que grandes terremotos são seguidos de réplicas, as duas senhoras japonesas e eu decidimos descer da cobertura e procurar um lugar mais seguro. Voltando para dentro do escritório, percebemos que tudo estava caído e desordenado. Livros e computadores pelo chão, cadeiras e escrivaninhas empurradas para todos os lados, nem de longe davam a ideia de que aquele lugar fora bem ordenado, momentos antes. Ao atravessar a sala próxima à saída, um japonês pacato e calmo, que se havia refugiado debaixo de sua escrivaninha, tentava libertar-se dos livros e outros objetos que haviam caído sobre ele e seu refúgio.

Agora, eu estava em lugar mais seguro, sentado com as crianças e adultos no estacionamento da igreja, quando a primeira réplica se fez sentir. Embora pouco menos intensa, preocupou bastante porque as estruturas danificadas pelos abalos anteriores, agora podiam vir abaixo. Daí para frente, as réplicas se sucederam a cada poucos minutos obrigando-nos a permanecer em lugares onde eventuais objetos cadentes não nos atingissem.

Telefones fixos e móveis silenciaram, enquanto a internet continuou ativa. Isso permitiu que informássemos nossos amigos e familiares sobre o que estava acontecendo no Japão. No ocidente, devido ao fuso horário, somente pela manhã chegaram as informações sobre as tragédias, enquanto nós podíamos ver ao vivo as terrificantes imagens de destruição que o tsunami causava, na região nordeste do país.

As câmaras instaladas em helicópteros mostravam as enormes ondas, avançando rumo à costa bem antes de atingi-la. Enquanto isso, a população da região corria para lugares mais elevados na esperança de que as águas não a engolissem. Do epicentro do sismo, localizado no fundo do mar a 130 quilômetros da costa, as ondas

demoraram 30 minutos para dar início a ação devastadora de tudo o que viesse pela frente. Tudo o que encontravam, empurravam para dentro da terra. Carros, navios, casas foram levados, em alguns lugares, até três quilômetros de seu lugar original. No movimento de refluxo, milhares de carros e outros bens boiavam até o mar.

O sistema de transporte ferroviário, o melhor do planeta, parou causando um caos fenomenal. Imediatamente, foi possível constatar a eficiência e a preparação das instituições do próprio povo para lidar e comportar-se frente aos desastres. Nas estações de trens, policiais, bombeiros e funcionários, aparentando serenidade, posicionaram-se em lugares estratégicos predeterminados para tais eventos. Munidos dos mapas, papel e caneta com respeito invejável, orientavam os usuários do transporte público, mostrando mapas, fazendo desenhos para que as pessoas pudessem voltar às suas casas com menos dificuldades.

Em seguida aos dois desastres naturais, um terceiro aterrador e sombrio ameaçava acontecer. A Usina Nuclear de Fukushima, com o sistema de refrigeração danificado, após a explosão da redoma que envolvia um dos reatores, começou a liberar radiações. O risco de uma explosão do reator parecia iminente. A história das detonações nucleares em Hiroshima e Nagasaki povoaram as memórias dos japoneses. A nossa cozinheira, não continha as lágrimas ao lembrar, diariamente, seus pais mortos sob os efeitos da bomba detonada em Hiroshima, sua terra natal.

Os transtornos, sofrimentos e mortes causados pelo tríplice desgraça não impediram aos japoneses de dar testemunho de suas convicções, ao mundo. Vi uma população que soube controlar suas emoções, sem histerismos ou desesperos e reações inúteis diante das forças insuperáveis da natureza. Faz parte de sua sabedoria, evitar o pânico que viria consumir energias necessárias para superar uma situação tão adversa.

No meio de tantas confusões, demonstraram capacidade de organizar-se e colaborar para o bem comum, seguindo fielmente, com respeito e gratidão as disposições dadas pelas instituições oficiais. Filas imensas eram vistas em todos os lugares. Edificante a

atitude das pessoas jovens saírem do lugar para que pessoas doentes recebessem a refeição com prioridade, indo para o final da fila. Muitos deles, eram vistos dando seus alimentos a uma pessoa idosa ou deficiente.

Ao contrário do que acontece em casos semelhantes, em outras partes do planeta, em que aparecem bandos de abutres humanos para depredar e roubar valores e bens das vítimas, os japoneses manifestaram um profundo respeito pela população afetada. Não passa pela cabeça desse povo educado e respeitoso, adicionar mais sofrimentos a quem experimentou uma tragédia.

Foi noticiado, principalmente em países carentes de honestidade, que os japoneses encontraram o valor de 80 milhões de dólares, no meio dos escombros, entregaram à polícia para esta encontrar seus proprietários.

Outro exemplo de honestidade foi dado pelo Governo de Fukushima que devolveu à Cruz Vermelha o equivalente a 180 milhões de dólares que excederam o orçamento de necessitados, nas áreas atingidas pelo desastre. Enquanto isso, no Brasil há a suspeita de que, das três campanhas realizadas para a Somália, Rio e Japão, pela Cruz Vermelha, os recursos levantados nunca chegaram ao seu destino por terem sido desviados por corruptos.

Os desastres no Japão, ocorridos no dia 11 de março de 2011, impressionaram o mundo com sua ação devastadora, mas o povo nipônico deu aos habitantes do planeta o testemunho de seu caráter, educação, honestidade, dignidade e determinação.

Chegou o dia da partida. Sayonará Nippon!

Desde a minha chegada ao arquipélago do Japão, haviam transcorrido 9 anos, tempo combinado com os superiores quando aceitei a responsabilidade de levar a Congregação para lá. Depois de tantas atividades e trabalho para aprender um pouco a língua japonesa, tudo associado ao stress de acompanhar muitas coisas ao mesmo tempo, percebia que meu corpo e espírito precisavam de

uma trégua. Não sabia que missão estava à minha espera. Por isso, informalmente, enviei um texto ao superior da região europeia sondando se ele me acolheria para a missão de Moçambique. Respondeu positivamente e que estaria disposto a pensar depois da reunião dos superiores maiores a ser realizada em Guaporé, RS. Infelizmente, ele veio a falecer em Porto Alegre, colocando um ponto final nas minhas pretensões.

Com imensa gratidão a Deus e à congregação pelo confiança depositada em mim para ser instrumento na presença da Congregação no Japão, regressei ao Brasil com uma bagagem enorme de experiências, realizações e enriquecimento cultural e missionário. Apesar dos desafios, meu coração sempre amou o Japão, os migrantes brasileiros, peruanos, filipinos e muitos outros. Lembro com saudade todos os grupos e comunidades que ajudei formar e a bela acolhida que me brindaram.

Assim, no dia 10 de setembro de 2012, saí do Japão, mas o Japão jamais saiu de mim.

“A reputação de mil anos pode ser determinada pelo comportamento de uma única hora.” (Provérbio japonês).

Parte XI

O QUE DÁ VERDADEIRO SENTIDO AO ENCONTRO É
A BUSCA, E É PRECISO ANDAR MUITO PARA
ALCANÇAR O QUE ESTÁ PERTO

(José Saramago)



Parti do Oriente e cheguei no Ocidente. Saudade na mala

Do aeroporto de Guarulhos direto para o Seminário João XXII onde fiquei hospedado. Uma mistura de saudade, incerteza e expectativa se apoderou de mim. Sendo de tipo um tanto ansioso, resolvi deixar sedimentar meus sentimentos de quem chega de uma missão que me deixou muito feliz e a espera de outra.

Enquanto esperava por decisões, por parte dos superiores, uma boa leitura sobre assuntos de pastoral no Brasil, um pouco de férias com familiares e cuidar da saúde do corpo, preencheram o tempo. Vieram muito bem, 40 dias na Paróquia Santa Cecília e São Pio X, em Botafogo, no Rio de Janeiro, como substituto do pároco, que foi tirar férias no seu país de origem.

A comunidade da paróquia, além de ser pequena, é composta por pessoas bastante adultas, notando-se a ausência de crianças e jovens.

Além de fazer caminhadas agradáveis pelas praias e parques da cidade maravilhosa, matei a saudade, visitando navios atracados no porto, e acolhendo os marítimos, na pequena missão “Stella Maris”.

O mês de outubro é rico em celebrações, como Nossa Senhora Aparecida, Dia da Criança. Para mim é um mês querido, por ser dedicado às missões. Por ter regressado das missões no oriente, vivi o mês, com alegria profunda, bem entendida pelos paroquianos.

Outra celebração que tocou minha alma, foi a homenagem do Señor de los Milagros, padroeiro da República do Peru. A pequena comunidade de migrantes peruanos vivenciou intensamente o que eles chamam de “mês morado”, ou seja, mês roxo. A cor roxa está associada às homenagens que se representam a Cristo.

No dia 22 de novembro, transcorre a festa de Santa Cecilia, copadroeira da paroquia. O outro padroeiro [e S. Pio X. Poder-se-ia dizer que é uma festa igual como qualquer outra, com homenagens que se faz ao santo padroeiro de uma comunidade, se não fosse por

um detalhe muito lindo. A procissão para em cada casa onde moram pessoas doentes, idosas e asilos. É uma peregrinação levando o conforto da fé às pessoas que sofrem.

O tempo transcorrido no Rio de Janeiro foi curto, mas foi suficiente para conversar com as pessoas, visitar famílias, caminhar no Jardim Botânico com um grupo que busca a paz interior em contato com a natureza. Gastar tempo e jogar conversa fora com qualquer pessoa ou grupo que encontrasse era o que mais fazia. Estar com as pessoas fez-me descobrir a bela afirmação do Pe. Zézinho: “o povo precisa de colo.” Talvez tenha sido essa atitude que, ao partir do Rio, motivou a bela expressão que guardo com carinho: “com você nos sentimos família!”

“A verdadeira família é aquela unida pelo espírito e não, pelo sangue.”
(Luiz Gasparetto)

Padre desempregado procura emprego

Desde muitos anos, ao chegar do exterior, ou na espera para a partida para uma nova missão, o lugar onde sempre me senti bem e acolhido, foi no Instituto Cristóvão Colombo, uma instituição emérita, de apoio e promoção a criança carente de afeto e o essencial

para crescer com o mínimo de dignidade, no Bairro Ipiranga da cidade de São Paulo. A Instituição, popularmente, conhecida como “Orfanato Cristóvão Colombo”, foi fundada pelo jovem missionário scalabriniano José Marchetti, cujo processo de beatificação está em andamento. O diretor, Pe. José Carlos Pedrini, um tipo bonachão e acolhedor, sempre foi um apoiador caloroso, com os missionários. Por isso, chegar lá, significa estar em casa.

Chegando do Rio de Janeiro, no dia 11 de dezembro de 2012, como de outras vezes, hospedei-me no Instituto Cristóvão Colombo. No dia seguinte, recebi o convite de um missionário muito dedicado aos migrantes sazonais e boia frias, no interior do Estado de São

Paulo. “Olmes, você sempre trabalhou com migrantes no exterior. Estou convidando você para uma missão, de dez dias, no polígono da seca, no município de Espinosa, bem ao norte de Minas Gerais. Vai anotando! Vai ser do dia 10 a 20 de janeiro.” (de 2013).

- Topo! Respondi. Como agora estou “desempregado”, de repente, o Superior Provincial vem com alguma proposta. Deixa comigo! Se vier, dou uma enrolada nele. Conta comigo!”.

A sabedoria popular diz: “uma coisa chama a outra”. O superior telefonou de Cuiabá, onde estava reunido com o seu Conselho. Era o dia 12 de dezembro, festa de Nossa Senhora de Guadalupe. Com poucas palavras fez-me a proposta de assumir a Paróquia Divino Espírito Santo, e a Direção do Centro de Pastoral para Migrantes, em Cuiabá- MT.

A sugestão enviada a Roma, meses antes, esvaneceu com o falecimento do superior da Região Europeia. Até então, não havia escutado nada, de voltar às missões no exterior. O que me chamava a atenção, em Cuiabá, era o Centro de Pastoral para os Migrantes. Respondi, afirmativamente, mas informei do compromisso assumido com a missão em Minas Gerais.

- “Não precisa confirmar agora, ressaltou. Como faz muitos anos que você não passa o Natal na sua terra, passe o Natal e final de ano com seus familiares. Se para você está bem, vamos nos encontrar no dia 3 de janeiro de 2013 para conversar melhor.”

Confirmado o encontro, parti de ônibus para a minha terra natal, Sarandi-RS. Nada melhor do que, de carona no Natal, celebrar, também, meus 38 anos de ordenação sacerdotal com familiares, padrinhos de ordenação, com uma missa celebrada debaixo das árvores na velha propriedade dos meus pais.

Um pouco de descontração, faz bem até às pessoas mais sérias. Alguns dias antes do Natal, o irmão e a cunhada sugeriram que trajasse de Papai Noel para meus dois sobrinhos ainda pequenos. Comprei a roupa vermelha com os bordados brancos, barba e cabeleira brancas. Deixei a parafernália, na casa de uma das minhas irmãs.

No dia 24 à noite, fomos à missa das 20h. Fui,

premeditadamente, abandonado com o pretexto de jantar com os padres da paróquia. Na verdade, depois de tomar um suco, fui vestir o traje, na casa da minha irmã. De carro, nos dirigimos para a propriedade agrícola do casal. Deixaram-me num lugar escuro, bem antes da casa, chegando sozinhos para a ceia.

Esperei o momento para aparecer com o saco cheio de presentes. Andando no meio das árvores, roça e potreiro para não ser visto. Sem saber da existência de cercas elétricas, no escuro, passei por duas de dois ou três arames. Fiquei trêmulo com os choques elétricos. Foi uma tortura. Cheguei ofegante e com o traje meio danificado pelos debates para sair do meio dos fios eletrificados. Os sobrinhos, nada bobos, perceberam que o Papai Noel não era como aquele da televisão e das fotos. Os incidentes na cerca eletrificada e a descaracterização do vestuário viraram piada.

Missão na garupa de motos

Como havia sido combinado, no dia 3 de janeiro de 2013, estava de volta a São Paulo para encontrar com o superior. Em poucos minutos, conversamos sobre a minha ida para o Norte de Minas Gerais e que na volta, viajaria para Cuiabá a fim de ver como era a Paróquia Divino Espírito Santo e o Centro de Pastoral para Migrantes. A forma de tratar o assunto, fez-me pensar que o superior não estava muito convencido de que eu aceitaria aquela destinação.

De verdade, estava animado com a ação missionária, em Espinosa, MG. Arrumei a mochila com as roupas recomendadas pelo padre que me convidou e peguei um ônibus com destino a Montes Claros. Chegando lá, embarquei em outro com destino a Espinosa onde me encontraria com outros sete missionárias e missionários.

Estando o grupo reunido, o pároco dedicou bastante tempo para expor a realidade da paróquia, além de dar sugestões e ideias sobre cada comunidade onde iríamos atuar. Chamou-me a atenção a existência de comunidades afastadas nas montanhas do Espigão

de Caraíbas, nos confins com o Estado da Bahia. Candidatei-me, imediatamente, para missionar, naquela região. Uma religiosa, das Missionárias scalabrinianas, fez a mesma coisa, pois lá, mora a família de uma de suas colegas. Os demais missionários, dois a dois, foram para outras regiões com pessoas carentes de bens materiais e de assistência pastoral.

Depois do almoço, do segundo sábado de janeiro, as equipes, tomaram o destino do envio. A freira e eu fomos a um lugar quase fora da cidade de Espinosa, onde se reuniam pessoas que tinham vindo das montanhas para fazer compras. Todos estavam lá para carregar as compras feitas numa caminhonete com mais de 20 anos de uso. Na carroceria foram acomodadas portas, arame farpado, ferramentas, adubos, sementes e alimentos. Em cima de tudo e sobre duas bancas, sentaram as pessoas. Para a religiosa e eu, o tratamento foi Vip. Sentaram-nos no interior da cabine, com o motorista. Minha preferência teria sido a carroceria.

Chegou a hora da partida. O motorista virou a chave da ignição. O ronco do motor era como o barulho prolongado de um trovão. Percorridos alguns quilômetros de estrada de terra, o veículo sob o comando experiente do jovem motorista, começou a escalar e descer montanhas. Ao invés de chamar estrada seria mais acertado dizer que era um rio com cachoeiras secas. Os solavancos constantes e manobras arriscadas durante todo o trajeto, alimentavam a preocupação sobre o sucesso da chegada ao destino. Fiquei mais tranquilo quando dei uma espiada para trás e notei que homens e mulheres, segurando-se na beirada da carroceria ou nas bancas estavam tranquilos e até conversavam em contraste, com o estado tenso da cabine.

Conforme avançávamos, algumas pessoas desembarcavam com suas compras. A operação “descarrega mercadoria” era complicada pois, além de estar debaixo de portas e janelas, havia, também, pessoas sentadas sobre elas. O bom mesmo era que tudo dava certo com aquele jeitinho mineiro.

Pelas 17h30, o motorista anunciou que havíamos chegado na Comunidade de São Sebastião de Caraíbas. Parou à beira da estrada

onde havia algumas casas.

- "Daqui, vocês vão viajar de moto até a casa de uma família, para tomar um banho e deixar suas coisas. Às 19h30 tem a abertura da novena em louvor de São Sebastião na capela da comunidade", disse o motorista.

Dois motociclistas estavam à nossa espera. Freira na garupa de uma moto e padre na outra, lá fomos nós. A sensação parecia de estar montando um cavalo xucro devido às pedras da estrada.

Chegamos a um, local onde havia quatro casinhas simples. Dentro de um curral, estavam presas, vacas leiteiras sendo ordenhadas manualmente, por diversos homens. De fato, a fonte principal dos habitantes da região está na comercialização do queijo e requeijão, de excelente qualidade.

Um grupo de meninos e meninas jogava bola ali perto com alegria impressionante, própria de quem está feliz da vida.

Uma das famílias nos acolheu com a beleza da simplicidade em sua casa limpa. Aliás, todas as casas da região primam por essas características. Chamou a atenção a presença do fogão de lenha em todas elas, e o velho e bonito paneleiro, de múltiplos andares com seus guardanapos, para ostentar as panelas de alumínio, num canto da cozinha.

Havia escurecido. Somente com o essencial para a celebração da missa, dois motociclistas atravessando a escuridão, procurando estrada onde não há, levaram-nos à capela.

O padre local estava sozinho, na paróquia de Espinosa, sem condições de ir com frequência aos lugares afastados. Quem conduziam a Liturgia da Palavra, novenas e estudos bíblicos, eram os próprios leigos. Foi uma novidade começar a novena em honra do padroeiro, com missa.

Afortunadamente, as pessoas encarregadas na igreja Matriz de Espinosa, foram pródigas, na preparação de um número maior de hóstias. Assim, em cada comunidade, consagrava-se uma quantidade, para diversos meses, até a próxima vinda do padre.

São Sebastião de Caraíbas, é a maior, de todas as comunidades da serra. Por isso, a recomendação era consagrar um número

bastante razoável de hóstias. A irmã, seguindo a sugestão do ministro extraordinário da Eucaristia encheu a âmbula até às bordas.

No momento da comunhão, foi trazida a âmbula que estava no sacrário com as hóstias consagradas meses antes. Ao abrir o recipiente sagrado, qual não foi nossa surpresa de constatar que ele estava, povoadoíssimo de insetos que perfuraram praticamente todas as hóstias e reduzindo muitas, a pó! Segundo a fé católica, na hóstia consagrada está a presença real de Cristo. Sendo assim, os insetos “comungaram” a Cristo durante diversos meses.

Atravessando vales e montanhas

A missão nas comunidades iniciou com a novena de São Sebastião e terminaria com as comemorações da festa, no dia 20 de janeiro. Até lá estaríamos sobre as motos, atravessando montanhas ou caminhando pelos sendeiros sinuosos e pedregosos dos vales onde estão as pequenas comunidades. Todas elas têm sua capela simples, exceto uma, que usa uma escolinha.

Com o comissionamento do pároco, celebramos a recepção da eucaristia pela primeira vez por jovens e crianças, em quatro das seis da região.

A irmã e eu nos propusemos visitar todas as famílias de cada comunidade, mesmo aquelas que tivessem desgostos com a religião. Numa delas encontramos um casal de meia idade. O marido era famoso pela aversão à Igreja. Fomos visitar e abençoar sua casa localizada na encosta de uma montanha. Desde longe observei que estava construída, literalmente, sobre rocha viva. Louvei-o pela sabedoria de edificar sobre uma base tão firme. Calmamente, começou a falar. Disse que duas moradias construídas, anteriormente, haviam deslizado montanha abaixo, demolindo-se e aquela foi a solução encontrada. Enquanto isso procurei, na Bíblia, a comparação que Cristo fez entre a casa construída sobre a areia e aquela sobre a rocha.

A leitura foi uma confirmação da prudência que teve na construção de sua terceira casa. No rosto podia-se perceber satisfação e certo orgulho. Ficou feliz que a abençoássemos.

No dia seguinte, haveria missa com primeiras comunhões, na capela inacabada da comunidade. Aproveitei para convidá-lo, mas não deu nenhuma resposta.

Descendo a ladeira até onde haviam ficado as motos, um dos motociclistas adiantou:

- “Não espere pelo homem. Ele não vem.”

Semente plantada germina. Pior é não plantar. Pensei comigo mesmo.

No dia da missa, as pessoas chegavam a pé, de moto e algumas também a cavalo. Quando olho para o lado de cima da ladeira onde se ergue a capela, não é que vejo o homem amarrando o cavalo! Como o coordenador pediu para fazer a homilia sobre família, voltei ao trecho da parábola da casa construída sobre a rocha, citando a experiência que havíamos tido no dia anterior ao visitar aquele senhor. Os olhos ficaram brilhantes e o rosto rústico ficou povoado com um sorriso.

Idosos, santos e alegres

Nos vales entre as montanhas, longe do burburinho e luzes da cidade, vivem pessoas maravilhosas e simples. Longe dos holofotes. Poucas pessoas as conhecem e não sabem sua história.

Conforme íamos visitando as famílias, o nome de um homem entrava, com frequência nas conversas. Depois de Jesus Cristo, o nome mais pronunciado era Crispim Sales, falecido em 2015.

Era conhecido em todas as comunidades como homem de fé. Além de fundar diversas delas, acompanhava-as em seu desenvolvimento, catequizando e apoiando a participação de todos. Viajava durante longas horas a cavalo ou a pé. Era admirado pela perseverança em ajudar casais a se entenderem; procurava os alcoólatras, quantas vezes fossem necessárias, para convencê-los a

abandonar a bebida. Quando surgiam conflitos nas comunidades, lá estava ele para intermediar. Diziam que, durante os deslocamentos que chegavam a ser de até mais de 20 quilômetros, ia rezando o terço e outras orações pedindo a sabedoria para tratar cada caso.

O consenso dos membros das comunidades do Espigão de Caraíbas, é que o senhor Crispim Sales, pai de onze filhos, é um santo. Por graça de Deus, conheci-o ainda em vida, atacado pelo Mal de Parkinson e a doença de Alzheimer. Não falava, e parecia distante. Contudo, ao receber a comunhão, o rosto parecia iluminar-se.

Muito folclórico foi outro casal de velhinhos baixinhos, que encontrei na lida da roça. Baixinhos e humorísticos convidaram para entrar em sua casinha aconchegante. Tristeza era o que menos permitiam fazer morada com eles. Qualquer sinal da presença de algum coisa ruim, o velhinho esticava o acordeão e ela percutia com maestria o pandeiro.

No mesmo dia visitei um grupo de pessoas que, dificilmente, é encontrado na sociedade. Na mesma casa moravam 5 irmãos, dois homens e três mulheres. Todos eram solteirões, com mais de oitenta anos de vida, cada um, com algum problema de saúde. Em comum, havia a deficiência auditiva. Por esse motivo, à distância de duzentos metros da residência, podia-se ouvir o som da TV ligada, no canal de Aparecida. A televisão permanecia ligada, diariamente, durante muitas horas. Na sala da casa, sobre duas mesinhas, estavam os santos de suas devocações. Um bom espírito de humor tomava conta de todos. Piadas, gozações brincadeiras e chacotas, mantinham o grupo unido na alegria com gostosas risadas.

As montanhas do Espigão de Caraíbas abrigam um número considerável de idosos. Com a exceção do senhor Crispim Sales, todos pareciam ser lúcidos. As rugas nos rostos, porém, ocultavam a dureza da vida num lugar afastado onde o objetivo foi sobreviver bem com poucos recursos.

“Os anos enrugam a pele, mas renunciar ao entusiasmo faz enrugar a alma.”
(Albert Schweitzer)

No umbigo da América do Sul

A história diz que Cuiabá surgiu às margens do Rio Coxipó, com a chegada dos bandeirantes paulistas em 1673 /1682. Manoel de Campos Bicudo fundou o primeiro povoado da região, conhecido como Centro Geodésico da América do Sul. Isto é explicado pelo fato de que as distâncias entre a cidade e os oceanos, Atlântico e Pacífico são iguais. Daí, pode-se dizer que a cidade é o “umbigo” da América do Sul.

Em 1718, os bandeirantes, sob a liderança do sorocabano Pascoal Moreira Cabral, chegaram ao local, mas o encontraram abandonado. Estavam em busca de indígenas para escravizar. De fato, o grupo encontrou os índios coxiponés, com quem travaram batalha. Os indígenas levaram a melhor, fazendo o grupo invasor retroceder. Contudo, ao voltar, encontraram ouro. Os bandeirantes, então deixaram os índios em paz, para dedicar-se ao garimpo. Mesmo assim, alguns líderes bandeirantes escravizaram os índios, forçando-os a trabalhar na garimpagem. Dizem que o ouro encontrado era o de melhor qualidade do Brasil.

Devido à “corrida do ouro”, Cuiabá conheceu anos de glória, contudo, como as lavras produziam menos metal precioso do que o esperado, entrou em decadência.

Somente após a Guerra do Paraguai e o retorno da navegação pelas bacias dos rios Paraguai, Cuiabá e Paraná é que o município voltou a crescer com a produção da cana-de-açúcar e do extrativismo.

A prosperidade não prosseguiu. Cuiabá entrou para o esquecimento até 1930. A abertura de estradas, ligando-a a São Paulo e Goiás, foi o fim ao isolamento e a cidade voltou ao cenário nacional.

Com o desenvolvimento do agronegócio ocupando terras e expelindo a população local, a cidade cresceu consideravelmente,

devido ao fenômeno das migrações internas.

O fenômeno migratório chamou a atenção da Congregação dos Missionários de São Carlos- Scalabrinianos- e das autoridades eclesiásticas locais que decidiram criar o Centro de Pastoral para Migrantes no bairro do Carumbé.

Próximo ao Bairro Carumbé, foi construído o Centro Político-Administrativo do Estado, incrementando o crescimento populacional da região da Morada da Serra. Diante disso, os padres do Centro de Pastoral para Migrantes, dispunham-se a dar assistência aos novos moradores que chegavam em grande número.

O crescimento populacional exigiu a criação da Paróquia do Divino Espírito Santo no CPA II.

No dia 29 de janeiro de 2013, açoitado pelo calor característico cuiabano, desembarquei no Aeroporto Internacional Marechal Rondon de Cuiabá, que está no município de Várzea Grande. Apesar de ser aeroporto internacional, nenhuma companhia aérea opera voos entre o Brasil e outro país.

Aproveitando da presença do pároco de saída, conheci um pouco mais a paróquia e o Centro de Pastoral para Migrantes. Estava combinado que eu assumiria como Pároco e a direção do Centro de Pastoral para Migrantes, no dia 3 de fevereiro de 2013. No dia seguinte, ele deixaria esses serviços para assumir outra paróquia. Contudo, isso não aconteceu porque ele decidiu mudar de vida.

"Missão cumprida. Mãoz lavadas. Entrega feita. A Ti, Senhor, o meu amanhã. Amém!". (Lavínia Lins)

Essa casa de acolhida não fechará as portas

Ser destinado a qualquer lugar deste mundo, com a missão de encerrar atividades realizadas há anos, causa convulsão nos sentimentos. Só de pensar em fechar o Centro de Pastoral para Migrantes em Cuiabá, depois de muitos anos de acolhida aos

migrantes internos do Brasil, mesmo entendendo que o fluxo de nordestinos para o Centro-Oeste do país havia acabado, era sofrimento. Os funcionários e equipes de voluntários do Centro de Pastoral também estavam apreensivos. Evidentemente, não valia a pena pagar seis funcionários para atender um ou dois migrantes por semana.

Com frequência lembro a expressão de Roberto Simonsen: “Otimismo é esperar pelo melhor. Confiança é saber lidar com o pior.” Resolvi dar um tempo e não tomar decisões apressadas sobre o Centro de Pastoral para Migrantes. A imprensa falada e escrita trazia informações de que, muitos migrantes haitianos, fugindo da miséria e das consequências do grande terremoto, chegavam a Manaus, de onde eram contratados por empresários do Centro-Sul do país. As estatísticas do Centro indicavam que, no final do ano de 2012, alguns haitianos ingressados no Brasil, por Brasileia-Acre, haviam sido acolhidos na Instituição. Era um indicativo de que poderíamos estar diante de uma nova rota de chegada de haitianos.

Felizmente, logo depois da minha chegada, um grupo de 12 jovens trabalhadores havia sido resgatado de trabalho escravo. Aceitei de hospedá-los durante os três meses que passariam pelo processo de ressocialização e profissionalização. Nesse ínterim, dois ou três haitianos chegavam, diariamente, ao Centro, provindos do Acre. Tendo encontrado acolhida e assessoramento para emprego, comunicaram aos mais de 300 colegas que estavam em Brasileia, praticamente, sem perspectiva de futuro.

As chegadas aumentavam, diariamente de forma desproporcional. Para cada 10 pessoas acolhidas que saíam porque haviam encontrado trabalho e casa, chegavam outras 15. A casa cuja capacidade de hospedagem é de 57 pessoas, ficou superlotada, chegando a acolher mais de 170 pessoas num só dia. Desse contingente, mais de 90% eram homens.

Com o fluxo intenso de haitianos, reforçado com a chegada de alguns africanos, a estrutura física e humana, de atendimento entrou em colapso. Por isso foi necessário fazer parcerias com o poder público e universidades para obtermos camas equipadas e

atendimento médico. Graças ao espírito solidário dos paroquianos, da Paróquia do Divino Espírito Santo, o voluntariado foi reforçado. Estudantes de Medicina e Ciências Médicas cuidavam da saúde dos recém-chegados enquanto de outras áreas, ajudavam no alinhamento do visto e documentos de residência e trabalho no país.

Tentou-se proporcionar uma ajuda o mais abrangente possível, por meio de palestras sobre cultura local, integração na sociedade e no trabalho. Além disso, diversos estudantes universitários, na área de letras administravam aulas de português básico.

A saúde foi uma preocupação séria, do Centro de Pastoral, durante a estadia dos migrantes, mas, também, quando já estivessem morando em suas casas. Muitos deles chegavam anêmicos e acometidos de doenças. Diversas mulheres, chegavam grávidas, mas sem, jamais, ter passado pelos exames pré-natais. Outras, nem sequer sabiam que estavam gestando uma vida.

Infelizmente, alguns migrantes morreram sozinhos, longe de seus familiares, sendo sepultados como indigentes. Diversas crianças nasceram doentes e prematuras. Uma senhora jovem deu à luz um casal de gêmeos que, devido a sua fraqueza e falta de cuidados durante a gestação, faleceram poucos dias depois do nascimento.

O trabalho com migrantes pobres e refugiados, faz-nos mergulhar num mundo de esperança que enfraquece, de sonhos que se esvaem, saudade sem fim e sofrimentos em solidão de um povo que vai em busca de solução para sua miséria.

A maioria dos migrantes haitianos, estava contente de ter vindo ao Brasil. Contudo, diante das dívidas contraídas para migrar e os compromissos familiares, o salário diminuto do trabalhador era considerado frustrante e decepcionante, por quase todos.

“Amar é acolher, é compreender, é fazer o outro crescer.” (Zilda Arns Neumann)

Visitas de amigos ou investigadores?

Receber visitas de amigos é maravilhoso. Provei a beleza das visitas de brasileiros e outras nacionalidades morando e trabalhando em diversos países. Lembro-me de um grande amigo mexicano que fez um desvio de sua viagem de mais de 1.500 quilômetros para encontrar-me.

Ao mesmo tempo em que fixava um olho no funcionamento do Centro de Pastoral para Migrantes, o outro mirava a Paróquia do Divino Espírito Santo. Nos primeiros dias de atendimento, no escritório da Igreja Matriz, recebi numerosas visitas. Todas elas foram muito úteis, por revelar os interesses dos paroquianos a respeito do novo pároco. Para quem adotou o princípio de conhecer antes de agir, não podia ser uma oportunidade melhor do que receber pessoas heterogêneas em suas convicções e religiosidade.

Depois de alguns dias, consegui classificar as pessoas visitantes, em três categorias: visita para me conhecer, para se colocar à disposição nos serviços e visitas investigatórias.

As visitas investigatórias, foram aquelas que mais me chamaram a atenção. Para minha surpresa, notei que eram pessoas jovens, com conversa agradável e organizada. A maioria pertencia a outras paróquias. Como característica comum, evidenciava-se o envolvimento nas comunidades como acólitos ou participantes de grupos de oração e extremamente moralistas e “tradicionalistas”. Entre eles havia alguns ex-seminaristas. Estes eram os mais complicados.

Achei oportuno deixar falar, ouvir e não interferir na conversa. Aos poucos descobri que pertenciam a uma tendência supra diocesana, sob o controle de um padre extremamente, conservador, refratário ao Concilio Vaticano II, às pastorais da Igreja e à abertura missionária. Por se colocar acima do bem e do mal, ofendendo os padres e pessoas que não concordassem com suas ideias, havia sido destituído da reitoria do Seminário Diocesano e impedido de ensinar na Faculdade de Teologia.

Apesar de estar fora das funções mencionadas, continuava ferrenhamente com o propósito de restaurar liturgia, catequese e igreja pré-conciliar, dentro dos moldes do Concilio de Trento. Para forçar os padres das paróquias, juntou um grupo de jovens fazendo-os passar por uma lavagem cerebral. Fanatizava-os para serem seus agentes. A estratégia era de se envolver como acólitos, nas comunidades para impor a todo custo que os sacerdotes pusessem em prática, as orientações que o “mestre” lhes davam.

Viraram famosos, pelas brigas que faziam com os celebrantes e o próprio povo. Não hesitavam em armar entreveros mesmo durante as missas, caso o padre não fizesse como eles pretendiam.

A Paróquia do Divino Espírito Santo foi afetada com a intromissão virulenta de meia dúzia desses “acólitos”.

O fato pitoresco e triste foi a atitude tomada durante a missa celebrada por um dos meus colegas: desvestirem a batina preta e saírem, em fila, pela igreja em protesto. Arrogantemente, na missa seguinte, lá estavam eles de mãos postas e cara feia recebendo a comunhão. Fizeram isso também em protesto, atitude que lhes acarretou o afastamento do serviço.

Pretender impor as ideias do padre mentor não se restringia só aos celebrantes; pretendiam que o povo adotasse suas Imposições. Por isso costumavam posicionar-se no presbitério e, com gestos agressivos, ordenavam que o povo ajoelhasse, ficasse de pé ou se sentasse, gesticulando com autoridade. Os fanáticos e obtusos, com semblante, esbanjando ira e raiva, angariaram a antipatia de algumas pessoas, principalmente, seus familiares.

Felizmente, quem não traz alegria com a presença e participação, não perde a oportunidade de alegrar as pessoas com sua partida. As insistentes tentativas de agregar jovens para o grupo, não tiveram sucesso, e partiram. A paz veio fazer sua morada na comunidade.

“Pessoas falsas são como cobras. Elas picam e fogem, pois são muito covardes para ficar e nos dar a oportunidade de pisar em suas cabeças!” (Vanessa Pimentel)

“Espírito Santo na gaiola”

A passagem da atividade missionária para ser cabeça de uma instituição canônica, como é uma paróquia, exige paciência e prudência. Paciência com as pessoas à frente de alguma pastoral ou movimento durante anos e, que mesmo faltando-lhes formação e negando-se a aprender, não abrem espaço para outras pessoas, especialmente jovens; prudência, porque, como estão no comando, cercam-se de algumas pessoas que as apoiam como se fossem políticas. Acreditam em sua ignorância como se fosse uma doutrina, com a pretensão de serem seguidos, incondicionalmente.

A combinação de ignorância e poder se transforma em força que estagna a caminhada da comunidade e impede a participação de pessoas competentes e, principalmente, da juventude. Pessoas com formação acadêmica ou que frequentaram cursos de capacitação, são consideradas perigosas, pois, potencialmente, podem tirá-las dos tronos que ocuparam durante dez, quinze ou mais anos. Não frequentam cursos de formação ou aperfeiçoamento porque estão convencidas de que sabem tudo.

Sinto-me à vontade para descrever uma situação muito comum em paróquias, especialmente, em Cuiabá e Várzea Grande no Estado de Mato Grosso, onde a falta de ação pastoral com liderança e serviço, abre espaço para movimentos e grupos pitorescos, alheios às inspirações bíblicas e, principalmente, às orientações do Concílio Vaticano II e documentos seguintes. Existe o surgimento de uma religiosidade sem doutrina e sem Deus. Vejo-o como uma espécie de ateísmo embrulhado de religião. No meu julgamento, induz as pessoas à alienação e descompromisso com a sociedade, criando um ambiente esquelético e sem coração.

Apesar de a Paróquia da Morada da Serra de Cuiabá, ter como protetor o “Divino Espírito Santo”, a atividade da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, era boicotada por um grupo de pessoas que se aninhou nela com interesses próprios, nada cristãos. O objetivo era ter a Paróquia sob seu controle e não dar espaço para ninguém. Coordenadores (as) de pastorais, movimentos, ministérios e outras atividades deveriam estar sob a tutela do grupo. Se porventura,

fosse alguém que não pertencesse ao grupo ou fosse jovem, em reuniões fora das dependências da Paróquia, encontrariam o jeito para eliminar a “pessoa intrusa”.

O grupo coordenador na Paróquia, originalmente, foi fundado sob um movimento que deveria estar a serviço da Igreja, colaborando para o aperfeiçoamento da vida dos casais, a convite do pároco. Os dirigentes do grupo da paróquia do Divino Espírito Santo desvirtuaram, totalmente, o movimento, trocando o serviço pelo poder. Impulsionados pela ideia de comando, estrelismo e arrogância, apoderavam-se de todas as dependências da igreja matriz da Paróquia. Para o encontro anual, de sexta-feira, sábado e domingo, cantina, centro de formação, salão, salas de catequese e espaços das pastorais eram isoladas com plástico preto do teto para baixo. O estacionamento, embora com muito espaço, ficava indisponível para os padres e, até mesmo, para embarque e desembarque de pessoas deficientes. Sendo as cinco missas de final de semana, bem frequentadas, para as pessoas de bom senso, os banheiros são imprescindíveis. Neste caso específico o acesso era impedido, causando constrangimento, principalmente às pessoas de idade avançada.

No final de semana em que o grupo organizava o encontro, as missas, catequese, formação, casamentos e reuniões deviam ser cancelados. Tudo isso, somado à negação do acesso aos banheiros e estacionamento, revoltava a comunidade, causando a desaprovação do encontro e conflitos constantes, durante os três dias. Por conta disso, o grupo gozava de antipatia generalizada. O descontentamento dos paroquianos era tanto que conseguia reunir apenas 16 ou 18 casais, quase todos, de outras paróquias.

Os inconvenientes causados pela realização de encontros desse tipo, clamavam pela opção de outro lugar mais adequado, como transferi-los para uma chácara com estrutura adequada ou alugar as dependências de alguma instituição.

Foram convidados para dialogar sobre o assunto tanto pelo pároco anterior como por mim, mas sem sucesso. Astutamente, usavam a técnica de convencer o pároco em aprovar os 4 casais que

organizariam o próximo encontro, deixando para depois, a conversa sobre o assunto. Logicamente, a intenção era fazer com que a segunda parte jamais acontecesse.

Havia um detalhe na apresentação dos novos casais para organizar o encontro seguinte. Não eram autônomos. Eram totalmente dependentes de um grupo de “velhas raposas” que controlavam o movimento e o governava indiretamente.

Motivos para adiamentos das reuniões, com o propósito de “empurrar com a barriga”, ganhando tempo para impedir o diálogo sobre a situação funcionava como estratégia. Com a aproximação da data do encontro e estando tudo preparado, o padre ficava entre a espada e a parede. O golpe final era manifestado na clássica expressão adornada de autoritarismo: “se o senhor não permite a realização do encontro, nós saímos da paróquia.”

Aliás, isso é cultural em 5 ou 6 paróquias vizinhas pelas quais transitam católicos que vivem baseados sobre suas insatisfações e projetos pessoas. Nelas, existe um grupo de poucas pessoas que se envolve em algum ministério das comunidades, mas diante de alguma coisa que não combine com seu pensamento, muda de paróquia e vai causar problemas em outra.

Tendo lido os regulamentos dos encontros, percebi que havia dois detalhes importantes: por ser um serviço supra paroquial, era necessário o convite do pároco; o nome dos casais organizadores deveria ser submetido a ele, também. Foi a minha vez de inverter o ponto de partida. O primeiro passo seria dialogar sobre um local mais apropriado para realizar o encontro, e as propostas submetidas à deliberação do Conselho Paroquial.

Por diversas vezes, os quatro casais promotores do último encontro apareceram no escritório da matriz, na tentativa de pegar o padre num lapso de memória e extorquir a assinatura de aprovação, em favor de outros quatro para organizar o encontro seguinte, desconsiderando, que o primeiro passo era dialogar sobre o lugar a ser realizado. Logicamente, os papéis apresentados não receberam a assinatura desejada.

Então, para forçar o padre a fazer sua vontade, o grupinho

decidiu boicotar algumas atividades paroquiais. Essa atitude, porém, lhes angariou ainda mais antipatia por parte dos paroquianos.

Não há nada de ruim que não traga alguma coisa boa. Sem a interferência daqueles casais, a comunidade entrou num clima de paz e florescimento. A participação nas missas aumentou consideravelmente.

Conflitos no interior do grupo, testemunho anticristão e defecções foram os males não curados que inviabilizaram suas atividades. Finalmente, depois de reservar o salão paroquial para seu tradicional “encontrão”, sem comunicar, transferiram-no para uma sala de uma das comunidades da Paróquia, onde na presença de meia dúzia de casais, anunciaram o cancelamento dos encontros.

"Fruto podre ninguém precisa derrubar, cai sozinho." (Family).

Pelos frutos se conhece a árvore

Antes da constituição da Paróquia do Divino Espírito Santo, os Missionários de São Carlos- Scalabrinianos operavam o Centro de Pastoral para Migrantes, no Bairro Carumbé, em Cuiabá. Era uma época em que os migrantes vindos dos estados do nordeste para trabalhar em fazendas, eram numerosos. Mesmo muito atarefados com os migrantes, os sacerdotes atendiam algumas pequenas comunidades que, aos poucos surgiam, devido ao estabelecimento do Centro Administrativo e Político do Estado de Mato Grosso, nos subúrbios da capital.

O aumento da população na região conhecida como Morada da Serra, exigia atendimento pastoral organizado. Por isso, foi criada a Paróquia do Divino Espírito Santo e entregue à administração dos sacerdotes scalabrinianos do Centro de Pastoral para Migrantes.

A relação entre a paróquia e o Centro de Pastoral para Migrantes, criou a mentalidade e atitude do acolhimento às pessoas, principalmente os migrantes. Durante três décadas, foram os migrantes internos do Brasil que se beneficiaram do espírito de

acolhida. A partir do final de 2012 e começo de 2013, os numerosos haitianos que vinham do estado de Rondônia, encontravam no Centro de Pastoral para Migrantes, uma casa longe de sua terra.

Além do zelo dos funcionários, merece destaque a equipe de mais quarenta voluntários que, nos finais de semana e dias feriados, com alegria e dedicação, preparavam café da manhã, almoço e janta, para até mais de 170 pessoas. Eram membros das oito comunidades da Paróquia. Cada comunidade tinha sua equipe que, desde cedo, chegava ao Centro. Havia pessoas que traziam até a comida, para ser partilhada com os recém-chegados ao país.

Quase a totalidade do voluntariado inspirava-se no espírito do São João Batista Scalabrini, fundador da Congregação dos Missionários de São Carlos-Scalabrinianos, e nas palavras de Cristo, “Eu era estrangeiro e vocês me acolheram” (Mt 25,43).

Merecidamente, a equipe de voluntários era estimada por todos. As mulheres sentiam-se felizes de serem chamadas “mère”, mãe.

Um momento significativo sucedia aos domingos, antes do almoço. Os migrantes, embora pertencendo a diversas denominações cristãs, juntamente com o sacerdote e algum pastor protestante ou evangélico, lideravam um momento de oração ecumênica. Orações espontâneas, em francês ou crioulo, brotavam naturalmente, nos lábios dos presentes, agradecendo a comida e o acolhimento recebido. Hinos católicos e evangélicos tomavam conta dos ares, na hora de servir o almoço.

Não é possível entender o serviço voluntário sem ser motivado pelo amor. No Centro de Pastoral para Migrantes, as voluntárias e voluntários traduziam, na prática, o amor cristão para com o próximo, testemunhando que as obras são a manifestação irrefutável da fé. A solidariedade é fruta de uma árvore sadia.

“Orar não é o mais importante. Importante é praticar a caridade e o amor, mesmo para uma pessoa que não seja religiosa.” (Dalai Lama).

Se desejar ver flores, plante um jardim

Desde os primeiros dias de minha chegada na Paróquia Divino Espírito Santo, tanto na matriz como nas comunidades, procurava falar com as pessoas informalmente, mas ao mesmo tempo, pesquisava, para conhecer o povo, suas necessidades e suas aspirações. Pude descobrir que havia uma riqueza considerável de pessoas abnegadas e de bom coração. O desejo de aprofundar os conhecimentos bíblicos e de conhecer melhor como viver uma vida de fé aflorava em quase todas as conversas.

Estranhamente, algumas pessoas que ocupavam alguma coordenação não viam necessidade de formação. A conversa com essas pessoas se limitava às críticas aos dirigentes de outros grupos e, quando oportuno, fazer acusações ou comparações. Com clareza, transparecia a ideia de apresentar sua imagem de “bons paroquianos” e pondo-se à disposição para apoiar o pároco como fonte de poder e autoridade, por serem eles os “bonzinhos” e merecedores de confiança.

Depois de muitas considerações e encontros, a questão da formação surgia como o desafio principal. Por isso, o primeiro passo foi organizar a catequese com o conteúdo doutrinário, baseado nas Sagradas Escrituras. Uma irmã religiosa especialista em catequese, foi convidada para implantar o sistema catequético da Paróquia com o conteúdo específico de cada encontro, seguindo o mesmo manual, em todas as comunidades. Os catequistas e as catequistas participariam das sessões de formação e avaliação, mensais, com a finalidade de melhorar a qualidade e avaliar o trabalho em andamento.

A organização da catequese exigia estudo semanal do conteúdo por parte da equipe de catequistas e fidelidade quanto a administração das unidades distribuídas, durante o ano catequético. Isso acarretou resistência por parte de algumas pessoas que usavam do tempo, somente para rezar terços. Contudo, os resultados positivos não tardaram a aparecer, na participação dos catequizandos e seus familiares na comunidade paroquial.

Pensando no futuro, foi incentivada a participação no Curso de Teologia para Leigos com a duração de dois anos, organizado pelas quatro paróquias do setor. Os estudantes da Paróquia do Divino Espírito Santo constituíam 40%, dos participantes. Sendo assim, as comunidades tinham pessoas preparadas para assumir responsabilidades na catequese, na formação e evangelização, com qualidade.

Havia que plantar a boa semente, também no povo. Com a assessoria de dois seminaristas, em todas as comunidades, privilegiou-se a introdução da Leitura Orante da Palavra em grupos e famílias. Com isso, a presença do livro da Bíblia, nas famílias e comunidades recebeu um grande impulso.

Em tempo oportuno chegou a publicação da exortação, “Alegria do Evangelho” (Evangelii Gaudium). Imediatamente foram organizados encontros mensais, para estudar e meditar seu conteúdo para quem desejasse ter mais formação.

Por uma feliz coincidência, a Conferência dos Bispos do Brasil publicou o documento no. 100, “Comunidade de comunidades uma nova paróquia” para ser testado nas comunidades. Foi uma excelente oportunidade para um feliz engajamento das lideranças a fim de resgatar o sentido das primeiras comunidades cristãs. Quando, o documento número 100, Comunidade de comunidades uma nova paróquia, foi publicado, a paróquia do Divino Espírito Santo já havia percorrido um bom caminho. O bispo arquidiocesano, ficou muito feliz com a determinação de colocar em prática o documento da CNBB e da exortação Alegria do Evangelho, encorajando a continuar, pois esperava que a exemplaridade da Paróquia Divino Espírito Santo, servisse de inspiração para a Arquidiocese de Cuiabá.

A adopção do documento “Comunidade de comunidades” e a exortação “A Alegria do Evangelho”, exigiu uma significativa mudança no relacionamento dos sacerdotes com as pessoas e comunidades. Cada um passava a tarde toda na comunidade para a qual era escalado, visitando doentes e famílias ou atendendo pessoas que desejasse conversar com ele, culminando com a

celebração da missa.

Para garantir o sucesso na implantação do projeto “Comunidade de comunidades” havia a exigência de treinar os agentes que atuariam nas comunidades. Por isso, em todas as comunidades, um dos sacerdotes apresentava o projeto em Power point. Feito isso, convocou-se todos os conselhos, pastorais e ministérios para o treinamento pertinente.

O perfil dos Ministros Extraordinários da Comunhão também foi recriado. De servidores do altar deveriam engajar-se na formação de grupos domésticos ou de quarteirões para fazer a Leitura Orante da Palavra, realizar as programações da Quaresma, Advento, Mês Missionário, Mês da Bíblia e outros.

As sementes foram colocadas em terra boa. A árvore cresce bem e bonita quando é cuidada.

“Se não houver frutos, valeu a beleza das flores; se não houver flores, valeu a sombra das folhas; se não houver folhas, valeu a intenção da semente.” (Henfil)

Proposta irrecusável

A realização pessoal e profissional depende da abertura às oportunidades e ter coragem de arriscar. Aproveitando das propostas para as quais não estamos preparados com conhecimentos e experiência, é um risco, mas ao mesmo tempo uma excelente ocasião para se embrenhar em mundos novos onde há muito que aprender. Tudo o que é novo desafia, acorda capacidades inexploradas e desinstala a pessoa.

Sentia-me contente na Paróquia Divino Espírito Santo e na direção do Centro de Pastoral para Migrantes em Cuiabá. Havia encaminhado o trabalho e ações sobre bases bíblicas, aplicando as últimas orientações pastorais e missionárias de Roma, e da Conferência dos Bispos do Brasil. Tudo indicava que as bases estavam lançadas. Trabalho, compromisso e amor eram elementos que julgava de grande importância para uma caminhada promissora. De certa forma, sentia-me enamorado das comunidades e do Centro do Pastoral para Migrantes.

As portas estavam abertas e iniciava a nova e promissora fase da Igreja em saída.

Contudo, a marca da transitoriedade ligada à missão está profundamente presente na história de minha vida. Inesperadamente, uma proposta veio desestabilizar-me diante dos planos e projeções que, durante um ano e oito meses, havia feito em diálogo com as lideranças locais.

Um belo dia, durante o mês de outubro de 2014, abri a caixa de correio eletrônico e encontrei uma carta do Superior Geral da Congregação que dizia mais ou menos assim: “A Congregação tem interesse de ter uma presença em Dubai. Sabendo de sua disponibilidade, experiência internacional e conhecimento de diversas línguas, faço-lhe a proposta de ir em nome da Congregação para o Oriente Médio. Seu trabalho será no Apostolado do Mar, observando e discernindo, no sentido de coletar dados para uma possível presença scalabriniana na região.”

Recusar a proposta, permanecendo num lugar onde poderia continuar um trabalho em andamento promissor ou acatá-la e partir para uma missão nova em lugar desconhecido? Deixei passar dois dias, antes de responder à carta do superior. Durante esse, orei, a partir de meu íntimo, meditei e mergulhei em silêncio profundo, abrindo-me para receber a inspiração certa. Nesse estado de espírito, o entusiasmo, diante de uma nova etapa missionária se agigantou rapidamente ao ponto de ficar deslumbrado, pela proposta.

O estado de espírito em que me encontrava, não deixava margem para dúvidas, que a aceitação de um novo envio missionário seria mais um presente em minha vida. Respondi ao superior agradecendo e colocando-me à disposição para a nova missão.

“Com o tempo, você APRENDE que enfrentar os desafios SORRINDO é mais leve do que de cara fechada. E que AGRADECER é uma forma de tudo acontecer no tempo CERTO.” (Edilene Matoso)

Quarenta anos de missão e celebração

Fazer memória, juntar as histórias como parte de uma caminhada, abre a visão de futuro e revigora a esperança. É gratificante quando amigas e amigos manifestam o desejo de unir-se para celebrar.

Na história, os acontecimentos vão-se encaixando no lugar e tempo certos. Nada acontece por acaso. A saída para nova missão coincidiu bem com a celebração de meus 40 anos de ministério sacerdotal. Outra coincidência foi o encontro bianual dos descendentes das famílias Milani e Gabriel que, normalmente, sucede em março ou abril. Os organizadores*, porém, sob a coordenação da sra. Salete Piaia, em entendimentos com familiares, carinhosamente decidiram antecipar o encontro para dezembro, para que eu pudesse celebrar o aniversário, com os familiares e parentes de ambas as famílias.

A programação incluiu a celebração da missa transmitida por rádio, na qual concelebraram diversos sacerdotes amigos. Não poderia deixar de ressaltar a presença do Padre Danilo Pecin, que foi mestre de noviços, preparando-me para a vida religiosa, e do Padre Agostino Sopelsa que preparou minha ordenação e sempre me acolheu com carinho e admiração cada vez que voltava para o Brasil, em visita à minha família.

A celebração da eucaristia valorizou símbolos que representaram minha origem no seio de uma família de agricultores, passando pelas diversas etapas da missão, até a celebração de 40 anos, no ministério sacerdotal. Foi um trabalho carinhoso dos sobrinhos Micheli Canova Hickmann, Francieli Canova, Kauane M. Zibetti, Larissa e Higor Milani, envolvendo, na liturgia, familiares, padrinhos de ordenação e parentes. A celebração foi emocionante e muito bonita.

Os brasileiros, somos conhecidos mundialmente pelo nosso espírito festeiro. Não era dessa vez que ia faltar vinho para a festa. Com o trabalho das famílias Milani, com destaque para José Milani,

a prima Salete Piaia Blanck, todos os convidados saborearam uma churrascada gaúcha da melhor qualidade.

A ocasião, se constituiu numa feliz oportunidade de encontro dos descendentes das famílias Milani, Alberti e Gabriel. Alegria, emoção, risos, recordações foram a tônica da tarde de confraternização. Fiquei muito feliz de rever parentes e amigos que não via há muitos anos e de encontrar pela primeira vez, a primeira pessoa brasileira que batizei como padre.

As sobrinhas, Micheli e Francieli, apresentaram um Power Point com fotos e comentários de minha trajetória de vida e missão, que me deixou emocionado.

A Paróquia Divino Espírito Santo, no dia 15 de dezembro, com a participação de todas as comunidades, valorizou a missa de ação de graças, incluindo testemunhos, previamente gravados, de pessoas que marcaram a minha trajetória missionária. Como é comum entre brasileiros, uma festa social com mesa farta e música, encerrou as comemorações de 40 anos de caminhada na presença de Deus, nas missões em diversos países.

“Por tanto amor, por tanta emoção, a vida me fez assim doce ou atroz, manso ou feroz, eu caçador de mim...” (Milton Nascimento)

Aniversário entre o céu e a terra e entre dois mundos

Para o missionário é normal levantar voo de algum lugar para aterrissar em outro. A dor secreta de partir punge o coração, ao mesmo tempo em que uma luz, não sei a que distância, atrai e provoca a partida. Partir é o passo necessário para chegar. Por isso, “Quando chegar a hora de partir, apenas saia andando, calmamente e não faça confusão”, (Banksy-Guerra e Spray).

O dia de embarque, para os Emirados Árabes Unidos estava próximo, às portas. Com serenidade preparava-me espiritual e psicologicamente para mais um voo para além-fronteiras, privilegiando a meditação e oração. Embora familiarizado com

experiência em saídas anteriores, estava consciente que elas não se sucedem da mesma forma. A ida para um país islâmico seria uma experiência nova e única que, deveria ser enfrentada de uma forma própria.

O coirmão de congregação, Padre Carlos Pedrini, marcou presença junto a mim, por ser o amigo nas chegadas e nas despedidas, a partir do Instituto Cristóvão Colombo que ele dirige com maestria. De fato, principalmente, nas últimas décadas foi magnânimo na acolhida. O último encontro com os colegas de Congregação de São Paulo foi organizado por ele, ao anoitecer do dia 27 de janeiro de 2015. Um primeiro momento de oração, seguido da partilha de um singelo churrasquinho, em clima de amizade, foram as últimas experiências que aqueceram o coração.

No dia de meu aniversário de nascimento, 28 de janeiro, parti de São Paulo, para celebrá-lo entre o céu e a terra, à altura de 11.000 metros. Um pequeno inconveniente provocou atraso na decolagem do avião. Depois de ter-se afastado da plataforma, o comandante anunciou que retornaria para o desembarque de um passageiro indesejado a bordo. O homem estava acomodado no acento atrás do meu. Acompanhado dos comissários de bordo e mais algumas pessoas, saiu sem resistência.

Depois de fazer escala em Londres, parti para Abu Dhabi, capital dos Emirados Árabes Unidos e sede do Vicariato do Sul da Arábia. Ao anoitecer do dia 29 de janeiro de 2015, cheguei no país islâmico, onde um padre católico me recebeu no aeroporto.

Fiquei hospedado na casa do bispo, durante uma semana, tempo em que pude dedicar-me à oração, meditação e estudo sobre islamismo, cultura e história dos povos das Arábias.

No dia 6 de fevereiro, viajei de carro a Dubai, para fazer parte da equipe de sacerdotes capuchinhos, diocesanos e religiosos da Igreja Saint Mary's.

"A vida nos leva para onde ela quer. Cada um vem, escreve sua historinha e vai embora. Não vejo segredo em levar a vida" (Oscar Niemeyer).

Parte XII

**"JESUS VENCEU NO DESERTO, ADÃO PECOU
NO PARAÍSO. O PROBLEMA NÃO ESTÁ NO LUGAR, E
SIM NAS ESCOLHAS"**

(Davi Sena)



Davi

Sob as barbas do Profeta

Temos notícias de que na Península da Arábia houve presença marcante do cristianismo até a chegada do Islã, em 636. Havia igrejas espalhadas pela região. Recentemente, foram descobertas as ruínas de um importante mosteiro nestoriano, construído em pedras cor de mel, ostentando esculturas de cruzes, uvas e palmeiras na ilha de Bani Yas em Abu Dhabi. Arqueólogos opinam que a construção do mosteiro pode ser do século IV.

Os cristãos nestorianos viviam isolados na ilha Yas, com escassez de água potável. Além de se dedicarem à oração e ao ascetismo vendiam pérolas para seus coirmãos na Índia. A comunidade nestoriana atingiu seu auge no século VIII, bem depois da chegada do Islã, esvaecendo-se, no século IX.

Guerras, revoltas, conflitos tribais fizeram parte do doloroso processo para implantar o islã, como a única religião, e o árabe, como única língua. Religião e língua foram e ainda são elementos importantes para a unificação das tribos de toda a região.

Quem mora nas Arábias, ou vem a turismo, inevitavelmente, respira islamismo por toda parte. Nos conjuntos habitacionais, centros comerciais, edifícios profissionais, hospitais e restaurantes, aeroportos, é indicada a localização das salas de oração. Cinco vezes por dia, através de possantes alto falantes instalados no alto dos minaretes das mesquitas, os imãs convidam para a oração. As mesquitas estão disseminadas por todo o território. De onde moro posso ouvir, ao mesmo tempo, a convocatória de seis mesquitas.

Os Estados Islâmicos baseiam suas instituições e vida sobre a Sharia, lei islâmica.

Sharia é um termo árabe que significa "caminho", mas, que historicamente, dentro da religião islâmica, tem sido, continuamente, empregado para se referir ao conjunto de leis da fé, compreendido pelo Alcorão. Leis, direito moral são fundamentados na Sharia que se constitui num sistema detalhado de leis religiosas desenvolvidas por estudiosos muçulmanos e ainda em vigor entre

os fundamentalistas hoje.

Numa visão bem estrita do islamismo, a Sharia, como lei revelada de Deus, perfeito e eterno, é obrigatória para os indivíduos da sociedade e do Estado, em todos os seus detalhes. Assim, qualquer crítica a esta é heresia. Os muçulmanos que negam sua validade são rotulados como infiéis ou apóstatas por tradicionalistas islâmicos. Como tal, eles enfrentam a ameaça de serem processados por apostasia, um crime que, de acordo com a própria Sharia, acarreta pena de morte. A conversão de um crente muçulmano é proibida e até passível de pena de morte.

Aos expatriados que professam suas religiões, o Estado ou Islã não interfere quanto à passagem de uma religião para outra.

“A liberdade é uma rua de mão dupla, quando transformada em sentido obrigatório vira autoritarismo.” (Regiane T. Silva)

Melhor assim do que nada

Diante das desgraças e tragédias provocadas por grupos radicais em países do Oriente Médio, muitas pessoas com informação deficiente, pensam que também os Emirados Árabes Unidos vivenciam a mesma experiência de残酷. Contudo, graças à visão de grandeza e desenvolvimento do Sheikh Rashid bin Saeed al-Maktoum, Dubai e os outros seis emirados que a partir de 1970 se uniram em federação, a região do sudoeste da Península da Arábia se transformou num oásis de paz e flexibilidade social e religiosa.

O Sheikh Rashid estava convencido de que, para haver desenvolvimento econômico e social era necessário trazer profissionais e trabalhadores de fora. O detalhe era que os estrangeiros viriam para a região, totalmente, dominada pelo islamismo, com sua cultura e religião. Entendeu que eles trabalhariam para o país, mas que seriam mais felizes se pudessem

praticar suas religiões. Percebeu a necessidade de criar condições para que todos pudessem praticar sua religião e viver conforme sua cultura.

As religiões trazidas pelos expatriados para um solo islâmico foram outro assunto para ser considerado, a fim de satisfazer seus seguidores. A solução foi destinar glebas de deserto e demarcar um pedaço de solo arenoso, para cada crença que estivesse interessada. Surgiram, assim, as regiões das Igrejas e dos templos, tendo, inevitavelmente, uma mesquita como mais um vizinho.

A edificação das igrejas e templos, deve seguir algumas normas. Não são permitidas construções com mais do equivalente a três andares e não devem ser encimadas por cruzes. Campanários não existem.

Todas as religiões obrigam-se a organizar seus cultos dentro de suas dependências. Grupos de oração, funções religiosas, em qualquer outro lugar, devem ser evitadas.

A internet, como meio para veicular páginas, vídeos, boletins e outras publicações é amplamente usada. Contudo, qualquer escrito ou similar que insinue proselitismo é determinadamente proibido.

O número comparativo das igrejas e mesquitas é chocante. Em 2015 existiam 5.251 mesquitas nos Emirados Árabes Unidos, das quais mais de 2.000 só em Dubai, contrastando com as 8 igrejas, para acolher quase um milhão de católicos. Neste tempo em que escrevo seriam necessárias, pelos menos, mais 30. Contudo, não existe nenhuma perspectiva de que, em breve, seja destinada alguma nova área de deserto, para as diversas religiões no Sul da Arábia. É a diplomacia das migalhas para os “lázarus”.

Na verdade, a flexibilidade quanto às religiões significa apenas a migalha que cai da mesa do rico banqueteador, amplamente usada para dar a entender que os governantes daqui são tolerantes e magnânimos e o país é um paraíso para as crenças dos expatriados.

Mesmo, com a resistência de muitos de seus, súditos, Sheik decidiu flexibilizar a lei do álcool, permitindo o estabelecimento de mercados para comercializar licores, carne de porco e outros

produtos. Hotelaria e pessoas, portando uma permissão, podem adquirir bebidas alcóolicas para seu consumo ou negócios.

Os estrangeiros devem evitar absolutamente de criticar o sistema, os governantes e, certamente, o Islã. Nada disso é tolerado. O encarceramento, seguido de deportação, é inevitável.

“Contentar-se com pouco é difícil, contentar-se com muito, impossível”
(Marie Eschenbach)

Missão sobre as ondas. Apostolado do Mar.

Durante a história das navegações, especialmente, a bordo dos navios da Espanha e Portugal, a cruz e a espada viajavam juntas. Os missionários estavam atrelados ao poder bélico e político da época que, de certa forma, permitia penetrar em terras não cristãs. A combinação dos poderes temporal e espiritual, ao mesmo tempo em que auxiliava na evangelização dos povos, também, justificava as conquistas e a subjugação dos povos, aos poderes europeus.

Os navios, na época das grandes navegações, serviam aos propósitos militares ligados à posse das terras, bem como para o comércio e propagação do cristianismo. Com o passar do tempo houve a separação entre a marinha de guerra e a marinha mercante.

A marinha mercante aperfeiçoou enormemente suas operações, introduzindo novas tecnologias para transportar com rapidez e eficiência, através dos oceanos, mares, rios e lagos, os produtos comercializados entre países e regiões. Das operações braçais, durante semanas para carregar um navio, passou-se aos modernos sistemas automáticos que em poucas horas carregam milhares de toneladas de produtos.

A bordo dos enormes navios que singram pelos oceanos, existe uma população de seres humanos que, longe de sua terra e famílias, moram e ganham-lhes o sustento. São um milhão e meio de marítimos que movimentam 90% de tudo o que é comercializado entre países e regiões. Enquanto de uma elevação, os grandes navios

são observados com admiração pelo seu tamanho e beleza, poucas pessoas pensam na população invisível que trabalha, freneticamente, nas operações a bordo, para entregar com segurança e eficiência, os carregamentos.

Por causa de sua invisibilidade, pessoas, em terra, têm a tendência de julgar os marítimos de forma negativa e preconceituosa. O fato é que são, em geral, ótimos trabalhadores, muito responsáveis, capazes de trabalhar em equipe e, sobretudo, de grande abnegação e amor por suas famílias, em sua terra. Para o marítimo, o trabalho é a concretização do amor para os familiares.

Para isso, ele vive longe, trabalhando arduamente, experimentando a solidão e, frequentemente, sofrendo de depressão.

A Igreja Católica e outras denominações cristãs, desde muito tempo, criaram pastorais, estruturas e instituições para servir as tripulações dos navios.

Depois da maravilhosa experiência de trabalhar no Porto de Santos-SP. os desígnios divinos me trouxeram aos Emirados Árabes Unidos, para apoiar os marítimos de todas nacionalidades e religiões, a bordo de navios que chegam aos portos do país. De Dubai, onde resido, saio para os diversos portos, com destaque para o Porto de Jebel Ali, onde existe o Centro Internacional para Marítimos, e Hamrya no Emirado de Sharjah.

Por não ser permitida a presença do Apostolado do Mar segundo as leis do país, fui contratado por uma companhia de navegação, meio sui generis, com o título de administrador de eventos, evitando assim, qualquer título religioso. Com esse documento e essa classificação teria acesso aos portos e consequentemente aos navios. Isso em teoria, pois, muitas vezes a permissão era negada.

A Pastoral Marítima é realizada dentro dos parâmetros que as leis, baseadas na doutrina islâmica, permitem. Funções religiosas a bordo não são bem-vistas. Só é possível realizá-las, introduzindo objetos e vestes litúrgicas de forma oculta. Conseguindo levá-los a bordo do navio, as autoridades locais não interferem pelo fato de

que o navio é considerado território do país cuja bandeira está hasteada.

Cada fato, evento ou acontecimento causa impacto de acordo com o ambiente onde ele se produz. Não importa qual seja a causa, o falecimento de um marítimo a bordo de um navio, devido à cultura característica das gentes do mar, influencia toda pequena comunidade de trabalhadores. Crentes ou ateus sofrem com a experiência da partida de um colega de trabalho. É o momento em que aflora a espiritualidade ou a superstição. Por isso, a presença de um padre ou pastor a bordo é requisitada tanto pela tripulação como pela companhia de navegação. Nessas circunstâncias, a passagem para o navio era mais facilitada.

A visita pode suceder quando o navio está atracado num dos portos; principalmente no porto de Fujiarah, o capelão munido de capacete, sapatos de segurança e colete salva-vidas, navega de uma hora e meia a duas até as águas internacionais, onde atracam os grandes navios-tanque na espera de uma vaga nos cais dos portos do Golfo Pérsico.

A viagem até o navio é feita numa embarcação de serviços, estruturada para operar em alto mar. Se o navio estiver com carga completa, ela é aproximada a uma porta de acesso. A embarcação menor deve acercar-se até que seu convés e a porta estejam no mesmo nível. As ondas formadas pela aproximação permitem o nivelamento durante dois ou três segundos, no máximo, tempo suficiente para que, ao ouvir o grito “vai” dos marinheiros, o capelão pule para a porta do navio, onde outros dois marinheiros o agarram, o põem para dentro e lhe dão segurança.

Quando o navio-tanque está vazio, o convés está a uma altura de mais de 20 metros, não permitindo o ingresso pela porta. Para esse caso é usado um guindaste que faz chegar à embarcação de serviço, uma plataforma circular, na base da qual se levante uma armação de cordas, em forma de cone. O capelão firma os pés na plataforma e se agarra nas cordas pelo lado de fora e é içado até o convés no navio.

O trabalho do capelão, normalmente, consiste em uma

introdução sobre o encontro, orações, leitura da bíblia, pregação para a ocasião e bênção aos tripulantes. Contudo, é indispensável que a água benta seja borrifada na cabine e todos os lugares que eram frequentados pelo falecido. Como o corpo é mantido diversos dias e até semanas em câmara frigorífica, o local merece uma oração e uma bênção com mais abundância de água.

Terminados os atos religiosos, o capelão permanece a bordo, à disposição dos marítimos que foram mais afetados pela morte de um colega.

Um dos problemas graves que, muitas vezes, encontramos nos portos são navios com as tripulações a bordo, com os salários atrasados em diversos meses e até mais de ano. Navios abandonados com a tripulação sem água e comida, são muito frequentes, mas não é notícia nos jornais.

Apesar de ser um país rico, moderno com uma economia em expansão, os expatriados trabalhando nos Emirados Árabes Unidos e os marítimos não recebem o benefício da defesa, em caso de maus tratos, injustiças e discriminações.

Sindicatos, federações, associações de trabalhadores ou profissionais liberais não são permitidos nesse país. A defesa de direitos humanos e manifestações causam punições e deportação.

Na ausência de instituições que defendam os marítimos, esse delicado e difícil trabalho fica por conta dos capelães do Apostolado do Mar. A técnica usada é baseada na diplomacia amigável e do convencimento, * insinuando compaixão para com os marítimos em situação de injustiça e abandono.

Exercer a Pastoral Marítima, aqui é um desafio constante. As frustrações quanto a encontrar uma solução para os problemas trabalhistas, burocráticos e de injustiça são compensadas pela acolhida pessoal a bordo dos navios e no Centro Internacional para Marítimos.

Com o acirramento das atividades extremistas no Oriente Médio, o Apostolado do Mar entrou numa nova fase a partir do dia em que se celebra a independência do país, dia 2 de dezembro de 2015. Diante da possibilidade de algum ataque terrorista, o governo

implementou medidas de segurança muito severas, principalmente, nos portos e aeroportos. Uma das medidas foi impedir que os marítimos desembarquem dos navios, devendo permanecer a bordo enquanto estiverem no porto. Como consequência, o Centro Internacional de Jebel Ali, já não recebe a visita das gentes do mar.

O capelão e os diretores do Centro estão esperançosos de que as normas sejam flexibilizadas, permitindo aos marinheiros terem um ambiente de acolhida em terra, fora da solidão e rotina dos navios.

“Tem dias que precisamos estar bem à toa, para compensar os dias de sufoco!” (Tal Borges)

As fronteiras se cruzam nas igrejas

Devido à impossibilidade de continuar o trabalho para o qual fora enviado aos Emirados Árabes Unidos, tendo o documento de “promotor de eventos” vencido com a renovação negada, o Vigário Apostólico do sul da península da Arabia, fez um contrato de ministro religioso associado à Igreja Santa Maria de Dubai. O contrato seria de três anos.

Os Emirados Árabes Unidos têm uma situação peculiar no conceito das nações. Trabalhadores de todos os países do planeta estão representados nesse pequeno país de 83,600 km². Sua população era de 9 470 162 no começo de 2017. O fato curioso é que somente 10% dos habitantes são nacionais e 90% são expatriados. Outra situação surpreendente é a desproporção numérica entre homens e mulheres. Em 31 de dezembro de 2015 havia 6 456 534 de homens contra 2 837 688 de mulheres. Essa proporção de gênero se reflete também nas igrejas. Enquanto no ocidente as mulheres que frequentam as atividades religiosas são a maioria esmagadora, nos Emirados Árabes Unidos sucede o oposto, predominando o sexo masculino.

As igrejas e templos, lado a lado, ocupam a mesma área destinada pelas famílias regentes de cinco dos sete emirados, pois dois deles ainda não adotaram a flexibilização, permitindo lugares de cultos não islâmicos.

Às sextas-feiras, feriado religioso islâmico, adotado por todas as religiões, a área das instituições religiosas é o destino de cidadãos de todas as nacionalidades que se misturam, formando uma vila global. Rostos, etnias, cores, vestuário, trajes típicos, culturas, presentes no mesmo lugar, dão a impressão de que o mundo eliminou as fronteiras, abrindo todas as portas para o encontro universal.

A diversidade de línguas e religiosidades coexistem em harmonia graças ao uso comum do inglês que facilita a comunicação e comunhão entre todos os grupos. Felizmente, quase todos os expatriados, mesmo com alguma dificuldade conseguem expressar-se, usando a língua inglesa em assuntos relacionados com a vida diária.

Quando nos referimos à Pastoral Migratória em países do ocidente, um dos objetivos é apoiar o migrante para que ele se estabeleça no país, integrando-se na sociedade receptora. Nos Emirados Árabes Unidos, todos são expatriados, aos quais não se lhes outorga residência permanente e muito menos a cidadania do país. Não podendo criar raízes aqui, deverão voltar à terra de origem ou migrar para outro país.

Igreja bonsai, cresce em vaso

A temporariedade e transitoriedade da presença dos expatriados exigem um tratamento correspondente por parte dos líderes religiosos, isto é, sem a preocupação de usar técnicas para integrar os fiéis na comunidade local, o que é impedido pelas leis do país. Sendo a residência de tipo temporário, é praticamente impossível formar comunidades de fé constituídas apenas por estrangeiros, pois eles somente trabalham aqui. Terminado o contrato de trabalho, voltarão às suas terras.

Devido à situação descrita, poderíamos comparar a Igreja ao bonsai, entendido como técnica de cultivar árvores em miniatura dentro de vasos, aparando as raízes, podando e dirigindo os galhos, de forma que permaneçam pequenas, mas com características de adultas. O vaso e a envergadura da pequena planta permitem facilmente e relocação para qualquer outro lugar. De fato, as igrejas têm suas atividades confinadas dentro dos muros de 3 metros ou mais de altura, sem campanários e sem cruzes.

O objetivo da ação da Igreja é manter o povo praticando sua fé para que, ao regressar ou migrar a outro país, os expatriados continuem a prática de suas religiões. Por isso, as festas religiosas, práticas devocionais, ritos e línguas de cada nacionalidade encontram espaço para vivenciar tudo como em sua terra de origem.

Evidentemente, religião e cultura andam juntas e se manifestam nas procissões, espetáculos e celebrações religiosas. Dessa forma, pode-se conhecer, apreciar e entender a cultura e religiosidade popular de dezenas de nacionalidades num mesmo lugar.

Sendo o único sacerdote ocidental residindo nas dependências de Igreja Santa Maria, com desenvoltura em inglês e diversas línguas latinas, tenho livre trânsito, praticamente, entre pessoas de todas as nacionalidades que participam das celebrações católicas de Dubai. O horizonte ampliou-se com as celebrações em português, além do inglês, na Igreja de Santa Maria em Dubai e em espanhol na Igreja São Francisco de Assis em Jebel Ali, no mesmo emirado.

Bem-vindos à “Sonapur,” a cidade do ouro

Em todas as sociedades consideradas adiantadas sobre nosso planeta, existe um bairro* ou uma região que não aparecem na mídia. Existem casos em que foram até mesmo, tirados dos mapas das cidades. Outros, constam com nomes oficiais, mas a população os chama de outra forma, quase sempre ironizando.

A cidade de Dubai, a mais populosa dos Emirados Árabes Unidos, é mundialmente conhecida pelas obras faraônicas, edifícios impressionantes pela arquitetura e arrojo, importante centro financeiro e grande empório de redistribuição de mercadorias para todos os países da região do Golfo e para muitos da Ásia e África. Criaram-se jardins, imensos parques, bosques e estruturas turísticas inusitadas para uma terra desértica, inóspita e carente de água. Pela sua riqueza e comércio de ouro, é conhecida em nível mundial como a “Cidade do Ouro”.

Contudo existe a Dubai oculta, longe dos olhos dos turistas e das notícias. Nela existe a maior concentração de campos de trabalhadores que, sem eles, ela não existiria e, se hoje houvesse uma greve, haveria um cataclismo e o glamour daria lugar à lugubridade. Nos mapas o bairro vem embrulhado com o nome Al Muhaisnah, mas todos o conhecem por “Sonapur”, Cidade do Ouro, em língua Hindi.

Centenas de Companhias têm em “Sonapur”, os campos para seus trabalhadores. São pessoas da Ásia, agenciadas para viajar e trabalhar em Dubai, com a esperança de construir um futuro para as suas famílias. A capital da riqueza, no entanto, oferece-lhes apenas miséria, baixos salários e trabalho exaustivo em um calor sufocante. Condições bem próximas às da escravidão.

Quem tem a oportunidade de ir a “Sonapur” vê rostos que trazem vislumbres de vidas pobres, envolvidas em trabalho pesado. Sujeira, insetos, lixo, má conservação dos edifícios são sinais visíveis do desprezo pela dignidade humana.

Quase a totalidade dos trabalhadores é do sexo masculino. Dormem sobre beliches de 8 e até 16, no mesmo quarto, com pouca ventilação e precariedade de climatização. Em muitos casos, a mesma cama serve para quem trabalhou durante o dia e, de manhã cedo, é ocupada por aqueles do turno da noite, sem que haja troca de roupa de cama.

Muitos trabalhadores, principalmente aqueles financiados pelos atravessadores, perdem seus direitos assim que colocam os pés nos Emirados Árabes Unidos, pois seus passaportes são

confiscados no aeroporto e eles são forçados a trabalhar. Uma escolha óbvia para qualquer um que não tem outra alternativa, pois, estando endividados e o passaporte preso, todas as portas para voltar para suas casas estão fechadas.

Embora a situação desses expatriados seja horrível, é-lhes vetado não só o direito de reclamar e deixar o trabalho, mas caso o façam são encarcerados pelas autoridades locais.

A decepção desses trabalhadores é grande quando assinam o contrato de trabalho. É momento quando percebem que não vão receber nem um terço do salário prometido pelos agentes de emprego, na terra de origem. A frustração é ainda mais profunda porque a maior parte havia feito planos com o salário prometido, agora, comprometidos. Para quem não tem nada e está endividado com os investimentos para vir ao país, só resta submeter-se ao sistema de exploração da mão de obra.

Nos campos de concentração dos nazistas, cercas eletrificadas e muros impediam a fuga de milhares de seres humanos. Hoje, a burocracia, sequestro dos passaportes, o sistema perverso de trabalho, leis injustas e a supremacia do capital sobre o ser humano se constituem num método moderno de escravidão.

Cercadas por uma armadilha invisível e impotentes para se livrar dela, os suicídios de expatriados são muito frequentes.

“A escravidão não foi abolida, apenas a camuflaram.” (Alexandre Brandão)

Igreja em Saída num país islâmico

A insistência do Papa Francisco para que a Igreja esteja em saída, certamente é um convite para os cristãos, não nos instalamos num mundo irreal, longe das adversidades regulamente vividas pelas pessoas. Estar na comunidade dando testemunho dos valores evangélicos é o único meio de provar que o amor é real e transformador.

Obviamente, o cristianismo, bem como outras religiões toleradas num país islâmico, deve, necessariamente, ser criativo para que os templos e igrejas não sejam os únicos lugares próprios para viver a fé. Na impossibilidade de usar a mídia ou dialogar abertamente sobre religião sob a pena de ser acusado de proselitismo, o cristão deve privilegiar o testemunho do conteúdo de sua fé.

Diante da triste situação de milhares de trabalhadores sob um regime análogo à escravidão, o cristão se sente desafiado a agir dentro das normas que o país permite, isto é, tentar satisfazer necessidades e solucionar problemas nos trabalhadores. O combate às causas das injustiças, defender os direitos humanos, exigir condições dignas de trabalho e moradia significa incorrer ao perigo de encarceramento e deportação.

Felizmente, quem quer fazer o bem ao próximo sempre encontra algum jeito. Embora o foco da Igreja, nos Emirados Árabes Unidos, seja facilitar às pessoas a manter sua religiosidade para quando retornem ao país de origem, alguns expatriados uniram suas boas intenções de fazer o bem de forma organizada e eficiente, dentro dos parâmetros que as leis locais permitem, criando o “Grupo Samaritanos”.

Quando falo em “Grupo Samaritanos” foco o pensamento sobre as atividades realizadas por um grupo de quem tem nome dentro do complexo da Igreja, mas inexistente para o governo. Dessa forma, a palavra “samaritanos” não identifica uma organização, mas se expressa nas ações visíveis, na ajuda prestada aos trabalhadores de “Sonapur”, nas orientações legais e trabalhistas, na assessoria aos indocumentados, nos cursos de iniciação à língua árabe, e outros.

Indo além do apoio aos expatriados, vão sendo introduzidas atividades culturais e esportivas, visando criar canais para um bom relacionamento com os cidadãos locais.

Na vida sempre estaremos dispostos a dobrar nossos desejos e vontades às leis e normas da organização ou congregação a que pertencemos. Minha congregação foi informada que seria

impossível termos uma presença permanente no Vicariato Sul da Arábia por estar sob os cuidados das províncias dos Frades Capuchinhos. Em visto disso, a congregação decidiu que eu iria sair dos Emirados Árabes Unidos e, depois de me consultar, propôs-me de trabalhar nos Estados Unidos, na província São Carlos Borromeo.

Tendo aceitado a proposta, em dezembro de 2018 participei de uma viagem à Israel, celebrei o Natal na Igreja Santa Maria de Dubai e com o grupo de língua hispana em Jebel Ali. O Pároco marcou minha despedida numa das missas em inglês na última sexta feira do mês, feriado religioso. Concelebraram todos os 9 sacerdotes da paróquia. Ao final de missa foi-me entregue um belíssimo troféu com as palavras “No complexo da Igreja, você é reconhecido como o padre do sorriso”.

Dia 28 de dezembro de 2018, embarquei para São Paulo, para dar início os procedimentos para viajar aos Estados Unidos.

“Com organização e tempo, acha-se o segredo de fazer tudo e bem-feito.”
(Pitágoras).

Retorno ao Império do “Tio Sam”

A maioria das pessoas enfrentam enormes dificuldades para migrar aos Estados Unidos cuja política migratória prima pela severidade. Muitos se aventuram de forma independente com o único objetivo de chegar à terra do “Tio Sam” com o propósito de trabalhar e ganhar dinheiro para brindar uma vida melhor para a família. Muitos morrem pelo caminho, outros são vítimas dos famigerados coiotes, mas um bom número consegue vencer as barreiras e aportam em terras americanas. Sem documentação, entram a fazer parte de milhares de pessoas classificadas como ilegais, sempre sujeitas a caírem nas mãos das autoridades e serem detidas e, possivelmente, deportadas ao país de origem.

Sendo membro de uma congregação religiosa e missionária atuando e mais de três dezenas de países, as dificuldades para migrar aos Estados Unidos, foram relativamente fáceis. Mesmo assim, a permissão para entrar no país demora alguns meses. No

meu caso foram um pouco mais de 4 meses. Ingressei no país com o visto R1, próprio para pessoas com funções relacionadas as religiões.

Contemplado com o visto R1 com vigência de dois anos e meio, no dia 6 de maio de 2019, embarquei em São Paulo para Fort Lauderdale, na Florida, onde participaria da assembleia dos sacerdotes da Província São Carlos Borromeo, transferido da Região Mãe dos Migrantes, da região ao sul da América do Sul. Ao término dela, viajaria para Boston, sendo destinado como vigário da paróquia de Santo Antônio de Everett, MA.

Se a primeira impressão é aquela que está mais perto da verdade, pareceu-me que a assembleia se caracterizou como uma oportunidade que sucede todos os anos e permite o encontro entre os sacerdotes. Quanto ao conteúdo do evento, na minha opinião, tive a impressão não era forcada em algum propósito ou objetivo prático para ser implementado nos lugares onde os sacerdotes atuam.

No transcorrer da assembleia, estranhei que um sacerdote que se identificou como “superior local” das casas scalabrinianas das quais eu faria parte, nos estados de Massachusetts e Providence. Falou de forma vaga e imprecisa sobre a situação que eu encontraria na paróquia de destino devido à saída compulsória de um jovem padre caluniado por algumas pessoas do grupo de fiéis do Brasil.

A revelação do sacerdote era apenas a ponta do iceberg. Logo nos primeiros dias, era evidente a divisão entre os brasileiros que se posicionavam contra ou a favor do padre caluniado. Muitas pessoas manifestavam tristeza por entenderem que os superiores não o defenderam.

Passados alguns dias, o sacerdote administrador da paróquia, comunicou-me que sairia da congregação e do ministério sacerdotal. Até lá, ele somente administraria a paróquia, dando-me liberdade para iniciar a pastoral juvenil e a formação de novos Ministros Extraordinários da Eucaristia, pois os existentes já estavam atuando há muitos anos, superando todos os regulamentos da diocese. Por isso, pus-me a preparar um grupo de casais jovens

para atuar na pastoral da juventude e convocar os jovens. Com a colaboração de duas pessoas leigas possuidoras de bons conhecimentos de teologia e Bíblia, foi possível preparar 18 novos Ministros Extraordinários da Eucaristia. O grupo de jovens deslanchava bastante bem. Outrossim, os ministros já tinham data marcada para iniciar o serviço à comunidade.

Infelizmente, dois fatores causaram a cessação tanto da pastoral de juventude, como do grupo dos novos ministros: a pandemia do Convid-19 e o novo pároco que desqualificou as duas iniciativas. Atitudes personalistas e autoritárias deram origem a desistências de forças vivas da paroquia, e confusão na escola e catequese além de intrigas com os antigos migrantes italianos.

Prevendo tempos sombrios, logo nos primeiros 6 meses da chegada do mencionado pároco, escrevi ao superior provincial para ser transferido para outro o local, o que aconteceu em julho de 2021. Meu novo local de trabalho seria na paroquia São Vicente, em Margate, Florida, na qual o pároco deveria ser substituído. Ele aceitou, mas pôs a exigência que o novo pároco não fosse seu vigário. Então o vigário em Margate foi nomeado pároco na paroquia São Tarcísio, em Framingahm, MA, em substituição ao pároco cuja saída foi exigida pela Arquidiocese de Boston. Este, padre brasileiro, foi assignado como pároco na paroquia de Margate, mas veio a falecer repentinamente depois de 8 meses. O pároco antigo foi convocado de volta a Margate, para ser administrador interino por três meses enquanto o superior provincial procuraria outro pároco. A escolha caiu sobre um sacerdote mexicano que depois de um ano numa paroquia em Maryland andava de mal a pior e devia ser transferido. Mais confusão à vista. O dito padre, influenciado pelo pároco do qual eu pedi afastamento, fez a exigência que eu fosse transferido de Margate para ele aceitar, enquanto o vigário da Igreja Rainha da Paz em Delray Beach, Florida, pediu para ser transferido. Recebi a proposta de ir para Delray Beach com alegria, e o jovem padre brasileiro iria para Margate.

Quando as peças não combinam

Parecia que as peças no tabuleiro de xadrez estavam em posição para o jogo. Nada! Como diz o ditado, “não há nada de ruim que não possa piorar”. O novo pároco em Margate se meteu em contínuas atrapalhadas com o povo e o vigário e teve que sair em poucos meses. Um padre gravemente enfermo, foi enviado a Margate como administrador interino. Era conhecido como pessoa alegre e inteligente no passado, mas agora, as diversas doenças o fizeram mudar muito criando situações estranhas com o vigário e o povo e teve que ser enviado a outro país para tratamentos. O tabuleiro está completo novamente, sendo o vigário promovido a administrador paroquial, tendo mais outro sacerdote mexicano que saiu de sua paroquia por imposição das autoridades eclesiásticas e um padre diocesano do Brasil. Será que a “equipe” funcionará? Só Deus sabe.

A Paroquia Nossa Senhora Rainha da Paz, em Delray Beach. FL., onde estou, serve o povo de língua inglesa, espanhola e portuguesa. Segue o mesmo padrão da maioria das paroquias nos Estados Unidos, sendo lugar de culto e albergue de movimentos. As orientações publicadas pelo papa e pelos dicastérios da cúria romana são ignoradas em quase sua totalidade. Aqui não existe o conselho pastoral e, por conseguinte, nenhum tipo de pastoral. Nas missas, vemos poucas crianças da catequese, a ausência maciça da juventude e uma quantidade elevada de pessoas acima dos 45 anos de idade, dando a impressão de que, nós padres, estamos acomodados, inertes, olhando a Igreja em franco declínio. Uma paroquia sem juventude não tem futuro.

É com tristeza que vejo as dioceses e as paroquias sem projetos e planos. Talvez, mais triste ainda, constatar que não há a menor ideia para renovar, dinamizar e atualizar este tipo de instituição que não corresponde às exigências dos dias atuais. Um número

avassalador de párocos simplesmente ignora os documentos emanados pelo Vaticano. Em plena sociedade urbana, encontramos párocos que tratam a paroquia como se fosse uma pequena capela rural. Alguns tem origem em comunidades rurais, mas embora atuando nas cidades, mantem a cultura do campo, sem assumir a urbana. Este seria o momento de convertermos a paroquia para a realidade atual. Quanto mais esperamos, mais o mundo se afasta de nós e a Igreja perde espaço. Ainda é possível recuperar o que se perdeu, mas será preciso compromisso e trabalho em conjunto.

É melhor acender um palito de fósforo do que lamentar a escuridão

A exposição feita acima a respeito do relacionamento entre o clero, leva-me à convicção que o problema está no tempo de formação para o sacerdócio. Constatata-se que não sabemos trabalhar em equipe e em conjunto com os colegas sacerdotes. Os males do status, da arrogância e do autoritarismo, associados ao estrelismo são males diametralmente contrários ao evangelho e devem ser curados. As confusões clericais relatadas, a apatia e acomodação dos párocos, especialmente, o desinteresse apostólico e missionário prejudicam enormemente a caminhada da igreja. Por isso, segundo meu pensamento, muitas pessoas sentem-se melhores cristãos fora das estruturas paroquias e clericais.

Questiono a formação administrada nos seminários. Não estariámos treinando jovens de hoje usando uma teologia ultrapassada para uma igreja pré-conciliar? Não haveria, durante o tempo da formação, demasiada importância dada aos ritos, à religiosidade, ao intimismo e ao esteticismo? Que tipo de sacerdote as instituições formativas pretendem dar à Igreja, pastores com o “cheiro das ovelhas”, Igreja em saída, ou funcionários do culto, das devoções, das novenas e caroneiros em movimentos?

Apesar da minha visão bastante carregada de nuvens

sombrias, alimento a firme esperança que a prática das orientações preconizadas pelo documento do Vaticano “A Conversão Pastoral da Comunidade Paroquial” de 27 de junho de 2020, norteiem a ação dos bispos e párocos afim de sonharmos com um futuro luminoso para a Igreja nos Estados Unidos e no mundo. Não há nada de bom que não possa melhorar e nada de ruim que não possa piorar. Tudo depende de nosso compromisso na construção do Reino de Deus.

Vozes ouvidas na minha jornada

“A Paróquia Divino Espírito Santo de Cuiabá, agradece o Pe. Olmes Milani por sua dedicação, pelo seu empenho e, acima de tudo, por sua devoção e vocação pelos trabalhos de nossa Igreja.” (Emerson Carvalho Redez, Cuiabá. MT).

“Pe. Olmes era incansável, evangelizava, levava uma palavra amiga, curiosidades, cultura, informações e era versátil, conheceu um monge budista e convidado, falou sobre a fé cristã aos japoneses budistas.” (Luiza e Iono , Japão)

“Ele foi pra nós aqui no Japão, um missionário extraordinário. Sempre atencioso dedicado. Enfim uma bênção de Deus. Sentimos muita falta dele, das missas, dos encontros da amizade. A comunidade de Tsuchiura, Ibaraki,” sente muito sua falta”. (Sato Iris, Japão)

“Nosso alicerce foi o Padre Olmes que nos deu muito amor, carinho, palavras de força, Com certeza começou um sentimento por ele como meu pai, meu guia, minha motivação para continuar até hoje na catequese.” (Megumi Onishi, Japão)

“PADRE OLMES - O Missionário do Amor e da Caridade. Pe. Olmes nunca desamparou os menos favorecidos. Mensalmente, providenciava junto com seus colaboradores, as cestas básicas que eram distribuídas para inúmeras famílias carentes. Não deixava ninguém sem assistência”. (Clelia Perdiz de Almeida, Santos, SP)

“The young Brazilian priest that touched so many lives was “Padre Olmes””(Familia Peñaloza, Edmonton, Canada)

“Todos éramos importantes para él. Este misionero que no dudaba en ayudarnos cuando lo necesitábamos. Reflejaba con todos sus actos lo que era el servicio a los demás, lo que significaba ser misionero de verdad.” (María Inés Kamishima, Toquio, Japão)

“Uma das obras e grandes projetos do Padre Olmes em Ichikawa foi criar uma comunidade hispânica. A Comunidade cresceu muito em um curto espaço de tempo, nós éramos muito unidos e o Padre Olmes sempre nos guiou e deu o seu tempo para compartilhar e juntar a comunidade hispânica e a comunidade japonesa.” (Cristina Mandiola, Ichikawa, Japão)

“Nos dois anos que esteve à frente da nossa Paróquia Divino Espírito Santo,

Cuiabá- MT, foi de grande coragem e determinação e mesmo com alguns problemas de saúde, jamais deixou o seu dever de ser um valente missionário do Mestre Jesus.”(Ceci Hartman, Cuiabá,MT)

“We have a smiling priest in the church compound” (Dipankar Bakshi, Dubai, UAE)

“El Padre Olmes fue un evangelizador incansable. Implementó los encuentros matrimoniales llamados pre-cana en los cuales un grupo de matrimonios de la parroquia compartían sus experiencias matrimoniales con aquellos que aspiraban llegar al matrimonio. Con el Padre Olmes se vivió una época muy bonita de convivencia con jóvenes que en la actualidad ellos son quienes dan esas clases prematrimoniales a las parejas de hoy.”(Roberto Malagon, Melrose Park. Ill. USA)

“O que falar do padre Olmes nesses 50 anos de magistério. São muitas qualidades envoltas pelo seu senso de humor e compaixão com o próximo. Desde que o conheço nunca houve um não para quem quer que necessitasse. Pronto para servir, espalha sua dedicação as plantas ornamentais e frutíferas. Por onde passa deixa uma semente germinando para o bem da comunidade. Obrigado padre Olmes pelo seu exemplo de cidadão e de ministro da igreja. Que Deus lhe proporcione muitos anos de vida em plena saúde, paz e alegrias.” (Maria Lola Barbalho Coconut Creek.FL.)

Conclusão

Por muitos e variados caminhos cheguei até aqui. Aos 15 de dezembro de 2024, celebrarei 50 anos de vida sacerdotal e missionária. Ao longo deles deixei cair pedaços de mim, esparramados por muitos lugares, em diversos países e continentes. Empreendi o caminho do retorno, viajando na carona das memórias. Juntando os retalhos da minha vida, escrevi uma história. É uma história inacabada e, como tal, não há pontos finais.

Aliás, humanamente falando, o que me assusta é o ponto final da minha história. Se ele fosse uma realidade, estaria prestes a mergulhar no nada absoluto. Nada há de mais triste do que pensar que sou nada dentro do grande mar chamado nada. Seria a negação do meu eu e a negação do mundo. Estaria morto para o mundo e o mundo estaria morto para mim. Eu e mundo não teríamos sentido.

Estou consciente de que um dia, não muito distante, estarei sobre a pista para a última e, com certeza, a mais fantástica das decolagens, a decolagem para o infinito. Aos olhos humanos pode ser considerada uma viagem para o infinito, sem chegada e de retorno impossível. Tenho a certeza de que não serei reduzido ao nada. Continuarei a ser eu de outra forma.

Os equipamentos para a viagem definitiva não mais estarão relacionados com matemática, geografia, engenharia ou forças propulsoras produzidas mecanicamente. Radares, GPS e radiossondas serão inadequados. Entra em ação a fé indicando o destino: “novo céu e uma nova terra” (Ap.21,1). O Comandante supremo, com sua proposta segura “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”, permitirá que leve comigo a imponderável e invisível bagagem na qual está meu tesouro.

Praticar essa partilha foi uma oportunidade para fazer um inventário do que vai ficar para trás e do que vou levar. Nada mais seguro do que seguir os ensinamentos do Mestre: “Ajuntem riquezas no céu, onde nem a traça nem a ferrugem corroem, e onde os ladrões não assaltam nem roubam. De fato, onde está o seu tesouro, aí estará também o seu coração” (Mt 6,20-21).

Desejo expressar aqui minha gratidão a Deus pelo dom da vida, meus pais, instrumentos para que viesse a este mundo desafiador, familiares e, de uma forma muito especial, à Congregação dos Missionários de São Carlos, Scalabrinianos, pela oportunidade de servir migrantes, refugiados, marítimos e pescadores de todo o mundo em diversos países. Foram muitos e diferentes rostos que me brindaram sorrisos, lágrimas, companhia, gratidão e sabedoria de quem luta na busca de um futuro mais digno para suas famílias. Com fé e amor espero um dia encontrar a todas e a todos no maravilhoso porto de destino que é o regaço de Deus, Pai de todos.

Missionário Padre Olmes Milani CS.
13 de maio de 2024
Delray Beach, Florida, USA.

Padre Olmes Milani CS



Mais de 25 anos transcorreram desde que diversas pessoas sugerissem que eu escrevesse algo coisa sobre minhas experiências missionárias, sacerdotais e culturais. Pedidos para escrever minhas memórias aumentaram ainda mais durante o período que trabalhei do extremo oriente, no Japão e depois nos Emirados Árabes Unidos. Fazendo um retrospecto, ficou evidente que quase a totalidade dessa gente provém da base da igreja e da sociedade, leigas e leigos comprometidos de alguma maneira na transformação da sociedade e avanços na propagação da Boa Nova. Entrego a vocês que, porventura, dediquem seu tempo à essas páginas que são uma espécie de autobiografia, sem pretensão de me posicionar como modelo de atividades ligadas às missões a mim confiadas, nem de longe vislumbrando a tentativa de impor algum tipo de linha pastoral ou ideológica a meus colegas de sacerdócio ou missão. Cada um exerce sua missão usando seus diferentes dons dentro de seu estilo próprio, não cabendo comparações. O que fiz tem o meu jeito, nem sempre dentro de certa ortodoxia. A todos vai meu respeito e a minha admiração. Ressalto também que, nestas páginas, está o perfil de minha pessoa com seu conteúdo, sem alimentar a ideia de representar minha Igreja e a Congregação dos Missionários de São Carlos, Scalabrinianos, à qual pertenço. As duas tem quem as representa muito bem. Confesso minha profunda gratidão à Igreja e à congregação, por terem confiado em mim e respeitado minha individualidade. Sobretudo, sou agradecido ao Criador, por enviar-me a este planeta através de meus pais, para que eu participasse do concerto maravilhoso, mas também, às vezes desafinado da orquestra da humanidade. Com carinho entrego a vocês minha vida com minhas realizações, irreverências, fracassos e vitórias, mas sempre marcada pela felicidade e alegria de viver e servir durante 50 anos de ministério sacerdotal e ação missionária.